

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

VIDAS MARCADAS

UM ESTUDO DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NA FAMÍLIA EM LAGES

HENRIQUE VICENTE DE BITENCOURT

FLORIANÓPOLIS, AGOSTO DE 2001

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA**

VIDAS MARCADAS

UM ESTUDO DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NA FAMÍLIA EM LAGES

HENRIQUE VICENTE DE BITENCOURT

Florianópolis, 30 de agosto de 2001

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA**

VIDAS MARCADAS

UM ESTUDO DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NA FAMÍLIA EM LAGES

HENRIQUE VICENTE DE BITENCOURT

**Dissertação apresentada para obtenção
de título de mestre no Programa de Pós
– Graduação em Sociologia Política da
Universidade Federal de Santa
Catarina, sob a orientação da Prof.
Dra. Janice Tirelli Ponte de Sousa**

FLORIANÓPOLIS, 30 DE AGOSTO DE 2001

AGRADECIMENTOS

É uma tarefa longa e penosa escrever uma dissertação, principalmente quando o autor, para isso, não se licencia de seu trabalho profissional. Exige muita solidão e reflexão pessoal e, ao mesmo tempo, o diálogo com autores, nos livros e com inúmeros interlocutores, na realidade experimentada e pesquisada. O confronto do autor, consigo mesmo e com a realidade que se desvela, é inevitável. É um momento de parto e de crescimento. Nessa trajetória encantadora, mas difícil, encontrei pessoas que me apoiaram, contribuindo decisivamente para que eu tivesse condições de realizar este trabalho.

Quero expressar minha gratidão aos colegas da Equipe Executiva da Cáritas Diocesana de Lages: Vera, Luiz, Neide, Margarida e Dilmar, que assumiram parte de meus trabalhos, principalmente nos meses de junho, julho e agosto de 2001, enquanto escrevia este trabalho. Agradeço também os assessores da Cáritas: Geraldo, Celso e Alzira, que contribuíram com material, orientação e reflexão. Não poderia deixar de agradecer a Diretoria da Cáritas Diocesana de Lages, especialmente Dom Oneres, Presidente e Pe. Ildo, na época, Vice-Presidente, que me incentivaram e liberaram ajuda financeira da Cáritas.

Minha gratidão às Vidas Marcadas, mulheres valentes, pessoas de primeira grandeza, com quem aprendi muito; elas marcaram minha vida, mas com as marcas da ternura, paciência, maturidade, sabedoria e capacidade de romper com a dominação, sem ódio ou desprezo. Agradeço também aos homens que contribuíram imensamente, falando a verdade dos fatos, ajudando-me, assim, a entender melhor os homens e as mulheres, na condição de vítimas e de agressores.

Minha gratidão à Dra. Janice Tirelli Ponte de Sousa, que me orientou com paciência, amizade, exigência e ternura, oportunizando-me um grande aprendizado.

Agradeço à Lourdes, minha irmã, que carinhosa e cuidadosamente leu todo o texto, fazendo as correções de português; à Leo (Leonila), minha amiga, que, mais uma vez, generosamente renunciou muitas horas de seus afazeres, por dias a fio, ajudando-me a localizar as mulheres para a entrevista, fazendo contatos, assumindo trabalhos em meu lugar, digitando entrevistas e corrigindo os textos. Estas duas mulheres têm contribuído significativamente para que eu tome distância de mim mesmo e tenha coragem de enfrentar, nas lutas do cotidiano, minha condição de filho de uma cultura de dominação, buscando construir relações igualitárias, compassivas e acolhedoras, com mulheres e homens. Estou longe, mas estou a caminho e não pretendo parar, com a graça de Deus: é o que me consola!

Assim, nessa rede de solidariedade, que experimentei, confesso que ficarei em débito com muitas outras pessoas e instituições como: os colegas de mestrado, meus familiares, dona Neide, Rosane, UNIPLAC, Universidade Federal de Santa Catarina, Dra. Miriam Grossi, Dra. Dalila Pedrini, Dr. Antônio Munarim, Dra. Luzinete Simões Minella, Dra. Maria Ignez ...

Confesso a dificuldade que tenho de fazer agradecimentos, em situações como essas, porque, com certeza, não estou registrando a generosidade e o interesse de tantas outras pessoas que me ajudaram neste trabalho. Coloco também essas pessoas no coração de Deus Mãe e Pai, no qual confio e acredito.

A MENINA ESTRELA

Trazia o brilho do nome no rosto. Uma constelação iluminava a noite escura do olhar de Dalva, a menina-estrela quando ela sorria. E ela sempre sorria ao me ver passar perto do terreno baldio onde sua família disputava espaço com o lixo urbano e as mamonas bravas.

O depósito clandestino ficava entre minha casa e meu trabalho em um jornal de Porto Alegre(RS). Primeiro fiquei sua amiga. Depois, sensibilizada pelas condições ultrajantes em que vivia, transformei-a em entrevistada. Nossa conversa – que deveria integrar uma reportagem sobre moradores do lixo – nunca foi publicada. Não era objetiva, justificou o editor. Verdade. Dalva era puro sonho.

Inexperiente, acreditei que o editor tinha razão. Mas nunca fui capaz de me desfazer daquelas folhas amareladas escritas em uma época em que ainda não existia o computador. Hoje percebo que a fantasia dessa criança iluminada era uma preciosa informação sobre a magia da infância, capaz de sobreviver à indignidade, alimentando-se de restos.

Quase 20 anos depois, indenizo os leitores privados desta informação fundamental e faço justiça ao talento anônimo de Dalva, que sumiu no mundo sem que eu tenha idéia de onde encontra-la. Espero que tenha emergido da sordidez em que vivia com a imaginação intacta. Espero que, pelo menos não tenha esquecido a história da menina – estrela e que a conte para ninar os filhos.

Sabes o que quer dizer o teu nome?

Sei. A mãe me contou. É uma estrela. A maior de todas.

Então tu és uma estrela?

Eu sou uma menina-estrela.

Sério? E como é a vida de uma menina-estrela?

Uma menina-estrela mora no céu. Seu pai é o sol e sua mãe é a lua.

E como é a casa de uma menina-estrela?

Ah! Depende. Ela muda de cor. De dia é azul claro, de noite é preta.

E o que mais tem nesta casa-céu?

Tem nuvem. Tudo é feito de nuvem. As árvores são de nuvem, os bichos são de nuvem. Tu nunca viste nuvem com jeito de bicho e árvore?

Sim. Eu já vi.

Pois é. E o sofá também é de nuvem, a televisão, a cama, tudo de nuvem. A cama é bem fofinha.

E com quem brinca a menina-estrela?

Com outras estrelas, claro. E também com os anjinhos. Mas não pode fazer coisas que os anjinhos não gostam senão eles choram e o choro vira chuva e as pessoas que não têm casa não podem dormir.

Quando chove e não podem dormir, o que fazem as pessoas que não têm casa, Dalva?

Ficam encolhidas ali.

Ela aponta para o escombro de uma antiga construção, onde se escora o casebre cambaio de papelão e zinco que serve de casa a sua família. A mãe, ventre crescido, bebê pendurado no quadril, sorri humilde, como desculpando-se pela miséria em que vive: “Não dá bola para a Dalva, moça, ela vive dizendo besteiras”.

Por Rosina Duarte – editora do jornal da AMENCAR. Julho de 2001, p 7.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	01
CAPÍTULO 1 - FAMÍLIA E O PROCESSO DE RUPTURA DA TRADIÇÃO NA MODERNIDADE.....	11
1. FAMÍLIA E TRADIÇÃO.....	11
a) Poder - dominação masculino: um paradigma milenar.....	11
b) Um olhar sobre a família aristocrata e camponesa do século XVI e XVII.....	14
c) A família burguesa moderna.....	16
2. TRADIÇÃO E INÍCIO DO PROCESSO DE RUPTURA NO BRASIL.....	22
a) Olhando a família na história do Brasil.....	22
3. O PROCESSO DE RUPTURA.....	30
a) A ruptura dos padrões familiares burgueses: uma característica da modernidade.....	30
CAPÍTULO 2 – O FENÔMENO DA VIOLÊNCIA E SUA REPRODUÇÃO.....	39
a) O fenômeno da violência.....	39
b) Institucionalização da violência e reprodução da dominação masculina.....	47
c) A crença de que as desigualdades sociais são necessárias e naturais.....	50
d) As leis que “legitimam” um estado de violência.....	51
e) A violência é reproduzida e sustentada pelo estado burguês.....	52
f) A violência gerada e sustentada pelos meios de comunicação social.....	55
g) A família, principal reprodutora da dominação masculina e da violência.....	56
h) Brasil, mito de um país pacífico.....	58
CAPÍTULO 3 – VIOLÊNCIA FAMILIAR.....	65
a) Buscando entender um conceito de violência.....	65
b) A hipótese do matriarcado	67
c) A sociedade se organiza a partir da lógica masculina	68
d) O pensamento androcêntrico e o modo de ver e organizar a sociedade	73
e) O que podemos entender por violência familiar?.....	81
f) Violência contra a mulher na família	84

CAPÍTULO 4 – VIDAS MARCADAS	97
1. Realidade sócio – econômica e cultural da Região Serrana	97
2. O município de Lages no contexto sócio – econômico e cultural da Região Serrana...	100
3. A questão da violência em Lages	103
4. A identidade da mulher serrana: uma história a ser revelada	107
a) A construção social da identidade	109
b) A Construção social da identidade da mulher lageana.....	110
c) O ciclo da extração da madeira	112
5. Frente a frente com as Vidas Marcadas	119
a) O universo da violência contra a mulher, em Lages.....	120
b) A visão dos homens de si próprios e da visão das mulheres.....	135
Homem I.....	138
Homem II.....	140
Homem III.....	144
Homem IV.....	146
Homem V.....	148
c) “Palavra de homens” da cabília serrana	140
d) A visão das mulheres de si próprias e da visão dos homens.....	155
e) Vidas marcadas: a inscrição nos corpos! O grito por socorro	158
Mulher I.....	159
Mulher II.....	162
Mulher III.....	165
Mulher IV.....	168
Mulher V.....	174
Mulher VI.....	178
Mulher VII.....	183
Mulher VIII.....	188
f) Um relato comentado de outras vidas marcadas, da cabília serrana.....	190
Mulher I.....	190
Mulher II	190
Mulher III.....	190
Mulher IV.....	191
Mulher V.....	192
Mulher VI.....	193
Mulher VII	196
Mulher VIII.....	194
Mulher IX	194
Mulher X	194
Mulher XI.....	195
Mulher XII	195
g) Buscando entender o mundo das mulheres, vasto mundo!	196
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	208
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	214

SUMÁRIO DE QUADROS E TABELAS

LISTA DE QUADROS (Cap. 4)	PÁGS.
I. Manchetes de 1 a 7 de Junho de 2001.....	105
II. Manchetes de 1 a 15 de Junho de 2001.....	106
III. Denúncias feitas por mulheres nos Boletins de Ocorrências - BO's escolhidos como amostra.....	132

TABELAS (Cap. 4)	PÁGS.
I. Número de ocorrências (NO) por bairro e nível sócio – econômico (NSE).....	122
II. Formas de violência contra a mulher na família	125
III. Condição do agressor, no momento da agressão.....	126
IV. Tipo de agressor.....	127
V. Posição do agressor em relação ao casamento.....	127
VI. Tempo de convivência do casal.....	128
VII. Frequência da violência contra a mulher.....	128
VIII. Faixa etária do agressor (FAE), da vítima (FEV) e número de casos (NC).....	129
IX. Qualificação profissional do agressor por número de ocorrências.....	130

RESUMO

Este trabalho estuda a questão das relações de gênero na família, na cidade de Lages; seu principal objetivo é investigar a questão da violência contra a mulher, conhecendo, de maneira articulada, as raízes, desenvolvimento e conseqüências desse processo. Para isso, buscamos entender como se dão as relações das mulheres pesquisadas com seus companheiros e as conseqüências dessas relações na vida dos filhos.

Inicialmente estávamos convictos de que as mulheres lageanas, submetidas ao domínio dos homens, resistiam intensamente romper com seus companheiros, por medo de enfrentar processos ainda mais adversos fora da esfera doméstica, como salários inferiores e outras formas de discriminação e exploração.

Na primeira parte de nosso estudo, procuramos entender a família burguesa moderna e o processo de ruptura com os padrões familiares burgueses, uma característica da modernidade. Num momento seguinte, estudamos a violência em algumas dimensões, importantes para a compreensão do objeto desse trabalho, enfocando a violência familiar e as várias formas de violência contra a mulher.

Na segunda parte, contextualizamos as mulheres lageanas, traçando seu perfil social, econômico e cultural. Realizamos uma pesquisa da totalidade dos Boletins de Ocorrências (BO's) registrados na Delegacia de Proteção à Criança, à Adolescente e à Mulher, de Lages, do ano 2000. De um total de 2.460 casos de violência, encontramos 888 BO's especificamente de casos de violência contra a mulher na família, em Lages, entrevistando, posteriormente, algumas delas.

Este estudo nos surpreendeu, principalmente em relação às nossas hipóteses iniciais. Nossa constatação é de que as mulheres lageanas pesquisadas encontram-se num estágio emocional e social bem mais avançado que os homens, manifestando este avanço em relação aos filhos, procuram conversar com eles e protegê-los, em lugar de descarregar irracionalmente suas raivas sobre eles. As mulheres lageanas pesquisadas manifestam elevado grau de consciência a respeito das relações de gênero, não admitindo mais serem submetidas simbólica ou fisicamente por seus parceiros; comprovam essa realidade o fato de que 70% dos casos de rompimento com os agressores, teve a iniciativa das mulheres. Os 30% restantes dos casos foram de comum acordo, a maior parte deles, no entanto, por iniciativa das mulheres. Quando rompem com os companheiros, geralmente enfrentam com grandeza, dignidade e valentia a situação. A separação, para a maioria delas não é causa de medo ou preocupação, mas proclamação de uma vida livre e mais feliz. Observa-se também a grandeza emocional das mulheres lageanas, quando manifestam desejo de encontrar parceiros realmente companheiros, humanos, atenciosos, amantes, numa relação igualitária, respeitando-se as diferenças. Não foi possível perceber nelas raiva e desprezo pelos homens. Elas acreditam nas possibilidades de mudança delas e dos homens; não se manifestam, portanto, como vítimas radicais, nem consideram os homens agressores absolutos. As mulheres lageanas, para nós, passaram a significar um prenúncio de uma vida mais humana e solidária, portadoras que são de possibilidades reais de mudanças, nas relações sociais, políticas, econômicas e culturais, em Lages e na Região Serrana.

ABSTRACT

This work studies the matter of gender relationships in the family in the city of Lages. Its main objective consists in investigating the issue of violence against women, uncovering, in an articulate way, the roots, development and consequences of such a process. For this purpose, we have striven to understand the development of the relationship between the women researched herein and their companions, as well as the consequences of the existence of children from these unions.

At the very start, we were convinced that women from Lages, subjected to dominion by men, resisted intensely at any attempt of breaking with their companions as a result of their fear to face harder processes outside the home sphere, as, for instance, lower wages and other forms of discrimination and exploitation.

In the first part of our study, we endeavor to understand the modern bourgeois family as well as the process of breach with the patterns developed by this family, a well-known sign of modernity. In a second moment, we study violence under different dimensions, an important inquiry to the understanding of the object of this work, focalizing family violence and the many ways such violence is practiced against women.

In the second part of this work, we set the proper scenery for the study, drawing the social, economic and cultural design of women from Lages. We developed a research considering the totality of Registration Bulletins (RB's) booked in the Delegateship of Protection to the Child, the Adolescent and the Woman in Lages, in 2000. Out of a total sum of 2460 cases of violence, we met with 888 RB's concerning specifically cases of violence against women in the families in the city. Some of these people were interviewed later on.

This study has surprised us, mainly concerning our initial hypotheses. We discovered that women from Lages, researched herein, find themselves in a far more advantaged emotional and social stage vis-à-vis men, and they manifest this stage of advance concerning their children by talking to them, and protecting them, rather than discharge their wrath upon them. The women researched herein manifest a large degree of awareness as regards gender relationships. They do not admit becoming subject, either symbolically and/or physically, to their partners: 70% of the cases of breach with the aggressors were taken by women's initiatives. The remaining 30% cases were solved in common agreement, most of them, yet, again by initiative of the women concerned. When breach takes place, women generally face up this new situation with courage and dignity. Breaching, for most of them, turns out to be not a matter of fear or worry, but, rather, a statement of a freer and happier life. This emotional largeness presented by women from Lages is also revealed in their will to encounter partners who prove to be companions, really human, tender ones, men capable of an egalitarian relationship, respecting the existing differences. We could not find out in them wrath and contempt for men. They believe in their own possibility of change, as well as in men's. They do not reveal themselves as radical victims, neither consider men absolute aggressors. Women of Lages have come to mean to us a foretoken of a more dignified and solidary existence, inasmuch as they take in their own hands deep possibilities of change in the social, political, economic and cultural relationships of Lages and the Plateau Region.

INTRODUÇÃO

Não lembro de ter passado por qualquer experiência traumática de violência em minha família; nem ouvi falar que tivesse acontecido. Minha memória de infância é aquela do pai herói e da mãe muito ativa, administrando bem várias lidas da casa e fora da casa, junto com meu pai. Lembro que os dois conversavam muito e combinavam as coisas de dentro e de fora de casa. Meu pai exaltava freqüentemente (e ainda exalta, mesmo depois de falecida há 8 anos) as virtudes de minha mãe, como mulher corajosa, decidida, bonita, carinhosa, lado a lado, pegando firme com ele, sem medo do trabalho e de enfrentar as dificuldades etc. Tenho a impressão de que seus 83 anos de idade e 8 de viuvez não puderam levar embora a paixão deste homem por aquela mulher.

Também tive uma experiência bonita com as duas irmãs e não tenho notícias de que meus dois irmãos tenham cometido violência física ou simbólica significativa com suas mulheres, embora esteja consciente de que a violência física ou simbólica só quem sofre é que pode dizer se ela é mais ou menos significativa

Afinal, não se trata aqui de ovacionar minha família, uma família normal e bonita como tantas outras que conheço, nem dizer que dentro dela não havia a mentalidade machista; houve e há muito claramente, como nas outras famílias; o que quero dizer é que, desde adolescente, a questão da dominação masculina chamou-me atenção, não sei porque, pois as experiências de dominação masculina experimentadas em casa, existiram, mas não foram traumáticas. Além disso, reconheço-me machista, mais em um aspecto, menos em outro, mas machista. Muito clara e serenamente assumo essa minha condição, filho que sou de uma cultura de dominação, ela habita meu corpo até as entranhas de meu ser. Reconheço-me atualmente ainda um machista, mas que, embora “ainda” cativo de uma cultura androcêntrica, luto cotidianamente para desistoricizá-la de meu corpo e para percorrer, a partir dos pequenos atos do coti-

diano, uma nova estrada, que preconize em mim uma relação igualitária com a mulher, mesmo que este tempo novo não seja alcançado plenamente, mas, como Moisés, possa vislumbrá-lo ao longe, como Terra Prometida, horizonte de esperança, de um mundo mais humano e fraterno.

Como padre católico, trabalhando na cidade de Lages. Frequentemente atendo pessoas em conversas (mais escuta), orientações e aconselhamentos. Milhares de pessoas foram atendidas por mim, até agora, nesses 20 anos de atividades pastorais. Em torno de 80% das dessas pessoas tem aproveitado a oportunidade para falar de seus sofrimentos; a maioria delas são mulheres. Parte significativa dessas mulheres vêm relatar problemas em relação a atitudes de violência de seus companheiros, seja violência física, como tapas e arremesso de objetos, violência sexual ou simbólica como, traições, proibições, desprezo e palavrões.

Em 20 anos de atendimento, até hoje, apenas um homem confessou sua atitude machista ou de violência simbólica contra a mulher. É relevante observar como eles confessam coisas, socialmente insignificantes e até infantis, como desobedecer pai e mãe, chamar nome, esquecer algumas vezes de rezar à noite. Como conheço a comunidade e evidentemente as pessoas em particular, observo que muitos desses homens são maridos daquelas mulheres que vêm confessar-se para “derramar” ali uma história de muito sofrimento, em relação a seus companheiros.

Não é muito raro as mulheres mostrarem as “marcas” de tapas, arremesso de objetos, socos... do marido, e sussurrarem em meus ouvidos: “padre, aquele que vem agora se confessar é meu marido... é ele. Vê se o senhor dá uns conselhos para ele, porque eu não agüento mais”. Então ele entra e confessa, como disse, os pequenos incidentes do dia a dia, como já referi e diz: “padre dá-me sua bênção e o perdão de Deus; esses são os pecados que me lembro”. No contexto do sigilo da confissão e da ética que se deve ter com as pessoas, não posso abordá-lo sobre a violência que cometeu; muito menos julgá-lo, mas apenas dizer-lhe palavras que ajudem em sua vida a construir uma cultura, como por ex., de paz, bondade, acolhida e diálogo com a família. Muitas vezes, eles chegam a dizer que aconteceram uma "coisinhas" entre os dois em casa, mas que já passou. A gente pergunta pela “coisinha”, eles saem pela tangente dizendo que aconteceram “uma brigas”... e o diálogo acaba por aí. Como diz, Euthalia Xavier, em sua dissertação de mestrado, sobre a voz do homem:

“Esta ausência da voz do homem. Eu ouvi este silêncio positivamente. Tornei o silêncio o meu objeto. E acho que essa operação guarda a potencialidade de uma contribuição efetiva para os estudos de gênero e violência. O andar teórico de Grossi e Gregori dizia que tanto gênero como violência são construídos relacionalmente, mutuamente, e que assim não haveria lugar cativo para o algoz e para a vítima. Ao contrário, era possível demonstrar que as mulheres sabiam como acionar a violência para produzir efeitos do interesse estrutural da relação”

(Xavier, 1998 – p. 141-142)

Esta violência feminina, geralmente não física, mas uma “violência passiva”, de que vamos falar principalmente no Capítulo 3, tem sido causa também de muitas queixas de homens nas nossas conversas. Se os homens não falam na condição de agressores, falam muito na condição de vítimas, em forma de queixas contra suas mulheres, principalmente quando são, como dizem, “atormentados, pelo ciúme delas, que vêm coisas onde não há”; ou então, muitas queixas a respeito das mulheres nervosas, que “dizem palavrões, xingam, batem nos filhos, viram desleixadas, ameaçam sair com outro, que vão embora com os filhos, reclamam da vida, do pouco salário”...

A meu ver, esse lado “violento da mulher” revela uma dimensão positiva, isto é, confirma que a mulher não ocupa um “lugar cativo” como vítima. O modelo feminista tradicional advoga que a mulher, vítima de violência na família, está inteiramente submetida ao poder do agressor, criando uma dicotomia composta por mulheres “vítimas radicais”, de um lado e homens “agressores absolutos”, de outro. Grossi se refere a esta corrente como “radical”:

“ (...) uma das tendências do feminismo no primeiro mundo, o feminismo radical, um forte viés essencialista que tende a naturalizar e tomar como universais as relações homem/mulher. Estas autoras, no Brasil, cunharam a expressão “violência de gênero”, utilizando-se contraditoriamente, no meu entender, o conceito de gênero para falar de uma posição na relação homem/mulher. Para estas autoras a violência contra as mulheres é uma violência “de gênero” porque ela é sempre

masculina, seja quando exercida por homens, seja nos casos mais raros, quando é exercida por mulheres”

(Grossi, 1999, p. 5)

Esposamos esta idéia, isto é, a mulher tanto pode ser vítima da violência como causadora da violência, como o homem. Essa mulher, por ocupar uma dimensão ativa no cenário social, está a desenvolver um trabalho de libertação, e no momento, como diz Giddens:

“O controle sexual dos homens sobre as mulheres começa a falhar (...) Eles são os retardatários nas transações que estão atualmente ocorrendo (...) grande parte da violências sexual masculina provém mais da insegurança e dos desajustamentos, do que de uma continuação ininterrupta do domínio patriarcal. A violência é uma reação destrutiva ao declínio da cumplicidade feminina. (...) As mulheres ficaram encarregadas, de fato, da administração da transformação da intimidade, que a modernidade colocou em andamento”

(Giddens, 1993 – p. 11- 69 – 138 – 196)

De fato, percebemos que as mulheres estão abrindo um novo horizonte no mundo da intimidade. Esta construção teve seu maior impulso com o movimento feminista, que, mesmo se não concordarmos plenamente com ele, precisamos reconhecer sua inestimável contribuição para a humanidade. Sem o movimento feminista, talvez, estaríamos ainda nos primeiros passos deste processo emancipatório feminino e também masculino, pois nas conquistas de liberdade e autonomia das mulheres, reside também nossa chance de libertação da dominação masculina. A relação de igualdade entre pessoas ou grupos, não se tem notícias na história, de que seja uma concessão de quem domina, mas sempre uma conquista de quem é dominado. Uma das coisas que as pessoas ou grupos não renunciam é o poder; portanto, nossa chance de homens de sermos iguais, não vai acontecer pelo “rebaixamento de homens bonzinhos”, para ficarem na altura das mulheres, mas na conquista das mulheres, nas várias dimensões da vida, para estarem à altura dos homens. Na medida em que as mulheres não permitam mais ser dominadas e se tornem iguais nos direitos e deveres, os homens, obrigatoriamente deixarão de carregar o título de

dominadores ou machistas. É evidente que este processo será facilitado e acelerado, se encontrar a contribuição ou facilitação por parte dos homens de boa vontade.

Neste trabalho, abordaremos no Capítulo 1, a questão da família aristocrata e camponesa dos séculos XVI e XVII, a transição para a família burguesa moderna, com o confinamento da mulher ao lar. Damos uma olhada na trajetória do processo emancipatório da mulher na história do Brasil e procuramos, embora de maneira rápida, mostrar o processo de ruptura dos padrões familiares burgueses que continua a se processar no momento da pós modernidade em que estamos vivendo.

Num segundo momento, no Capítulo 2, lançaremos um olhar sobre a violência enquanto fenômeno social, sua reprodução através das instituições sociais, como a escola, os meios de comunicação social, estado e das pessoas individualmente. Terminamos o capítulo 2 dando uma olhada no Brasil que ainda busca sustentar o mito de um país pacífico.

No Capítulo 3, inicialmente, arriscamos um conceito de violência, para, em seguida, nos aventurarmos, humildemente, no vasto mundo dos mecanismos milenares de reprodução da dominação masculina sobre as mulheres, depois de um provável “período histórico” em que elas exerceram o domínio.

Trabalhamos, neste mesmo capítulo, a questão da violência familiar e da violência contra as mulheres.

Finalmente, no Capítulo 4, estaremos frente a frente com as “Vidas Marcadas”, num esforço de entender como se deu o processo o povoamento e a formação sócio-político-econômica e cultural da Região Serrana, situando Lages neste contexto, como cidade polo da Região. Buscaremos delinear a “identidade da mulher serrana”, a partir de uma construção histórica, que começou em 1730.

Em seguida, apontaremos Lages como uma cidade especialmente violenta. Para isso, apresentamos as manchetes dos jornais locais, dos primeiros quinze dias de junho/2000, enquanto este Capítulo 4 estava sendo elaborado.

Para identificarmos melhor o processo de violência, contra a mulher na família, pesquisamos, na *Delegacia de Proteção à Mulher à Criança e ao Adolescente*, todos os casos de

violência contra a mulher do ano 2000. Identificamos onde moravam estas vítimas. Entrevistamos algumas dessas mulheres e também buscamos ouvir o ponto de vista de homens envolvidos.

Assim, nos esforçamos, para, ao menos, iniciar um processo de conhecimento deste mundo tão escondido, pelo medo, pela falta de pesquisa e pelo silêncio cúmplice.

Arturo Paoli¹ esteve algumas vezes em Lages, dando retiros e palestras. Sua pessoa, por si só, é uma demonstração viva e eloqüente de que é possível a uma pessoa não envelhecer; tanto assim, que em seus 70 anos (hoje ao 83 ou menos) vivia e, com certeza vive na companhia de muitos jovens, que apreciavam muito ir com ele num restaurante à noite, comer uma batatinha frita e conversar. Pela pessoa dele convenci-me de que nossa sociedade, principalmente a juventude, isola as pessoas de idade avançada porque elas envelhecem e, sem perspectivas, passam a viver de lembranças do passado. Mas, aprendi que é possível não envelhecer. Entre tantas conversas e pelas muitas leituras de seus livros, compreendi que o relacionamento homem/mulher é uma fonte essencial na construção de uma sociedade. Se essa relação é de dominação assim será a sociedade. Paoli lembra também que o ser humano homem/mulher cresce e se humaniza nesta relação. E afirma que no dia em que os seres humanos aprenderem a se relacionar na igualdade homem/mulher, em mútua aprendizagem, sem dominação de nenhuma parte, com certeza, as guerras também vão acabar. Uma nova humanidade passa por uma aprendizagem em que o homem e a mulher despolarizem de seus corpos o masculino e o feminino. Nesta época dizia Paoli, o homem será mais sensível, terno, compassivo, bondoso, ao lado de uma mulher autônoma, ambos em permanente aprendizado.

Com o auxílio da literatura sobre o assunto, passei a perceber o quanto já se havia caminhado, principalmente a partir da preciosa colaboração do movimento feminista.

¹ Arturo Paoli é um religioso italiano, da congregação dos irmãos de Charles de Foucauld. Faz a primeira etapa de sua formação na Argélia e depois, vem para a América Latina, trabalhando por um longo tempo na Venezuela. Mais tarde transfere-se para o Brasil. Atualmente mora em Foz do Iguaçu. Dentre os seus escritos os que mais se destacam: A Raiz do Homem, Caminhando se Abre Caminho, O Presente não Basta a Ninguém, O Padre e a Mulher, entre outros.

Li o livro de Rainer Maria Rilke² há alguns anos atrás, mas não nesta ótica e passou-me despercebido uns trechos, de meu ponto de vista, fantásticos, mesmo porque é Rilke quem fala. Para mim, estes textos tem um significado especial, pois sem eles minha concepção básica a respeito da importância das relações entre homens e mulheres, não seriam levados a sério, por seria um Henrique a falar – infelizmente é assim que funciona -, mas respaldado por alguém do porte de Rilke, as coisas tomam outra conotação:

“Talvez – quem sabe? – tudo seja regido por uma enorme maternidade, uma paixão comum. A formosura da virgem, desse ser que, na sua bonita expressão, “ainda nada concebeu”, é feita a um tempo da intuição, do desejo e do temor da maternidade. A beleza da mulher, quando é mãe, é feita da maternidade que serve; (...) O homem, acredito, é também maternidade, física e moralmente. Criar é para ele uma maneira de conceber. Os sexos estão talvez mais próximos do que se pensa e talvez seja esta a chave da grande renovação do universo: (grifo nosso). O homem e a mulher, libertos de todos os seus erros, de todas as suas dificuldades, não tornarão a procurar-se como contrários, mas como irmãos e como parentes. Unirão as suas humanidades para suportar juntos, gravemente, pacientemente, o peso da carne difícil que lhes foi propiciada. Para a maioria, isto será possível num dia distante. (...)”

(Rilke, ? – p. 34)

Rilke, ao afirmar que os sexos “estão talvez mais próximos do que se pensa”, não está, de modo algum em contradição com a posterior afirmação de Giddens:

“No momento abriu-se um abismo emocional entre os sexos, e não se pode dizer com qualquer certeza quanto tempo ele levará a ser transposto”. (...) Mas as possibilidades radicalizadoras da transformação da intimidade são bastante reais.”

(Giddens, 1993 – p. 11)

² Rilke nasceu em Praga. O grande filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard (1813) , afirmou que a vida de Rilke foi “um ensaio definido e desejado de existência poética”. O livro a que nos referimos aqui, *Cartas a um Jovem Poeta*, foi escrito entre 1903 e 1908.

O que Giddens está a dizer no contexto de todo o seu livro, “*A Transformação da Intimidade*”, - assim se pode interpretar – que, quando os sexos, no passado, pareciam mais próximos, porque não haviam grandes questionamento por parte das dominadas, na verdade, estavam muito distantes, sem possibilidades de entendimento. Hoje, como o processo de publicização da questão e da libertação das mulheres, “no momento” se abriu “um abismo”, dialeticamente necessário, uma crise, que está a preparar as condições reais para um verdadeiro encontro entre os homens e mulheres. Sendo assim, Giddens está a dizer o que Rilke já afirmava “Os sexos estão talvez mais próximos do que se pensa”. Rilke e Giddens, abrem horizontes de esperança, quando nos fazem ver que, dialeticamente, o “abismo” é “proximidade”, ou, pelo menos, é prenúncio dela; que, sem o abismo seria impossível a proximidade e o entendimento e, com isso, construir “a grande chave de renovação do universo”.

Nosso otimismo e decisão de investir nessa direção, não quer ser ingênuo, no sentido que as coisas se construirão com facilidade. Sabemos que não. A “terra prometida” de um novo tempo exige um longo e penoso caminho. Por um aparente paradoxo, esse caminho “do grande entendimento” entre os sexos deverá ser percorrido, pelo que tudo indica, pelos homens e mulheres juntos, que vão se juntado, se entendendo. Não tem uma hora para acontecer, deve ir acontecendo. Na expressão de Teilhard de Chardin, é nos “tateamentos” de entendimentos reais do cotidiano, que a utopia já irá se realizando. Viveremos, com certeza, num longo “já e ainda não” de nossa história para estabelecermos um geral entendimento entre os sexos, haja visto o mundo consumista e hedonista em que vivemos.

“O amor não consiste em uma criatura se entregar, se unir a outra logo que se dá o encontro. (que seria a união de dois seres ainda vagos, inacabados, dependentes?) O Amor é uma oportunidade única de sanzonar, de adquirir forma, de nos tornarmos um universo para o ser amado. É uma alta exigência, uma cupidez sem limites, que faz daquele que ama um eleito solicitado pelos mais largos horizontes. (...) Inclinação a ver no amor apenas o gozo, os homens tornaram-se o acesso fácil, barato, sem riscos, como um divertimento de feira. (...) Mas, já se confundiram na precipitação da posse, se já perderam toda a personalidade,

como poderão encontrar em si próprios o caminho para fugir a este abismo em que naufragou sua solidão? (...) Usam toda a sua boa vontade em dispensar convenções, menos vistosas, é certo, mas também mortais. É que, ao seu alcance, só existem convenções. Tudo o que resulta dessas uniões turvas, cuja confusão vem depressa, só pode ser convencional. O próprio rompimento seria um gesto convencional, impessoal, fortuito, fraco e ineficaz”.

(Rilke, – p. 49 –50 –51)

Como homem, encontro muitos limites para compreender o sofrimento delas. Como padre, por um lado, também sou cativo de muitos limites, e, por outro, tenho tido o privilégio de merecer a confiança da partilha dos sofrimentos de muitas mulheres e homens, que confiam seus desencantos e suas marcas. Procuro ouvir, sentir e aprender.

Devo demais às mulheres que tanto me ensinaram e me ensinam. Elas tem influenciado minha vida decisivamente, seja na amizade próxima, como companheiras de trabalho, orientadoras, psicólogas, professoras, agentes de pastoral, mulheres de minha família, vizinhas e mulheres das comunidades onde atuo; Elas têm me revelado dimensões da vida, que não poderia aprender em nenhuma outra condição. Fui designado convencionalmente para ensinar e acabei me tornando um discípulo permanente.

Em certos momentos de minha história, mulheres muito próximas, como uma amiga e minha irmã, com quem compartilho muitos momentos de lazer, de alegrias e de dores, colocaram-me, com muita ternura, na berlinda; elas foram a minha chance de enxergar... e de ir me tornando, mesmo que lentamente, mais humano, compreensivo, sensível, compassivo, tolerante, solidário e permanente aprendiz. Mulheres suavizaram e suavizam em mim atritos com a vida. A presença permanente delas está a apurar duras arestas de meu caráter.

Este trabalho, me oportunizou enxergar melhor um mundo de muitas vítimas de violências, às vezes, até ao limite da crueldade, na maioria, por parte de homens, mas também de mulheres, ambos vítimas de uma história milenar de dominação masculina.

Neste mesmo dia em que escrevo esta introdução, 26/06/2001, uma manchete no Correio Lageano, diz que:

“A.J. S., de 47 anos, foi vítima de homicídio, no bairro Centenário, em Lages, na tarde do último Sábado. A morte de A. foi causada por 4 disparos de arma de fogo calibre 38, que teriam sido efetuados por V. L. S., que vivia maritalmente com a vítima.

(...) A acusada (...) fugiu em um Gol. (...) Na tarde de ontem V. L. se apresentou no 10º Distrito Policial. (...) Ela aguardará o julgamento em liberdade”.

(Correio Lageano, 26/11/2001 – p. 4)

Num contexto de solidão, de duas humanidades desencontradas, onde acontecem os desencantos, as desilusões... Muitas vezes ela mata, mas ela também pode matar.

Rilke nos ajuda a ligar os elos da compreensão, de tantas coisas evidentes, mas, muitas vezes fragmentada, de um conjunto de significados:

“O seu mundo sexual não está ainda bastante amadurecido, purificado, humanizado; é apenas viril, cio, ebriedade, inquietação, e está ainda repleto das afetações e preconceitos que deformam o amor. E porque apenas sente o amor como macho e não como homem, há nele qualquer coisa de tímido, de selvagem, direi até odioso, (...)

(Rilke, p. 27)

Entende-se porque é até fácil para um homem “conquistar” várias mulheres, mas tão difícil “conquistar” várias vezes, e até duas vezes, a mesma mulher. No início do enlace homem e mulher são tomados por um ligeiro encantamento, que passa com frequência, para o estranhamento de dois seres que se descobrem contrários; histórias que encontram muito rápido o desenlace ou, então, as pressões internas e externas obrigam criaturas a viverem uma vida de desencanto e solidão a dois.

“A afirmação geral de que não é o ator dominante, mas o dominado que desempenha o papel principal na recomposição do mundo, está demonstrada pelo fato de que são as mulheres, mais do que os homens, que elaboram um modelo de vida recomposto. Porque a masculinidade foi construída sobre a dominação da feminilidade, os homens têm grandes dificuldades de inventar uma forma particular de recomposição de sua personalidade. Ou procuram imitar as mulheres, ou então vivem mal suas próprias dificuldades para realizar combinações de comportamento cujo valor positivo reconhecem, mas que são impedidos de conceber claramente, de tal modo são prisioneiros de sua antiga posição dominante”.

(Touraine, 1999 – p. 221)

O reencontro, ou os reencontros do cotidiano, das mulheres e dos homens, acontecerão na medida da emancipação das mulheres da dominação masculina e do reconhecimento dos homens que as mulheres estão muito mais avançadas em matéria de intimidade e de humanidade; outra medida para o reencontro é a despolarização dos sexos como contrários, reconhecendo-se, no dizer de Rilke, “como irmãos e como parentes, unirão as suas humanidades”.

Ofereço este humilde trabalho aos homens e mulheres, companheiros e companheiras de caminhada, mais próximos e aos distantes. Se, em algum momento e em algum lugar, ele contribuir para enfrentamento da violência contra as mulheres e homens, ficarei muito feliz. Se não é sonhar demais, espero que ele também ajude, pelo menos alguns homens e mulheres, a unirem os dois lados do abismo, desejando o reencontro de suas humanidades.

CAPÍTULO 1

FAMÍLIA E O PROCESSO DE RUPTURA DA TRADIÇÃO PARA A MODERNIDADE

1. FAMÍLIA E TRADIÇÃO

a) Poder – Dominação Masculino: Um Paradigma Milenar

O Paradigma do poder - dominação dos homens, que como veremos, começa a ruir, teve sua origem no período neolítico³. Sob diversas formas ele veio se reproduzindo e se fortalecendo no decorrer da história da humanidade. Foi um longo processo civilizatório, que está a desafiar nossa imaginação. Como diz Bourdieu:

“Seria preciso toda acuidade de Virginia Woolf e o infinito refinamento de sua escritura para levar até as últimas conseqüências a análise de uma forma de dominação inscrita em toda ordem social e operando na obscuridade dos corpos, que são, ao mesmo tempo, lugares de investimento e princípio de sua eficácia. (...) Constatação realmente espantosa, a da extraordinária autonomia das estruturas sexuais em relação às estruturas econômicas, dos modos de re-

³ Período em que os vestígios culturais do homem pré-histórico se caracterizam pela presença de artefatos de pedra polida (ainda não era utilizado o bronze) e pelo aparecimento da agricultura; período da pedra polida.

produção em relação aos modos de produção: o mesmo sistema de esquemas classificatórios se encontra em seus aspectos essenciais e ultrapassando os séculos e as diferenças econômicas e sociais (...) os efeitos simbólicos da divisão sexual de tarefas e de tempos na produção e na reprodução, observam-se também claramente nas práticas rituais, realizadas pública e coletivamente, e integradas no sistema simbólico de uma sociedade organizada de cima a baixo, segundo o princípio do primado da masculinidade.”

(Bourdieu, 1999 – p. 99-100)

Esse “primado da masculinidade” apropria-se das forças da natureza, expande-se no espaço conquista tempos e povos. Ele ganhou um caráter mundial a partir do século XVI, com a expansão europeia de conquista. Os inícios do capitalismo mercantilista e industrialista já estavam assentados sob as bases filosóficas de pensadores como René Descartes⁴ ou Francis Bacon⁵. Descartes estava convicto de que o ser humano deve ser dono da natureza e Bacon completa essa doutrina dizendo que o laboratório de experimentação científica deve ser como uma câmara de tortura, daquelas que era usada na inquisição. Ele preconizava que o cientista deveria usar todos os métodos possíveis para instigar, torcer, retorcer, coagir, torturar... a natureza, para que ela, à força, entregue todos os seus segredos. Assim, dominada ela se renderia ao homem, senhor de todas as coisas, cuja razão tudo decifra; ela é o critério da verdade. O que está fora de seu alcance é negado. Descartes proclamou a existência da existência, pela lógica da razão: Cogito Ergo Sum! Penso Logo Existo! embora, ao contrário do que muitos pensam, já outros, antes haviam proclamado sentença semelhante, como Cícero: “Falo do homem douto, para o qual viver é pensar” e Santo Agostinho: “Pensar é a prova do ser”.⁶

Neste mesmo sentido, Bancos proclama que “saber é poder”, poder este, entendido como capacidade de dominar.

Radicaliza-se na história da humanidade a cultura da dominação total da natureza pelo ser humano, entendido aqui como o homem varão, viril, masculino e macho. A mulher passa,

⁴ René Descartes, filósofo, matemático e físico francês (1596-1650). Desenvolve uma filosofia caracterizada pelo racionalismo, pela consideração do problema do método como garantia da obtenção da verdade, e pelo dualismo metafísico. Proclama o caráter universal e absoluto da razão.

⁵ Filósofo inglês, Francis Bacon (1561-1626), fundador do empirismo. Por sua reflexão e por sua teoria da indução, é considerado um dos fundadores da ciência experimental moderna.

⁶ Tosi, Renzo – Dicionário de Sentenças Latinas e Gregas – Martins Fontes – SP - 1996

então a figurar, no imaginário social como aquela que é identificada com a natureza: é o antropocentrismo que se radicaliza na cultura da dominação masculina; um antropocentrismo que considera o homem como o centro ou a medida do universo, sendo-lhe por isso destinadas todas as coisas. O antropocentrismo se manifesta aqui como androcentrismo⁷. Esta visão filosófica é articulada com a visão científica, que começa a se formar, na mesma época, com Galileo Galilei⁸, Copérnico⁹ e Newton¹⁰, entre outros.

O mundo ocidental moderno fundamentou-se nas bases de uma visão de mundo:

Mecânica: O mundo é uma matéria que funciona como uma máquina, com lei previstas e determinadas. Não interage, nem tem um sentido além da observação.

Uma lógica linear: com base na causa que produz um efeito correspondente.

Reduccionista: toda a realidade é reduzida ao enfoque científico.

Dualista: separa matéria e espírito, homem e mulher, religião e vida... a dimensão psico-espiritual do ser humano, na qual ele busca o sentido da vida, é relegada à esfera do privado. Essa visão que imperou nas sociedades ocidentais levou o ser humano a olhar o mundo com desencanto e sem magia.

O medievalista Lemaire deixa claro como foi sendo costurado o domínio do público, pelo masculino, resultando numa cultura masculina solidamente elaborada que imperou na sociedade ocidental moderna:

“(...) Esta cultura não se enraizava na realidade cotidiana, mas numa tradição escrita, morta e predominantemente masculina e foi imposta por uma elite – em coalizão com o cristianismo – como cultura superior e mais civilizada. Nas cidades europeias, isto determinou uma defasagem entre a tradição e o saber local oral – que pertencia a todos os membros da comunidade, mulheres e homens – e uma elite masculina que se utilizou do latim e da tecnologia da escri-

⁷ O ponto de vista masculino privilegiado como representação do real, isto é, pensa-se o real pela lógica do pensamento masculino.

⁸ Galileu Galilei, astrônomo e físico italiano (1564-1642) – Diante da ameaça de tortura pela inquisição, para se livrar, nega sua teoria do movimento da terra ao redor do sol.

⁹ Nicolau Copérnico, astrônomo polonês (1473-1543) - Sistema cosmológico heliocêntrico, segundo o qual os planetas giravam em torno do Sol em movimentos circulares. Em 1600 Giordano Bruno é queimado como herege, pela inquisição, depois de sete anos de prisão. Sua concepção heliocêntrica era baseada em Copérnico.

¹⁰ Isaac Newton, cientista inglês (1642-1727) – Doutrina da gravitação universal, elaborando suas leis em uma fórmula.

ta para impor suas visões de mundo e criar centros elitistas da cultura escrita.”

(Lemaire, 1994: 62 – Apud Xavier, 1998 – p. 66)

O mundo não é algo que se deve reverenciar; isso passou a ser assunto de poetas, apaixonados, mulheres ou qualquer outra espécie de pessoas, que, segundo essa visão, tinha tempo para se ocupar com essas coisas, que não se casavam muito bem com uma visão masculina de mundo, segundo a qual, o mundo é algo a ser explorado e dele arrancado todas as riquezas que ele pode oferecer. Extração, produção, desenvolvimento, progresso, domínio do mundo, lucro... é o que passou a interessar.

Como justificativa teórica para esse “modus vivendi”, passou-se a aplicar à sociedade a teoria que Darwin havia elaborado sobre a evolução das espécies: pela seleção natural, sobrevive apenas o mais forte. O ser humano produtor aliou-se ao ser humano predador, violento. Como diz Bourdieu:

“Torna-se evidente, que nessas matérias, nossa questão principal tem que ser a de restituir à dóxa seu caráter paradoxal e, ao mesmo tempo, demonstrar os processos que são responsáveis pela transformação da história em natureza, do arbitrário cultural em natural. (...) um longo trabalho coletivo de socialização do biológico e biologização do social”.

(Bourdieu, 1999 – p. 8-9)

Esse paradigma civilizacional está levando a humanidade para uma dilema vital da raça humana: mudar de paradigma ou perecer.

b) Um Olhar Sobre a Família Aristocrata e Camponesa do Século XVI e XVII

A família moderna, composta de pai, mãe e filhos, como a entendemos atualmente, nem sempre se apresentou assim. Temos, por exemplo, a família aristocrática e camponesa

dos séculos XVI e XVIII, com padrões bem diversificados em face a nossa família, que também é chamada de família ocidental burguesa e cristã.

A família aristocrática européia incluía uma mistura de parentes e outros dependentes, como os criados. Podia se constituir num grupo de 40, 50, até 200 pessoas. Os aristocratas davam muita importância para a rede de relações de parentesco que formavam. A casa, podemos dizer, era um lugar público, onde todos entravam e saíam. As pessoas podiam dormir nas partes mais diversas da casa, não havendo o quarto de dormir de domínio privado, como temos hoje. Havia um sistema social hierárquico rígido e o casamento se constituía em importante ato político, pois, através dele, as famílias procuravam manter intactas suas propriedades.

No meio da aristocracia, as mulheres eram consideradas criaturas tão sexuais quanto os homens. Falava-se livremente de amor e sexo. As prostitutas eram aceitas publicamente. As mulheres dos aristocratas não se preocupavam excessivamente com a criação dos filhos e exerciam muita influência na organização da comunidade. As crianças, desde o começo de suas vidas, estavam nas mãos de criados ou de outras pessoas. Pouco os pais se preocupavam com os filhos. Não constituía serviço de uma dama da aristocracia cuidar de filhos. As crianças eram consideradas como pequenos animais e os bebês eram amamentados por amas de leite.

Por isso, as crianças cresciam criando vínculos mais estreitos com pessoas que não eram de sua família. Os pais tratavam, muitas vezes, os filhos com chicotadas, ao serem desafiados em sua autoridade, reforçando nestas crianças a norma da hierarquia social. As chicotadas recebidas não reforçavam na criança sentimentos de culpa, rejeição paterna ou materna, de si mesmo, mas expressavam, sobretudo, vergonha por não ter cumprido uma norma comunitária. A sexualidade não se mantinha escondida, nem era negada nas crianças. A masturbação infantil não era punida, nem considerada ato pecaminoso. Chegava-se a incentivar as crianças a imitarem atos sexuais dos adultos. A tensão emocional das crianças, durante o estágio genital, não estava sujeita a ligações estreitas com os pais. As crianças cresciam sem opressão em relação à sexualidade, a toda a sua corporeidade. O que mais se exigia dela era que ocupasse e reconhecesse seu lugar social. Portanto, desde cedo, a vida emocional das crianças não se de-

envolviam em torno de seus pais, mas se manifestava difusa em um número bastante grande de outros adultos.

A família camponesa do antigo regime, por sua vez, tinha suas próprias características, sendo que a família nuclear, pais e filhos, não ocupava o primeiro lugar em importância para eles próprios. Semelhante à vida da família aristocrática, a família camponesa tinha laços fortes com a comunidade, formada pelos camponeses da aldeia. A aldeia tinha mais referenciais emocionais para a vida das crianças que a família. Toda a família estava voltada para a vida da aldeia. A família não significava um espaço privado, mas estava integrada à comunidade. E mesmo que a mulher fosse subordinada ao marido, na relação com a aldeia, ela tinha grande poder social e exercia papel importante no desenvolvimento econômico.

As crianças, desde cedo, tinham que se virar, pois os pais as deixavam por conta própria para atender as lidas do campo. O controle sexual das crianças também era pouco exercido. Elas quase não sofriam pressão para reprimir os prazeres corporais. Como as casas eram pequenas, favoreciam que, desde cedo, as crianças se acostumassem com os atos sexuais. Frequentemente, crianças e adultos dormiam na mesma cama.

Esse tipo de família camponesa passou a ser modificada a partir do início da industrialização, sofrendo todas as consequências desta mesma industrialização, à medida que os camponeses iam se aglutinando nas periferias das cidades e assumindo contornos próprios, até a primeira metade do século XX, quando são mais definitivamente absorvidas pelo modelo da família burguesa, como aconteceu também com a família aristocrática.

Assim, poderíamos descrever padrões diversificados de família, em momentos históricos mais remotos e em comunidades culturais diversificadas, como de países orientais, comunidades africanas e indígenas, entre outras.

O que nos interessa aqui, no entanto, é entender melhor o padrão da família nuclear burguesa moderna, comparando-a com modelos mais próximos e anteriores a ela: a família aristocrática e burguesa.

c) A Família Burguesa Moderna

A família nuclear moderna nasceu da burguesia europeia por volta de 1750. Ela foi consequência de mudanças na forma de atuação de outras instituições, como o Estado e a Igreja, que, há aproximadamente três séculos, começaram a valorizar os “sentimentos de família”, privatizando cada vez mais uma estrutura familiar que fora muito ligada à vida comunitária.

Gramsci nos ajuda a compreender as razões pelas quais o cristianismo e o capitalismo burguês, em certos aspectos, caminharam juntos, numa esforço de mútua ajuda, em torno de interesses comuns:

“O novo capitalismo apresenta dois aspectos que lhe permitem encontrar mais facilmente o terreno de entendimento com o mundo católico. Antes de tudo, seu aspecto mais social e, portanto, mais favorável às obras de assistência, diferente das fórmulas simplistas e brutais da “luta pela vida”, mais preocupado em criar, mesmo no seio das classes oprimidas, uma adesão ao sistema, e por isso próximo do espírito comunitário e caritativo do catolicismo. Em segundo lugar, seu aspecto mais organizado, mais hierarquizado, não somente mais exigente no plano da disciplina, mas também capaz de violar o fundo das consciências para assegurar o consentimento e a obediência; por isso, mais próximo do espírito autoritário e dogmático da Igreja onde – como aliás no capitalismo moderno – estes dois aspectos foram sempre indissociáveis”.

(Portela, 1984 – p.210)

Portanto, interesses comuns, “não ditos”, da Igreja e do Estado, configuraram uma família peculiar, com características totalmente diferentes daquelas até então existentes, mas adaptadas às novas exigências do capital, que passou a formar o tipo de homem burguês, talhado para as lutas do cotidiano competitivo do mercado emergente.

A burguesia desenvolveu uma forma de família, em nítido contraste com a da aristocracia e do campesinato, na verdade, em nítido contraste com que este mesmo grupo experimentou antes do século XVIII.

Como vimos, no início da revolução industrial, a classe trabalhadora tinha uma estrutura familiar sui generis que, no decorrer dos dois séculos seguintes, se tornou cada vez mais semelhante à da burguesia. Por sua vez, neste mesmo período, grande parte da antiga burguesia empobreceu, tornando-se mão-de-obra qualificada assalariada, assumindo padrões muito próximos aos da classe trabalhadora.

A família atualmente, portanto, apresenta um misto de vários elementos históricos. Por isso, conhecer a história da família européia, antes do período da industrialização, é importante para podermos compreender melhor a família burguesa atual, dominante na sociedade capitalista avançada do século XXI.

Neste novo tipo de família, as mulheres passaram a ser consideradas seres assexuados, criaturas angelicais, acima da “luxúria” animal. Para os homens da classe burguesa,

“O sexo estava divorciado dos sentimentos de ternura e era considerado como uma conquista de mulheres da classe inferior. (...) A prostituição era requerida pelos homens burgueses, porque o “padrão duplo”, originado nesta classe, tornou impossível, para ambos os cônjuges, a plena realização sexual. (...) O ato sexual, com sua conotação de sensualidade, lascívia, êxtase e paixão incontrolada, era o epítome do comportamento oposto ao que se podia exigir de um homem de negócios. A burguesia definiu-se moralmente, em contraste com o proletário promíscuo e a nobreza sensual, como classe dotada de virtuosa renúncia. A respeitabilidade burguesa levou a uma separação muito singular entre o casamento e o amor, de um lado, e a sexualidade de outro”.

(Poster, 1978 – p. 187)

O casamento, de uma maneira especial, na Europa, recebeu forte influência do cristianismo, que, por sua vez estava marcado, de forma determinante, com o estigma do patriarcalismo judaico e do dualismo grego, levando-o, assim, a uma negação sistemática dos prazeres do corpo. Portanto, a sexualidade cristã, carregada de negatividade, marca definitivamente a vida conjugal européia.

Rigorosas divisões de papéis sexuais regiam a família burguesa. O marido, a autoridade quase absoluta dentro da família, era também seu provedor. Dependia exclusivamente dele o sustento, que buscava através do trabalho na fábrica, no comércio ou através de outros ramos de negócios.

A esposa, com capacidade e racionalidade consideradas inferiores, ocupava-se exclusivamente com as lidas do lar. Portanto, sua importância como pessoa dependia da importância da pessoa do marido, do lugar que ele ocupasse na sociedade. Era tão somente um apêndice do marido. Este, por sua vez, era considerado uma pessoa autônoma e livre, podendo tomar as decisões que achasse convenientes, independentemente de consultar ou não sua esposa. A mesma atitude, por parte da esposa, contudo, era inconcebível.

A idealização da mãe como rainha do lar fez parte da construção burguesa da maternidade, reforçando o modelo dos dois sexos no âmbito das atividades e dos sentimentos. Associou-se a idéia da maternidade com a de feminilidade, como característica da personalidade da mulher. Assim, a mulher estava subordinada ao lar e isolada do mundo da política, da produção, das decisões. Seu principal interesse durante boa parte do casamento concentrava-se nos filhos. Cabia-lhe a responsabilidade de cuidar e educar deles.

A família burguesa tornou-se um pequeno mundo privado, no qual as pessoas e a sociedade não podiam intervir. Tratava-se de um mundo exclusivo de relações íntimas, separado da função produtiva e do poder externo. O poder dos pais sobre os filhos foi se tornando cada vez mais definido e limitado a eles unicamente: ninguém deveria intervir na matéria. Diferentemente da família camponesa do antigo regime, a família burguesa estava separada da comunidade, que não mais interferia nela, cabendo exclusivamente aos pais a intervenção e o exercício do poder sobre os filhos.

“A partir de 1830, o Estado liberal começou a formular orientações e normas que envolviam assuntos da família; mas, geralmente só intervinha em assuntos das famílias proletárias”.

(Idem, p. 189).

Poster afirma que este crescimento da autoridade privada da família afetou profundamente a vida das mulheres.

“Que assim perderam o apoio da comunidade nas relações com seus maridos, uma vez que as redes femininas deixaram de operar. Cada vez mais isolada e sem o apoio de uma comunidade de mulheres, as esposas e mães burguesas viam-se submetidas a consideráveis pressões”.

(Idem, p. 189).

O encerramento das mulheres no lar não tem uma conotação tão negativa para Giddens. Ele aponta para o aspecto do poder que elas adquiriram, com a separação do lar dos meios de produção.

“Mas, em alguns aspectos, o poder patriarcal no meio doméstico estava declinando na última parte do século XIX. O domínio direto do homem sobre a família, que na realidade era abrangente quando ainda era o centro de produção, ficou enfraquecido com a separação entre o lar e o local de trabalho. (...) O controle das mulheres sobre a criação dos filhos aumentou à medida que as famílias ficaram menores, e as crianças passaram a ser identificadas como vulneráveis e necessitando de um treinamento emocional a longo prazo. Como declarou Mary Ryan, o centro da família deslocou-se “da autoridade patriarcal para a afeição maternal” (...) As idéias do amor romântico estavam claramente associadas à subordinação da mulher ao lar e ao seu relativo isolamento do mundo exterior. Mas o desenvolvimento de tais idéias foi também uma expressão do poder das mulheres, uma asserção contraditória da autonomia diante da privação.”

(Giddens, 1993, p. 53-54)

São aparentemente contraditórias as abordagens de Poster e Giddens, mas não o são de fato, à medida em ambos afirmam o estado de opressão em que se encontrou a mulher na família burguesa. Giddens apenas lembra que nesta privação de autonomia, a mulher encontrou espaço para construir uma autonomia, embora limitada, mas que foi servindo de suporte para que pudesse dar outros passos importantes na construção de sua autonomia no domínio público.

Na família burguesa, as crianças foram também muito oprimidas, principalmente no campo das emoções. Desde os primeiros instantes de vida, a criança passava a receber uma lição negativa a respeito de sua corporeidade e de sua sexualidade. O que não acontecera em épocas anteriores com as crianças camponesas e aristocráticas, acontecerá agora.

Uma ideologia religiosa cristã, marcada profundamente pela cultura judaica patriarcal e pelo dualismo grego, nega o corpo como sexualidade, colocando-o como algo a ser dominado em suas tendências “pecaminosas”, que eram os prazeres advindos da sexualidade.

A Igreja cristã católica e as Igrejas cristãs protestantes, desde o século XVI, perpassando os séculos XVII, XVIII e XIX, empenharam-se sobremaneira em reimplantar a disciplina e um rigor ascético, que fora profundamente abalado e quase perdido, na tardia Idade Média, ou seja, a partir do século XIV.

“No campo da moral, na prática matrimonial, no exercício da caridade, no estilo de vida e nos costumes, iniciou-se uma profunda decadência. Enquanto se criava no terreno da arte, da moda e da etiqueta uma fina cortesia, da qual a cultura borgonhesa se tornou protótipo, notamos um generalizado embrutecimento da vida comum, não só entre a massa popular, mas igualmente entre as camadas superiores da sociedade.”

(Matos, 1987 – p. 102)

Assim, compreendemos melhor o porquê da vivência mais livre da família aristocrática e camponesa do antigo regime. Não tinham ainda sido atingidas pelas reformas, nem pela inquisição.

A Igreja católica, realiza o concílio de Trento (1545-1563), que vai modificar profundamente os costumes, principalmente no campo da moral individual, familiar e da vida da Igreja. É uma religiosidade que tenta implantar novamente os costumes cristãos, obviamente com base na negação do corpo e da sexualidade. Por sua vez, os protestantes também participaram desta mesma doutrina da negação do corpo, como campo do pecado, em prol da virtude da pureza, que levaria a uma vida cristã de perfeição.

As reformas da Igreja reafirmaram a figura da mulher como causa do pecado e como ser inferior. Mesmo que não tenha sido elaborado um corpo doutrinal sobre a inferioridade da mulher, esta ideologia encontrava-se difusa nos documentos diversos e nos costumes. A moral cristã negava sistematicamente o ato sexual, se realizado com finalidade de prazer e amor do casal. Tinha que ser sempre em vista da procriação. Portanto, a sexualidade era um mal, mas necessário, para que as pessoas pudessem vir ao mundo. Não era raro acontecer, até os anos 50, casais cristãos colocarem panos sobre as imagens dos santos, no quarto, na hora da relação sexual, pois esta era concebida como coisa vergonhosa, repudiada pelos santos, coisa do pecado. Era comum aos casais cristãos confessarem-se antes de comungar, pois, a relação sexual tinha-os colocado em estado de pecado.

Neste contexto, podemos melhor compreender porque, já em meados do século XVIII, havia um combate sistemático à masturbação infantil. Aconteceram as mais diferentes formas de repressão à masturbação que ia, da ameaça de cortar o pênis, até a invenção de anéis de dentes afiados para impedir a ereção, bem como operações nos grandes lábios da vulva de menina. A masturbação era advertida pelos médicos como causa de loucura, torpor mental e até de morte.

Nos seminários, até antes do Concílio Vaticano II (1962), a masturbação era combatida com muito vigor, como atitude pecaminosa, que deveria ser confessada logo que se tivesse oportunidade. As oportunidades para a confissão eram quase diárias. Portanto, os seminaristas se confessavam quase diariamente, e os principais motivos eram sempre a respeito da sexualidade. Os seminaristas eram aconselhados a confessar, inclusive, as vezes que “tocavam no sexo”. Desenvolvia-se uma brincadeira nas horas de recreio e trabalho, a brincadeira da mão

no bolso. Quem fosse encontrado com a mão no bolso perdia o que tinha nele. Não era uma brincadeira obrigatória, mas todos eram incentivados a participar. Mão no bolso estava muito perto dos órgãos sexuais, ocasião de pecado. As aulas de bons costumes ensinavam que o menino deveria dormir com os braços fora da cobertura para evitar tentações. Coerentemente, a mulher era concebida como ocasião próxima de pecado.

No internato das meninas, que se preparavam para a vida religiosa, a educação para a sexualidade assumia obviamente suas peculiaridades concernentes ao mundo feminino, mas mantinha o mesmo vigor em relação à negação do corpo.

As mulheres foram relegadas e, em alguns períodos históricos, até negadas na Igreja. E o drama das mulheres na Igreja continuou modernidade adentro. A abertura do Vaticano II, em 11 de outubro de 1962, foi feita exclusivamente por homens; os documentos do concílio foram decididos por homens. É possível que mulheres sejam consultadas em documentos atuais do papa e das conferências nacionais. Padre Carlos González Vallés¹¹ conta uma história interessante:

“(...) por ocasião do casamento da filha do então presidente dos Estados Unidos Lindon Johnson. (...) o casamento teve a solenidade de Igreja e todo o aparato de meios de comunicação a que o país está acostumado. A televisão transmitiu a cerimônia diretamente da igreja católica (...) no instante das leituras da Bíblia na missa nupcial, todo o país escutou horrorizado o célebre texto de São Paulo:

“Mulheres, sejam submissas a seus maridos, como ao Senhor. De fato, o marido é a cabeça de sua esposa, assim como Cristo, salvador do corpo, é a cabeça da Igreja. E assim como a Igreja está submissa a Cristo, assim também as mulheres sejam submissas em tudo a seus maridos” (Ef. 5, 22-24).

Num país galvanizado pelo Movimento de libertação da mulher, essas palavras (...) tiveram um efeito devastador, suscitando protestos públicos e privados de todos os seto-

¹¹ Teólogo e Escritor espanhol.

res da sociedade. A Igreja mudou rapidamente o texto do rito nupcial e buscou passagens mais adequadas aos nossos tempos. (...) outros textos não menos controversos do próprio são Paulo, como o também célebre às mulheres de Corinto:

“Que as mulheres fiquem caladas nas assembléias, como se faz em todas as igrejas dos cristãos, pois não lhes é permitido tomar a palavra. Devem ficar submissas, como diz também a lei. Se desejam instruir-se sobre algum ponto, perguntem aos maridos em casa; não é conveniente que a mulher fale nas assembléias”. (I-cor. 14,33-35).

Pelo visto, já então as mulheres queriam falar na Igreja”.

(González Vallés, 1998 – p. 115)

A Igreja, na prática, é uma das poucas instituições de credibilidade no mundo, que continua abertamente a reservar lugares na Igreja menos importantes para as mulheres, pelo fato de serem mulheres. Por isso, Padre Vallés lamenta o enorme prejuízo de todos nós termos, enquanto as mulheres ficaram caladas na Igreja:

“Por isso, dói-me o fato de não se reconhecer todo o seu poder, a sua importância, a sua eficácia e a sua missão na vida da Igreja. Vocês fazem muito, muitíssimo, e não falta tampouco reconhecimento oficial de suas tarefas insubstituíveis. Como mães de família, como virgens consagradas, como catequistas do lar, e como missionárias em terras distantes, como educadoras de filhos e filhas ou como agentes de pastoral em paróquias desamparadas, como enfermeiras ou como conselheiras, como eruditas e como profissionais, como executivas (...) e simplesmente como mulheres esplêndidas que imprimem a qualquer posto e lugar a elegância de sua presença, a aventura de sua amizade, a certeza de seus instintos, a profundidade de seu pensar. Tudo isso é muito mais é feito por vocês com naturalidade suprema (...) chega o momento de reconhecer essa contribuição essencial no que importa, de igualar direitos e estabelecer dignidades, de reformar o tratamento e atribuir responsabilidades, a sociedades, as instituições, a Igreja retrocedem e não é dado a vocês, de fato

o papel, importante para vocês e para o mundo inteiro, que vocês deveriam desempenhar publicamente na vida.”

(Idem, 1998 – p. 113- 114)

O mundo emocional de nossas crianças era preparado para renunciar ao prazer do corpo em troca da afeição dos pais. Se a criança não renunciasse a esse prazer, não poderia desfrutar da afeição dos pais.

“Quando a uma criança era negado o prazer genital, reagia com cólera; mas a cólera não podia ser passada ao ato, porque a negação era ordenada por amor. Assim, a criança era forçada a suprimir sua cólera; não podia suportar a idéia de odiar alguém que a amava e a quem tanto amava. Para onde foi a cólera? Freud diz que ela foi internalizada (como superego) e dirigida contra a própria criança, pelo que, quando a criança se sente encolerizada com a mãe, que obviamente alimenta um amor tão profundo por ela, a criança só pode considerar-se indigna e má, em suma, culpada. A estrutura da família, sem intenção consciente dos pais, jogou com sentimentos intensos de amor e ódio que a criança experimentava por seu corpo e por seus pais, de tal modo que as regras parentais foram internalizadas e cimentadas no inconsciente, com base em ambos os sentimentos, cada um trabalhado para sustentar e reforçar o outro”.

(Poster, 1978 – p. 193)

Outra questão importante dizia respeito ao fato que as crianças, ao mesmo tempo que viam negada sua sexualidade, defrontavam-se com atitudes dos pais frente aos dois tipos de genitais. Eram encorajadas a identificar-se com o progenitor do mesmo sexo. A criança já aprendia desde muito cedo que era menino ou menina, que a distinção se baseava na presença ou não do pênis, uma vez que os órgãos genitais reprodutores femininos não podiam ser mencionados, sendo um segredo vergonhoso. Além disso, a criança aprendera que o pênis era um sinal de poder, visto que o pai tinha um e o pai era todo-poderoso.

O papel do pai burguês na criação dos filhos era mínimo: ele era o último recurso, o ponto de referência em que se apoiava a autoridade da mãe, o poder supremo de que a criança tinha conhecimento por experiência própria.

Em suma, nesta família, como a autoridade é restringida aos pais, acontece profundo amor pelo filho e uma tendência para empregar ameaça de retirada do amor, a título de punição, em vez do castigo físico. Esse padrão, aplicado nos estágios da vida oral, anal e genital, resulta numa troca sistemática, por parte da criança, da gratificação corporal pelo amor dos pais, o que, por sua vez, produz uma internalização profunda do progenitor do mesmo sexo. As diferenças sexuais converteram-se em profundas diferenças de personalidade. A masculinidade é definida como a capacidade para sublimar, para ser agressivo, racional e ativo. A feminilidade é definida como a capacidade de expressar emoções, para ser fraca, irracional e passiva. As diferenças de idade tornaram-se padrões internalizados de submissão. A infância é uma condição ímpar, mas inferior. A dependência da infância é a base para se aprender a amar os que nos são superiores. A passagem à idade adulta requer a internalização da autoridade. A individualidade é adquirida ao preço da incorporação inconsciente das normas parentais. Todos esses padrões de comportamento passaram a ser vistos como naturais e como expressão da vontade de Deus. Quem ousasse quebrá-los estava desrespeitando o próprio Deus.

“Ao formular suas pesquisas, Mead trouxe grande contribuição ao estudo sobre a mulher e sua condição de subordinação, quando demonstrou que homens e mulheres são potencialmente iguais e que suas diferenças são construídas pela cultura de forma diferenciada de sexos. Para ela, a “nossa sociedade” ocidental usa a trama de atribuir papéis diferentes aos dois sexos. Cerca o indivíduo desde o nascimento, continua no namoro, casamento, paternidade, “conforme os tipos de comportamento aceitos como inatos e, portanto, apropriados a um ou a outro sexo”. Para Mead, cada sexo é forçado a conformar-se ao papel que lhe é atribuído. Para ela, o comportamento nada tem a ver com o sexo e sim com o condicionamento social. A natureza humana, para ela, é maleável, respondendo diferentemente a condições culturais contrastantes”.

(Welter, 2000 – p. 7)

Podemos dizer que a estrutura da família burguesa foi construída para gerar pessoas com estruturas de ego que alimentam a ilusão de que são seres livres e autônomas. Foi tão forte a influência deste tipo de família, que o proletariado acabou adotando-o, como protótipo da família ideal.

Este modelo de família é frequentemente adotado como norma e referencial para outras estruturas familiares.

2. TRADIÇÃO E INÍCIO DO PROCESSO DE RUPTURA NO BRASIL

a) Olhando a Família na História do Brasil

O modelo de família burguês foi trazido ao novo mundo, cujos habitantes já dispunham de uma organização social diferente, e, aplicado, mais tarde, à população de origem negra, sendo alguns grupos originários de sociedades com tradição matriarcal. Mas, foi o modelo europeu dos colonizadores que se impôs como modelo social da família brasileira desde o início do processo colonial.

Os três primeiros séculos de vida colonial brasileira foram marcados pelas feições de uma sociedade patriarcal, latifundiária e escravocrata, onde a mulher branca permaneceu em grande parte reclusa entre os muros da casa grande, enquanto as mulheres indígenas e negras eram utilizadas com frequência como mão-de-obra e objeto sexual. Sem liberdade sequer para escolher o marido no casamento, para muitas, a vida religiosa nos conventos ou nos recolhimentos constituía a única alternativa digna de vida. Para muitas mulheres pobres, a prostituição tornou-se um meio de sobrevivência.

A partir de 1808, com a vinda da família real e logo, depois com a independência, a situação da mulher branca começou a ter sinais de melhora, por influência de mulheres vindas da Europa, residentes na Corte.

Mas é a partir de 1850 que começam a surgir condições de melhoria na vida da mulher e modificações na família, com a progressiva afirmação da burguesia nacional, em processo de transição para uma economia mercantil de características crescentemente capitalistas.

Assim é que a partir de 1870, entra em crise não só o regime imperial, mas a própria sociedade escravocrata. Acontece a emergência da classe média urbana, com mais significação no centro-sul do Brasil.

Saffioti refere-se da a esta mudança, da seguinte forma:

Com a urbanização e a industrialização, a vida feminina ganha novas dimensões, não porque a mulher tivesse passado a desempenhar funções econômicas, mas em virtude de ter se alterado profundamente os seus papéis no mundo econômico. O trabalho nas fábricas, nas lojas, nos escritórios rompeu o isolamento em que vivia grande parte das mulheres, alterando, pois, sua postura no mundo exterior.

(Saffioti, 1979 – p. 179-180)

Thales de Azevedo chama a atenção para o caráter romântico que começa a ser introduzido, no século XIX, nas relações preparativas para o casamento:

“O namoro é a forma de relacionamento que se estruturou a partir do momento em que, por força do amor romântico, entrou em desuso, no Brasil, já nos primeiros decênios do século XIX, o casamento arranjado que constituía nas escolhas dos futuros cônjuges pelos seus pais. (...) O namoro ganha, assim, funções totalmente novas. Não mais os pais acertam entre si o casamento dos filhos imaturos; são os próprios interessados que tomam a iniciativa, facilitada agora pelos novos hábitos de freqüentar bailes, cinemas e fazer o footing nas cidades interioranas. (...) Minado o sistema de segregação sexual e o da reclusão da mulher no lar, decrescem as diferenças de participação cultural dos elementos masculinos e femininos. Deste maior ajustamento da estrutura da família às novas condições da vida urbano-industrial adviriam profundas alterações na educação feminina. Se, por um lado, o ideal de educação doméstica se conserva, por outro, a necessidade de educação escolarizada para a mulher fazia sentir-se de maneira crescente”.

(Azzi, (CEHILA), 1984 - 95)

Era necessário que a mulher tivesse uma melhor preparação para responder às novas exigências da sociedade, e isso foi incentivado pelos promotores do liberalismo. Os representantes do pensamento liberal incentivaram a promoção da mulher e sua maior participação na vida social. Uma das principais ênfases dos liberais era a de abrir espaços para as mulheres no campo da cultura. Um desses liberais, chamado Tito Lívio de Castro, até propunha que fosse recusado à mulher o trabalho de educadora da infância, se não estivesse disposta a uma melhor preparação para o exercício desta função.

“A educação pela mulher só pode ser comparada à educação pelo clero. Ambos preparam para o passado organismos que devem viver no presente ou no futuro; ambos amoldam segundo o mundo antigo que representam um organismo que tem a viver no mundo atual. (...) a conclusão é uma única. Nenhum papel deve ser confiado à mulher atual na direção intelectual das gerações”.

(Idem – p. 97)

Dando continuidade a este tipo de pensamento, Tobias Barreto defendia na assembléia de Pernambuco, já em 1879, o direito à mulher de ingressar nos cursos superiores:

“Entre nós, nas relações de família, ainda prevalece o princípio bíblico da sujeição feminina. A mulher ainda vive sob o poder absoluto do homem. Ela não tem, como deveria ter, um direito igual ao marido, por exemplo, na educação dos filhos. Curva-se como escrava à soberana vontade marital. Essas relações, digo eu, deveriam ser reguladas por um modo muito mais suave, mais adequado à civilização. (...) Até hoje educada só e só para a vida íntima, para a vida da família, ela chegou a parecer que é esta a sua única missão, que nasceu exclusivamente para isto. E tal é a ilusão em que laboramos: tomando por efeito da natureza o que é simplesmente um efeito da sociedade, negamos ao belo sexo a posse dos predicados que aliás ela tem de comum com o sexo masculino”.

(Idem, 1984 – p. 97)

E Tobias Barreto enfatiza:

“Mas aí é que está o erro, e nós devemos reconhecê-lo. A mulher tem as mesmas disposições naturais para os estudos superiores, o que há mister é cultura, trabalho e esforço: o que há mister é que se lhe franqueie o templo da ciência”.

(Idem – p – 97))

Surgiram mulheres que, já no fim do século passado, passavam a assumir os ideais de promoção da mulher. Um exemplo significativo foi um artigo publicado no jornal *O Sexo Feminino*, com o título: “O que queremos?” Neste artigo, Francisca Senhorinha da Matta Diniz, professora em Minas Gerais, dizia:

*“Queremos a nossa emancipação – a regeneração dos costumes;
Queremos reaver nossos direitos perdidos;
Queremos a Educação verdadeira que se não nos tem dado, a fim de que possamos educar também nossos filhos;
Queremos a instrução para conhecermos nossos direitos, e deles usarmos na ocasião oportuna;
Queremos conhecer os negócios de nosso casal, para bem administrá-lo quando a isso formos obrigadas;
Queremos enfim saber o que fazemos, o porquê e pelo quê das coisas;
Queremos ser companheiras de nossos maridos, e não as escravas;
Queremos saber o como se fazem os negócios fora de casa;
Só que não queremos é continuar a viver enganadas”*

(Idem– p.98)

Enquanto isso, os positivistas, sob o lema Ordem e Progresso, lutavam para o advento de uma nova ordem social. Uma das condições básicas para o restabelecimento da ordem, segundo os positivistas, era o restabelecimento da ordem familiar. Para eles, portanto, era necessário combater qualquer idéia democrática, e restabelecer na família o conceito de autoridade paterna e de obediência dos filhos. Mas, para evitar o choque e a revolta dos filhos, frente à rigidez da autoridade do pai, deveria ser exaltada a presença da mulher como intercessora e mediadora.

A partir disso, e com base na concepção filosófica do filósofo Augusto Comte, os positivistas brasileiros passaram a desenvolver idéias da vinculação entre a exaltação da mulher e do sentimento, que garantiriam à mulher continuar como a rainha do lar: sua função básica seria manter a harmonia da família. A mulher, segundo os positivistas brasileiros, deveria estar sempre integrada no ordem familiar, isto é, na dependência do marido, ocupando-se dos afazeres domésticos.

Teixeira Mendes, um brasileiro apóstolo do positivismo, critica qualquer ação revolucionária que venha a desestabilizar a ordem:

“E o que fizeram os doutores revolucionários? Substituíram a graça – essa disposição para o bem, que só a pureza e a dedicação permitiam adquirir – pela consciência, a sibila infalível que se contorce no fundo de nossa alma, desde o berço até a sepultura. (...) Foram esses doutores que sistematizaram a ruptura do laço conjugal pela instituição do divórcio; são eles que hoje erigem em princípio o abandono da mulher, abrindo-lhe a vida industrial, a pretexto de uma independência que só traria o aviltamento de nossa espécie”.

(Idem, p. 99)

Portanto, enquanto os positivistas lutam para manter as mulheres no reino do lar, os liberais as consideram como prisioneiras do lar, em vista de sua dependência econômica. É preciso que busquem sua emancipação.

Neste contexto, a Igreja Católica, com grande poder de influenciar costumes, se posicionava bem mais ao lado dos positivistas, como mostra Saffioti:

“Neste contexto histórico, a Igreja Católica representou o pensamento conservador, desdobrando seus esforços por manter a ordem na qual seus interesses haviam sido investidos. Numa tentativa de preservar a estrutura patriarcal da família, advogam os católicos, alegando as diferenças básicas entre o homem e a mulher, uma correspondente desigualdade no plano das capacidades civis e políticas”.

(Saffioti, 1979 – p.205)

A consolidação do sistema capitalista vai trazer conseqüências profundas para o processo produtivo, como para a organização do trabalho como um todo, e, em especial para a mão-de-obra feminina. O sistema de produção, com o desenvolvimento tecnológico e com a produção cada vez mais significativa das máquinas, vai transferir para as fábricas tarefas antes executadas no lar, aumentando muito o contingente de mão-de-obra operária feminina. Além do excesso de horas trabalhadas e de serem confiadas tarefas inferiores e mais subalternas, as mulheres tinham salários mais baixos que os homens.

Já no portal do século XX, quando o movimento anarquista sindical começa a ter hegemonia no Brasil, algumas vozes femininas se fazem ouvir em defesa de seus direitos. Hahner trata dessa questão:

“A imprensa anarquista, que consistia de efêmeros jornais escritos com muita veemência, de circulação limitada, constantemente pressionados pela polícia e com uma quase crônica falta de fundos, abriram suas crônicas a artigos de mulheres sobre sua condição e seus problemas. As mulheres eram mais lentas e sua organização que os homens, apesar de receberem pior tratamento e salários mais baixos nas fábricas, e estarem sujeitas a abusos e exploração, sexual e de outros tipos, por parte dos proprietários, supervisores e capatazes”.

(Idem, p. 100)

O jornal anarquista *Terra Livre*, no dia 25 junho de 1906, publica um apelo que três costureiras dirigem às jovens costureiras de São Paulo:

“Refleti, companheiras, que devemos, nós também, ser sempre solidárias com os que lutam pela libertação do trabalho, se queremos igualmente ser ajudadas nas nossas mais que justas reclamações. Companheiras! É necessário que recusemos trabalhar também à noite porque isso é vergonhoso e desumano. Em muitas partes, os homens conseguiram a jornada de 8 horas já desde 1856; e nós que somos do sexo fraco, temos que trabalhar até 16 horas? – O dobro de horas do trabalho

deles, que são do sexo forte! Pensai companheiras, no vosso futuro de mães, e que, se continuarmos a consentir que nos depauperem nos tirem o sangue deste modo, depois, tendo perdido a nossa energia física, a maternidade será para nós um martírio e nossos filhos serão pálidos e doentes”. (...)

E vós, os que sois nossos pais, certamente nos ajudareis, porque não temos a força para trabalhar, muitas vezes, até 11 horas da noite! Não deveis falar só quando estamos em casa, mas na cara dos nossos desumanos patrões, cujos negócios crescem dia a dia. Ide à noite protestar, a bengalada, se for preciso, contra esses vilíssimos ladrões! Vinde, quando tardemos, arrancar-nos com energia às garras dos ávidos exploradores! Tereis muito que perder? Que nos dão eles, os abutres, em paga de tanta fadiga? Um salário ridículo. Uma miséria!.

(Idem, 100)

As mulheres não permaneceram de braços cruzados em nossa história. No final do século passado, circulavam jornais editados por mulheres, principalmente em São Paulo e no Rio de Janeiro. O Sexo Feminino (1885-1890), dirigido pela professora mineira Francisca Senhorinha da Matta Diniz, trabalhou pelos direitos da mulher, em por da instrução feminina e pelo direito ao voto.

As mulheres também se organizaram em defesa dos escravos, apoiando o movimento abolicionista, através da Sociedade da Libertação criada no Rio de Janeiro, em 1870, e da Sociedade Redentora, criada em São Paulo neste mesmo ano.

Em 1919, Bertha Lutz e Olga de Paiva Moreira representam o Brasil no Conselho Feminino Internacional da Organização Internacional do Trabalho (OIT), que aprova, entre outras coisas, o salário igual, por trabalho igual.

Neste mesmo ano de 1919, cria-se no Brasil a Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher, que defendia o direito feminino ao voto. Em agosto de 1922, a liga muda para Federação Brasileira para o Progresso Feminino, tendo como objetivos principais:

- “1. Promover a educação da mulher e elevar o nível da instrução feminina;
2. Proteger as mães e a infância;
3. Obter garantias legislativas e práticas para o trabalho feminino;
4. Auxiliar as boas iniciativas da mulher e orientá-las para uma profissão;
5. Estimular o espírito de sociabilidade e de cooperação entre as mulheres e interessá-las pelas questões sociais e de alcance público;
6. Assegurar à mulher os direitos políticos que nossa constituição lhe confere e prepará-la para o exercício inteligente desses direitos;
7. Estreitar os laços de amizade com os demais países americanos, a fim de garantir a

Manutenção perpétua da Paz e da Justiça no Hemisfério Ocidental”.

(Saffiotti, 1969 – p. 258)

Somente em 1932, é que as mulheres conquistaram direito ao voto. Na eleição para Assembleia Constituinte de 1934, para a qual se apresentaram três candidatas em São Paulo, foi eleita Carlota Pereira de Queiroz, tendo Bertha Lutz como suplente. Depois deste acontecimento inédito, é que o voto feminino passou a figurar na Constituição brasileira, no artigo 108. Esta vitória motivou as mulheres brasileiras a lutarem por novos objetivos, dentre os quais se destaca a aprovação do *Estatuto da Mulher*, projeto de lei de Bertha Lutz na Câmara Federal. Uma proposta significativa e original deste projeto consistia em assegurar à mulher casada sem renda própria 10% da renda do casal para suas próprias despesas, em reconhecimento pelos serviços domésticos que a mulher cotidianamente realizava.

Do período que vai do golpe de Estado de 1937 até 1963, entre altos e baixos, as mulheres avançaram nos movimentos de participação social, econômica e política, com repercussões significativas na vida familiar, sexual e conjugal, significando também um espírito bem menos autoritários na educação dos filhos.

Em 1960, é um momento forte de rearticulação das forças conservadoras, principalmente em torno da família e da religião.

Com o golpe militar de 1964, o movimento das mulheres silenciou, transformando-se em grupos filantrópicos.

A partir dos primeiros anos da década de 70 é que o movimento feminino começa a se rearticular, com respaldo do sindicalismo paralelo e de segmentos da Igreja Católica. Em 1975, um novo ânimo começa a surgir, com a proclamação, pela ONU, do Ano Internacional da Mulher. Já na década de 80, vai tomando corpo, mais decisivamente, uma nova consciência do ser mulher, assumindo na atualidade grandes dimensões, embora a condição da mulher na família ainda seja de muita opressão, destacando-se um aumento da violência familiar. As desigualdades, ainda que atenuadas, permanecem também no mundo do trabalho. Aqui, é digno de nota o fantástico avanço conquistado pelas mulheres, desde a ocupação dos bancos universitários até a ocupação de crescente número de cargos públicos.

Uma consideração especial deve ser feita no tocante à história das mulheres negras e indígenas. As mulheres indígenas sofreram inicialmente as conseqüências do empreendimento colonial português formado por homens em posição de força e que aqui chegaram sem mulheres e filhos: militares, comerciantes, degredados, colonos e missionários. Em seguida, a mulher africana passa a ser companheira no sofrimento do uso que delas era feito, como se não fossem seres humanos. A Igreja mantém o monopólio ideológico religioso na organização desta nova sociedade, que se intitula portuguesa e cristã ao mesmo tempo.

O “empreendimento” português, que incluía a caça aos índios, fez com que as aldeias indígenas vivessem em contínuo sobressalto, migrando cada vez mais para o interior. A escravidão indiscriminada provocou a desorganização da economia indígena, de sua vida social e política, além de grande mortandade. Os homens eram lançados no trabalho agrícola, tarefa que antes era própria das mulheres e estas, por seu turno, eram enviadas para o serviço doméstico nas casas coloniais, tornando-se escravas e sendo submetidas aos caprichos sexuais dos colonizadores. Por isso, surge em todos os documentos uma descrição desta nova situação da mulher indígena. A mulher indígena torna-se de escrava doméstica, companheira forçada e reprodutora. A mulher negra não teve destino melhor:

“(...) Na luta “com a ajuda de Deus”, os portugueses aprisionaram 165 negros e seguiram para a ilha de Tider, conseguindo mais 60 capturas. A feliz empresa guerreira (...) acorrentou mais 14 negros que na volta toparam pescando em cabo Branco. A expedição vitoriosa foi recebida com cortejos e festas quando atacou novamente em Lagos. Tendo testemunhado este caminho de cruz, Eanes Zurara pergunta qual o homem, por mais duro que fosse, não se emocionaria com aquele drama? O drama dos prisioneiros de rostos baixos levados em lágrimas. Rostos voltados para o céu, chorando alto. (...) Eanes não contém sua emoção quando assiste a partilha dos escravos. Separam-se as tribos, os parentes, as mães dos filhos. Os maridos das mulheres. (...) As mães apertavam os filhos nos braços e lançavam-se com eles, de bruços, recebendo feridas, com pouca piedade de suas carnes, para que não lhes tirassem os filhos”.

(de Souza, 1981 – p. 6)

Já na condição de escrava e amante dos senhores brancos, de Souza relata alguns fatos que mostram até que ponto chegou a situação da mulher negra, no Brasil colonial:

“(...) Um desses acontecimentos no Recôncavo Baiano, perto de Santo Amaro. Um senhor e sua mulher eram servidos à mesa por uma mulatinha (negra) de olhos bonitos. O homem elogiou os olhos da mulata. No dia seguinte, a mulher ofereceu um grande jantar que se encerrou com uma sobremesa especial. Em bandeja de prata, coberta por uma toalha, ele viu horrorizado os dois olhos da mulata, arrancados à ponta de faca. O ciúme doentio das sinhás e seu sadismo, deixaram muitas negras cegas. Servir à sobremesa pedaços de negras, amantes dos senhores, era um fato corriqueiro”.

(Idem, p. 9)

O sistema de senzala, separando homens e mulheres, não deixou muito lugar para a organização da família negra. A possibilidade do escravo ser vendido a qualquer momento também era um impecilho ao casamento.

“Os laços familiares impediam uma venda mais livre e a gosto do dono e do comprador. Um problema quanto à formação da família era a desequilibrada composição da população por sexo. A desproporção era grande. Por exemplo, em São Paulo, em 1872, a população masculina era o dobro da feminina; em Campinas, 8.806 homens para 4.879 mulheres; em Jundiaí, 1.158 homens para 694 mulheres. (...) A antiga estrutura familiar africana não tinha condições de sobreviver nas condições sociais criadas pela escravidão. A família monogâmica recomendada pelo cristianismo não se estabeleceu. A licença sexual imperava na senzala e dela, muitas vezes, os brancos participavam. Mesmo os frades franciscanos da província da Imaculada não facilitavam a constituição de família pelos escravos, proibindo os casamentos de escravos de seus conventos com escravas seculares ou de outra ordem, e com libertas. (...) além disso, as taxas cobradas pela cerimônia agravavam o problema”.

(Idem, p. 16)

No Brasil, assim como em outras colônias que adotaram a escravidão negra, o modelo matrifocal¹² tornou-se comum. O modelo matrifocal se desenvolveu tanto pela herança matrifocal de alguns grupos, como pela proibição de formação de famílias durante a escravidão. Podemos perceber nas famílias urbanas pobres de modelo matrifocal, a mudança de parceiros da mulher, de forma que ela mantém em torno de si os filhos. A família não se desfaz, com a saída do homem.

Estudo realizado com famílias empobrecidas com as quais trabalhamos, em Lages, deixa claro como o modelo de família burguesa foi internalizado. Aquelas pessoas que viviam em outro modelo de família, consideravam-se vivendo no “desvio”, em relação ao “jeito certo de viver na família”. Tinham que viver assim, diziam, porque as circunstâncias da vida as obrigavam a tal. Quanto aos cuidados com as crianças, a responsabilidade recaía obviamente sobre a mulher. A ligação dos filhos se torna mais intensa em torno da figura da mãe, mesmo onde há a presença do pai. Na maioria das famílias, a mulher é que assume a família como chefe.

¹² É o modelo que se organiza em torno da mulher quando não há um companheiro, mas assume uma forma patriarcal quando há a presença do homem.

Os homens, nestas famílias, entravam, saíam, formavam outras famílias, mas o núcleo familiar persistia sob a responsabilidade da mulher. Mas, se o homem está presente, ele é que tem a posição de mando mais alta, na hierarquia familiar. Quando não há a presença do homem, a mãe, segundo elas mesmas dizem, passa a ser “o homem da casa e também a mãe”. No mesmo sentido, as mães se expressavam a respeito das meninas adolescentes que já trabalhavam fora e ajudavam no orçamento familiar, naquelas famílias que não tinham homem, nem irmão homem para ajudar: “ela ajuda no orçamento da casa. É muito valente! Ela é o piá da casa”.

Observou-se que, em todas as formas de viver a família, que não aquela nuclear com pai, mãe e filhos, está subjacente o modelo burguês como referência do que deveria ser, do que seria o certo. Aquelas famílias em que vivem são consideradas, por eles mesmos, desviantes. Elas sonham com aquela família cujo casal é estável, o marido com um bom emprego, os filhos felizes, estudando, a mulher senhora de uma boa casa, com todo o conforto, o homem, carinhoso e trabalhador, a família com capacidade de fazer muitas prestações no comércio, de ter um carro na garagem para passear etc. Diante deste quadro, as pessoas passam a olhar-se, muitas vezes, como incompetentes. Os outros é que conseguem viver direitinho, elas não. Na memória mais escondida de muitas dessas mulheres jaz um sonho frustrado para sempre: Não puderam um dia casar “direitinho” e realizar o sonho de entrar na igreja, vestidas de noiva, com véu e grinalda.

O pensamento de não ter construído uma “família certa” pode constituir-se em um legado de tirania a perseguir o imaginário de muitas daquelas pessoas que não puderam construir em suas vidas um modelo de família à imagem e semelhança da família ocidental cristã burguesa.

3. O PROCESSO DE RUPTURA

a) A Emergência de um Novo Paradigma Civilizacional

Já no início deste século, os primeiros sinais de uma nova visão de mundo começa a despontar no horizonte, com a física quântica, com a teoria da relatividade, com a nova biologia, com a ecologia e com a filosofia crítica.

A física que é uma ciência tem por objeto o estudo da natureza. Nasceu com Aristóteles, como teoria do movimento.

Três conceitos fundamentais perpassaram esta ciência, até o momento atual:

1. Física como teoria do movimento:

Este conceito permaneceu até o advento da ciência moderna. Aristóteles diferencia 4 movimentos na natureza: *Substancial*: geração e corrupção; *Qualitativo*: mutação; *Quantitativo*: aumento ou diminuição e o *Local* isto é, translação, que é o fundamental. Essa doutrina, apesar de ter pouca base experimental foi a maior expressão do pensamento antigo no campo das ciências naturais. Seu abandono verificou-se somente com o advento de novos conceitos a partir de Leonardo, Copérnico, Kepler e Galilei: novos conceitos que fundamentaram a ciência moderna. Neste primeiro momento poderíamos eleger como palavra chave: **Observação**.

2. Física como teoria da ordem positiva:

É o conceito que considera a física como o estudo da ordem experimental da natureza. A física tem como missão descrever a ordem natural, dominando as leis que regem a natureza para dominar, assim, a natureza. Se a natureza é ordem necessária, a física como estudo desta ordem, pode estabelecer regras que permitam a previsão infalível dos fenômenos, explicando as suas causas e manipulando-a cientificamente. Este conceito predominou até as primeiras décadas do século XX. Palavra chave: **Dominação**

b) Um conceito de física quântica:

Começam a surgir as primeiras interrogações à física clássica, quando aparece no cenário o conceito de física relativa, e, com ela, o conceito de campo. Einstein dizia que era necessária uma corajosa imaginação científica para reconhecer que o essencial para a ordenação e a compreensão dos acontecimentos pode ser não o comportamento dos corpos, mas o comportamento de alguma coisa que se interpõe entre eles, isto é, do campo. Nesta nova perspectiva,

o cientista obrigatoriamente deverá renunciar à simples visualização total dos processos da natureza, a rigurosidade do método causa /efeito, diante da impossibilidade de prever o comportamento das partículas atômicas individuais.

A física contemporânea, portanto, passa a ser entendida, do ponto de vista filosófico, mais como a ciência que nos fornece, não tanto uma imagem da natureza, mas uma imagem de nossa **Relação/Interação** – palavras chave - com a natureza.

“A representação que a física quântica faz da realidade é a seguinte: existiria um transfundo de energia pura, um oceano abissal de energia cósmica da qual irrompem partículas que existem por um tempo ínfimo ou ondas que se manifestam em bilionésimo de segundo para, em seguida, tanto ondas quanto partículas, voltarem a imergir neste manancial inesgotável de energia. O que se denomina de vácuo quântico é, na verdade, o supra – sumo das virtualidades e probabilidades do universo. Tudo constitui uma dança cósmica de energias, um campo energético que pervade tudo e tudo engloba. O universo é um todo unificado e indizível. Ele forma uma complexíssima rede de relações em todas as direções e em todas as formas. Tudo está relacionado com tudo em todos os seus pontos. Nada existe fora da relação”.

(Boff, 2000 – p. 83)

A nova biologia passa a se relacionar com a vida, nesta mesma perspectiva. Um “feixe” de novas posturas passam se firmar tornando obsoleto o velho paradigma que postulava – e ainda postula – uma relação de dominação e do usufruto, para uma relação de interação, respeito, amor, cooperação, humildade e veneração perante todas as coisas. O universo, no lugar de algo a ser explorado e submetido, passa a ser visto como uma comunidade de sujeitos inter-conectados em todas as direções. No lugar da visão da grande competição universal, passa-se a perceber, sim, um engano fatal na lei da competitividade: O universo não constitui-se numa luta renhida de todos contra todos, onde sobrevivem apenas os mais fortes. Ao contrário, o universo expande beleza, cria-se, recria e concria, porque é um imenso organismo vivo no qual reina uma abissal índole associativa, cooperativa e comunal, revelando consciência e avanço na direção de um destino comum.

Ainda é hegemônico o paradigma clássico da modernidade, interessante aos propósitos das classes dominantes, que continuam a se enriquecer na base da dominação e do usufruto das coisas e das pessoas. Mas, a crise civilizacional que está a afetar toda a realidade social e natural, exige uma tomada de decisão, cuja inspiração está na nova cosmologia. Um mundo totalmente fragmentado, como um disco rígido, que, no dizer de um técnico, de tão fragmentado, “está totalmente bichado”, precisa ser desfragmentado, isto é, é necessário que haja uma reconexão/religação de tudo com tudo e de todos e todas, com todos e todas.

c) O Resgate do Feminino para a Construção de uma Nova Visão do Mundo

Estamos mergulhados numa cultura onde o que impera é a competição, o poder dominação e a prevalência do masculino. O tipo de progresso que desenvolvemos leva a marca do machismo e da exclusão. É reducionista, como vimos, fragmentado e violento.

É uma sociedade que acabou desumanizando os homens e as mulheres, por negar o feminino nos homens e nas mulheres. As maiores vítimas, no entanto tem sido as mulheres, por razões óbvias, que se manifestam em todas as formas de dominação e violência que o masculino dominante tem imposto no cotidiano das mulheres.

Ao contrário da visão moderna dualista, optamos por rejeitar uma visão que constrói as categorias masculino/feminino, de forma separada, excludente. Não é tarefa fácil, nem rápida, como diz Bourdieu:

“ (...) “Ultrapassar os dualismos”: estes profundamente enraizados nas coisas (as estruturas) e nos corpos, não nasceram de um simples feito de nomenclatura verbal e não podem ser abolidos com um ato de magia performática – os gêneros, longe de serem simples “papéis” com que se poderia jogar à vontade (...) estão inscritos nos corpos e em todo o universo do qual extraem sua força”.

(Bourdieu, 1999 – p. 122)

O feminino, que pode ser representado, de tantas formas, como: vida, criatividade, receptividade, ternura, compaixão, docilidade, enternecimento, cuidado, interioridade, emoção, intuição...são princípios que devem habitar e humanizar homens e mulheres. O feminino não diz respeito somente às mulheres, mas também aos homens.

Esse processo de reconstrução do masculino e do feminino no homem e na mulher, vai desfragmentar o ser humano, dando-lhe inteireza nas suas relações, diferente do homem e mulher de nossa cultura ocidental atual, quebrados nas relações, por isso, produtores de dominação e violência.

Neste novo paradigma que sinaliza no horizonte, a mulher, a natureza...não são mais o outro a quem o masculino domina e usufrui, mas com quem o masculino interage, reverencia, aprende e se transforma, humanizando-se.

“ (...) Amor puro (...) o milagre da não violência, que torna possível a instauração de relações baseadas em total reciprocidade e autorizando o abandono e a retomada de si mesmo; o milagre do reconhecimento mútuo, que permite, como diz Sartre, sentir “justificado o próprio existir”, (...) o milagre do desinteresse, que torna possíveis relações desinstrumentalizadas, geradas pela felicidade de fazer feliz, de encontrar no encantamento do outro, e sobretudo no encantamento que ele suscita, razões inesgotáveis de maravilhar-se. Todos os traços levados ao mais alto grau da economia das trocas simbólicas, cuja forma suprema é a doação de si mesmo e de seu corpo (...) O “amor puro”, esta arte pela arte do amor, é uma invenção histórica relativamente recente (...) não é por nele se investir demasiado que o casamento se vê tão fortemente ameaçado? (...) Reconhecimento mútuo, troca de justificações de existência e de razões de ser, testemunhos recíprocos de confiança (...) díade amorosa, unidade social elementar, indizível e dotada de uma potência autárquica simbólica, o poder de rivalizar vitoriosamente com todas as consagrações que ordinariamente se pedem às instituições e aos ritos da “Sociedade”.

(Bourdieu, 1999 – p. 131-132-133)

Mesmo estando inscritos nos corpos os velhos paradigmas estão caindo, pois assim como foram construídos, podem ser desconstruídos:

“Realmente, é claro que o eterno, na história, não pode ser se não produto de um trabalho histórico de eternização.”

(Bourdieu, 1999 – p.100)

O resgate do princípio feminino/masculino nos homens e nas mulheres, permitirá a instauração de uma nova economia política da vida, permitindo aos homens e mulheres construir uma nova sociedade, cooperativa, associativa, inclusiva, pacífica, amorosa, acolhedora do diferente, humana.

Novos paradigmas vêm aliar-se ao trabalho de milhares de mulheres e também de homens que querem apressar a vinda deste novo tempo. Bourdieu, com muita propriedade ressalta o advento desse novo tempo:

“A maior mudança está, sem dúvida, no fato de que a dominação masculina não se impõe mais com a evidência de algo que é indiscutível. Em razão, sobretudo do enorme trabalho crítico do movimento feminista que, pelo menos em determinadas áreas do espaço social. Conseguiu romper o círculo do reforço generalizado (...) O questionamento das evidências caminha pari passu com profundas transformações por que passou a condição feminina (...) aumento do acesso ao ensino secundário e superior, ao trabalho (...) à esfera pública (...) independência econômica e transformação nas estruturas familiares. (...) Assim, embora a inércia do habitus, e do direito (...) tenda a perpetuar o modelo dominante da estrutura familiar e, ao mesmo tempo, o da sexualidade legítima, heterossexual e orientada para a reprodução; embora se organize tacitamente em relação a ela a socialização e, simultaneamente, a transmissão dos princípios de divisão tradicionais, o surgimento de novos tipos de família, como famílias compostas (...)”

(Bourdieu, 1999 – p. 107)

d) A Ruptura com Padrões Familiares Burgueses: Uma Característica da Modernidade

Assim como foi construída, a família ocidental burguesa está sofrendo duros golpes. Esse processo de ruptura e desconstrução está a preparar novas e variadas formas de viver em família, podemos dizer de modo ímpar, nunca antes vivenciada, na história da família ocidental.

“No século XIX, com as transformações do mundo capitalista, passa-se a estimular o consumo das massas, a expropriação da subjetividade e a ânsia de “ter mais”. Para César Nunes (1997), o “capitalismo inaugura um progresso enorme no nível das comunicações que agora são o novo aparelho ideológico de enquadramento das massas consumidoras; cria-se uma nova aldeia global onde todos se sentem integrados.” Surgem diversos movimentos de contestação (movimentos contraculturais), jovens, hippies, rock, grupos feministas, negros, homossexuais, etc. Em todos esses movimentos estava presente a libertação sexual, além da exigência de outras liberdades. O capitalismo apropriou-se da sexualidade como um grande grito e incorporou-a à sua máquina de consumo. A partir daí, em tudo está presente o sexo. (...) O processo de libertação das práticas sexuais coincide com a automação do trabalho e com a chamada explosão demográfica. O sexo procriativo perde sua função”.

(Idem, 2000 – p. 10)

Os padrões sexuais estão mudando. A antiga ideologia repressiva burguesa passa a dar lugar a uma nova aceitação da satisfação sexual. Surgem novos recursos contraceptivos, bem como a legitimação do aborto, mesmo que em muitos países este não seja ainda legalizado. Esses novos recursos ampliam as possibilidades da prática sexual. Os pais estão cada vez mais tolerantes com os filhos. Passamos a presenciar um encontro de gerações com mentalidades bem opostas, mas que podemos presenciar em muitas delas uma espécie de aceitação forçada e até a tolerância.

Por exemplo, em muitas famílias tradicionais, não é difícil acontecer que a filha ou o filho durma com seu namorado ou namorada, na casa dos pais. Não é raro ouvir este pais dizerem: “Fazer o quê? É o jeito!”. “As coisas hoje estão todas diferentes.” No interior das comunidades cristãs, presencia-se também a transformação da vida familiar. Uma pesquisa realizada numa comunidade paroquial em Lages nos mostra um alguns aspectos destas mudanças. No ano de 1999, foram realizados, em média, nesta paróquia, 50 batizados por mês, enquanto foram realizados apenas dois casamentos mensais. Este fato teve sua explicação quando se percebeu que, na mesma paróquia, apenas quatro casais se casaram na Igreja, de cada dez que passavam a formar família.

“Até a década de 50, nas comunidades da região, quem não “casasse na Igreja ou pelo padre”, era discriminado e considerado um “casal ajuntado ou amasiado e em estado de pecado.”

“finalmente, é para desejar, a atenção inteligente dos analistas e dos moralistas em dificuldades com os problemas de relacionamento afetivo entre jovens, que se originam de uma multiplicidade de fatores, um dos quais a quebra da coesão interna das parentelas e a anomia ética na família; e antes e na raiz da problemática, o enfraquecimento dos valores cristãos que cimentam a família monogâmica ocidental. No centro dessa família foi colocada pelo cristianismo uma virgem, santa, imaculada, como a suprema sublimação da mulher e da mãe, o que de algum modo explica – apesar das formas de dominação masculina que desequilibram a instituição aqui e ali – o que se ressalta de delicado, de nobre, de puro, de casto no namoro, no noivado, no casamento tradicional”.

(Azevedo, 1981 – p. 270).

A partir principalmente da década de 70, esta situação começou a mudar, expressando o acesso aos novos métodos contraceptivos trazidos pelo uso da pílula anticoncepcional. No contexto desta nova sexualidade, os casais passam a viver o “eterno provisório” do casamento, que vale enquanto dura. Nas comunidades cristãs de Lages, esta condição é facilitada porque os casais não

casados no religioso podem batizar seus filhos normalmente, bem como a “mãe solteira” é até exaltada em algumas comunidades, por sua “atitude heróica” em assumir sozinha o filho.

Giddens aponta, com muita propriedade para esta nova sexualidade:

“Na época atual, os ideais de amor romântico tendem a fragmentar-se sob pressão da emancipação e da autonomia sexual feminina. O conflito sobre a idéia do amor romântico e do relacionamento puro¹³ assume várias formas, cada uma delas tendendo tornar-se cada vez mais revelada à visão geral como resultado da crescente reflexividade institucional. (...) A abertura de um amor pelo outro, condição para que chamemos de amor confluyente, (...) o amor confluyente é um amor ativo, contingente, e por isso, entra em choque com as categorias “para sempre” e “único” da idéia de amor romântico. A “sociedade separada e divorciada” de hoje aparece aqui mais como um efeito da emergência do amor confluyente de que como sua causa. Quanto mais o amor confluyente consolida-se como uma possibilidade real, mais se afasta da busca da “pessoa especial” e o que mais conta é o “relacionamento especial”.

(Giddens, 1993 – p. 72)

No seio desta relação homem/mulher, Giddens tem razão quando afirma que os homens são os “retardatários” nas mudanças que atualmente estão ocorrendo. Isso vem acontecendo desde o final do séc. XVIII, principalmente na cultura ocidental. Os homens estão se descobrindo como seres históricos e também como seres problemáticos. Antes não acontecia isso. As mulheres eram consideradas seres que existiam atemporalmente. Como se encontravam numa posição de dominação cômoda, os homens se acomodaram nela, sendo ultrapassados pelas mulheres, que ansiavam libertar-se de uma vida de senhor/escravo. A luta das mulheres fez com que elas crescessem muito rapidamente, servindo atualmente de referência para os homens, que obrigatoriamente precisam buscar urgentemente uma reinvenção de suas vidas.

¹³ Relacionamento puro, para Giddens, aqui, não tem aquela mesma conotação do amor romântico, que queria expressa a “pureza de alma e de intenções” ao namorarem e se casarem. Para Giddens, significa um relacionamento não institucionalizado e que pode ser terminado no momento em que um dos parceiros assim o desejar. Ele tem como base a intimidade. Vale, enquanto durar a intensidade deste relacionamento.

Alain Touraine elucida este advento de uma era nova na relação homem/mulher. Ele acredita que a ação de emancipação das mulheres pôs fim à identificação de uma categoria, de uma imagem central, única de seres humanos, como universal. Que passamos a viver a dualidade homem/mulher. Homens e mulheres são sujeitos e, ao mesmo tempo, semelhantes. Pensam, trabalham e agem racionalmente; e são diferentes: na biologia, cultura, personalidade, imagem de si mesmos e do outro. Sem o reconhecimento dessa dualidade, e em permanecendo o poder que os homens dispunham, é impossível reconstituir a idéia de sujeito.

Pensando na sexualidade no contexto da atualidade, podemos correr o perigo de abordar a questão como se esse fenômeno já tivesse atingido a totalidade das pessoas, e como se as mulheres e homens adolescentes e jovens tivessem realizado uma ruptura total com o passado. Mas, as coisas não acontecem desta maneira. Pelo contrário, neste momento de rupturas radicais, muitos valores do amor romântico são assumidos mais que em outras épocas. Uma pesquisa realizada por Thompson, citada por Giddens, mostra, por exemplo, que as adolescentes americanas demonstram, no dizer do próprio Thompson, uma “busca do romance”

“A primeira experiência sexual é, para muitas um teste para verificarem se um futuro enredo romântico “A “perda da virgindade” para um rapaz, hoje em dia, assim como desde os tempos imemoriais, continua sendo uma expressão imprópria: para os rapazes, a primeira relação sexual é uma adição, um ganho. É um talismã que aponta para o futuro. (...) Para as garotas, a virgindade ainda é considerada como uma entrega. Para a maioria, a questão não é realizá-la ou não como parte da experiência sexual precoce, mas como escolher o momento e a circunstância certos. O acontecimento está intimamente relacionado a narrativas românticas. Os rapazes esperam forçar a questão da iniciação sexual, enquanto as garotas esperam “retardar as coisas”. A questão que as garotas colocam para si próprias, assim como implicitamente para seu próprio parceiro, seja ele (ou ela) que for, é: será que minha sexualidade vai me permitir determinar o caminho de minha vida futura? (...) pode ou não ser alcançado”.

(Idem, p. 61-62)

A esperança de serem “felizes para sempre” ainda exerce grande atração. Uma pesquisa aleatória que realizamos em Lages, em 1999, com 150 jovens mulheres solteiras, entre 17 e 22 anos, 90% delas sonham, de alguma forma, mas sonham, com o príncipe encantado. Com base neste mesmo tema, em outra pesquisa que realizamos com 100 mulheres casadas, entre 20 e 35 anos, em Lages, em 1999, 80% delas já se encontravam decepcionadas, de alguma forma, com o “príncipe”, a partir do terceiro ano de casamento. Uma jovem professora assim se expressava, em lágrimas: “Na segunda semana de casamento, aquele ‘príncipe encantado’ com quem eu havia sonhado em viver, saiu para se divertir no sábado à noite e só voltou na segunda de manhã, me deixando sozinha”. Outra professora, sua colega, cultivava os mesmos sentimentos em relação ao seu “príncipe encantado”: “Já a partir do sexto mês de casamento, ele saía para “se divertir”, mas na verdade era para “tomar e namorar”, me deixando sozinha em casa”.

Nunca se valorizou tanto a família como hoje, lugar onde as pessoas podem se desenvolver, se estruturar, aprender a amar, ter aconchego e carinho. A família burguesa sofreu profundos abalos, mas não foi abolida - pelo contrário. As relações de intimidade entre pais e filhos, a preocupação com o futuro dos filhos e a busca em reconhecer e satisfazer suas necessidades são mais intensos hoje que em outras épocas. Uma pesquisa realizada por um canal de TV brasileira mostrou que os filhos estão permanecendo com os pais em casa por mais tempo, e, mais do que na década passada, buscam a família quando se encontram em apuros, vivendo da ajuda dos pais, às vezes, até com idade superior aos 25 anos.

A família burguesa ainda serve de base para a maioria. Cresceram as exigências mútuas do casal de satisfação emocional e sexual. Cresce a consciência da mulher também diante das situações de sofrimento. Ela, em geral, não sofre mais calada, mas toma posição e busca ajuda externa, nas situações mais extremas. O casamento, como “base no relacionamento puro”, isto é, um relacionamento qualitativo, de intensidade de sentimento entre os cônjuges, perdeu aquela segurança que tinha nos tempos passados, quando era impensável separar-se. Mesmo que um dos cônjuges passasse a não sentir nada mais pelo outro, era obrigado a suportá-lo porque o casamento não poderia ser desfeito.

Uma mulher, ao queixar-se para sua mãe ou para o padre recebia, com certeza, a seguinte resposta: “minha filha, tem que agüentar tudo, até o fim da vida, porque o casamento é para sempre”. O homem, nestas situações, “arranjava-se”, buscando compensações com outras mulheres, enquanto a mulher acumulava sofrimento sobre sofrimento, buscando compensações, em alguma atividade na igreja, numa obra filantrópica ou, então, em doenças. Hoje, ao menor sinal de calamidade na vida conjugal, busca-se o recurso da separação. Cresce a busca da dimensão qualitativa do casamento; é rejeitada cada vez mais a idéia de se viver uma vida conjugal no “faz de conta”. Por outro lado, constatamos que ainda são muito poucos os recursos que os jovens podem buscar para qualificarem-se qualitativamente para uma vida a dois. Não há instituições que os qualifiquem, nem demanda para ser qualificada. Nunca houve uma época na história, como hoje. Há um número cada vez maior de casamento e de divórcios.

“As crescentes exigências de realização psíquica lançam um pesado fardo sobre os ombros dos cônjuges. O resultado é que o casamento deixou de ser encarado como a modalidade exclusiva de relacionamento ou como uma parceria para a vida inteira. Essa situação redundava em grande infelicidade para os que sofrem o trauma do divórcio e para os que se conservam casados, mas insatisfeitos, e frustrados no casamento. A hesitação com que o casamento é empreendido e a ambivalência sentida a seu respeito talvez sejam produzidas pela infeliz combinação de profundas necessidades de realização emocional e de igualmente profundas necessidades de realizações exclusivas. Essa combinação de exigências, geradas durante a infância, parece criar hoje uma contradição dentro da família”.

(Poster, 1978 – p. 219-220)

Apesar das muitas dificuldades encontradas, ainda, na família contemporânea, despontam nela valores, outrora jamais vistos ou vividos como: maior liberdade nas relações familiares, maior abertura para se conversar sobre os assuntos da intimidade como emoção e sexualidade, autonomia da mulher, tanto emocional, como financeira, maior respeito aos sentimentos, pensamentos, escolhas, gostos e iniciativas dos filhos, possibilidades de estabelecer um novo casamento, quando o antigo fracassou, maior aceitação dos diferentes como: outros modelos de família, homossexuais e lésbicas, entre outros.

A família brasileira dos anos 90 passa por significativas transformações. Com base em dados do PNAD/IBGE, podemos traçar algumas características desta família:

- Número reduzido de filhos. A família brasileira entra nos anos '90 com uma média de 2,5 filhos, em oposição aos anos '60, cuja média era de 6,3 filhos;
- Predomínio de famílias nucleares (pai, mãe e filhos). Em 1981, 81% das famílias eram nucleares; em 1989, esse número caiu para 79,5%.
- Aumento significativamente do número de família monoparentais, com predominância de mulheres como chefes da casa. Em 1981, registrou-se uma porcentagem de 14,6%, aumentando para 16,8% em 1989.

Aumentou significativo o número de famílias recompostas, principalmente devido ao aumento de separações e dos divórcios, nos últimos anos. Constata-se também que houve um empobrecimento material acelerado da família, na década de 80, sem recuperação do poder aquisitivo na década seguinte; pelo contrário, é provável que o empobrecimento tenha aumentado.

Em 1988, a nova Constituição brasileira, principalmente através dos artigos 226º a 230º, vem dar um novo impulso à democratização da vida familiar, dos direitos iguais entre homem e mulher.

Os direitos e os deveres referentes à sociedade conjugal são exercidos igualmente pelo homem e pela mulher. (Artigo 226 - Constituição Federal, 1988)

O Estatuto da Criança e do Adolescentes (ECA), regulamentação do artigo 227º da Constituição Federal, substitui o Código de Menores. O ECA traz uma concepção do ser criança e adolescente como *prioridade absoluta*, propondo reordenação nas atribuições e competências do Sociedade Civil, do Estado e da Família. A família passa a ser revestida de deveres, podendo ser punida. Ao mesmo tempo, todas as medidas de proteção reforçam o vínculo familiar como o primeiro e fundamental no desenvolvimento da criança e do adolescentes.

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescentes, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão”. (Art. 227º – Idem – 1988)

O artigo 19º do ECA trata do direito à convivência familiar e comunitária, deixando claro o lugar de destaque que ocupa a família, para que haja um desenvolvimento saudável da criança e do adolescente:

“Toda a criança ou adolescente tem direito a ser criado e educado no seio da família e, excepcionalmente, em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária, em ambiente livre da presença de pessoas dependentes de substâncias entorpecentes”. (Art. 19º – ECA – 1990)

Fica claro que, se a família não estiver cumprindo sua função provedora e formadora, haverá interferência da comunidade, sociedade ou poder público, informando, instrumentalizando e, se necessário, punindo. Portanto, aquela idéia de que a família é essencialmente privada e assunto exclusivo dos pais e filhos, já é coisa do passado. A família diz respeito a todos os cidadãos, como co-responsáveis. A criança e o adolescente passam a ser sujeitos de direitos e, além disso, devem ser cuidados com prioridade absoluta, pelos pais, pela sociedade e pelo poder público, que também podem ser punidos, em caso de negligência.

“A criança tem direito a viver e desfrutar de uma rede afetiva, na qual possa crescer plenamente, brincar, contar com a paciência, a tolerância e a compreensão dos adultos, sempre que estiver em dificuldades, estabelecendo profunda confiança e respeito prioritariamente com vínculos familiares (...). Por mais difícil que possa parecer, a pobreza e a falta de recursos financeiros, o desfrutar da convivência e do afeto da mãe e da família não pode ser negado. É preciso ter claro também que

a convivência familiar deve ser em ambiente de proteção, onde é possível viver o afeto, o respeito, o carinho, o conflito, tendo também a preocupação com o desenvolvimento e o crescimento da criança no âmbito da educação, saúde, do físico, moral e social, prevenindo maus tratos e abusos na própria família”.

(Gubert, p..23-24)

Essa realidade estava muito distante na primeira metade deste século; jamais imaginada no século passado. Houve muitas transformações nas últimas décadas, na vida da família; uma na prática e outras ainda só no papel.

“A FAMÍLIA está sendo hoje atacada e defendida com igual veemência. É responsabilizada por oprimir as mulheres, maltratar as crianças, disseminar a neurose e impedir a comunidade. É louvada por sustentar a moralidade, ser um freio à criminalidade, manter a ordem e perpetuar a civilização. Casamentos estão sendo mais desfeitos do que nunca e mais celebrados do que em qualquer outra época. A família é o lugar donde se procura desesperadamente fugir e o lugar onde nostalgicamente se procura refúgio. Para alguns, a família é enfadonha, sufocante e intrometida; para outros é amorosa, solidária e confidente. E assim transcorrem as coisas no que tange à família, ora progredindo, ora retrocedendo, sem sinais de acordo no horizonte”.

(Poster, 1978 – p.9)

Uma recente pesquisa de um canal de TV mostra o retorno ao lar de muitos jovens, buscando na família um porto seguro, principalmente quando a sociedade competitiva em que vivemos não lhes oferece chances de sobrevivência.

Percebemos também jovens mães sozinhas, em número crescente, buscando também a casa dos pais como saída de sobrevivência. Ouve-se muitos dos pais e avós: “Paciência! Hoje está tudo mudado. Onde comem três, comem cinco”.

CAPÍTULO 2

VIOLÊNCIA ENQUANTO FÊNOMENO E SUA REPRODUÇÃO

a) O fenômeno da violência

Quando buscamos entender a violência, nos deparamos com um conjunto de fenômenos que chamamos de violência. No entanto, muitos desses fenômenos, em outras épocas da história, não teriam sido catalogados como tal. O sentido da palavra violência tem acompanhado as mudanças da sociedade na história. Muitos fenômenos que não eram considerados como violência, passaram a sê-lo. O termo veio tomando novas e mais amplas conotações com o desenrolar da história. Mais do que nunca, na atualidade, com o desenvolvimento democrático da sociedade e com o crescimento da sensibilidade social, os sujeitos sociais passam a alargar seu conceito de violência. Amplia-se, assim, o campo semântico dessa palavra.

No século XIX e até a primeira metade de nosso século, uma surra aplicada por um pai em seu “filho rebelde” era louvada como atitude de um pai educador, que queria ver o bem de seu filho. Pai que se prezava deveria aplicar surras, mesmo que deixassem fortes marcas, quando fosse necessário. Houve época que era perfeitamente normal um marido aplicar surras corretivas em sua mulher. Hoje, além de não ser mais louvado, esse pai seria tratado como

violento e sua atitude seria considerada um caso de violência familiar: o Estatuto da Criança e do Adolescente teria bases legais para colocá-lo até na cadeia.

A sociedade se tornou mais democrática, aumentou a sensibilidade social nas relações humanas, como nas relações de gênero, entre pais e filhos, etc., mas isso não quer dizer que diminuiu a violência. Por outro lado, a ampliação do campo semântico da palavra violência não quer dizer que necessariamente haja aumentado a violência.

Quando procuramos definir o campo semântico da palavra violência, deparamo-nos com uma complexidade tal que vai além da prática denunciatória e classificatória dos tipos de violência, ou seja, violência na família, nas ruas, nos meios de comunicação, no trânsito, nas prisões, violência das desigualdades sociais, da fome, violência ecológica, das drogas, contra as mulheres, contra as crianças, criminalidade, guerras, assaltos, violência policial, entre outros. Não se trata, obviamente, de ignorarmos todas estas manifestações da violência, mas trata-se agora de compreendê-la como está incorporada na face menos visível das relações sociais, nas entranhas de nossa cultura, em nosso imaginário, colocando-nos numa posição compreensiva, no sentido weberiano, evitando tratar o estudo da violência apenas em suas dimensões complementares e ilustrativas, esquecendo o caráter central da questão.

A primeira idéia que geralmente temos da violência é que ela tem um caráter essencialmente destrutivo, sem nos perguntarmos se ela tem ou não uma funcionalidade na dinamização da vida social.

“ Quando se fala que a violência é destrutiva, o que quase nunca fica expresso é a idéia, embutida nessa visão de que ela é sempre exterior, tanto no que tange às pulsões dos indivíduos que a praticam como também, no que se refere à dinâmica própria dos acontecimentos. A crença corrente é que a violência é um fato imprevisível, que ataca de surpresa e muda a (pretensamente estável) rota dos acontecimentos. Esse imaginário de uma violência exterior, em relação ao que se projeta como sendo a essência da vida social, pontua, de modo geral, o imaginário das produções que gravitam no campo da violência. Essa visão, que vamos denomi-

nar de “violência vinda de fora”, tem ser alicerçada na crença que a ordem e o equilíbrio são estados a serem atingidos em sua plenitude, sendo muitas vezes dificultados por práticas incontidas de violência.

(Diógenes, 1998 – p. 77)

Essa denominação da violência como “vinda de fora” elegeu, segundo Diógenes, uma dualidade fundamental nos estudos sobre este tema: de um lado, estão as *vítimas* da violência e do outro os *sujeitos* causadores da violência ou *os violentos*. A partir daí passa-se a desenvolver uma série de argumentos mostrando que, para acabar com a violência, basta eliminar ou encarcerar os violentos. Ao pensar assim, deixamos de perceber a violência como uma complexa rede de fenômenos que interagem e se entrecruzam, tendo com resultado aquilo que chamamos de violências.

A violência é pensada, a partir desta dualidade, com base neste conceito de “uma violência vinda de fora”, da margem contra o centro, do anormal contra o normal, da desordem contra a ordem, dos errados contra os certos. “Nós”, que estamos “do lado de cá”, do lado da ordem, do normal, do instituído legalmente, do centro, precisamos agir contra aqueles que estão “do lado de lá”, dos desordeiros, dos errados, dos anormais, dos fora da lei. O “lado de cá”, como diz Diógenes é objeto de

“(…) esforços de manutenção da estabilidade social que produzem cidades e redes de sociabilidade, “máquinas” de ordem e segurança. Vias de passagem não permitidas para pedestres, locais públicos de extrema luminosidade e pontuados por esquemas de segurança pública. Os shopping centers expressam o cenário por excelência do sonho idílico da segurança na sociedade de consumo. Espaços zoneados, espaços segregados. O imaginário da violência que recorta as ciências sociais no Brasil, nos anos 60 e 70 mais destacadamente, constitui-se em torno de ordem e segurança”.

(Idem, p. 82)

Passa-se então à idéia de que é preciso realizar um esforço conjunto para fazer com que a desordem e o desarmônico, que estão na margem, tornem-se ordem e harmonia, para sair da margem. As pessoas que estão “do lado da ordem” e do “certo” têm medo de entrar nos espaços da margem. Causa uma grande insegurança aproximar-se dos diferentes, mesmo que estes diferentes representem apenas uma remota possibilidade de ameaça.

“Nas ‘margens’ é que se projeta a sociedade sem máscaras e se expõe as diferenças. A diferença projeta-se como ameaça, como o pano de fundo que cai e torna ‘real’ pura encenação teatral expondo os bastidores da oposição. (...) O que seria a ‘sociologia do desvio’, campo emblemático da produção do imaginário da violência na ciências sociais, se não um modo de isolar o inexplicável, de projetar para as sombras, para as margens, a expressão incômoda da diferença?”

(Idem, p. 83)

A lógica social é muito simples: as pessoas se integram nela ou são marginalizadas, porque passam para as categorias dos diferentes. As diferenças são incômodas, numa sociedade que abafa as particularidades e estabelece “uma normalidade social” obrigatória sob pena do ridículo. O desvio passa a ser, então, o caminho natural para todos aqueles que insistem num processo de singularização, isto é, da busca de uma construção original de uma processo grupal ou pessoal.

“Clastres adverte acerca da “notável intolerância da civilização ocidental diante das civilizações diferentes, sua incapacidade de reconhecer e aceitar o outro como tal, sua recusa em deixar subsistir aquilo que não lhe é idêntico.”

(Idem, p.84)

Rifiotis, assim se expressa sobre o ponto de vista de Pierre Clastres:

“Encontramos a matriz básica para o desenvolvimento de nossa proposta de pesquisa sobre a “positividade” da violência nos trabalhos de Pierre Clastres: (1980). Referimo-nos particularmente à noção de “Sociedades Contra o Estado”,

utilizada na análise da guerra nas sociedades indígenas. Para este autor, o Estado funciona como uma máquina de unificação, enquanto a violência e, em particular a guerra, atuaria no sentido inverso. A violência pode atuar como uma espécie de força dispersiva, voltada para a manutenção das diferenças, em contraponto à homogeneização que a centralidade dos poderes procura instaurar. Em termo de um possível modelo teórico, entendemos que a violência poderia também ser pensada nos aspectos que fazem dela um elemento instaurador de identidades locais (étnicas, culturais, etc.) e da construção de subjetividades através dos processos de socialização. (...) Cada minoria, grupo ou segmento social poderia, sob determinadas circunstâncias concretas, colocar em prática formas específicas de violência para garantir a sua identidade”.

(Rifiotis, 1996 – p. 15)

A palavra marginal ou marginalidade começou a ser usada no Brasil a partir da década de 50, no contexto de um processo acelerado de urbanização. As periferias das cidades passam a concentrar favelas. Essas pessoas começaram a formar a “margem”, isto é, trata-se daqueles que não moram no centro. Daí, o perigoso, o “vagabundo”, o bandido, o marginal, em contraposição ao centro. Marginal, portanto, é o pobre, o favelado, aquele que é violento. O pensamento sempre se dá “daqui para lá”, pois o lado do centro é mais forte, o que impõe as regras, o que reflete sobre a violência, o que tem o poder para determinar quem é o violento.

O lugar centro/margem não se restringe apenas a lugares geográficos, é um *locus* que se criou no imaginário das pessoas. A relação centro-marginalidade, portanto, está no imaginário social, reproduzindo permanentemente a marginalidade, a partir de um centro. Mas um fenômeno novo passa a acontecer, quebrando a dualidade estabelecida pela sociedade da ordem:

“O comportamento violento é quase sempre pensado dentro de referenciais negativos, como expressão daquilo que deveria ser, que falta, que se projeta da ordem do “outro”. (...) Verifica-se atualmente que a violência parece romper as barreiras “dualistas” e “contrastivas” e se apresentar ali, lado a lado com a “ordem”, em relações cotidianas, que pareciam até então conseguir abafar este

incômodo “outro”. (...) Toda a sociedade queixa-se de uma difusão de práticas violentas e observa-se que, mesmo de modo perverso, finalmente, a violência vai dessacralizando dualidades; os morros “descem”, as torcidas reúnem setores populares e da classe média, as polícias tornam-se atores de destaque na dinâmica da violência, turmas de jovens da classe média, playboys, gangues da periferia protagonizam a experiência da violência juvenil. A violência rompe fronteiras, ultrapassa os “limites da alfândega” e parece alardear que as dualidades estão para ruir”.

(Diógenes, p. 87)

A nossa sociedade ocidental moderna formou-se através de um processo de racionalização, que teve início no final do século XVIII e tem características de uma “civilização legal”. Mas, o imenso número de leis dessa sociedade não consegue mais dar conta de uma sociedade que “ultrapassa os limites da alfândega”. A língua da lei parece uma língua estranha de um país distante, que as pessoas não conseguem mais interpretar. Uma lei absolutamente incapaz de dialogar com a violência, porque ela é filha de uma sociedade que criou a margem, que contribuiu para a construção desse imaginário dual, que estigmatiza “um lado” como o violento.

Os “morros descem”. É o movimento de uma margem que passa a ignorar a “normalidade”, que até agora aparecia como o espaço oposto à “anormalidade”. Parece ser o início da perversão de uma sociedade que sistematicamente promoveu a anulação da diferença. Cresce uma oposição ao modelo civilizatório do mundo urbano atual. O urbano passa a estender-se por toda a sociedade e a margem se espalha por todo o urbano. Na atualidade está acontecendo um movimento acelerado que globaliza e fomenta a pluralidade da diferença, questionando e corroendo os padrões homogeneizantes da sociedade, da qual era possível visualizar as fronteiras.

Maffessoli usa microconceitos para lidar com a sociedade atual. Ele afirma que uma nova noção, a de socialidade, começa a substituir a noção de individualismo. Sente que não é mais possível considerar o ser humano de forma isolada, mas como integrante de um grupo social. Ele não vê esses grupos sociais resguardando suas individualidades, mas identificando-

se apenas como identidade de grupo. Essa rede de “micropoderes”, vai evidenciando uma sociedade estruturalmente violenta. Eles mesmos, numa permanente dinâmica de ação e reação em relação à sociedade, mergulham na prática da violência, deixando para trás rastros profundos de desilusões, medos, lágrimas e sangue.

A violência deixou de ser algo circunstancial, mas passa a ser um *modus vivendi* no cotidiano de milhões de pessoas, principalmente dos moradores dos grandes centros urbanos. Está presente nos bairros mais sofisticados e nas favelas, a tudo e a todos envolvendo. Suas marcas estão presentes nas paredes perfuradas pelas balas dos traficantes e na arquitetura interiorizada, que busca desesperadamente segurança e defesa, projetando-se para dentro de si mesma, cheia de grades nas janelas, alarmes e interfones. Elas lembram antigos manicômios. A violência, diferentemente de outras épocas, vai além de uma atitude de defesa ou necessidade. Ela ganha a característica da contestação. É uma chamada de atenção permanente a uma sociedade doente. A violência deixa de ter territorialidades definidas e passa a ser tão comum que a defesa contra ela passa a ser a forma como as pessoas organizam a vida.

Maffesoli lembra que:

“ (...) as sociedades deveriam refletir sobre seus próprios sonhos, pois a negação dos mesmos ocorre nos regimes ditatoriais, onde aquelas padecem da inconsciência de si mesmas, originando em seu cerne indivíduos mais cruéis e sanguinários”

Maffesoli, 1995 – p.11 – Apud Gauer, 2000, p. 175)

Ele comenta em outro momento:

“A violência tem características importantes a serem acentuadas. Ela também é responsável inúmeras vezes pelo estabelecimento de uma nova ordem. Estaria esta velocidade em que o progresso a nós imprime buscando a ruptura e a transposição dessa velocidade em momentos ainda indefinidos e desconhecidos aos homens em sua história civilizatória?”

(Idem, 1987, p. 38)

E a velocidade com que os crimes vão acontecendo concorre para que os cidadãos, cada vez mais assustados e perplexos, se perguntem: quem será o próximo?

“ Talvez o artigo de Wacquant (1994) possibilite a percepção de tão complexa rede de violência urbana que aponta as grandes metrópoles – a “violência vinda de baixo” e a “violência vinda de cima” articulam-se no mesmo enredo e põe face a face atores diferenciados. A “violência vinda de baixo”, antes “invisível” pelo distanciamento das zonas de concentração de grandes contingentes de excluídos, cada vez mais explicita-se. (...) pois não seria a violência juvenil a expressão do mais profundo brado de desamparo dos excluídos? Não seria a violência juvenil “lugar por excelência da incerteza e do acaso?”

(Diógenes, 1998 – p. 92)

Podemos captar este sentido compreensivo da violência também em Weber, Bourdieu, Rifiotis, Boff, entre outros.

Ela pode ser motivo constituidor de novas relações sociais, manifestando um território “pré estabelecido”, definidor da ordem e da violência, de quem são os desordeiros e os violentos, mascarando e perpetuando, assim, uma sociedade autoritária que bane o direito à diferença e ao questionamento. Esconde-se para se reproduzir; “desistoriciza-se” para se perpetuar na história; camufla-se com um “fora das coisas”, com um aparente manipulador, onde as próprias vítimas são autoras e co-autoras deste processo, que atenta permanentemente contra elas próprias.

A violência torna-se uma idéia - valor, quando revela o teor das relações sociais, assinalando, muitas vezes de forma trágica, para “um dentro das coisas” prestes a ser visto e revelado.

Esse real sufocado, esse “dentro” sentido, reprimido, mas não percebido, que a violência pode apontar, é, no dizer de Teilhard:

“ (...) O ponto de partida carregado de possibilidades”

(Chardin, 1995 – p. 24)

Teilhard mostra essa idéia - valor da violência, quando aponta para a necessidade de enxergar o “dentro das coisas” :

“(...) Procurar ver mais e melhor não é, portanto, uma fantasia, um luxo. Ver ou perecer. (...) ver comporta uma gama tão ampla de atuações (perceber, captar, enxergar, etc. ; apreender, registrar, examinar, investigar; - vale a pena ir ao dicionário... que acaba equivalendo a ser, estar, permanecer. Daí o dilema “ver ou perecer” (...) é tão grande e urgente a necessidade de “ser consciente para sobreviver” que hoje, sem dúvida, “salve-se quem puder” equivale a “salve-se quem souber”...”

(Idem, 1995 – p. 25 e 29)

Importante se faz a advertência de que, para entendermos o fenômeno da violência é necessário particularizá-la. Violência em si não existe. É uma generalidade. Ela tem nomes. São as violências concretas claras ou camufladas, físicas ou simbólicas, aos milhares, no cotidiano das pessoas. Ela tem muitos e distintos rostos.

Dialeticamente, a mesma violência que carrega seu sentido compreensivo, alavancador e constituidor de novas relações sociais, faz também com que essas relações sejam podadas:

A física quântica e a nova biologia trazem uma visão inusitada da existência, mostrando que a matéria não é algo inerte, nem morto. Os seres vivos são complexos, criativos e abertos, na direção e formas cada vez mais complexas, criativas e abertas, num jogo espontâneo, livre, dialético, mas não aleatório; tem um sentido, um caminho, uma flecha, uma direção, um pró-jeto, isto é, em posição de um permanente arremessar para frente, para mais complexidade, relação e interação. Essa crescente complexidade de vida se manifesta de forma eminente no ser humano:

“Assim, a forma mais elementar possível seria uma consciência muito primitiva, ligada a duas partículas com funções de ondas sobrepostas. Qualquer coisa acima disto, os muitos estados e graus de consciência dependeriam dos muitos tipos e graus de relacionamento, que, por sua vez, dependeriam dos muitos ti-

pos e graus de estrutura. Nossa consciência humana, portanto, não é diferente em espécie daquela associada às mais elementares formas de vida ou à matéria elementar, mas é diferente em grau e em nível de complexidade”

(Zohar, Apud Boff, 2000, p. 86-87)

Falando da Física Quântica Boff cita o físico Niels Böhr:

“Famosa é a afirmação de Niels Böhr: Se alguém não ficar perplexo e não se escandalizar com a física quântica, é sinal de que não entendeu nada”

(Boff, p. 84)

O ser humano, mulher e homem, nesta perspectiva quântica “estão sendo” como um ser de relações, transformando o criado em história.

“ (...) como se depreende, o ser humano emerge com um ser de relações. Ele se insere no universo das energias que se apresentam simultâneas e complementarmente como partículas e ondas; convive com esses contrários, conferindo dinamismo à sua unidade. Por outro lado, os contrários que não são contraditórios (um não anula o outro) se complementam, dando ainda maior expressão ao fluxo vital”

(Boff, 2000 – p. 89)

Não é nosso objetivo aqui discutir a questão das relações humanas/sociais, políticas, econômicas e culturais a partir da física quântica¹⁴ e da nova biologia¹⁵. Apenas, com isso, queremos

¹⁴ Autores eminentes discutem esta questão como: Berry, T. “*O Sonho da Terra*” – Vozes – 1992; Weil, P. A “*Consciência Cósmica*” – Vozes, 1978; Zohar D. “*O Ser Quântico*” – S. Paulo – 1991; Capra, F. “*O ponto de Mutação*” – São Paulo – 1986; De Chardin, Teilhard - *O fenômeno Humano* – Cultrix – 1995; ... e outros

¹⁵ A nova biologia coloca questionamentos vitais sobre a questão das relações, como: a índole (não natureza) do ser humano tende para a cooperação, construção ou para a competitividade, destruição? Não teria as “duas índoles” de uma forma contrária e complementar, não contraditória? Destacam – se no campo da nova biologia os biólogos chilenos: MARTURANA, Humberto e VARELA, Francisco, “*A Árvore do Conhecimento – As Bases Biológicas do Entendimento Humano*” - Campinas, Editorial PSY II, 1995; Assmann, Hugo, “*REENCANTAR A EDUCAÇÃO – Rumo à Sociedade Aprendiz*” – Vozes 1998.

Marcos Arruda, Economista, Rio de Janeiro, trabalha vários comentários sobre a **Economia Solidária**, a partir de Marturana e Varela.

apontar para uma visão “contrária” (não contraditória) da violência, também como “desconstituidora” das relações humanas:

“Nada mais violento que impedir o ser humano de se relacionar com a natureza, com seus semelhantes, com os mais próximos e queridos, consigo mesmo e com um ser superior. Significa reduzi-lo a um objeto inanimado e morto. Pela participação, ele se torna responsável pelo outro e con-cria continuamente o mundo, como um jogo de relações, como permanente dialogação.”

(Boff, 2000 – p. 78)

Percebemos, pois, a violência desafiando para a constituição de novas relações sociais, enquanto desconstitui essas relações. No ato de negar, afirma. Escondendo, manifesta, num jogo constante de luzes e trevas, caminhos e descaminhos, para construir novos caminhos. Aqui vale lembrar Bourdieu quando acena para desconstrução da desconstrução, como caminho permanente do construir. Mas, neste jogo dialético permanente, onde acontece uma teia infinita de relações, se fôssemos até às últimas consequências, o que não é o caso aqui, poderíamos perceber:

“ (...) nos seres vivos um sentido cada vez mais nítido. O sentido realiza-se no ato cada vez mais sofisticado de dialogação e criação. (...) Mostra uma auto – organização, uma auto – regulação e uma beleza cada vez mais grandiosas. O caos é sempre generativo e vai criando ordens cada vez mais complexas e criativas. A vida tende a criar continuamente mais vida e maior unidade holística, panrelacional; vale dizer, ela se torna cada vez mais interiorizada e assim consciente e auto – consciente. Essa criatividade se manifesta eminentemente na pessoa humana (...) o ser humano homem e mulher como criado-criador, como ser-abertura, como pessoa, como nó – de – relações, como responsável pelo seu destino próprio e dos outros e como ser de participação na construção política da história”

(Boff, 2000 – p. 88-89)

O fenômeno da violência, imediatizado num leque imenso de violências concretas, está a mostrar que uma nova ordem tem que ser implantada; que esta sociedade capitalista ocidental moderna está esgotada. A violência atual é o grito dos seres humanos, a alerta máxima: ou mudamos ou pereceremos.

O papel da violência na dinâmica cultural contemporânea nos faz ver, com clareza, o que podemos chamar de um “paradoxo”: por um lado as manifestações de vários atores sociais mostram uma grande busca de construção de um pluralismo e de um multiculturalismo, expressos em várias formas de convivência democrática, cidadã, valorizando os diferentes em suas mais diferentes formas de manifestação. Por outro, torna-se um desafio aqueles comportamentos marcadamente violentos que buscam impor suas diferenças, comprometendo uma proposta inovadora como busca de uma sociedade pacífica e acolhedora do diferente. É no seio deste paradoxo e na experiência do cotidiano que apreenderemos a lidar com esta situação. Temos assim um transfundo da violência, em que ela atua, ao mesmo tempo como ameaça à convivência democrática e como convite à construção de novas formas de convivência social, resignificando a questão da marginalidade, dando, assim, início a superação da exclusão social. Para isso, é preciso que haja, da parte de todos os que buscam construir essa nova forma de convivência social, uma nova compreensão de expressões do social, da estrutura em que está fundada atualmente esta sociedade, onde todos somos cúmplices e responsáveis:

“ Não há como pensarmos o homem ausente de sua sombra, não há como dividirmos o homem entre “bons” e “maus”. Ao contrário, é a aceitação de sua parte sombria que o conduz a viver socialmente” .

(Maffesoli, 1987 - p.28 – Apud, Gauer, 2000, p. 161)

É preciso ir além da postura do agente social que busca *integrar e incluir, o marginalizado na sociedade.*

É prática comum das organizações governamentais e não-governamentais trabalharem para *integrar, socializar, inserir e incluir* os marginalizados na nossa sociedade e no mercado de trabalho, repetindo novamente a atitude colonizadora e massificante dos que estão “no cen-

tro” com aqueles que estão na margem. Integração é a palavra mais usada. A maioria dos atores de projetos sociais, muitos sem se darem conta, querem integrar e incluir uma comunidade “marginalizada” a um centro esgotado de possibilidades, que marginalizou esta mesma comunidade e que inventou e articulou historicamente as estruturas de violência contra ela. Esse trabalho de inclusão é, no mínimo, irônico e extremamente violento. Ele não questiona o centro, fortalece o imaginário da dualidade social, legitimando e perpetuando o sistema de violência.

Para Boff, a maior violência contra a pessoa, depois de tirar a vida, é tirar-lhe a liberdade, impedindo-o de crescer em sua vocação para a abertura na relação com todas as coisas.

“(…) não há violência maior feita ao ser humano do que impedi-lo de exercer sua consciência e sua liberdade para estabelecer relações cada vez mais abertas e inclusivas. Por aí vemos o quanto devemos mudar em nossas sociedades e nos modelos de convivência para estarmos à altura da vocação humana. A luta pelos direitos humanos, na perspectiva das vítimas, é uma luta política, pois deseja erradicar as causas político-sociais que produzem a permanente violação da dignidade humana. Essa luta política inclui a gestação do homem e da mulher nova.”

(Boff, 2000 – p. 91)

b) Raízes Individuais da Violência

1. A Violência em Freud e Lorenz

Muitos atos de violência podem existir por razões subjetivas, em pessoas e grupos, mas não dissociados de um contexto social violento em que vivemos, impregnado por uma cultura da violência.

A discussão científica sobre a agressividade humana já foi quase que exaustivamente debatida por eminentes pensadores como: Freud, Einstein, Lorenz, entre outros.

Freud coloca a agressividade no contexto dramático de luta em que vive o ser humano: de um lado *Eros* como o princípio da vida e de outro o Tânatos, do grego *Thanatos*, princípio da morte. Para ele, o Tânatos exerce uma força imensa e é impossível aos humanos combatê-lo totalmente, podendo ser apenas minimizado e, de certa forma, controlado pela cultura, educação... mas não erradicado. Aparece assim, em Freud, um ser humano “quase destinado” ao jugo da violência. É uma visão próxima à da “natureza decaída” do cristianismo.

Tânatos, gênio masculino da morte, é filho de *Nix*, a noite. A mesma *Nix* gera *Apate*, o engano, *Momo*, o sarcasmo, *Éris*, a discórdia, entre outros.

Eros, o Amor, é importante observar, nas teogonias¹⁶ mais antigas, é oriundo também do Caos inicial. Outra teogonia fala de Eros nascido de um ovo criado por *Nix*. Deste ovo também surgiu *Urano* (o Céu) e *Gaia* (a Terra). Em ambas as teogonias, Eros aparece como a força irresistível e preponderante na ordem do universo. Por ele, as espécies se perpetuam e o Cosmos apresenta harmonia perene. Tudo está prenhe de Eros. É o Caos generativo da Vida, da Harmonia e da Beleza. Mas, tudo também está impregnado de Tânatos. Na luta permanente desses contrários, (não contraditórios), prevalece a índole do bem em todas as coisas. Por isso, a partir de uma visão mais otimista e real, podemos manter reservas a respeito do pensamento de Freud, quanto ao efeito irreversível de Tânatos, como diz Boff:

“Não esposamos a resignação de Freud, que, numa carta-resposta a perguntas de Einstein, de 1932, sobre a persistência da violência nas relações humanas, escreveu: “esfamiados, pensamos no moinho que tão lentamente mói, que poderíamos morrer de fome antes de receber a farinha”

(Boff, 2000 – p. 64)

Para Lorenz, a agressividade tem por finalidade proteger a vida. Mas, ela se potencializou com o uso da razão humana, passando a ser usada como força para se impor e dominar. Criou-se, assim, uma lógica própria da violência. Segundo Lorenz, desta forma como o ser

¹⁶ [Do gr. theogonía.] S. f.

Filos. Doutrina mística relativa ao nascimento dos deuses, e que freqüentemente se relaciona com a formação do mundo. (Aurélio)

humano está estruturado, ele traz consigo consideráveis fatores de violência objetiva. O ser humano pode achar outra lógica de vida, da mesma forma que criou a lógica violência.

2. Girard¹⁷ e a Hipótese do Desejo Mimético¹⁸:

Girard observa que, na raiz de tudo, está a estrutura do desejo humano, que se constitui em grande mola propulsora da busca permanente do novo, no ser humano. Mas, este desejo não existe apenas o sujeito desejante e o objeto desejado; há um terceiro elemento, que, segundo Girard, funciona como um rival. Rival, aqui, quer dizer aquele que deseja o mesmo desejo que o outro. Por isso, o desejo se torna essencialmente mimético. Os seres humanos imitam-se uns aos outros. Ele gera conflito, disputa, rivalidade. Cada um quer tomar para si só o objeto do desejo. Por isso, procura excluir aquele que também deseja a mesma coisa. Quanto maior for número de desejantes, mais o conflito se pluraliza e a violência aumenta. Quanto mais se deseja a mesma coisa, mais existe a tendência de se imitar o concorrente e mais se procura destruí-lo. O topo do mimetismo, diga-se, da violência, diz Girard, está ali onde todos os rivais se unem, contra um só, no qual todos descarregam sua violência. É a vítima. O bode expiatório. Desta forma, o desejo mimético produz vítimas em todos os lugares onde concorrem os seres humanos.

Para Girard, o processo vitimatório é extremamente fecundo: ele funda a sociedade e a cultura. Na união de todos, contra a vítima, é criada a comunidade, considerada graça alcançada pela própria vítima, que, ao morrer, produziu tal benefício. A vítima é causa do caos e da ordem de um grupo de ex-rivais, agora unidos e apaziguados, porque descarregaram sobre a vítima a sua violência. Com isso, evita-se que os rivais se destruam uns aos outros, como aparece nas tragédias gregas.

As vítimas foram mudando com o desenvolvimento do processo civilizatório. No início eram pessoas humanas, depois, animais, até que se chegou a substituir a vítima pela lei, que cria o interdito¹⁹ e a proibição. Agora não se elimina mais as vítimas, mas aplicam-se as

¹⁷ René Girard - francês - (1923) – É Professor de letras, filósofo e antropólogo. Vive nos Estados Unidos.

¹⁸ Palavra do grego que *mimesis* – imitação, imagem, representação - Pereira, 1998 p. 374.

¹⁹ [Do lat. *interdictu*.]

- Que está sob interdição; interdito. Privado de reger a sua pessoa e bens.
- Aquele que foi privado judicialmente de reger sua pessoa ou bens.

penas da lei. Por isso, onde há instituição, diz Girard, renasce sempre a violência. As inúmeras instituições sociais que se criam com a finalidade de criar comunidade, harmonia e paz, eliminam quem não se harmonizar a elas.

Criam-se com a finalidade de congregar e, para alcançar seus objetivos, excluem. Assim, proliferam-se exclusões por toda a parte.

Os mais fracos são excluídos dos bens desejados, em nome da lei. Por outro lado, os fracos e excluídos passam a se unir, como vítimas coletivas, produzindo a anti-violência mimética ou a violência dos fracos. Está formado o círculo vicioso. Girard, conclui que o desejo mimético foi um método que vem sendo usado, até então, pela humanidade, na intenção, de cada qual, de realizar seus desejos. Porém, ele acredita que pode estar próximo o momento em que a humanidade vai abandonar o desejo mimético e adotar um outro método bem mais inteligente, eficiente e eficaz: *A Cooperação Solidária*, pela qual, descobre-se que, em parceria com todos os demais desejantes, todos podem alcançar o objeto de seus desejos sem nenhum prejuízo e sem nenhuma exclusão. A Cooperação solidária estaria na oposição do desejo mimético, porque os desejantes passariam a exercer a *Compaixão*²⁰.

Portanto, as raízes pessoais ou sociais da violência não são originadas por princípios naturais imutáveis, mas por opções menos inteligentes dos seres humanos, em seu processo civilizatório. Com isso, temos motivos para crer que, de tanto experimentar métodos menos inteligentes e tão onerosos, é possível que as sociedades humanas passem a aderir mais e mais formas cooperativas e solidárias de vida, experimentando um mundo, onde os objetos desejados são em tal número, suficientes para satisfazer a todos os desejos de todos.

c. A Institucionalização da Violência e a Reprodução da Dominação

Masculina

Mais do que atos de violência, vivemos, hoje, uma estrutura de violência. Seqüestros, assassinatos, assaltos, desvios dos bens públicos, chacinas e extermínio de crianças, discrimina-

• Jur. Ação intentada com o fim de proteger a posse, e que se caracteriza por uma ordem judicial de manutenção (contra turbações), de reintegração (contra esbulhos), ou por preceito proibitório (contra violência iminente). (Aurélio, 2000)

²⁰ Do Latim, Com – Patio (pronuncia-se pácio) – isto é, sofrimento. Portanto Compaixão, em seu sentido mais amplo, significa sentir com o outro e com os outros as suas dores, alegrias, desejos...unindo, se a eles.

ção e assassinato de mulheres, estupros... não podem ser entendidos como episódios. Tudo está conectado com uma totalidade social, onde o todo produz a parte (ato violento) e a parte alimenta o todo que a produz.

Nas entranhas de nossa sociedade está impregnado um modelo predatório do ser humano, regido pelas leis do mercado capitalista neoliberal, produzindo um número de excluídos (os do lado de lá) cada vez maior. É uma estrutura social que reproduz a violência de forma continuada e permanente, em todos os campos da vida social.

O Mecanismo da Institucionalização da Violência:

O fato de identificarmos em todas as “histórias contadas” um grau maior ou menor de violência não significa que ela seja inerente e intrínseca (natural) à estrutura social.

“As histórias contadas revelam um mundo de violências e de morte, de sofrimento e privação, de infidelidade e lares desfeitos; de delinqüência, corrupção e brutalidade policial (...). Elas revelam ainda uma intensidade de sentimentos e de calor humano, um forte sentido de individualidade, uma capacidade de alegria, uma esperança numa vida melhor, um desejo de compreensão e amor, uma disposição de compartilhar o pouco que possuem e a coragem de andar para frente embora enfrentando inúmeras dificuldades por resolver”.

(Lewis, 1970 – p.12)

As “histórias contadas”, portanto, têm se apresentado carregadas de “sombras” e muitas luzes. É verdade, destarte, que a violência não é uma característica só de nossa época. A tradição greco-romana-judaico-cristã, onde a nossa cultura ocidental tem suas raízes, é carregada de violência. Nossa história brasileira é carregada de violência, perpetrada, desde seu primeiro momento, principalmente por “cidadãos portugueses”, filhos também da cultura ocidental. Se recuamos na história, veremos que nossos ancestrais, os hominídeos, sobreviveram porque se utilizaram da inteligência e de artefatos de defesa e ataque.

“Lembro aqui, como ilustração, a magnífica seqüência cinematográfica do filme 2001 – Uma Odisséia no Espaço, a seqüência inicial, que apresenta o momento em que os macacos descobrem a utilização de ossos como arma contundente, mortal e vitoriosa. Quando o macaco vitorioso lança para o alto o osso-instrumento de morte, numa linda fusão ele se transforma numa espaçonave gigantesca com a forma de um carrossel. São dois mundos que se interligam, e mesmo se fundem, numa continuidade que tem como elemento de ligação a violência”.

(Odalía, 1993 – p.13-14)

As “histórias contadas”, no entanto, têm revelado que todas as “sombras” da humanidade, que chamamos de violência, bem como as luzes, os atos de compreensão e solidariedade humana, são fruto de construções humanas, de intencionalidades de indivíduos e grupos ou de projetos sociais. A violência não é intrínseca ou natural ao ser humano. Esta questão pode tornar-se tão perigosa como a frase de Cristo “pobres sempre tereis entre vós”, usada por muitos cristãos para justificar, como natural, o fatos das pessoas estarem divididas entre ricos e pobres. Se assim fosse, poderíamos dizer também: “doentes sempre tereis”. Dessa forma, a doença seria natural e não precisaríamos lutar contra ela. Poderíamos declarar inúteis aos avanços da ciência e todos as providências que se tomam para minorar ou erradicar as doenças.

Assim sendo, vemos a violência como fenômeno que perpassa a história, mas que sempre teve características próprias de cada época, e que um dia poderá desaparecer ou, pelo menos tornar-se insignificante, quando os homens e as mulheres organizarem a sociedade de tal forma, que as pessoas sejam respeitadas nas suas diferenças.

Com base na doutrina cristã da “natureza decaída”, generalizou-se a crença, principalmente entre os cristãos, de que somos portadores, por natureza, do “pecado original”, esta tendência “inata” do ser humano que o torna propenso para o mal, para o egoísmo e para a violência. Corbisier diz:

“A primeira raiz, a raiz primordial da violência, está no próprio homem, no que poderíamos chamar de “natureza humana”.

(Corbisier, 1991, p. 212)

A violência se generaliza e nós caímos na “tentação”, como Corbisier, de nos convencer-mos que realmente abrigamos a semente da violência dentro de nós por causa de “nossa condição humana decaída”.

Podemos até admitir que nossa civilização, em geral, encontra-se numa condição humana decaída e que os homens e mulheres, considerados os mais pacíficos, são passíveis de atos violentos. Podemos também admitir que nos sentimos divididos e que lutamos freqüentemente com os sentimentos de contradição que nos habitam. Podemos também admitir que a violência dentro de nós é normalmente contida, graças à educação que recebemos e ao ambiente favorável em que nos encontramos; que teríamos mais possibilidades de exteriorizar a violência que está dentro de nós, se passássemos fome ou dormíssemos ao relento, ou então, se fôssemos torturados pela polícia. O que não afirmamos é que o ser humano seja violento por natureza, mas por ser filho de uma cultura na qual ele se constrói assim. Sabemos com segurança, hoje, que mesmo antes de nascermos já podemos sofrer os embates de uma sociedade violenta, que, muito freqüentemente começa na família.

Se “naturalizamos” as situações de violência do ser humano, não podemos ter esperanças de mudança, porque “foi e será sempre assim”. É comum a crença em tantas coisas do “é natural ser assim”. Quando, por exemplo, estudamos o desenvolvimento das idades, muitos psicólogos e pedagogos procuram nos fazer crer que é próprio do ser humano, “por natureza”, que “é assim”, etc. Na verdade, somos assim historicamente construídos.

Uma história contada por uma professora ilustra bem esta questão:

“Visitei um assentamento de agricultores no oeste catarinense, onde nove famílias vivem comunitariamente. Nesta comunidade, tudo é colocado em comum. Cada membro do grupo está a serviço de todos, naquilo que sabe fazer bem. Assim, o tratorista, a professora, a ministra do culto..., todos e todas trabalham para o bem comum. Qualquer problema é resolvido nas reuniões semanais. Ali existe o diálogo, a humildade em reconhecer as próprias falhas e o perdão. Todos e todas são valorizados (as). A renda do trabalho da lavoura é dividida igualmente entre as

famílias, segundo o trabalho de cada uma. Eles, realmente, encantam os visitantes, formam uma grande família e nem são parentes. Existem outros laços que ligam essas pessoas, mais fortes que os laços de sangue. Como professora, comecei a observar atentamente as crianças brincando: elas brincavam animadas, jogando bolinha de gude. De repente, um dos meninos abandonou momentaneamente e foi até a sala do pão. Lá, depois de uma boa negociação, conseguiu, da mulher que fazia o pão da comunidade, uma grande bolacha. Voltou rapidamente, com a bolacha na mão, contente. Era sua vez de jogar. Antes, porém de jogar, repartiu aquela bolacha entre todos os coleguinhas com quem brincava (eram em cinco), ficando para si com a parte da bolacha menor de todas. Fiquei emocionada! Comecei a imaginar como seria um episódio semelhante entre meus alunos. Porque ali é diferente e porque aquelas crianças contradizem o que pregam os psicólogos: como natural? Comentei com as pessoas daquela comunidade sobre o acontecido. Eles responderam que isso é normal entre as crianças, porque elas nasceram e cresceram neste clima.

(L. G. – Lages, 1994)

As pessoas não são simplesmente produto do meio onde vivem, mas interagem com ele, são influenciadas por ele e nele se constroem. As crianças daquele assentamento estão se construindo com base em valores diferentes daqueles apontados pelo sistema capitalista, como a competitividade e a concorrência. A escola, a família, a religião e a comunidade, ali, vivem de modo diverso de uma família exposta totalmente aos valores do capital. Nesta comunidade, não se criou um centro e uma margem, pois ninguém é excluído por ninguém, ao contrário, todos se sentem atores importantes, na construção do todo que é a comunidade. Nesta comunidade, o outro não é o concorrente, mas o parceiro, porque não há interesse em elimina-lo, mas promovê-lo.

Esta comunidade é uma pequena amostra de como as pessoas podem se construir diferentemente e que quase tudo aquilo que as pessoas denominam de “natural” é construído socialmente e, como tal, pode ser mudado. As pessoas podem trazer dentro de si a violência, por

influência de uma “cultura de violência” vivida no cotidiano; não somos nem violentos e nem pacíficos, por natureza, nos fazemos culturalmente.

Se a violência é construída por homens e mulheres, por comunidades menores e por sociedades, então, podemos dizer que a violência é social, é cultural. Para tratar do problema da violência deveremos tratar obviamente da questão da cultura e de como a sociedade está organizada. Então podemos citar algumas raízes sociais da violência, com seus mecanismos de reprodução, fazendo com que a violência se reproduza e se multiplique:

d) A “Crença Institucionalizada” de que as desigualdades sociais são necessárias e naturais

Não faltam pessoas para acreditar que tudo o que se passa na sociedade, em termos de desigualdades, é necessário e natural. A sociedade capitalista já tem uma longa caminhada de empenho em passar às sociedades a ideologia que faz acreditar ser a sociedade competitiva e desigual uma condição imprescindível para o funcionamento da sociedade: é o motor desta sociedade. Tudo isso concorre para ser visto pela maioria como necessário e sem possibilidades de mudança. Às vezes, até pode-se achar que seria possível mudar, mas “alguns já tentaram e não conseguiram. Os países socialistas tentaram e ficou pior. É natural que haja os que tem mais e os que têm menos. Muitos também não têm porque não querem trabalhar”: assim fala o “cidadão espectador”, que passa a assistir, com indiferença e naturalidade gastos astronômicos dos governos com a criação ou compra de novas armas, como “remédio” para manter a paz.

“O ato rotineiro e contumaz da desigualdade, das diferenças entre os homens, permitindo que alguns usufruam à sociedade o que à grande maioria é negado, é uma violência. São os hábitos, os costumes, as leis, que a mascaram, que nos levam a suportá-la como uma condição inerente às relações humanas e uma condição a ser paga pelo homem, por viver em sociedade. Agimos como se a desigualdade fosse uma norma estabelecida pela natureza da sociedade e contra a qual pouco é possível, enquanto o “mundo for mundo”. (...) A natureza é apenas um

disfarce, uma forma de camuflar o fato concreto de que a desigualdade nasce de uma estrutura social mutável e historicamente determinada”.

(Idem, 1993 – p. 30-31)

As desigualdades sociais, portanto, além de não serem inerentes às sociedades, impreterivelmente não precisam acontecer em todas elas. Basta que as pessoas abandonem esta crença e passem a construir-se em grupos igualitários, como aliás já existiram e existem aos milhares na história. Uma determinada sociedade é desigual porque foi construída desigual e os seus mecanismos de sustentação foram construídos para manter e reproduzir as desigualdades. Desta mesma forma podem existir – e já existiram – sociedades, onde as pessoas vivam de maneira igualitária, e suas estruturas sejam preparadas para a produção e manutenção desta igualdade.

e) O Sistema de Competitividade, que faz dos homens e mulheres mais que concorrentes

As relações sociais nas sociedades capitalistas ocidentais são cada vez mais competitivas. As instituições são preparadas para isso. O ser humano passa, não só a não se reconhecer nos demais, como também a eliminá-lo na concorrência, muitas vezes é a alternativa de sobrevivência. Com o capitalismo, a partir da Revolução Francesa, sob o lema de que “todos são iguais perante a lei”, o indivíduo ficou, de repente, só, à mercê das forças do capital, numa luta em que poucos podiam sobreviver. Os mais fortes passaram a subjugar os mais fracos, como se isso fosse a “lei natural” A lei darwiniana da seleção natural serviu, bem mais tarde, para justificar o processo violento de um sistema chamado capitalista, que tem a competitividade como elemento inerente ao seu funcionamento.

É a institucionalização da luta de todos contra todos. No plano político, econômico e social, em todas as dimensões da vida social, instala-se a lei de competitividade. O que passa a valer como norma “natural” é “vencer na vida”; para isso, é preciso deixar muitos para trás. A sociedade capitalista burguesa avançada torna-se uma sociedade da luta e da guerra, onde a

violência é regra em detrimento da cooperação solidária, que causa admiração, por ser uma exceção.

“Há alguns anos, nas Olimpíadas especiais de Seattle, também chamadas de Paraolimpíadas, nove participantes, todos com deficiência mental ou física, alinharam-se para dar largada na corrida dos cem metros rasos. As sinal, todos partiram, não exatamente em disparada, mas com vontade de dar o melhor de si, terminar a corrida e ganhar. Todos, com exceção de um garoto que tropeçou no piso, caiu rolando e começou a chorar. Os outros oito ouviram o choro, diminuíram o passo e olharam para trás. Viram o garoto no chão, pararam e voltaram. Todos eles! Uma das meninas, com Síndrome de Down, ajoelhou-se, deu um beijo no garoto e disse: “Pronto, agora vai sarar”. E todos os nove competidores deram os braços e andaram juntos, até a linha de chegada. O estádio inteiro levantou e não tinha um único par de olhos secos. As pessoas que estavam ali, naquele dia, repetem esta história até hoje. Por quê? Porque, lá no fundo, nós sabemos que o que importa nesta vida é mais que ganhar sozinho. O que importa é ajudar os outros a vencer, mesmo que isso signifique diminuir o passo e mudar de curso”.

(Autor desconhecido)

Esse sistema institucionalizado legalizou e legitimou a competição. As pessoas passaram a fazer dela a regra de suas vidas. O caso de Seattle é lembrado, quem sabe, como uma nostalgia de um mundo que habita o imaginário de milhões de pessoas, mas que só acontece de forma fragmentária e excepcional. Neste imaginário está inscrita, talvez, uma sentença que decreta ser impossível um mundo assim, porque desde que “o mundo foi mundo” não foi assim e jamais será; que este mundo imaginário habita só os nossos sonhos, pois o natural é o competitivo. Em nossa sociedade, o relacionamento entre as pessoas é mediatizado por fatores independentes de nossa vontade individual. As pessoas passam indiretamente a produzir certos resultados que elas mesmas pessoalmente detestam, e que às vezes nem têm consciência que estão produzindo.

Por exemplo, quando alguém vai fazer vestibular ou qualquer outro concurso, para vencer é necessário eliminar outras pessoas. As regras do jogo dizem que tem que ser assim. Se não aceitar que seja assim, a pessoa está fora. Desta forma, ao estarmos dentro da engrenagem capitalista, alimentamos permanentemente a miséria institucionalizada de milhões de pessoas, o sofrimento, a indiferença, a competitividade, a marginalização, entre outras coisas. Isto acontece, não porque as pessoas sejam más e queiram produzir o mal, mas porque esta sociedade está estruturada para produzir a competição, o sucesso individualista, a eliminação do mais fraco. Muitas pessoas, ao tomarem uma certa consciência desta realidade, se angustiam porque se vêem contribuindo efetivamente para produzir uma sociedade que elas detestam. Ao olhar na televisão as cenas de violência, podem até se sentir co-autoras destas cenas. A sociedade como um todo, ao fazer parte desta engrenagem capitalista, está contribuindo para que ela se fortaleça e para que a violência prospere. Por isso, de uma forma ou de outra, o cidadão tem tudo a ver com a situação de violência em que estão envolvidas as cidades, as comunidades.

“A cultura da cooperação e da solidariedade é também a cultura do amor. Não “caridade”, não enamoramento, não paixão instintiva, mas o fenômeno natural e biológico do amor – “A condição dinâmica, espontânea de aceitação, por um sistema vivo, de sua coexistência com outro(s) sistema(as) vivo(os) (...), o fundamento do fenômeno social e não sua consequência, o fenômeno biológico que nos permite escapar da alienação anti-social criada por nós através de nossas racionalizações”. Maturana, 1997: 184-185) Este biólogo chileno tem convicção – e eu a compartilho com ele – de que “a competição é anti-social (...) implica a negação do outro (...) A competição nega o amor. Membros das culturas modernas prezam a competição como uma fonte de progresso. Eu penso que a competição gera cegueira, porque nega o outro e reduz a criatividade, reduzindo as circunstâncias de existência. A origem antropológica do homo sapiens não se deu através da competição, mas sim através da cooperação, e a cooperação só pode ser dar como uma atividade espontânea através da aceitação mútua, isto é, através do amor”

(Arruda, 2000 – p. 2)

O mundo capitalista moderno é gerador permanente de violência; violenta é a sua estrutura básica, e é dessa violência que ela se nutre e prospera.

f) As Leis Que “Legitimam” um Estado de Violência

A estrutura social violenta não se mantém e se reproduz só por parecer necessária à dinâmica social é à sobrevivência das pessoas, mas são criadas para regular as pessoas na esfera pública, mas também na vida privada. Se todos vivem em sociedade, obviamente é necessário que esta sociedade tenha leis que regulem e organizem a vida coletiva. Elas passam a estabelecer o permitido e o proibido. No entanto, é preciso chamar a atenção para o fato de que estas leis não caem do céu. Elas são um produto social. Mas, quais são os grupos sociais que fazem, aprovam e fazem cumprir as leis? Olhando o panorama de nossa história ocidental, vale dizer que leis de uma época são elaboradas de acordo com a estrutura política e social daquela época; vale dizer também que frente a uma estrutura social violenta, as leis daquela sociedade podem e, com certeza contribuirão para a “legitimação” da violência daquela sociedade.

“Toda a legislação moderna que tenta coibir a violência não tem alcançado seus objetivos. A língua geral da lei parece não ecoar na violência da sociedade contemporânea. É como se fosse uma visitante recém-chegada a uma cidade que desconhece totalmente seu significado. (...) Todo o aparato legal destinado a coibir, regenerar e salvar a sociedade desse pesadelo pode ser comparado aos objetos que não dialogam com a violência coletiva, que parece buscar o caos primordial que encontramos nas mentalidades revolucionárias”

(Gauer, 2000 – p. 15-16)

Essas afirmações não querem ignorar a luta de milhares de pessoas para implantar leis mais justas e que contribuam – e podem contribuir - para mudar um sistema injusto de uma determinada sociedade.

Sejam as Ordenações Filipinas²¹, as Constituições brasileiras ou o Código brasileiro de menores,

Se tomo o conjunto das leis de um país, em seu desenvolvimento histórico, percebo que, a cada um dos momentos históricos, esse conjunto de leis é a forma explícita da institucionalização da violência – não fora assim, não haveria evolução das formas jurídicas de um país. As leis consagram os limites da violência permitidos a cada sociedade. A lei dificilmente é uma prospecção no futuro – sua função, ao contrário, parece ser o da conservação, de sedimentação dos limites mínimos toleráveis por uma determinada estrutura de sociedade. Quando elabora a lei do salário mínimo em lugar de uma lei que acabe com a miséria e com a fome, não quer dizer que com esse procedimento se desconheça a diferença entre uma e outra.

Odalia, 1983 – p. 37)

O Estatuto da Criança e do Adolescente, lei federal N° 8.069/90, que regulamentou o artigo 227º da Constituição Federal, é uma lei peculiar, enquanto dá um salto qualitativo, objetivando mudanças substanciais na estrutura social brasileira, substituindo o Código de menores, criado pela lei federal 6697, de 1979, que legitimou um alto grau de violência contra as crianças e adolescentes, a começar por seu próprio nome, que estigmatizou a palavra “menores” como sinônimo de crianças pobres – menor carente, menor infrator – menor abandonado. O Código de menores, por sua vez, já era filho do SAM – Serviço de Assistência ao Menor, órgão do Ministério da Justiça, criado em 1942. Correcional e repressivo, foi apelidado pela opinião pública da época como universidade do crime e sucursal do inferno. Assim, a lei brasileira veio legitimando, sustentando e até criando, formas de violência que, de certa forma, explicam a situação de violência que vivemos hoje.

²¹ “Vale lembrar que as Ordenações Filipinas foram o diploma sistematizador do direito português (também brasileiro) que mais tempo esteve em vigor: de 1603 a 1867, em Portugal e até 1916 no Brasil. (...) As Ordenações Filipinas ficaram marcadas na história do direito luso-brasileiro pelo excesso de violência, caracterizadas pelo amálgama de concepções religiosas e seculares”. (Da Silva, 2000 p. 96-97).

O Estatuto da Criança e do Adolescente só passou pela aprovação do Congresso porque para isso fizeram pressão alguns milhões de brasileiros. Foi uma lei “construída a partir da rua” com a participação de milhares de pessoas.

Culmina-se esse trabalho de rua com a criação do Movimento Nacional dos Meninos e Meninas de Rua, 1985. Foram organizadas comissões locais, estaduais e nacionais. Em 1986, realiza-se em Brasília o Iº Encontro Nacional dos MMR. Os meninos e meninas discutem saúde, família, trabalho, escola, sexualidade, direitos. A palavra violência estava sempre presente. Há muitas denúncias de injustiças no campo e na cidade. Organiza-se uma grande articulação nacional para colocar os direitos da crianças e adolescentes na Constituição Nacional. Destacam-se:

- A Frente Nacional de Defesa do Direitos das Crianças e Adolescentes;
- A Pastoral do Menor;
- O Movimento Nacional dos Meninos e Meninas de Rua;
- A Comissão Nacional Criança Constituinte;
- Milhares de outros movimentos, grupos e entidades.

Aconteceram centenas de encontros nacionais, debates estaduais e locais, mobilizações em todos os níveis, assinaturas, panfletos, etc. Um grande número de assinaturas de crianças e adolescentes exigia dos parlamentares constituintes a introdução de seus direitos na nova carta.

Duas emendas de iniciativa popular, com mais de 200.000 assinaturas, foram apresentadas aos constituintes para eleger a Criança e o Adolescente como Prioridade Nacional.

Surge, assim, o Art. 227º da Constituição Federal de 1988. Organiza-se imediatamente o Fórum Nacional Permanente de Entidades não-governamentais de Defesa dos Direitos das Crianças e dos Adolescentes. Milhares de encontros, congressos e seminários se sucederam em todo o país. Milhares de sugestões foram chegando para a elaboração da regulamentação do Art. 227º, que é o Estatuto da Criança e do Adolescente.

O Estatuto da Criança e do Adolescente é peculiar enquanto lei que vem questionar e exigir uma mudança radical em estruturas sociais importantes, embora não questione em si o sistema capitalista em sua raiz. Dentre as principais inovações trazidas pelo ECA, destacamos a consideração da criança e do adolescente como prioridade absoluta, cidadãos plenos e sujeitos de direitos. São abolidas as palavras “menor, menor carente, menor infrator”. De marginais e bandidos, passam a ser considerados cidadãos plenos, que podem estar em situação de risco e, por isso mesmo, merecem, por direito, cuidado, respeito e atenção.

O ECA é inovador quando trata dos direitos à liberdade, vida, saúde, respeito, dignidade, educação, cultura, lazer, proteção no trabalho e convivência familiar e comunitária. O ECA merece uma atenção maior por que seus 267 artigos vêm contrapor-se a uma cultura social e familiar de séculos. E, igualmente, porque é a única lei federal que “nasceu a partir da rua” e reflete bem as aspirações daqueles que vivem “do lado da margem”, isto é, propõe erradicar os principais mecanismos de violência familiar e social.

Por ser tão inovador, o ECA já sofreu muitos golpes nesses quase onze anos de existência. Os parlamentares, com certeza, não tinham consciência plena do que estavam aprovando. Prova disso é o fato que muitos daqueles que o aprovaram são hoje a favor de sua modificação. Outros tantos procuram, como dizem, “adaptar” o ECA à realidade brasileira, isto é, “amoldar” esta lei às estruturas sociais vigentes, que não a suportam, porque ela, na raiz, elege a criança e o adolescentes objetos de tanto autoritarismo, como sujeitos prioritários no respeito, no atendimento social, no tratamento pessoal.

Mas, a realidade brasileira continua violenta, e, segundo o Fantástico de 19/11/2000, nos últimos três anos triplicaram os roubos, assaltos e homicídios praticados, segundo eles, por “menores”, da classe pobre, média e alta. O ECA exige uma mudança geral da cultura brasileira da violência.

“ Vivemos, hoje, a falência bastante visível de um modelo de Brasil no qual era possível encobrir o potencial de violência presente em nosso cotidiano social com o recurso simbólico a imagens construídas a partir de diferentes materiais, todas,

porém, falando de uma certa “docilidade” e de um “encanto” “nacionais”. Com o colapso do populismo nos anos 60 e com a crise do modelo autoritário de poder a partir dos anos 70 (...), o vigor da violência física e simbólica presente na sociedade brasileira afirmaram-se radicalmente. Segue daí que a imagem do “paraíso tropical”, marcado pelo pacifismo de um povo que, inimigo “por natureza” da violência, encontrava na “malandragem” e no “jeitinho” um modo de se situar em meio ao difícil cotidiano nacional, não mais se sustenta.

(Pereira, 2000 – p. 126)

O ECA exige a mudança de uma cultura da violência para uma cultura do respeito à dignidade dos diferentes. Por isso, ele sofre muitas resistências num país que vê desmentida sua fama de um “país tradicionalmente pacífico”.

g) O Sistema Educativo Escolar Combate a Violência?

Impressionava os colonizadores a liberdade que gozavam as crianças indígenas. Para as nações indígenas, as crianças gozavam de plenos direitos e deviam ser respeitadas em suas aspirações. Havia harmonia entre pais e filhos, sem medidas enérgicas ou castigos corporais. O trânsito delas era livre entre os adultos. Seus pedidos eram ouvidos e necessidades respeitadas.

Essa concepção educativa era contrária aos padrões europeus e era tida como carência de educação pelos colonizadores. Aos poucos, os religiosos abandonam a educação dos índios e assumem cada vez mais colégios para a classe senhorial em formação.

É importante observar que, por influência da miscigenação racial e do contato constante com as raças indígena e africana, os adultos brasileiros acabam adotando uma atitude de muita condescendência para com seus filhos, criando-os em regime de plena liberdade. Os europeus estranhavam esse tipo de educação liberal.

Os educadores europeus, tanto leigos como religiosos, lastimavam essa liberdade infantil, procurando impor de todas as formas padrões educacionais coercitivos. Ina Von Binzer, uma alemã, em 21 de Fevereiro de 1882 escrevia para uma amiga:

*“Imagine isto: outro dia, ao entrar na classe, acheia-a muito inquieta e barulhenta. Quando obtive silêncio para poder ser ouvida, ordenei: levantar, sentar cinco vezes seguidas, o que no nossa país nunca deixa de ser considerado vergonhoso para uma classe. Mas aqui, **oh sancta simplicitas!** –, quando cheguei a fazer-lhes compreender o que delas esperava, as crianças estavam tão longe de imaginar que aquilo representasse um castigo, que julgavam tratar-se de uma boa brincadeira, e pulavam perpendicularmente como um prumo, para cima e para baixo, divertindo-se regimente. (...) Reconheço ser indispensável adotar-se uma pedagogia aqui, mas ela deve ser brasileira e não alemã, calcada sobre moldes brasileiros e adaptada ao caráter do povo e às condições de sua vida doméstica. As crianças brasileiras em absoluto não devem ser educadas por alemães; é trabalho perdido, pois o enxerto de planta estrangeira que se faz à juventude, aqui, não pegará.*

(Azzi, 1992 – p. 60-61)

Essas rápidas lembranças históricas podem ilustrar uma educação geralmente bastante autoritária, sob o regime europeu. Este educação produz a violência, não só porque legitima e sustenta as estruturas de uma sociedade violenta, mas porque também desconsidera a cultura brasileira, impondo padrões europeus e americanos no modo de ensinar. Desconsidera quase sempre as culturas regionais e ensina a partir de uma realidade alheia ao aluno.

Desta forma, a educação tem sido alheia à realidade, principalmente das crianças e adolescentes mais pobres, fazendo com que recebam o estigma de “crianças e adolescentes problema”, quando não de “burros”. Experiências educativas inovadoras com crianças e adolescentes, vítimas de violência social e familiar, têm demonstrado que a experiência de violência, aliada a uma escola que não leva em conta as realidades pessoais e individuais, produz

nas crianças e adolescentes bloqueios na aprendizagem. Mas, quem convive percebe que são bloqueios apenas, pois eles tem mostrado inteligência brilhante no cotidiano de suas ações.

Quando trabalhado por experiências inovadoras extra-curriculares, reagem logo, mostrando diferenças na escola formal e causando, muitas vezes, espanto em professores mercenários, que povoam nossas escolas. A violência escolar que desconsidera as realidades individuais, além de discriminar as dificuldades na aprendizagem, provoca tédio, quando não rejeição, nessas vítimas, que acabam encontrando no caminho das ruas a ilusão de serem livres. Daí para o mundo das drogas, do roubo e do homicídio, é não raro um passo.

“A Escola, mesmo quando já liberta da tutela da Igreja, continua a transmitir os pressupostos da representação patriarcal (baseada na homologia entre a relação homem/mulher e a relação adulto/criança) e sobretudo, talvez, os que estão inscritos em suas próprias estruturas hierárquicas todas sexualmente conotadas, entre as diferentes escolas e as diferentes faculdades, entre as disciplinas “moles” ou “duras” (...) De fato, toda a cultura acadêmica, veiculada pela instituição escolar, que, em suas variáveis tanto literárias ou filosóficas, quanto médicas ou jurídicas, nunca deixou de encaminhar, até época recente, modos de pensar e modelos arcaicos (tendo, por exemplo, o peso da tradição aristotélica que faz do homem o princípio ativo e da mulher o elemento passivo”.

(Bourdieu, 1999 – p. 104)

A escola universitária também tem preparado profissionais que extorquem violentamente os cidadãos. São preparados para competir e “ganhar dinheiro”. A Universidade, portanto, de forma geral, é uma escola, por excelência, enquanto prepara cidadãos que se colocam numa permanente posição de competir e ganhar dinheiro, eliminando concorrentes.

h) A Violência é Reproduzida e Sustentada pelo Estado Burguês

Podemos dizer que o Estado é uma superestrutura que expressa a estrutura econômica e social em que se fundamenta, e da qual é institucionalmente a expressão. Ao defender o “absoluto e sagrado direito de propriedade”, o Estado articula-se em seus mecanismos de poderes, uma complicada engrenagem da máquina burocrática, com seus dispositivos ideológicos e com as “forças armadas”. O Estado burguês tem se identificado com a classe dominante, pois, tem sido expressão de seu poder político, social, econômico e cultural. Este Estado fundamenta-se na institucionalização da opressão, como meio para garantir a exploração econômica e social.

Embora não tenha desenvolvido a questão do fenômeno da violência, em sua sociologia compreensiva, Weber deixa claro que o Estado é o domínio do homem sobre o homem, baseado nos meios de violência legítima, isto é, supostamente legítima.

Marx e Engels também vêem o Estado burguês como instrumento de violência sob o comando da classe dominante, embora preconizem o uso da contra violência, na revolução, para o estabelecimento da ditadura do proletariado, o que seria outra forma de governo não mais pela violência mas pela hegemonia dos trabalhadores assegurada via consenso social, ou seja, em aliança com outras frações dessa mesma classe. O termo “ditadura do proletariado” deve ser lido, naturalmente, com outra conotação neste início de milênio, absorvendo-se as lições trazidas por Rosa Luxemburgo e Antonio Gramsci a respeito.

Arendt, diferentemente de Marx, Engels, e Weber, separou poder e violência. Para ela, o poder é inerente a qualquer comunidade política, pois resulta da capacidade humana de agir em conjunto. Para Arendt, a violência destrói o poder, embora no poder esteja presente um grande perigo de se passar para o reino da violência. Arendt reconhece que:

“Quanto maior é a burocratização da vida pública, maior será a atração pela violência. (...) Mais uma vez, não sabemos aonde estes desenvolvimentos podem nos conduzir, mas sabemos, ou devíamos saber, que cada diminuição no poder é um convite à violência – quando menos já simplesmente porque aqueles que detém o poder e o sentem escapar de suas mãos, sejam eles os governantes ou os governados, têm sempre achado difícil resistir à tentação de substituí-lo pela violência”.

(Arendt, 2000 – p. 60)

Arendt fala de “homens transformados em galinhas ou ratos”, governados por uma elite e conclui ser inevitável a violência nas sociedades modernas:

“Os processos de desintegração, que se tornaram tão evidentes nos anos recentes – o declínio dos serviços públicos: escola, polícia, correio, coleta de lixo, transporte etc.; a taxa de mortalidade nas estradas e os problemas de tráfego nas cidades; a poluição do ar e da água – são os resultados automáticos das necessidades das sociedades de massa, que tornaram incontrolláveis. (...) No ocidente, tornar possível o governo representativo quando a democracia participativa não poderia sê-lo, pois não há lugar para todos na sala”.

Idem, p. 61)

A “ordem” que os Estados dizem defender não vai além de um eufemismo, mas, na realidade, busca assegurar, em última análise, a preservação dos interesses da classe dominante e masculina. Por isso, o estado reproduz um estilo de vido repressor, masculinizante e frio, em relação aos cidadãos.

“(...) o papel do Estado, que veio ratificar e reforçar as prescrições e proscricões do patriarcado privado com a de um patriarcado público , inscrito em todas as instituições encarregadas de gerir e regulamentar a existência cotidiana da unidade doméstica. Sem falar nos casos extremos dos Estados paternalistas e autoritários (...) realizações acabadas da visão ultraconservadora que faz da família patriarcal o princípio e modelo da ordem social como ordem moral, fundamentada na preeminência absoluta dos homens em relação às mulheres, dos adultos sobre as crianças e na identificação da moralidade com a força, da coragem com o domínio do corpo, lugar de tentações e desejos, os Estados modernos inscreveram-se no direito de família , especialmente nas regras que definem o estado civil dos cidadãos, todos os princípios fundamentais da visão androcêntrica”.

(Bourdieu, 1999 – p. 105)

Por isso, nos Estados burgueses existe uma “violência prévia e implícita” destinada a defender os interesses da classe masculina (ainda dominante). Há uma articulação quase congênita, bem sólida, escondida, entre os vários mecanismos de reprodução da violência masculina, numa sociedade masculina. Esta “constelação de instituições reprodutoras” têm sido responsáveis pela reprodução de um masculino, desumanizado e repressor, ao longo dos séculos, começando no neolítico.

i) A Violência que é Gerada e Sustentada pelos Meios de Comunicação Social

Os meios de comunicação social poderiam ser um poderoso instrumento a dar visibilidade, na cena pública, aos inúmeros grupos sociais, valorizando as diferenças culturais, contribuindo para a articulação das mesmas, em busca de mais cooperação para a construção de vida cidadã para todos. Mas, ao contrário, eles, em geral, reforçam e legitimam o processo de exclusão social. A violência, hoje, está conjugada a expressões estéticas criadas que se constituem produtos culturais – mercadorias à disposição de ávidos consumidores.

“Este procedimento se apoia no poder de fascinação da violência, que é potencializado por sua espetacularização, podendo alterar os sentidos iniciais das manifestações, bem como tornar os indivíduos menos sensíveis às diferentes realidades expostas. Ela – a violência – se torna mais um (entre tantos) produto consumível, assimilável, ao ser submetida aos procedimentos da repetição midiática. Os clamores por menos violência na mídia dizem respeito àquela violência chocante, não atenuada e suavizada por retoques e disfarces, explicitando formas e práticas classificadas como bárbaras e cruéis. Enquanto esta pode ser até banida da exposição da tela, aceita-se como fruição prazerosa uma outra violência estilizada (...)”

(Pereira, 2000 – p. 18)

Além de causarem o sensacionalismo, os MCS estão sendo, nas sociedades ocidentais, poderosos instrumentos a serviço do sistema que gera violência, legitimando-o e sustentando-o. Mas não é só isso: os próprios MCS tornaram-se empresas poderosas dentro do sistema vi-

gente, buscando sempre mais eliminar os concorrentes e gerar muitos lucros. Essas empresas buscam o disfarce ideológico de si mesmas, gerando violência e fazendo-se passar como “vanguarda na luta contra a violência”. A mesma TV, por exemplo, que apresenta uma notícia de assassinato, assalto ou roubo, condenando-o perante o público, passa, minutos depois, um filme que ensina a assaltar, roubar e matar.

Constatamos também, atualmente, uma quase obsessão dos MCS pela violência. Ela passa a se constituir em uma das mais importantes mercadorias para o rádio, televisão e jornais e cinema. Há uma enxurrada de notícias diuturnamente de “casos violentos” acontecidos tanto na esfera pública como na esfera privada da sociedade; em todos os *locus*, isto é, tanto nos centros urbanos, como nas favelas, nos meios políticos, governamentais, nos estádios, nas ruas, nos estabelecimentos de ensino, em toda parte. Os casos de violência mais clamorosos, em tempos passados, comentados por muito tempo, viraram rotina. E essa prática, pela banalização, visa anestesiar o “consumidor”, que passa a ver essas muitas modalidades de violência como algo “normal” e “inescapável”.

Os casos de violência nos causam medo e nossa atitude primeira é de julgamento e negação desta realidade. Rifiotis nos adverte:

“(…) de um ponto de vista mais amplo, acreditamos que, ao invés de negarmos a sua presença e a repudiarmos como um fantasma, deveríamos procurar compreender como ela se inscreve nas relações sociais e no nosso imaginário. Essa atitude reflexiva poderia contribuir para um melhor conhecimento de nossa sociedade, e também para a modulação da própria violência. (...) Assim, abandonando uma atitude meramente normativa, passamos a compreender melhor as motivações dos atos que estamos analisando, e podemos alcançar a complexidade dos dilemas que enfrentamos cotidianamente” .

(Rifiotis, 1996 – p. 27 e 30)

O que os MCS fazem bem é criar o sensacionalismo, identificando um culpado imediato, contra o qual se dirigem todos os sentimentos de raiva e indignação. Assim, a cada novo

caso ou situação de violência, os radiouvintes, telespectadores ou leitores vão identificando os “culpados” e os “inocentes”, colocando-se eles próprios, obviamente quase sempre, ao lado dos “inocentes”. As causas geradoras ficam ocultas, gerando mais e mais violência, a gosto dos MCS, que lucram mais e mais.

J) Igreja Cristã: Uma História de Violência, em Nome do Mestre da Paz

A Igreja Cristã, a exemplo de seu fundador, foi inicialmente formada a partir da margem, desde este lugar de marginalizados floresceu e, nos três primeiros séculos encantou a humanidade pela sua cultura de cooperação e mesmo pelo *modus vivendi* totalmente fundado na partilha dos bens e da vida, como diz Gramsci:

“A história do cristianismo primitivo oferece curiosos pontos de contato com o movimento operário moderno. Como este, o cristianismo era, na origem, o movimento dos oprimidos: apareceu inicialmente como a religião dos escravos e dos libertos, dos pobres e dos homens privados de direitos, dos povos subjugados ou dispersos por Roma. (...) Ambos são perseguidos e acossados, seus seguidores são proscritos e submetidos a leis de exceção, uns como inimigo do gênero humano, outros como inimigos do governo, da religião, da família, da ordem social. E apesar de todas as perseguições, e, mesmo diretamente servidos por elas, um e outro abrem seu próprio caminho vitoriosa e irresistivelmente. Três séculos depois de seu nascimento, o cristianismo é reconhecido como religião de Estado do Império Romano (...).

(Portelli, 1984 – p. 47)

A partir do Século IV, passa a haver uma grande cisão entre a igreja hierarquia e igreja comunidade. A igreja hierarquia e parte da igreja comunidade passam a viver a partir do centro, assumindo progressivamente os valores do centro e compactuando com ele. Ao longo da Idade Média, somente uma parte desta igreja permaneceu calcada nos ideários da igreja original ou primitiva.

Esta igreja a partir do centro passa a viver em “estreita colaboração” com o poder político. O político usa a igreja e a igreja usa o político. O proibido ou permitido na ordem religiosa é também na civil. A autoridade civil passa a receber “uma auréola sagrada”: A Igreja faz crer que o soberano recebe sua autoridade imediatamente de Deus. A imagem divina dos reis chegou a tal nível, que muitos doentes vinham de longe à corte, esperando a cura somente com o tocar a pessoa do rei. Por seu lado, o rei defende e promove a religião. Os delitos cometidos contra a religião tornam-se delitos contra o Estado.

Sua longa viagem pelos caminhos do poder e das políticas que se sucederam na Europa fizeram desta igreja, cúmplice, co-autora e reprodutora de violência, chegando a um nível tal que até hoje é causa de escândalo para a humanidade. Não nos interessa aqui fazer um apanhado histórico abrangente, mas apenas referenciar algumas situações histórias mais significativas de violência causada ou apoiada pela igreja.

Inicialmente, o sistema de exploração econômica e repressão social implementados por Constantino, imperador romano, e por seus sucessores, antes sofrido pelos cristãos, agora são estes mesmos cristãos que apoiam o imperador nesta empresa. São também muitas as guerras, durante toda a Idade Média, que a Igreja apoiou ou que ela mesma empreendeu, como o caso das Cruzadas: foram 196 anos de permanente empreendimento guerreiro contra o Islã.

“Depois do Edito de Milão, o cristianismo sofre uma transformação profunda, consequência da modificação de suas relações com o aparelho de Estado imperial: de ideologia das classes subalternas, o cristianismo se torna a concepção de mundo oficial do império; de organização de massa não violenta, a Igreja se torna aliada do império, seu sustentáculo ideológico. O movimento de resistência não violenta dá lugar a um aparelho ideológico que, doravante, utilizará a ajuda do braço secular para vencer seus adversários. (...) A consequência do Edito de Milão foi neutralizar as classes subalternas”.

(Idem, p. 52-53)

Com base no princípio dos delitos religiosos serem também delitos contra o Estado, é que as autoridades religiosas tinham o braço armado do Estado à sua disposição para a aplicação das penas no período da tristemente famosa Inquisição, que teve início na Idade Média e entrou na Idade Moderna, perseguindo milhares de pessoas, condenando umas ao suplício, matando muitas outras, na Europa e nas Américas, e se apropriando de uma fabulosa riqueza material que constituiu parte da acumulação de capital que permitiu o expansionismo colonial português por toda a face do planeta.

A Igreja do antigo regime, portanto, apoiou e ajudou a construir uma “cultura de opressão e violência” contra milhares de pessoas, principalmente os camponeses e pobres das cidades emergentes.

O trabalho de assistência passou a ter na igreja um caráter secundário; ela é um controle da igreja sobre as classes populares, como se refere Gramsci:

“Quando se exalta a função da Igreja na Idade Média em favor das classes inferiores, esquece-se simplesmente uma coisa: que tal função não estava ligada à igreja como expoente de um princípio religioso moral, mas à igreja como organização de interesses econômicos bastante concretos, que devia lutar contra outras ordens que pretendiam diminuir sua importância. Logo esta função foi subordinada e incidental: mas os camponeses não eram menos espoliados pela igreja do que pelos senhores feudais”.

(Idem, p. 59)

Na América do Sul e Central, a Igreja, articulada com os impérios português e espanhol, participou ativamente da devassa dos índios e, em seguida da escravidão negra. Os povos da América conheceram o chamado “cristianismo de conquista” ou “cristianismo guerreiro”, como era denominado entre os portugueses e espanhóis. Já na América do Norte e em grande parte da Europa, o cristianismo protestante passa a apoiar o sistema econômico capitalista burguês e mesmo a resignar-se nele. A *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* de Weber, tem como objetivo refletir esta relação.

As Igrejas apóiam e geram violência quando passam, na era moderna e atualidade, a conviver pacificamente com o sistema capitalista burguês avançado e intrinsecamente violento porque assenta suas bases na exploração e mesmo na eliminação dos concorrentes.

As Igrejas Cristãs, herdeiras do patriarcalismo judaico e do dualismo grego, negaram, por séculos uma “corporeidade” vivida na alegria e na aceitação do prazer como dom da vida. Impuseram, sim, um pesado fardo de violência simbólica e material na “consciência” de milhões de pessoas, que passaram a vida aterrorizadas pelo medo do pecado e da condenação eterna. Violenta ainda é a Igreja Católica que nega a corporeidade plena, negando a participação plena da mulher, simplesmente por ser mulher.

“Quanto à Igreja, marcada pelo antifeminismo profundo de um clero pronto a condenar todas as faltas femininas à decência, sobretudo em matéria de trajés e a reproduzir, do alto de sua sabedoria, uma visão pessimista das mulheres e da feminilidade, ela inculca (ou inculcava) explicitamente uma moral familíarista, completamente dominada pelos valores patriarcais e principalmente pelo dogma da inata inferioridade das mulheres. Ela age, além disso, de maneira indireta, sobre as estruturas históricas do inconsciente, por meio, sobretudo da simbólica dos textos sagrados, da liturgia e até do espaço e do tempo religiosos (marcado pela correspondência entre a estrutura do ano litúrgico e a do ano agrário)”.

(Bourdieu, 1999 - p. 103)

Podemos, então, perguntar, com milhões de cristãos que estão na margem, e com aqueles que, antes do centro, passam a optar por construir um mundo não violento, a partir da margem:

“Mas, há um ponto que me interessa de forma particular e que constitui uma grande interrogação. Sem cair na xenofobia, pode-se perguntar: é possível uma revitalização do cristianismo a partir do “Centro” ? Penso que o que faz a história é a irrupção do novo. Ora, a história da capitalismo é a repetição mesmo, do idêntico com nomes diferentes – progresso, civilização, desenvolvimento. O novo só pode irromper a partir da vítima, do espoliado (do elo fraco da corrente, como

fala Marcuse), daquele que “estruturalmente” não tem interesse na reprodução do mesmo”.

(Idem, p. 7)

k) A Família, Reprodutora por Excelência da Dominação Masculina e da Violência

Como vimos, as leis, as igrejas, os meios de comunicação, as escolas, o Estado...reproduzem a ideologia da dominação masculina e da violência. A família, como vai dizer Bourdieu, é um lugar por excelência dessa reprodução.

“O trabalho de reprodução esteve garantido, até época recente, por três instâncias principais, a família, a Igreja e a escola, que, objetivamente orquestradas, tinham em comum o fato de agirem sobre as estruturas inconscientes. É, sem dúvida à família que cabe o papel principal na reprodução da dominação e da visão masculinas, é na família que se impõe a experiência precoce da divisão sexual do trabalho e da representação legítima dessa divisão, garantida pelo direito e inscrita na linguagem”.

(Bourdieu, 1999 – p. 103)

Desde a primeira infância, os indivíduos na família, em geral, são “treinados” para a aceitação do poder. Por isso também, é tão necessária a presença de uma autoridade paterna para o funcionamento da família. É nesta dinâmica da experiência de crescer sob uma autoridade familiar que se prepara as pessoas para a aceitação do poder do Estado, da Igreja e outras instituições, sem muito questionamento. Além, desta autoridade paterna, talvez, mais incisivo ainda tenha sido o papel da materno, na reprodução da dominação, quando, numa sociedade androcêntrica, a mãe (professora, catequista, e tantas outras profissionais) passa a educar as crianças do ponto de vista dos valores do homem.

“A família existe não só para garantir a reprodução da sociedade burguesa através da difusão do autoritarismo, mas também para manter funcionando – a propriedade privada. O Papel da família é tão forte neste sentido que seus membros acabam por

se julgar proprietários uns dos outros. Adquire-se o mesmo medo compulsivo de perder o outro, menos pela necessidade do amor e mais pela “tranqüilidade psicológica” que ser proprietário (ou a propriedade) nos dá ... (...) é mais fácil libertar-se do lucro financeiro que do lucro amoroso, no capitalismo (...) Tragicamente, o ser humano se habituou a viver migalhas de amor, porque na sociedade capitalista há uma regra infalível: quem ama não fica rico”

(Freire, 1987 – p. 137 e 139)

Como dizia o educador Celestin Frenet, falando da proposta educativa que costuma se oferecer às crianças:

“ (...) Migalhas de profissão, de estudos. Migalhas de Carinho, de Afeto. Migalhas de arte, de música, de beleza. Migalhas de oportunidades, migalhas de sonhos e de possibilidades.

Migalhas de homens e de mulheres”

(Apud, de Bitencourt – 1998 – p.32-33)

A família, portanto desenvolve ainda uma educação repressiva, onde a liberdade, irrenunciável e constitutiva de um ser humano realizado, assume as conotações ideológicas do liberalismo. Por isso, a liberdade assumiu um sentido de permissividade e competitividade. A escola, as igrejas, o Estado, a família... falam muito em “liberdade responsável”, como se existisse uma “liberdade irresponsável”. Como reprodutoras da “ordem social”, é normal e lógico que essas instituições não entendam ou não queiram entender de liberdade, pois, para assegurar a “ordem social”, do “centro” contra o perigo da “margem”, é preciso postular uma “Educação com imposição de limites”. Atualmente é muito raro encontrar um profissional da educação que não advogue o “limite”, (fôrma), fazendo da vítima (aluno, filho) um simples reprodutor de estruturas de dominação.

“A origem latina da palavra responsável significa a capacidade de dar resposta e, supõe-se, capacidade de dar respostas adequadas, próprias, originais e satisfatórias (...) Em síntese, quero dizer que ser mais ou menos responsável

corresponde à relação dialética entre o nosso medo e o nosso tesão de viver o cotidiano. Assim, quando se diz que alguém é responsável, logo me pergunto se ele está sendo saudável e, portanto, capaz de responder satisfatoriamente (...) Quero saber se ele tem originalidade como referencial para a qualidade e a sinceridade dessas respostas. (...) Isto porque, dentro do significado atual da palavra responsável, percebe-se nitidamente a influência de heterorregulações. Sendo assim, quando me acusam de irresponsabilidade e percebo que a palavra foi usada no contexto da deformação semântica de seu significado original, então eu aceito a acusação que passa a ter, para mim, sabor de elogio. Porque é papel dos protomutantes atuarem irresponsavelmente na sociedade capitalista autoritária”.

(Freire, 1987 – p. 47)

No processo de reprodução da dominação na família, as pessoas aprendem a ser mais ou menos; raramente a ser iguais. É normal numa família a criança ver todos os dias o pai mandando na mãe, o irmão mais velho mandando nos mais novos, vendo a irmã ter que limpar todas as sujeiras deixadas pelo irmão, vendo o menino podendo ir em quase todos os lugares, e a menina não!

Os pais ficam apavorados e não sabem mais o que fazer, quando os Adolescentes começam a tomar atitudes por si mesmos. Dizem: “Quando são pequenos até que é fácil, mas depois de uma certa idade, a gente não sabe mais o que fazer.” Em outras palavras, eles estão dizendo que quando a criança é pequena, é fácil de dominar. Eles estão dizendo que não ensinaram o filho a ser livre, mas a mandar ou obedecer.

Realmente é uma tarefa quase impossível dirigir outra pessoa, que também quer ser gente. Se esse adolescente não se exercitou em tomar decisões livres, desde pequeno, é possível que queira toma-las agora, inclusive com atitudes que desagradem os pais, até para provar a si mesmo e aos outros, que é dono de si. A mesma pergunta continua a atravessar os tempos:

Como lidar com os filhos na adolescência? Dificilmente serão encontradas respostas satisfatórias, porque será sempre muito difícil educar numa sociedade autoritária, pois ninguém é dono de ninguém.

Cada pessoa merece aprender, desde a mais tenra infância, a construir sua própria história. As últimas páginas escritas por Paulo Freire foram sobre liberdade e autonomia:

“Gostaria uma vez mais de deixar bem expresso o quanto aposto na liberdade, o quanto me parece fundamental que ela se exercite assumindo decisões. Foi isso, pelo menos, o que marcou minha experiência de filho, de irmão, de aluno, de professor, de marido, de pai e de cidadão.

A liberdade amadurece no confronto com as outras liberdades, na defesa de seus direitos em face da autoridade dos pais, do professor, do Estado. (...) Ninguém é autônomo primeiro para depois decidir. A autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas. (...) Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. Por outro lado, ninguém amadurece de repente, aos 25 anos. A gente vai amadurecendo todo dia, ou não. (...)

Uma coisa me parece muito clara hoje: jamais tive medo de apostar na liberdade, na seriedade, na amorosidade, na solidariedade, na luta em favor dos quais aprendi o valor e a importância da raiva. Jamais receei ser criticado por minha mulher, por minhas filhas, por meus filhos, assim como pelos alunos e alunas com quem tenho trabalhado ao longo dos anos, porque tivesse apostado demasiado na liberdade, na esperança, na palavra do outro, na sua vontade de erguer-se ou reerguer-se, por ter sido mais ingênuo do que crítico. (...)

É interessante observar como, de modo geral, os autoritários consideram, amiúde, o respeito indispensável à liberdade como expressão de incorrigível espontaneísmo e os licenciosos descobrem autoritarismo em toda manifestação legítima da autoridade. Ir ao encontro da liberdade equivale a dizer: ir ao encontro da própria originalidade. Por isso, ela é contagiante e fascinante. A liberdade de optar, de romper os preconceitos, os moralismos, de conquistar, de arriscar, de criar, de dizer a própria palavra no mundo, de respeitar e se sentir respeitado em sua pátria, de intervir, de se expressar em igualdade como mulher e como homem”.

(Freire, 1997 – p. 119-120-121-122)

Por fim, uma velha lição que se aprende na família sobre liberdade diz que “a minha liberdade acaba, onde começa a liberdade do outro”.

Na perspectiva de uma sociedade igualitária, cooperativa, não capitalista, a liberdade não termina, mas continua na liberdade do outro, porque o outro é a possibilidade da realização de minha liberdade, e não sua negação. Será uma sociedade feita de uma teia de muitas liberdades que se entrecruzam, que se constroem mutuamente.

1) ***Brasil, o Mito de um País Pacífico***

Nosso país, com o nome de Brasil, teve seu início com a violência da conquista e da invasão. O poder dominação imperou em todas as fazes pelas quais o Brasil já passou, não, porém, sem resistências e muitas revoltas da parte dos excluídos. Boff, enfatiza essa realidade, lembrando a história brasileira contada a partir das vítimas, por José Honório²²:

“(...) a maioria dominante – conservadora ou liberal – foi sempre alienada, antiprogressista, antinacional e não contemporânea (...). A liderança nunca se reconciliou com o povo. Nunca viu nele uma criatura de Deus, nunca o reconheceu, pois gostaria que ele fosse o que não é. Nunca viu suas virtudes, nem admirou seus serviços ao país; chamou-o de tudo – Jeca-Tatu -, negou seus direitos, arrasou sua vida e logo que o viu crescer, ela lhe negou, pouco a pouco sua aprovação, conspirou para colocá-la de novo na periferia, no lugar que continua achando que lhe pertence. (...) No povo, não nas elites poderosas, prevaleceu o espírito de conciliação que atenuava os antagonismos raciais e sociais. Se a massa indígena e negra, mestiça e cabocla era nas relações humanas essencialmente conciliadora, era, entretanto, inconciliável nas relações políticas. Mostraram um rude inconformismo, que gerou grande derramamento de sangue, a ponto de Capistrano de Abreu escrever que no fim do período colonial, o povo foi capado e recapado, sangrado e ressangrado.

(Apud, Boff, 2000 – p. 16)

²² *Conciliação e reforma, um desafio - histórico cultural – Civilização Brasileira, 1965)*

O Brasil tem muitas histórias a serem reveladas, a dos excluídos, “os do lado de lá”, ainda tão pouco contadas, a não ser pelos “do lado de cá”. O Centro é que tem contado a história da margem, que é ensinada nas escolas.

Violenta foi a conquista pelos europeu católicos, violenta foi a relação com os índios, com os negros, com os demais trabalhadores, com as mulheres, com as crianças, basta lembrar a *Senzala* e a *Roda dos Expostos*.

A violência encontra-se enraizada na enorme brecha entre as elites e a população, como fala José Honório. É uma violência endêmica, representada por altos índices de homicídios, pesadas violações dos direitos humanos, como torturas e execuções sumárias.

O início da década de 60 marca um período de ditadura, produzindo uma miríade de crimes de todas as naturezas contra qualquer cidadão que ousasse discordar. Um dos piores crimes, além obviamente da eliminação sumária de milhares de vida, foi a “varredura” sistemática da memória histórica do povo brasileiro. Mesmo não sendo um caso isolado no mundo, o Brasil, depois dos anos 60, viu aumentado o número de crimes comuns, num ritmo acelerado e contínuo. Pergunta-se: Aumentou a criminalidade ou a visibilidade dos crimes? Uma pesquisa realizada pelo Núcleo da Violência da Universidade de São Paulo, capitais de dez Estados brasileiros confirmam esta percepção. A taxa nacional anual de homicídios por cem mil – cresceu de 13 em 1980 para cerca de 25, em 1996. A economia do mundo passa a causar embaraços no momento de ser classificada pelos expoentes do mercado.

Para podermos comparar basta vermos as taxas de homicídios em alguns países:

País	Ano	Índice anual de homicídios
Estados Unidos	1996	8,22%
Alemanha	1997	4,6%
França	1997	4,11%
Reino Unido	1997	2,4%
Itália	1997	4,90%
Canadá	1997	1,99%

Entre os países da América do Sul, o Brasil está em segundo lugar, no ranking das mortes provocadas por homicídios, sendo a Colômbia o primeiro. Os homicídios cresceram de 11.190, em 1979, para 40.470. em 1997²³

“Pesquisas sobre os regimes políticos latino-americanos (O’Donnell & Galli, apud Corraldi, 1986, p. 222) demonstraram que o autoritarismo desencadeou um brutalidade em todos os níveis da vida social, até mesmo em suas microrrelações. A constituição do público sob este princípio disseminou o individualismo e a falta de solidariedade na vida cotidiana: na escola, no trabalho, nas ruas, nas famílias, nas relações pessoais.

(Souza, 1999 – p. 45)

Janice Tirelli, ainda assinala para a “dispersão de referências”, que não só des-nortearia a juventude que viveu a ditadura, mas toda a sociedade contemporânea. Uma sociedade sem farol.

Janice Tirelli, faz lembrar a queda do padrão de vida das classes trabalhadoras. O trabalho passa a ser incorporado no cotidiano dos jovens e até de adolescentes, ao passo que a escola foi oportunizada para poucos. Este padrão de vida se agrava na década de 80, quando o trabalho passa a ser cada vez mais incorporado pelos membros da família, como forma de complementação da renda familiar, trazendo também a autonomia dos membros da família.

“No início dos anos 90, somavam-se, à instabilidade trazida pelos governos anteriores, o descrédito da autoridade pública (...) Cristaliza-se uma cultura individualista, evidenciando o falso caráter episódico do autoritarismo, agora sob a face de uma racionalidade neutralizadora da individualidade e dirigida pelo mercado.

²³ "Arquitetura da Violência" - Folha de São Paulo, 17 de outubro de 1999, seç. 3,3

A sociedade brasileira mudou muito nos anos 90, marcados pelo comportamento difuso e indiferente com relação à realidade, enquanto a juventude buscava novas formas de estabelecer sua territorialidade”

(Souza, 1999 p. 52)

No ano 2000, estão vivendo nas cidades, 137.755.550, dos 169.590.693 milhões de habitantes que o Brasil tem, ou seja, em torno 81,23% da população brasileira é urbana;²⁴ a maioria absoluta, morando nas áreas suburbanas chamadas também de pré – cidades.²⁵ Ali não existem as condições mínimas para que possamos chamar de vida urbana. Essas áreas são marcadas pela ausência ou insuficiência dos serviços públicos, como escolas, organizações culturais e esportivas, transporte, água tratada, iluminação pública, infra-estrutura comercial, isolamento ou acesso limitado a outros bairros, entre outros. Nestes espaços, a violência simbólica (ambiente esquecido e degradado) vem unir-se a outras violências simbólicas e à violência física, “infernizando” cada aspecto da vida cotidiana. Os assaltos, roubos, assassinatos, tiroteios...vêm fazendo desaparecer os espaços públicos. Esta sociedade vai perdendo sua estrutura. A violência física e simbólica tornam-se componentes essenciais, a partir dos quais as pessoas passam a organizar a própria vida. A polícia e as outras instituições do sistema judiciário que lidam com a área criminal, tendem a funcionar como “guardas solícitos das elites”, protegendo-as contra as chamadas “Classes Perigosas”, de que fala Sorel, ²⁶um mito criado pelos moradores “do centro”, contra a “margem pobre e excluída”, imensamente menos violenta, pois é o centro que cuida e alimenta as instituições geradoras de violência. Portanto, precisamos desmitologizar esta questão, passando, sim a perceber que o “centro” é excludente e é ele que determina quem deve ser chamado de perigoso.

Desde os anos 70, no Brasil, a polícia militar vem matando mais e mais pessoas pobres: Crianças, Adolescentes e Jovens, dentre eles, os “negros suspeitos”.

Executores

Local

Ano

Nº de Mortos

²⁴ IBGE – Senso 2000.

²⁵ IBGE - Censo 2000 – Dados preliminares.

Polícia Militar	S. Paulo	1990 a 1998	6.218 pessoas (58 pessoas/mês)
Polícia Militar e Civil	S.P	1992 (Topo)	1.458 pessoas
Polícia Militar e Civil	S.P	1997	1.008 pessoas
Polícia Militar e Civil	R.J	Jan./Out.98	595 pessoas (59 pessoas/mês)
Polícia Militar e Civil	S.P	Jan./Jul.	317 pessoas

Obs. A) Diminuiu o número de mortes em 1999, no Rio de Janeiro.²⁷

b) Apesar das medidas tomadas, nos últimos tempos, pelas autoridades, em São Paulo, as mortes causadas pela Polícia civil e militar, depois de mostrarem uma sensível redução, estão aumentando novamente.²⁸

A revista Veja de 12 de julho de 2000, escreve uma matéria sobre violência contra as mulheres:

“MULHERES EM PÂNICO – Alvo fácil para bandidos, o sexo feminino tenta encontrar meios de driblar o medo (...) 65% das assaltos cometidos nas grandes cidades brasileiras são contra mulheres. (...) 30 mulheres são assaltadas por hora, em São Paulo. 50% dos alunos dos cursos de defesa pessoal são do sexo feminino (...) sem contar o risco de abuso sexual, um pavor constante a rondar a cabeça delas”

(P. 60)

²⁶ Sorel, Georges - Filósofo Social francês (1847-1922) . Entre suas principais obras, está o livro: *Reflexões Sobre a Violência*, Martins Fontes, São Paulo – 1992. O foco de seu trabalho esteve sempre na classe trabalhadora e nos movimentos sindicais.

²⁷ “*Pesquisa e Prática Policial no Brasil*”, Mesquita Neto – 2000 - p. 8

Já a revista *Veja* de 11 de outubro de 2000, traz outra matéria sobre o mesmo assunto:

“FÁCIL DE MATAR – Em meio ao clima de violência geral nas grandes cidades, cresce o número de assaltos que acabam em morte. Principalmente quando a vítima é mulher.(...) Entre os crimes mais comuns , roubo seguido de morte, foi o que mais aumentou.

<i>Crime</i>	<i>1997</i>	<i>1999</i>
<i>Latrocínio</i>	<i>1.335</i>	<i>4.407</i>
<i>Roubo</i>	<i>285.179</i>	<i>582.485</i>
<i>Furto</i>	<i>741.796</i>	<i>1.306.363</i>
<i>Estelionato</i>	<i>75.967</i>	<i>104.351</i>
<i>Extorsão</i>	<i>1.650</i>	<i>2.134</i>
<i>Lesão Corporal</i>	<i>572.720</i>	<i>615.513</i>
<i>Homicídio</i>	<i>49.902</i>	<i>50.785</i>
<i>Estupro</i>	<i>15.102</i>	<i>15.106”</i>

(P.62-63)

“O número de assassinatos cresceu 10,4% no primeiro trimestre deste ano, nas 38 cidades da região em torno de São Paulo, em comparação ao mesmo período do ano passado. Foram 979 mortes nos três primeiros meses de 2001, contra 887 em 2000, segundo a Secretaria de Segurança Pública . Na Capital houve um recuo de 1,2% nos homicídios, o que corresponde a 16 mortes a menos. No interior e no litoral, os assassinatos aumentaram 8,2%”.

(Folha de São Paulo, p. A1 – dia 09/06/2001).

Como diz Boff:

²⁸ Relato, sem números estatísticos, do Human Rights Watch “Brasil”, Word Report, 1999.

“Criou-se aqui uma massa humana negada como seu sujeito histórico, sem consciência libertária e sem projeto de futuro. Essa massa foi sempre manipulada pelas elites”

Boff, 2000 – p. 61)

Janice Tirelli, citando Rouanet, mostra a modernidade:

“(…) Como produto do processo de racionalização desde o final do século XVI-II, quando a sociedade se organizou em torno do estado moderno (sistema tributário centralizado, poder militar permanente, monopólio da legislação e da violência, administração racional). (...) Os sujeitos da nova política não são mais cidadãos, mas grupos e seus afins não são mais universais, visando interesses universais, mas micrológicos”.

(Sousa, 1999 – p. 63-64)

Tirelli afirma que, a partir da idade moderna houve um processo de “coisificação” das relações sociais.

A sociedade “fetichizada” promoveu, assim, relações coisificadas entre as pessoas em função de “relações pessoais” das coisas, tornando as pessoas cativas do mundo do capital, criando nelas o desencanto, a fragmentação, a falta de referência, o individualismo, a busca apenas de interesses imediatos, dentro de uma visão apenas microlocalizadas, o conformismo, enfim, a distopia.

Mas, esta mesma autora continua acreditando no ser humano, pois, acredita que é possível uma outra sociedade e cita Sochor:

“Malgrado o fetiche, os homens “fazem a história não imediatamente, mas de modo imediatizado”

(Idem, 1999 – p. 72)

Entre tantos outros cenários que desmentem o mito de um Brasil pacífico, cordial e acolhedor, queremos, por último destacar como nosso país cuida de suas crianças pobres e/ou de rua. São milhares deles e delas, principalmente nas grandes cidades.

Hélio e Cláudia se referem assim, aos meninos e meninas de rua:

“(...) depois aprendemos: lugares escuros e pouco transitados, só em grupo. Foi por esquecer tal lição que o menino Henrique teve seu couro cabeludo e suas costas deformadas por ácido muriático. O pesadelo de quem dorme numa cidade violenta não é a luz, o barulho e a poluição, ao contrário, eles garantem sono, pois inibem e afastam os predadores urbanos”

(Silva e Milito, 1995 – p. 42)

É uma linguagem que expressa um cenário “pré-mimético”, como diria Girard, pois ele é composto de pre-dadores.

“O policial, um dos atores que compõe a cena de rua, cultiva também a ambigüidade em suas relações com o menino. Ora é o protetor, o cúmplice, ora o espancador, o algoz, o assassino” .

(Idem, p. 42)

A margem invade o centro. Os “morros descem”. É o movimento de uma margem que passa a ignorar a “normalidade”, que até agora aparecia como o espaço oposto à “anormalidade”. Parece ser o início da perversão de uma sociedade que sistematicamente promoveu a anulação da diferença. Cresce uma oposição ao modelo civilizatório do mundo urbano atual.

“Um homem em trajes civis, empunhando um pesado porrete, aproxima-se de um garoto franzino (aproximadamente 15 anos) , agarra-o e surra-o violentamente. Outro homem, também em trajes civis, aproxima-se sorrateiro, por trás do agressor. Julgamos que vai desarmá-lo e proteger o menino. Ao invés, segura o menino firme para que outro dê as bordadas com mais vigor. O porrete quebra no lombo do menino. Este sai mancando, as mãos sobre os machuca-

dos. Dificilmente não terá quebrado nada. Estamos espantados. Um homem de boné que está sempre ali nos tranqüiliza: “São policiais”. Dirige-se à pesquisadora. “É para o bem da senhora. Pra que a senhora possa passear na praça em paz (...)”

(Idem, p. 47)

Noutro cenário, a vítima é causa do caos e da ordem de um grupo de ex-rivais, agora unidos e apaziguados, porque descarregaram sobre a vítima a sua violência. Com isso, evita-se que os rivais se destruam uns aos outros, como aparece nas tragédias gregas.

O topo do mimetismo, diga-se, da violência, diz Girard, está ali onde todos os rivais se unem, contra um só, no qual todos descarregam sua violência. É a vítima. O bode expiatório.

“Apresenta-se à multidão com uma carteirinha de educador de rua, a exigir o cumprimento do Estatuto. Todos vociferam contra sua atitude, mas, sobretudo contra a sua profissão. Não conseguem entender alguém a se ocupar com esses meninos e naquele momento o que querem é fazer justiça, eles mesmos. Lobão repreende o ato do menino, mas entende que deve encaminhá-lo à autoridade competente. (...) um dos mais exaltados é exatamente um religioso, estudante de teologia de uma universidade da Zona Sul. (...) O assaltante a essa altura já não demonstra qualquer valentia e agarra-se a ele (Lobão) como um menino apavorado. (...) A frase é seca: “Não são crianças, são vagabundos”. Não são admitidos enquanto crianças, pois há que se amar as criancinhas.”

(Idem, p.47-48)

Cabe aqui lembrar novamente o que diz Diógenes sobre o desamparo dos excluídos:

“A “violência vinda de baixo”, antes “invisível” pelo distanciamento das zonas de concentração de grandes contingentes de excluídos, cada vez mais explicita-se. (...) pois não seria a violência juvenil a expressão do mais profundo brado de desamparo dos excluídos? Não seria a violência juvenil “lugar por excelência da incerteza e do acaso?”

(Diógenes, 1998 – p. 92)

Neste cenário dual, agiganta-se uma cultura da evitação, na qual o bem estar é a não interação. Erguem-se enormes barreiras entre os “marginalizados” e os “integrados”.

“Longas vestes exibidas pelos menores, inadequação da esmola, mas também adequação a uma aparência angelical, ambigualmente angelical, um anjo sujo, um anjo torto (...) Essa subversão do imaginário carioca : a criança vivida como ameaça. A sociedade que tem medo de criança. Na belle époque, as crianças eram ninadas; toda uma imensa cadeia de rádios e de televisões em todo o Brasil encerrava suas transmissões com a apaziguadora cantiga de ninar que convocava o boi da cara preta para pegar o menino que tem medo de careta. Hoje, convertido em “menor”, o boi é o menino”

(Silva e Milito, 1995 – p. 63)

Bem diz Margaret Mead, como bem lembra Silva e Milito, p. 69:

“O que um país faz com a parcela menos importante de sua população ele acabará fazendo um dia com toda sua população.”

(Margaret Mead)

Diante destes cenários de violências, precisamos acreditar que um dia o Brasil, todos nós, passemos da estratégia mimética para uma cultura da cooperação, da com-paixão, onde sentiremos e compreenderemos que há fartura para todos os desejantes: meninos, jovens mulheres, jovens rapazes, mulheres adultas e homens, idosos, idosas e meninas, que serão nossas mulheres, conquistando uma forma de viver livre e igualitária.

CAPÍTULO 3

VIOLÊNCIA FAMILIAR

a. Buscando Entender um Conceito de Violência

A palavra grega *Bia* quer dizer violência. Na mitologia grega, Bia é a personificação da violência; tem o nome de *Força*. Bia é irmã de *Zelo*, o ciúme, a concorrência, rivalidade e de *Nike*, a vitória²⁹.

O dicionário Michaelis assim define:

- Qualidade do que atua com força ou grande impulso; força, ímpeto, impetuosidade.
- Opressão, tirania
- Qualquer força empregada contra a vontade, liberdade ou resistência de pessoa ou coisa.
- Constrangimento, físico ou moral, exercido sobre alguma pessoa para obrigá-la a submeter-se à vontade de outrem; coação.

Costa, caminha nesta mesma direção, embora dê uma conotação mais negativa; no entanto, deixa bem claro que a violência é construída historicamente e tem características determinadas, em sociedades determinadas:

²⁹ Fonte: Kury, Mário da Gama – *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*, 4ª Edição - Zahar Ed., RJ, 1997

“ O homem é um animal que não mantém tal ética em suas formas de ataque. Ele põe em risco a vida de seus oponentes, usa arma mortífera contra membros de sua espécie.

Assim, considerar a violência humana como parte de uma reação instintiva presente em todos os animais é absolutamente impossível. As formas de luta humana são totalmente diferentes, e só os ataques humanos a seres da mesma espécie podem receber o nome de violência (...). Ao lado da cooperação originária, o homem desenvolveu formas de violência e dominação presente, tanto nas relações entre indivíduos de um mesmo grupo ou sociedade, quanto entre indivíduos e grupos de sociedades diferentes (...). Portanto, a violência humana, a agressão premeditada e mortífera de indivíduos e grupos para com outros da mesma espécie, surgiu junto com a civilização; foi aprendida culturalmente e, em todos os tempos, caracterizou as relações de poder”.

(Costa, 1992, p. 232).

Gauer, vê a violência como um dos fenômenos sociais mais inquietantes do mundo atual. Ele situa a violência como:

“ (...) um elemento estrutural, intrínseco ao fato social e não o resto anacrônico de uma ordem bárbara em vias de extinção.”

(Gauer, 2000 – p. 13)

E define a violência como:

“(...) constrangimento físico ou moral, uso da força, coação, torcer o sentido do que foi dito, estabelecer o contrário do direito à justiça – que se baseia faticamente no dado, dar-se à ética -, negar a livre manifestação que o outro expressa de si mesmo a partir de suas convicções. Corresponde também a um sentido de inadequado, de fora da proporção, em sua expressão e conteúdo.(...)”

(Idem, 2000 – p. 13)

Para uma definição de violência, além das definições dos conceitos acima citados, serve da idéia de “poder simbólico” e de “reprodução”, em Bourdieu, e do recorte de gênero do pensamento de Soares e do pensamento feminista, na questão da violência contra a mulher:

Sendo assim, defino violência como: o conjunto das práticas humanas, historicamente determinadas, que intentam, pelo uso da força física ou pela utilização de palavras, gestos, intenções, para manipular e impor padrões de conduta individual e coletiva, que resultam na negação e perda --até a eventual destruição física e espiritual-- da dimensão humana. A violência caracteriza-se pelo exercício físico e simbólico do poder por parte de seres humanos sobre seres humanos, em uma determinada formação econômica e social, engendrando a produção e reprodução sistemáticas da dominação e da desfiguração da complexa realidade bio-psico-social de indivíduos, comunidades e sociedades. A prática da violência, gestada no interior dessa formação econômica e social, ultrapassa classes sociais e gênero, ainda que, majoritariamente e historicamente haja sido associada à violência sobre a mulher, a criança, o idoso.

Neste sentido, Boff, enfatiza que os pontos mais críticos da violência, depois do tirar a vida, são:

“Cortar a capacidade de relação, impedir a responsabilidade pessoal e coletiva, obstruir a capacidade de sentir o outro e de deixar-se envolver por sua vida e causa, implica desconsiderar a dignidade humana, fonte de todos os valores”.

(Boff, 2000 – p.79)

b. Relações Sociais entre Homens e Mulheres: uma História Milenar de Reprodução da Dominação e da Violência

A Física Quântica, (Bohr, Planck, Heisenberg) , a Física Relativística (Einstein, Pauli, Bohm, Hawking) e a Nova Biologia (Marturana, Varela, Capra), entre outros, têm demonstrado que, no universo tudo está interconectado: as partículas subatômicas, as estrelas, as formas de vida aos milhares, a linguagem, a consciência. Neste sentido, não podemos pensar a história humana separada da história a Vida, do Universo. Fritjof Capra escreve um livro, on-

de demonstra a trajetória fascinante de como se deu e como está se dando essa “teia³⁰ da vida”, que resulta de três dados básicos:

O padrão de organização: é maneira como tudo se relaciona com tudo, sendo cada ser singular, como a diferença entre um coelho, um elefante e um ser humano.. O importante é que eles se autoreproduzem e continuamente se autocriam, em rede.

Cada componente ajuda na criação, manutenção e regeneração do outro e todos do conjunto.

A estrutura do sistema vivo: é a matéria física, química, o meio ambiente, o tipo de combinação e de relação que se realiza para que surja o organismo vivo, isto é, todos os seres do universo, que conhecemos e que ainda não conhecemos. É a estrutura, pela qual cada ser vivo toma forma singular.

O Processo aberto: que permite um dinamismo permanente da parte e do todo, num processo sempre inacabado de busca permanente de novas sínteses, cada vez mais para frente e para cima.

É bem provável que o ser humano atual (*homo erectus*) tenha “emergido” desta teia da vida entre 2 milhões e 260 mil anos atrás. É possível que, da África tenha emigrado para a Ásia e Europa. Há 200 mil anos surgiu o *Homo Sapiens*: já maneja artefatos, usando inteligência, se vale do uso da fala e se organiza em comunidade.

Nesse processo permanente para frente e para cima, diz Teilhard:

“Quanto mais a ciência sonda o passado da nossa humanidade, mais esta, enquanto espécie, se conforma às regras e ao ritmo que, antes dela, regiam o aparecimento de cada novo rebento na Árvore da Vida. (...) O homem-espécie escapa à nossa ciência pelos frágeis segredos de suas primeiríssimas origens; (...) O homem entrou sem ruído, dizia eu. De fato, ele caminhou tão discretamente que quando, denunciado pelos instrumentos de pedra que multiplicam sua presença, começamos a percebê-lo, - ele já cobre o Velho Mundo, do Cabo ds Boa Esperança até Pequim. Já, com certeza, fala e vive em grupos. Já produz fogo.”

(Chardin, 1995 – p. 199)

³⁰ CAPRA, Fritjof, *A Teia da Vida* – Cultrix, São Paulo - 1997

Com todas as crises e sofrimentos, a história avança para frente e para cima, adquirindo cada vez mais consciência e complexidade. Para chegar no neolítico (10-12 mil anos atrás), por exemplo, o ser humano precisou de 2,6 milhões de anos, durante os quais foi adquirido experiências e habilidades (*homo habilis*).

“É somente no Neolítico que começa a se produzir, entre os elementos humanos, a grande soldagem que não devia mais se deter. O Neolítico, idade desdenhada pelos pré-historiadores, porque jovem demais. Idade negligenciada pela história, porque suas fases não podem ser datadas com precisão. Idade crítica, contudo, e solene entre todas as idades do passado: o nascimento da civilização. (...) Com o número rapidamente crescente dos indivíduos, o terreno livre se reduz. Os grupos se entrecrocaram. Por isso, a amplitude dos deslocamentos diminuiu, e põe-se a questão de tirar o melhor partido possível de domínios cada vez mais limitados. Deve ter sido, podemos-lo imaginar, sob a pressão dessa necessidade que despontou a idéia de conservar e de reproduzir no próprio lugar o que outrora era preciso buscar e perseguir ao longe. A criação dos animais e a cultura das plantas substituindo a caça e a colheita. O pastor e o agricultor. (...) aparece a complexidade dos direitos e dos deveres, obrigando a imaginar todas as espécies de estruturas comunitárias e de jurisprudência cujos vestígios persistem aos nossos olhos. (...) Socialmente, em matéria de propriedade, de moral, de casamento, pode-se muito bem dizer que tudo foi experimentado”.

(Chardin, 1995 – p. 222-223)

O ser humano passa por muitas transformações, avançando sempre na direção de sociedades cada vez mais reflexivas e complexas. Até a revolução urbana, passaram-se em torno de 3 mil anos. A era do regadio levou em torno de 2 mil anos. Para chegar na era da metalurgia, o ser humano levou aproximadamente 1.500 anos. Mais mil anos levou para chegar à era pastoril. A revolução mercantil aconteceu 700 anos mais tarde e, 300 anos depois, realizou a Revolução Francesa e Industrial; acontecendo, 128 anos mais tarde, a Revolução Socialista. 150 anos depois da Revolução Francesa, deu início a revolução termonuclear; até a revolução da

informação/comunicação levou apenas 5 anos mais – em 1950 deu-se a decifração do código genético. Chegamos a uma sociedade planetária, onde mais claramente podemos perceber nosso destino comum, de tudo com tudo, de todos e todas com todos e todas.

c. A Hipótese do Matriarcado

Johan Jakob Bachofen³¹ criou a teoria do matriarcado, onde a mulher ocupa um lugar de mando na sociedade, na família e na religião. A existência desse período da história ainda hoje é discutida; por uns é refutada e por outros aceita. Os que afirmam esta teoria, a aceitam não tanto por evidências arqueológicas ou iconográficas, mas pelos símbolos do inconsciente que se revelam nos sonhos, mitos e representações dos tempos mais remotos.

O princípio feminino está situado no início dessa trajetória humana. A humanidade apresenta-se saindo de um útero primordial, originário. Muito antes de surgir os deuses - pais, foram elas, as deusas – mães, que habitaram as mentes e os corpos dos seres humanos. A própria palavra matéria vem de *mater*, que quer dizer mãe. Foi de seu útero (feminino) que emergiu a vida.

Da Índia ao mediterrâneo, em quase todas as culturas, E. Neumann³² observa que podemos encontrar estátuas, dos mais diferentes tamanhos, de deusas – mães. Apresentam-se com seios exuberantes, revelando-se como geradoras e alimentadoras de todos os seres, inclusive dos deuses.

Na Suméria a deusa se chamava *INANA* e na Babilônia *ISCHTAR*, toda poderosa, usa o zodíaco como cinto. No Egito tem o nome de *ISIS*, adorada como a grande deusa criadora do céu e da terra. Foi uma das deusas mais adoradas da antiguidade. Era chamada a “deusa dos mil nomes”. Muitas estátuas negras de Isis, com Horus, seu filho, no colo, foram veneradas pelos cristãos como sendo Maria com o menino Jesus no colo.

³¹ J. J. Bachofen foi jurista e historiador suíço (1815-1887). Foi professor de Direito Romano na Universidade de Basileia. Sua obra sobre o matriarcado foi marcante e até hoje traz controvérsias.

³² NEUMANN, E. História da origem da Consciência; Escreveu também o famoso livro, ainda sem tradução para o português, *Die Grosse Mutter* (A Grande Mãe) , Zurique, 1965.

A cultura minóica³³ venerava a grande deusa *DICTINA*, também chamada de *BRITOMARTIS*. Na cultura cananéia, segundo o 1º livro dos Reis (11,1-8), a deusa chamava-se *ASTARTE*. Para os Hindus é normal chamar “minha deusa, minha mãe”. Para a religião Hindu, Brahma está além de qualquer nomeação. No entanto, a primeira e grande fonte originária de tudo foi *KAKTI*. É ela que construiu e organizou o universo. No Livro dos Provérbios (8,22-30) fala da *SABEDORIA*, como deusa no princípio da organização do universo.

O pensamento chinês representava o feminino e o masculino como um círculo composto de duas partes iguais de luz e de sombra. A cultura hebraica é basicamente masculina, entretanto, o ESPÍRITO é feminino, em hebraico, *ruah*, princípio feminino. Os próprios evangelhos dão acentos maternos ao Espírito Santo.

Emergem nas mitologias mais antigas, arquétipos³⁴ do inconsciente humano primitivo, principalmente ligados à mãe e à terra fecunda. Eles revelam as realidades mais profundas do ser humano sempre colocado na dualidade masculino/feminino. O feminino aparece como a mãe que gera, liberta, protege e defende (*Isis, Demeter, Maria...*); como a mãe que prende, estrangula, castra a liberdade (*Gorgo, Hekate, Kali...*). Aparecem também como virgem, esposa, companheira, aquela que encanta, fascina, inspira (*Maria e Sabedoria*) ou como aquela que prende, absorve ou enlouquece o homem (*Circe, Astarte, Lilith, Vênus, Ctônica*).

Hera é a deusa protetora do matrimônio e do nascimento, que presidia todas as manifestações da vida familiar; *Atenas*, deusa das artes, das ciências, da razão e da sabedoria. *Afro-dite*, deusa da beleza, do amor, nascida da espuma do mar, mãe de *Eros* e de *Cupido*.

“O símbolo mais característico da era matriarcal é a lua (Silene) concebida com mãe de todos os viventes e as formas polivalentes da feminilidade como virgem, mãe, esposa, companheira, protetora, ou em sua concreção sinistra, como bruxa, feiticeira, sedutora, devoradora, obsessiva etc. A agricultura, onde a vida, a água, a geração, o nascimento etc. estão ligados indissociavelmente aos mistérios vividos pela mulher, constitui a última grande revolução mundial que se difundiu até os extremos da terra e se manteve inalterado até o

³³ Refere-se à antiga civilização cretense, que vai de 3000 a 1580 A.C.

³⁴ Mito: O mito não inventa a realidade; apenas acrescenta, exalta, explica. É um tipo de acesso à realidade. Arquétipo, segundo o Aurélio quer dizer: Padrão, exemplar, modelo, protótipo. Psic. Segundo C. G. Jung, imagens psíquicas do inconsciente coletivo (q. v.), que são patrimônio comum a toda a humanidade.

século XV, com o surgimento da tecnologia. (...) o inconsciente é sempre vivenciado como ameaçador, pois ele pode engolir o frágil eu que havia libertado exatamente do inconsciente. Daí se entende que o eu é levado a recalcar o inconsciente, reafirmando o eu, a razão, o logos.”

(Boff, 1979 – p. 238-239)

Por isso, o ser humano, na medida em que foi negando a dimensão feminina originária, foi também se tornando violento. As características femininas como: plenitude vital, repouso, conservação, harmonia, ternura, compreensão, cuidado, compaixão, proteção, acolhimento, a beleza, a inspiração, a fascinação, o encanto, a geração, a intuição, o mistério etc. foram sendo negadas nos homens e polarizadas nas mulheres, enquanto os valores masculinos como: a conquista, a racionalidade, o cálculo, a firmeza etc... foram polarizados nos homens e negados nas mulheres, quando o matriarcado passou a ser substituído pelo patriarcado.

“Numa sociedade como a nossa, que é patriarcal, machista, conduzida por varões, significa que a mulher é recalcada e endemoninhada, porque ela, para o varão, representa e encarna o seu inconsciente. Recalcando o inconsciente, ele recalca a mulher. Ele tem medo do seu próprio inconsciente. É sintomático observar: em tempos de grandes perseguições às bruxas (recalcamento do inconsciente), se deu também uma grande devoção a Maria. É que o inconsciente possui um caráter compensatório: recalca de um lado e sublima de outro. A história da arqueologia psíquica mostra, como exelentemente mostrou Jung, (Psychologie und Alchemie), a associação diabo-pecador-terra com a mulher”.

(Idem, p. 238)

Existem ainda povos com características matriarcais, como sinais luminosos de um passado longínquo, muitos dos quais já foram objetos de pesquisa. Destacamos os iroqueses e herões do oeste do USA, os pueblos Hopi e Zuni, no sudoeste dos USA, os Nayar e Khasi na Índia , os micronésios da ilha de Palau, os conhecidos Taureg do Sahara, os também conhecidos Bororos do Brasil e os Chibcha na Colômbia, entre outros. É possível, afirmam muitos,

que estes povos, ainda hoje testemunhas de uma possível era matriarcal, tenham antecedido à era do patriarcado, na cultura mediterrânea.

Apontam-se as seguintes características do regime do matriarcado:

- A Mulher é a cabeça da família;
- O matrimônio é uxorilocal (o marido acompanha a morada da mulher);
- Residência do matrimônio matrifocal (o casal mora com a mãe da esposa ou com outras pessoas da família da mulher);
- Parentesco determinado pela linhagem da mãe e de seus antepassados femininos;
- A herança segue o direito matriarcal;
- O irmão da mulher tem mais direito sobre o filho dela do que o marido, embora este seja respeitado como pai;
- A mulher é que decide no campo econômico, político, jurídico e bélico.
- A mulher pode ter mais de um marido (poliandria).
- As autoridades religiosas são mulheres e há predominância em divindades femininas;

Estudos realizados sobre a cultura matriarcal dos Catandros, Iraqueses, Licianos, Kamchadales e a fase matriarcal do Egito, Esparta e Líbia, concluíram que muitas das características que hoje atribuímos ao feminino, eram próprias dos homens. Desta forma, o homem exercia o papel passivo do galanteio, a obediência e submissão, a timidez, a modéstia, o amor ao lar, a ternura, a inclinação aos enfeites, o que também comprovou Margaret Mead³⁵, em seus estudos sobre algumas culturas da Nova Guiné.

No século XVIII, Lafiteau, estudioso da tribo do Hurões (USA), relatou a existência, entre os índios americanos, de um sistema bem diferente do nosso.

“Nada é mais real do que a superioridade da mulher. Sobre a mulher repousa propriamente a nação, a nobreza de sangue, a sucessão genealógica, a conservação da família. Nela é depositada toda verdadeira autoridade; a cidade, o campo e todas plantações pertencem a ela. Elas são a alma das reuniões do conselho, o árbitro da guerra e da paz; possuem a superintendência do tesouro pú-

³⁵ Margaret Mead, antropóloga norte-americana, 1901. Realizou uma série de expedições científicas, principalmente na Oceania.

blico; elas possuem a chave; são elas que fazem o matrimônio; os filhos dependem dela e em seu sangue se define a sucessão; os homens, ao contrário, são completamente isolados e reduzidos a si mesmos; os próprios filhos lhes são estranhos (...)

(Apud, Boff – 1979 p. 232)

No Brasil, entre os negros Bantus, organizações políticas das monarquias africanas sobreviveram em certas festas populares, como os *Congos*”:

“Sobrevivências do patriarcado e do matriarcado aí estão nos festejos dos reis Congos e das rainhas Gingas... A organização clânica vai encontrar-se disfarçada em ranchos, clubes e confrarias... Estas últimas foram organizadas fechadas, a molde de “sociedades secretas”, onde os negros se quotizavam para a obtenção de sua liberdade.”

(Ramos, 1979 – p. 233)

d. A Sociedade se Organiza a Partir da Lógica Masculina

Os últimos milênios conheceram uma sociedade organizada sob a dominação do homem polarizado no masculino, portanto desequilibrada e violenta, por estar desconstruída dentro de si mesma. A maioria de nossas criações culturais, se não praticamente todas possui a linguagem sexista. Nelas estão inscritas o jeito de ser, de pensar, de olhar, de se organizar, de se relacionar do masculino. Por isso, podemos afirmar que , a partir do neolítico a sociedade não criou condições históricas para a realização do feminino nos homens, nas mulheres ... no modo de organizar a vida.

“A ordem estabelecida, com suas relações de dominação, seus direitos e suas imunidades, seus privilégios e suas injustiças, salvo uns poucos acidentes históricos, perpetua-se apesar de tudo tão facilmente, e que condições de existência das mais intoleráveis possam permanentemente ser vistas como aceitáveis ou até mesmo como naturais. Também sempre vi na dominação masculina, e no modo

como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento ou, em última instância, do sentimento. Essa relação social extraordinariamente ordinária oferece também ocasião de aprender a lógica da dominação”.

(Bourdieu, 1999 – p. 7-8)

A dominação masculina poderá sofrer um processo de desconstrução, se descobrirmos os mecanismos pelas quais ela se construiu. É necessário desentranhar aquelas formas de dominação e violência tão internalizadas em nossos corpos, tão comum e “naturais” aos nossos olhos, que legitimam o direito e os sentimentos para exercê-las. Aquela mesma dominação que se legitima nos atos cotidianos de dominar, podem legitimar, com facilidade, o sentimento cotidiano de se deixar dominar.

É uma dominação construída através dos milênios, desde o neolítico. Esta cultura de dominação recebeu sustentação teórica no mundo antigo, principalmente entre os gregos, começando pelos pré-socráticos, nos quais se evidencia claramente a cultura mediterrânea de dominação masculina, como já havia identificado Michel Foucault, no segundo volume de seu livro: “*A história da Sexualidade*”.

Registramos algumas frases mais antigas sobre a mulher. Essas frases já eram síntese de uma elaboração teórica, até certo ponto, já refinada; “autores” das frases abaixo, apenas representam a mentalidade da civilização grega e latina³⁶:

- “*A mulher é um mal necessário*” – (Menandro, poeta cômico da Grécia – 323 A.C.
- “*Para o homem, a mulher é uma tempestade em casa*” (Idem)
- “*Os três males são o mar, o fogo e a mulher*” (Idem). Esta frase tem paralelos na literatura latina: Terêncio: 194 a 159 - Poeta cômico latino, e Ovídio – 43 a 16 A.C. - Poeta latino – Para eles, além da mulher, um dos males é o vinho – Para outros era ... a noite, a mulher e o vinho.

³⁶ Fonte: TOSI, Renzo, *Dicionário de Sentenças Latinas e Gregas*, Martins Fontes, S. Paulo, 1996.

- “*À mulher a natureza não deu o dom de comandar*”- Também de Menandro, esta frase reflete bem a mentalidade dos gregos, segundo os quais cabia ao homem decidir e à mulher obedecer. Eurípedes, dramaturgo grego (470 a 406 A.C.), em sua gnoma³⁷ dizia: “*Certamente é torpe que a mulher mande na casa e não o marido*”. Assim, o tema da submissão da mulher foi teorizado por muitos outros, como: Aristóteles e Ésquines. Na literatura latina é teorizada principalmente em Ovídio.
- “*Em mulher não acredites, nem morta*” (Diógenes , Cínico grego – 400 A.C.). Esta provérbio, com suas variantes, é encontrado em vários textos da literatura grega: Homero, célebre poeta grego 700 A.C. em um de seu mais famosos poemas Odisséia 11,456, em que a sombra de Agamêmnon adverte Ulisses a não revelar à mulher a sua identidade assim que voltar, para não correr o risco de ter o mesmo fim que ele. Assim, sobre a confiança temos muitas variantes em Hesíodo (700 A.C.), Eurípedes (470 A.C.)... e na literatura latina, Terêncio, Plauto 250 a 184 A.C., entre muitos outros.
- “*As lágrimas da mulher são o condimento da malícia*” (Catão – eloquência romana – 40 A.C.) . Aparecem na literatura desta época muitos textos falando sobre a malícia da mulher. “*o pranto da mulher é freqüente e mentiroso*”, “*Não temas as palavras da esposa irada. É quando chora que a mulher constrói uma armadilha com as lágrimas*”.
- “*Mulher é sempre variável e mutável*” (Virgílio – 71 a 19 A.C. – o mais notável dos poetas latinos. Esta frase está em “Eneida” vv.569) . Esta frase era famosa na antiguidade e continuou sendo para além da Idade Média. Foi citada por muitos autores, dentre eles, são Gerônimo (419). É comum encontrar textos fazendo a ligação entre a mulher e a variabilidade do humor e de opiniões, estreitamente vinculada à falsidade.
- “*As mulheres são hábeis em excogitar estratagemas*”. (Eurípedes, dramaturgo grego – 470 a 406 A.C.)
- “*As mulheres têm cabelos longos e idéias curtas*” – Um provérbio medieval, ainda conhecido em muitos países.
- Outros provérbios comuns em muitos países, com origem entre a antiga Grécia, Roma, até a Idade Média:

³⁷ Gnoma é uma sentença moral.

- “*O silêncio embeleza todas as mulheres*” – Entre os gregos se dizia que o silêncio é uma das qualidades mais apreciadas nas mulheres, seja porque acompanhado de reserva, que deve ser seu maior ideal.
- “Quando se reúnem Ludmilla, Sybilla e Camila, misturam conversas disto, desta e daquela”. Outras variantes: “*a voz alta de três mulheres é como um grande mercado*”. “*Uma reunião de mulheres, se grande, espalhará conversas*”. “*Três mulheres e um pardal fazem um mercado*”. “*Uma mulher, um saco de nozes e uma pata bastam para fazer uma feira*”.
- “*Cale-se a mulher na Igreja*” (Icor. 14,34). Esta frase de São Paulo foi inúmeras vezes usada também para dizer que as mulheres não teriam direito ao voto nas assembleias, nos parlamentos ou em qualquer cargo importante.
- “*As mulheres sabem de tudo, até como Zeus desposou Hera*” (Teócrito – poeta grego – 330 A.C.). Esse provérbio quer dizer que as mulheres, por natureza, são curiosas e tagarelas; sempre sabem de tudo e pretendem saber de tudo, até um encontro discreto como o de Hera e Zeus.
- “*O que dizes a uma terás dito a todas*”. (Tertuliano – escritor cristão – 220) – são muitas as variações pertencentes ao *topos* das mulheres tagarelas.
- “*Quando tira a túnica, a mulher também se desveste do pudor*”. É uma gnoma que está no primeiro livro de Heródoto, historiador grego, 484 a 425 A.C.
- “*É raro encontrar juntas beleza e castidade*” (Juvenal, poeta satírico – 50 a 130) – Há muitos escritos da época falando sobre esta questão, relacionando beleza física com elementos interiores negativos.
- “*Apagadas as luzes, todas as mulheres são iguais*” (Ovídio, 43 a 16 A.C., poeta latino e Plutarco, 45 a 125, historiador latino (nascido na Grécia). Para dizer que a noite esconde os defeitos. Esta frase sofreu várias interpretações.
- “*Cuidou da Casa, fiou a lã*”. É uma frase muito conhecida e famosa. Indica que a mulher virtuosa por excelência é aquela que se dedica aos trabalhos domésticos. Variantes: “*Ficou em casa, fiou a lã*”. “*Ficou em casa, viveu casta, fiou a lã*”.

No tempo do imperador Trajano (98-117), a sociedade romana estava mergulhada na violência e na corrupção.

“O divórcio tornou-se tão comum entre as altas classes, que nem mais se comentava. De acordo com registros, havia em Roma, durante o reinado de Trajano, 32.000 prostitutas e, a julgar pelos testemunhos de alguns dos mais famosos escritores, era muitíssimo comum o homossexualismo e até estava na moda. Parece que os crimes de violência aumentavam, enquanto a corrupção política era submetida a um controle mais severo. Mas, a mais séria acusação moral que se pode fazer contra essa época diz respeito ao desenvolvimento do gosto pela crueldade. Os grandes jogos e espetáculos tornaram-se mais sanguinários e revoltantes que nunca. Os romanos não achavam mais graça em meras exibições de proezas atléticas; exigia-se, até dos pugilistas que enrolassem nas mãos tiras de couro cheias de ferro ou chumbo. O mais popular de todos os divertimentos era o combate dos gladiadores (...) Armados de lança ou adaga, os dois gladiadores lutavam com o acompanhamento de gritos selvagens e pragas do público. Quando um dos combatentes caía ferido, incapaz de prosseguir na luta, era privilégio da multidão decidir se devia se poupado ou se a adaga adversária devia mergulhar no seu coração. (...) Se a arena ficava muito embebida de sangue, era encoberta com uma camada de areia e o odioso programa continuava”.

(Edward, 1974 – p. 328-329)

Das mulheres mediterrâneas, uma das que conquistou certa autonomia, foi a mulher espartana. Estava a serviço da pátria. Quando solteira, praticava uma variedade muito grande de exercícios físicos. Tinha muita visibilidade pública. Sua missão, quando casada, era a de dar ao Estado filhos fortes, bons soldados e bons cidadãos. Mesmo, com essa missão doméstica, ela, tanto no público, como no privado, conservava relativa independência e apresentava-se muito dominadora.

A maioria dos filósofos gregos, que criaram todo o fundamento do pensamento moderno, também colocavam a mulher num plano inferior. Por exemplo, um dos mais famosos, Aristóteles - 384 –322 A.C., dizia: *“a mulher é um homem incompleto”*. Seu mestre, o famoso filósofo Platão (427-347) Antes de Cristo, ensinava diferente de Aristóteles. No seu famoso

livro “A República”, Platão considerava as mulheres com a mesma capacidade de governar que os homens. Ele acreditava que as mulheres tinham a mesma capacidade que os homens; mas, para que essas capacidades fossem desenvolvidas, elas precisavam ter as mesmas oportunidades que os homens; por exemplo, de se liberar do serviço da casa.

Não foi esse pensamento de Platão que mais influenciou a cultura cristã ao longo dos séculos, mas o de Aristóteles.

e) O Pensamento de Teólogos, Santos e Padres da Igreja, Sobre a Mulher

Alzira Gomes Machado³⁸, faz, com muita propriedade, uma síntese do pensamento dos Padres da Igreja³⁹, sobre a mulher, mostrando como a doutrina cristã assimilou a ideologia patriarcal mediterrânea:

“EPIFÂNIO (✠ 347):

A raça das mulheres está afastada das funções sagradas, por ser fraca, inconstante e de inteligência medíocre.

TERTULIANO (✠ 220):

A mulher é a porta do diabo no mundo. É quem tocou a árvore de sata-nás. Por tua causa o Salvador teve que morrer... Você, mulher, ignora que Eva seja você? A sentença contra seu sexo vigora neste mundo. Vive, pois, como acusada ... A mulher devia andar sempre vestida de luto, humilhada... Todas as mulheres são descendentes de Eva. Só se salvarão através da maternidade... As mulheres são culpadas pela entrada do pecado no mundo.

CLEMENTE DE ALEXANDRIA(✠ 215):

³⁸ Natural de São José do Cerrito, município vizinho de Lages, é pós-graduada em Teologia.

³⁹ “ A expressão “padre da Igreja” é geralmente empregada para indicar os escritores da antigüidade cristã que se assinalaram pelo valor de sua doutrina. Encontramo-los distribuídos desde as origens do cristianismo até o século VI segundo alguns, segundo outros, até o século VII ou VIII. (...)”HAMMAN A. – *Os Padres da Igreja* -Ed. Paulinas, S. Paulo, 1980, p.289.

A Patrística, escritos do Padres, foi um dos principais fundamentos de consolidação da tradição cultural cristã. A maioria dos Padres da Igreja eram Sacerdotes ou Bispos.

Todas as mulheres deveriam morrer de vergonha só por pensar que são mulheres... As almas não são nem masculinas, nem femininas mas para a mulher ser perfeita, ela tem que se tornar como homem.

GREGÓRIO DE NISSA (✠ 394):

Apenas os homens podem enfrentar as conseqüências do saber; ao passo que a fraqueza das mulheres, como nos mostrou Eva, não é adequada aos estudos.

SÃO CIRILO DE JERUSALÉM (✠ 386):

O diabo não tem uma armadilha melhor para prender as almas, do que a armadilha terrível chamada mulher. (Epist. Ad Augustinium).

SÃO GERÔNIMO (✠ 419):

A mulher é a porta onde passa o diabo; é a entrada da iniquidade, é a picada do escorpião, é uma raça pestífera; quando se aproxima dela, ela se excita e acende o fogo da paixão. (Epist. 54, Ad Ocean). Mesmo que a mulher fosse perfeita (coisa mais difícil que a ave mitológica Fênix), não se poderia amá-la sem amargura, sem medo, sem preocupação, sem desgraças contínuas. (Epist. Ad Dem.) Quando uma mulher se engaja no serviço de Cristo, pela virgindade, ascende em dignidade; ela deixa de ser mulher e será chamada homem.

EFREM:

O que é a mulher? É a razão de ser do diabo, é o descanso da serpente, é a consolação dos demônios, é uma dor sem cura, é uma fornalha acesa, é uma maldade sem remédio, é a taberna dos libertinos, é a fábrica do inferno.

EUSÉBIO DE CESARÉIA (✠ 339):

A mulher é a flecha do diabo pela qual, arrasta num instante o homem à luxúria. (Eusébio de Cesaréia, Epist. Ad Damasc.)

SÃO JOÃO CRISÓSTOMO (✠ 349):

No começo a mulher era semelhante ao homem em dignidade, mas ela abusou de sua honra. (Homilia 22, sobre Gênesis). A divina Providência dispôs que os maridos sejam hábeis nos assuntos de maior importância e pouco menos espertos nos menos, para tornar necessária a ação da mulher. (Homilia 22, so-

bre S. Mateus). Homem e mulher os criou (...) Se é a cabeça e outro os pés, de que maneira formariam dois seres separados? A mulher é a escolar e o marido o professor. O marido é o chefe e a mulher o ser que obedece. (Homilia 12, sobre a Epístola aos colossenses)

SÃO JOÃO DAMASCENO (✠ 749):

A mulher é o pior dos animais, é um verme rastejante; era hóspede de Adão, mas o expulsou do paraíso. (Livro I, Paral. C. 76)

SANTO AGOSTINHO (✠ 430)

(...) Segundo a ordem da natureza, convém que a mulher esteja a serviço do homem, pois nada mais justo que o menos dotado esteja a serviço do mais dotado. (Idem). Adão é formado primeiro e recebeu a alama de Deus. A mulher foi formada da costela do homem, recebendo tanto o corpo como a alma dele. (idem).

OUTROS SANTOS DA IGREJA:

SÃO BERNARDO:(1090 – Abade e Doutor⁴⁰ da Igreja)

A mulher leiga é um instrumento de satanás.

SÃO BOAVENTURA: (1218 – Bispo e Doutor da Igreja): *É perigoso dormir perto de uma serpente; do mesmo modo, a mulher está sempre disposta a picar o homem como um escorpião. Não existe uma única parte do corpo feminino, cuja visão não seja um flecha que fere o coração do homem. (Sermão 2).*

SANTO ANTÔNIO: (1221 – Presbítero e Doutor da Igreja): *Quando vês uma mulher, não está vendo um ser humano ou um animal feroz, mas um diabo em pessoa. (Pant 2, tit. 4 e 5). A mulher é a origem do pecado, a arma do diabo, com a qual ele abate os homens mais santos; é a armadilha infernal que*

⁴⁰ Doutor da Igreja é um Teólogo de grande autoridade, cujo ensinamento doutrinal é recomendado pela Igreja Católica como verdadeiro.

*apanha os imprudentes. (idem). A voz da mulher é o sibilo da serpente. (idem).
A filosofia da mulher deve ser a cozinha e os trabalhos de casa. (idem).*

(Apud, Gomes Machado, 1999 – p. 48 - 49 -50)

São Tomás de Aquino (1226-1274), o mais famoso teólogo da idade média, também chamado “Doctor Angelicus”, assumiu na sua teologia, a filosofia de Aristóteles. Ele via a mulher inferior ao homem na sua natureza humana, corporal; a sua alma, no entanto, era igual à do homem...por isso, para ele, a plena igualdade entre homens e mulheres só existiria no céu, quando o corpo deixasse de existir. Sua “Summa Theológica” foi referencial para teologia da Igreja Católica, até o final dos tempos modernos.

“A mulher é, por natureza, marcada pela imbecilidade. (Suma I). As mulheres têm um corpo mais fraco e também uma cabeça mais fraca, em relação ao homem. (Serp. Timot. C.2). A mulher é o trabalhador inferior que dispõe o material para o artesão capaz, que é o homem. (Suma II), 9,32,4). A mulher é a melhor companheira do homem somente para a função da procriação, porque para qualquer atividade outro homem é melhor. (Suma, 2,9). A alma penetra no feto do homem aos vinte dias de geração e no da mulher aos cinquenta dias (in Lídia Falcom, Mujer y Sociedad, Fontanela, Barcelona, p.80). Encontramos a imagem de Deus no homem e não na mulher, pois aquele é o princípio desta. (Suma I, 92,1). A Igualdade entre os dois existe no plano da graça e da salvação, mas não no plano da natureza, pois a virtude ativa que se encontra na semente do macho visa produzir algo que se assemelha em perfeição ao sexo masculino. Se por acaso, uma mulher é gerada, é em função da fraqueza dessa virtude ativa ou de alguma má disposição da matéria, ou até de alguma transmutação vinda do exterior. (Suma, As Origens do Homem, quest. 92, art. 1). O sexo feminino não pode significar superioridade em nada, porque o estado da mulher é de sujeição. Ela não pode, portanto, receber o sacramento da ordem. (Idem)”.

(Idem, p. 50)

Os judeus tinham uma oração muito antiga, onde aliavam o sentimento de pertença a Deus, com a liberdade masculina e a proclamação da inferioridade da mulher como natural:

“Obrigado meus Deus, porque eu não nasci estrangeiro, porque não nasci escravo e porque não nasci mulher”.

(de Bitencourt, 1998, p. 2)

É necessário lembrar que todas essas afirmações sobre a mulher foram ditas, escritas e vividas em nome Jesus de Nazaré:

“Ele, que, superando todos os orgulhos patriarcais, fazia das mulheres discípulas amadas...”

(Soave, 2000 – p. 13)

f) O Pensamento Androcêntrico e o Modo de Ver e Organizar a Sociedade

A história da dominação masculina, portanto, vem de muito longe e foi se inscrevendo, como diz Bourdieu, em toda a realidade.

“A divisão entre os sexos parece estar “nas ordem das coisas”, como se diz por vezes para falar do que é normal, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas “sexuadas”), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos habitus dos agentes, funcionando como sistema de esquemas de percepção, de pensamento e de ação. (...) A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica.”

(Bourdieu, 1999 – p. 17-18)

A sociedade organizada desde o ponto de vista androcêntrico, passa a nominar e a definir todas as coisas, a partir deste ponto de vista. Até as máquinas, outros instrumentos de trabalho, objetos do mundo do lazer, e tantas outras representações passam a fortalecer tabus, confirmando a superioridade masculina ou depreciando o feminino: *o negócio*: Fulano tem o

negócio grande, *os instrumentos, penetrar, montar, comer, cabaço*, que é o fruto da cabaceira ou o vaso feito desse fruto seco, despojado do miolo. Passou a significar também o hímen, a virgindade da mulher e, por extensão, o homem casto (como sátira). *Gostar da fruta, pau, cacete, meter, foder*: O sentido desta palavra é copular, mas quando um homem está na pior diz: estou fudido...remete – se a uma situação de mulher, pois na concepção social vigente, que fode é o homem; a mulher é comida, é fudida. *Caralho* significa força, intensidade, que passou a significar o pênis. Mas, quando se fala em *perereca*, remete-se ao inferior, enquanto pere-reca é um pequeno anfíbio. *Boceta* quer dizer: Caixa redonda, oval ou oblonga; caixa de rapé. *Boceta de Pandorra*, quer dizer: a origem de todos os males. O sentido original dessa palavra foi esquecido; passou a significar a vulva da mulher, enquanto, com certeza, a maioria das pessoas, pelo menos no Brasil, não saberiam dizer o que é vulva. *Espada* quer dizer: Arma formada de uma lâmina comprida e pontiaguda, de um ou dois gumes. Pode significar também o poder militar. Em touradas, o toureiro que deve matar o touro com a espada, é o matador: O *sujeito espada* passa a significar sujeito macho. *Quenga*, que originalmente é uma vasilha, passa a significar prostituta; mas, quengo significa sujeito esperto. *Piranha, vaca, galinha... etc.*

Exemplos podem ser citados aos milhares, demonstrando que todas as coisas estão impregnadas da preponderância masculina.

“Assim, a definição social dos órgãos sexuais, longe de ser um simples registro de propriedades naturais, diretamente expostas à percepção, é produto de uma construção efetuada à custa de uma série de escolhas orientadas, ou melhor, através da acentuação de certas diferenças, ou do obscurecimento de certas semelhanças. A representação da vagina como um falo invertido, que Marie-Christine Pouchelle descobriu nos escritos de um cirurgião da Idade Média, obedece às mesmas opiniões fundamentais entre o positivo e o negativo, o direito e o avesso, que se impõem a partir do momento em que o princípio masculino é tomado como medida de todas as coisas. Sabendo assim que o homem e a mulher são vistos como duas variantes, superior e inferior, da mesma fisiologia, compreendemos por que, até o renascimento, não se dispusesse de terminologia anatômica para descrever em detalhes o sexo da mulher. (...) Por isso, como demonstra Yvonne Knibiehler, os anatomistas de princípios do século XIX (sobretudo Virey), ampliando o dis-

curso dos moralistas, tentam encontrar no corpo da mulher a justificativa do estado social que lhes é imposto, apelando para oposições tradicionais entre o interior e o exterior, a sensibilidade e a razão, a passividade e a atividade. Basta seguir a história da “descoberta” do clítoris, tal como relata Thomás Laqueur, prolongando-a até a teoria freudiana da ligação da sexualidade feminina do clítoris para a vagina, para acabar de demonstrar que, longe de desempenhar o papel fundante, as diferenças visíveis entre os órgãos sexuais masculino e feminino são uma construção social que encontra seu princípio nos princípios de divisão da razão androcêntrica”.

(Bourdieu, 1999 – p. 23-24)

Assim também o corpo da mulher passou a ser “moldado” em limites simbólicos e lugares sagrados, definindo o que é puro e o que é impuro, o que ela pode e o que ela não pode. Desde a tenra idade, a menina aprende o “jeito correto de sentar-se”, isto é, manter as pernas unidas, o “jeito correto do olhar” para baixo e para frente, sem manifestar qualquer gesto de quem está se “fresqueando”. A mulher aprende também, desde cedo, o jeito certo de se abaixar, a docilidade no trato com as coisas e as pessoas, o jeito de andar... tudo “o que convém a uma mulher educada e séria”. A própria saia faz com que a mulher limite uma série de gestos e se resguarde de estar em “muitos lugares” impróprios.

“A cintura é um dos signos de fechamento do corpo feminino. (...) ela simboliza a barreira sagrada que protege a vagina, socialmente constituída em objeto sagrado, e portanto submetido, como demonstra a análise das durkheimiana, regras estritas de esquiva e de acesso. (...) até nos Estados Unidos de hoje, nas situações em que o médico do sexo masculino tem que praticar o exame vaginal. Como que se tratasse de neutralizar simbólica e praticamente todas as conotações potencialmente sexuais do exame ginecológico, o médico se submete a um verdadeiro ritual visando manter a barreira, simbolizada pela cintura, entre a pessoa pública e a vagina, jamais vistas simultaneamente: em um primeiro momento ele se dirige a uma pessoa, face a face; a seguir, após a pessoa ter-se despidido para ser examinada, deitada e recoberta com um lençol que lhe cobre a

parte superior do corpo, observando a vagina como algo dissociado da pessoa e, por tal reduzida a uma condição de coisa, em presença da enfermeira, a quem faz suas observações, falando da paciente na terceira pessoa. Enfim, num terceiro momento, ele se dirige novamente à mulher, que já se vestiu de novo fora de seus olhares.”

(Idem, p. 25)

Aconteceu, ao longo do tempo, um processo de fetichização da vagina, tornado-a sagrada e secreta. Sabemos que a venda de “coisas sagradas” é considerada pela moral eclesiástica, e depois assumida pela sociedade, como o pecado da simonia. É considerado uma grave transgressão do sagrado comercializar, para fins particulares, coisas sagradas. Por esta mesma via é proibida a prostituição, pois à mulher não será permitido publicamente vender ou comercializar sua vagina, que é sagrada. A vagina, assim, como o sangue, só podem ser doados, porque são sagrados. Assim, o corpo masculino, quando transgride as normas sagradas, montando numa mulher, simbolicamente está manifestando poder de conquista do proibido, reduzindo novamente a mulher a um estado de objeto. O masculino, nas relações com a mulher, tem demonstrado ordinariamente uma compulsão o desejo erotizado de dominação, buscando sempre conservar o “princípio passivo” que, ao longo dos tempos, foi construído no feminino.

A penetração, no imaginário social androcêntrico, passou a significar poder para o penetrador e humilhação para o penetrado, o comido, o fudido. A pior humilhação para um homem é ser “rebaixado” à condição de mulher.

Bourdieu deixa claro que:

“ (...) não é o falo (ou a falta de) que é o fundamento desta visão de mundo, e sim é essa visão de mundo que, estando organizada segundo a divisão em gêneros relacionais masculino e feminino, pode instituir o falo, constituído em símbolo de virilidade, de ponto de honra caracteristicamente masculino; e instituir a diferença entre os corpos biológicos em fundamentos objetivos da diferença entre os sexos, no sentido de gêneros construídos como duas essências sociais hierarquizadas. Longe das necessidades de reprodução biológica de-

terminarem a organização simbólica da divisão social do trabalho e, progressivamente de toda a ordem natural e social, é uma construção arbitrária do biológico, e particularmente do corpo, masculino e feminino”

(Idem, p. 32-33)

Em Lages, um fato chama atenção da comunidade em geral: é costume, na cadeia pública regional, que os presos submetam a um severo castigo um detento que cometeu estupro. Eles vestem o estuprador de calcinha e sutiã (reportagem da TV local) e o fazem desfilar à vista de todos, tornando-se objeto de chacota do público presente; depois estupram o estuprador.

“Preso por crime de tentativa de homicídio e acusado de estuprar a própria sobrinha, o meliante L.B, 19 anos, vulgo Tio Guela passou pelo código de honra na cadeia de Lages. O tal código de honra é uma sacanagem empregada, pelo que se tem notícia, em todos os presídios do país, quando o assunto é estupro, passam o detento por vexames e dores terríveis. Foi assim que F.M.N., que matou a garota F.B.O., depois de, junto com o comparsa, estuprá-la (...) No caso do Tio Guela não foi diferente; foi abusado por diversos presos ao ponto de não poder sentar. Um amigo daqui da redação comandou exercícios dentro do presídio no Dia do Desafio e pode comprovar o estado deprimente do rapaz. Apesar da família defender o criminoso, o delegado (...) mostrando os exames (...) mostra que a doença venérea dele também se constata na garotinha de apenas 4 anos de idade...”

(Jornal O MOMENTO, 08 a 15/06/2001 – p. 38)⁴¹

Por detrás dessas ações, fica evidente o sentimento de raiva de todos. A maneira mais cruel que acharam para castigar o estuprador é torná-lo mulher. Se manifestam tanta raiva do estuprador é, provavelmente, porque perpassa entre eles um sentimento generalizado de rejeição ao estupro. Mas, não percebem que, ao vestir o estuprador de calcinha e sutiã e ao “pene-

⁴¹ As abreviaturas dos nomes são nossas. Este estupro aconteceu, enquanto este trabalho estava sendo elaborado, 29/05/2001

trá-lo”, estão cometendo um estupro, desta vez físico e simbólico, mas mais arrasador que o primeiro, porque o estupro físico todos viram, tomaram consciência e rejeitaram. Este, a comunidade em geral aprovou. Uma das poucas pessoas que não aprovou este estupro físico e simbólico foi a mãe do estuprador, obviamente não porque esta fosse uma atitude que humilhante para as mulheres, mas porque era humilhante demais para seu filho e ele não merecia isso. Algumas mulheres, ao assistirem a cena pela televisão, exclamaram, ao sussurro de um suspiro “incógnito”: É!... mãe é mãe!

As roupas e tudo o que convém a uma “mulher séria” “de família”, colocam-na numa camisa de força social, mesmo hoje, quando ela já se libertou de uma série de coisas, a força da dominação ainda se faz muito clara, com poucas mudanças na vida das mulheres, começando pelas “tarefas menos nobres” que “ainda cabe a elas”, salários mais baixos, até a descrição clara do que uma mulher pode fazer ou não fazer.

Todo o processo de dominação está inscrito como códigos, muitas vezes, tão à vista, mas tão difíceis de serem decifrados, que, quase sempre acaba sendo reforçado pelos próprios dominados. Esse tipo de dominação é chamada, por muitos autores, de *violência doce*, praticamente imperceptível; é aí que reside a sua força: agir sem ser percebida.

Perguntando, de maneira aleatória, a 50 mulheres (casadas e solteiras) do centro e de 5 bairros de Lages, sobre o tipo de homem que elas apreciavam mais, as respostas foram quase todas ao encontro da superioridade masculina e, é claro, da inferioridade feminina. Elas desejam, em geral, um homem forte, que dê proteção e segurança, mais velho e mais alto, másculo, forte, seguro e, ao mesmo tempo, cavalheiro, sensível, inteligente (de maneira simbólica, expressavam o desejo de que eles fossem mais inteligente que elas), provedor das necessidades, etc. Pode-se perceber claramente o desejo inconsciente, da maioria delas, em se projetar socialmente via projeção do marido. Não é agradável para uma mulher ter um marido fraco. Ela sente-se humilhada com um marido fraco. O papel de fraca quem tem que fazer é ela porque assim foi estabelecido. Os homens sentem vergonha se tiverem “as coisas pequenas demais para um homem”, enquanto as mulheres sentem rejeição pelas “coisas grandes demais para uma mulher”. Mas, as mulheres, muito mais que os homens, porque tornadas objeto, vivem sob o arbítrio das opiniões dos outros, por que assim é exigido: que a opinião, por exemplo, que a sociedade emite sobre uma mulher “barriguda”, sem estar grávida? Com certeza, será muito diferente da opinião emitida sobre um homem barrigudo. As mulheres até brincam

sobre as barrigas de seus maridos. As mulheres valem a apresentação de seus corpos. Elas são objetos a serem apreciados, adquiridos ou rejeitados, pela, “apresentação do produto”. Precisam apresentar um corpo o mais próximo do “tipo ideal”, pois é o olhar dos outros (homens e mulheres) que vai afirmá-las socialmente, obedecendo à lógica da condição de objetos, que representam.

Elas precisam ser receptivas, atraentes, delicadas, alegres, sorridentes, atenciosas, disponíveis ... e, ao mesmo tempo, saber que tipo de sorriso, atenção, alegria, delicadeza, disponibilidade... emitir, sob o risco de serem depreciadas como “disponíveis”, oferecidas, jogadas ... Por isso mesmo, a mulher vive em permanente cuidado e insegurança corporal e simbólica.

O mundo da política partidária também obedece às mesmas regras do primado da masculinidade. Até bem pouco tempo, não havia mulheres atuando neste campo. Ainda há muito poucas, por exemplo, no Brasil, onde a força de trabalho feminina já está se equiparando em número à masculina e superando em qualidade.

Existem muitas centenas de primeiras damas, projetando-se e atuando à sombra dos maridos prefeitos, governadores e presidentes; não se conhece porém, nenhum “primero cavalheiro ou damo – esta palavra nem existe – quando trata-se, por ex., da prefeitas e governadoras.

As primeiras damas passam, então, a atuar no social, reproduzindo aquele imaginário androcêntrico da família, pois é ela que se ocupa da “parte social” dos filhos. Essa evocação, portanto, reproduz a hierarquia dos gêneros. Aos homens cabe normalmente ocupar-se de trabalhos “mais importantes” ou pelo menos “mais de homem”, como secretaria de obras, do desenvolvimento, da indústria e comércio, da agricultura, entre outros. Uma vereadora de uma cidade próxima de Lages dizia às companheiras do Movimento da Mulheres Agricultoras”:

“Eu sou vereadora, única mulher na câmara. Mas, é difícil trabalhar ali. Toda a indicação que faço causa polêmica e rejeição. Mulheres Agricultoras, eu preciso de vocês juntas lá, pois, só juntas, poderemos construir (D. A)”

Assim, o mundo da política, da maioria absoluta das igrejas cristãs, de outras religiões, como a muçulmana, o mundo dos esportes, das ciências, da moda, da economia, militar e das decisões para a guerra, etc. é comandado por homens. No mundo da educação e de muitas igrejas quem atua, em sua maioria absoluta são as mulheres, mas não são elas que decidem.

“ A força do ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificação: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho. Distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembléia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres; (...) é a estrutura do tempo, a jornada, o ano agrário, ou o ciclo de vida, com momentos de ruptura , masculinos, e longos períodos de gestação, femininos. O mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de visão e de divisão sexualizantes. Esse programa social de percepção incorporada aplica-se a todas as coisas do mundo e, antes de tudo, ao próprio corpo, realidade biológica: é ele que constrói a diferença entre os sexos biológicos, conformando-a aos princípios de uma visão mítica do mundo, enraizada na dominação arbitrária de dominação dos homens sobre as mulheres, ela mesma inscrita , com a divisão do trabalho.”

(Bourdieu, 1999 – p. 19-20)

Esta sociedade dominada pelo masculino, não é violenta só com as mulheres, mas com os homens também, que passam a ser vítimas de sua visão. A maioria dos homens, passam a ser escravos de uma série de coisas e circunstâncias, para se comportarem “como homens”, para mostrarem a masculinidade, para não parecerem fracos. Para manter virilidade conforme ela é entendida pelas sociedade masculinizada, quase sempre custa um preço bem alto também ao homem. Já no tempo do império romano se usava muito a frase: “Se vir es”, isto é, “se és homem”... esta frase queria e quer indicar a posse dos dotes de força, coragem e constância, presentes na tipologia masculina. Um “homem de verdade”, como comumente se diz, tem que “mostrar serviço”, diante do perigo, na cama, diante da honra ofendida, diante do “desrespeito” cometido contra “sua mulher” etc., enquanto à mulher não cabe o papel social de defender a honra, por exemplo, mas de ter a honra defendida. O que ela pode fazer é perder a honra,

principalmente quando “se entrega para um homem”, fora do casamento. Uma das coisas que mais fere a virilidade de um homem é “não dar conta do recado”, isto é, na hora de mostrar serviço na cama falhou, “o pau não endureceu”, “homem do pinto mole”, ou então, a esterilidade; e não tem como esconder! Um homem que “dá conta várias mulheres” é admirado e até invejado. Uma mulher com mais de um homem é puta. Um homem, além de dar conta da mulher, deve levá-la ao gozo, pois, do contrário, não é ainda macho de verdade. Ela, sabendo disso, finge, muitas vezes, que está gozando!

Homem que é homem não vive chorando, não se ocupa com certas funções e assuntos de mulheres, não se entrega a sentimentalismos... Sua principal função é manter a honra, ser visto como homem de verdade e obter êxito, sucesso, na esfera pública.

Assim, para “ser homem” na sociedade masculina, é exigido uma série de auto-repressões dos sentimentos e de desejos; significa viver muitas vezes em estado de tensão, quando se sente no perigo de “não dar conta” de algo que se referia à sua obrigação de homem. Quase sempre o homem precisa representar, nesta sociedade, pois, como ser humano comum, tem fragilidades, muitas das quais não pode mostrar, sob pena de ver ameaçada sua virilidade. Assim, o homem também caiu na própria armadilha; criou uma sociedade, na qual como diz Bourdieu:

“ (...)Vive submetido às exigências imanentes à ordem simbólica...”

(Bourdieu, 1999 – p. 64)

Nesta sociedade, nem mulheres, as dominadas, nem os homens, dominantes – dominados, encontram campo propício para construírem aquilo que, desde o lugar mais profundo de seus corpos, aspiram: serem felizes! Os cativos, vivem reproduzindo permanentemente as condições de perpetuação do próprio cativo.

g. O que Podemos Entender por Violência Familiar

Tendo como referencial básico Bárbara M. Soares, inicialmente procurarei esclarecer alguns termos relevantes neste trabalho.

O termo *violência familiar*, neste trabalho, quer designar um conjunto de tipos de violência que acontecem na família, como violência contra crianças e adolescentes ou violência contra a mulher, entre outros.

Costuma-se designar também *violência doméstica*; ambos os termos, se seguirem o critério de afinidade/ consangüinidade deixam de fora, como diz Soares, agregados (as), colegas de quarto, amantes, vizinhos (as), domésticas(os), e outros personagens que compartilham de sua intimidade. Se não seguimos o critério de afinidade/consangüinidade, mas o de intimidade/coabitação, o termo violência doméstica ou familiar passa a ter um sentido bem mais amplo, pois, poderia, neste caso, incluir desde a empregada doméstica, que “é como um membro da família”, até aquele colega de quarto que encontrou a hospedagem no anúncio do jornal. A coabitação, neste caso, pode ser formal. O significado “familiar ou doméstica” ganha aqui um sentido amplo, aproximando-se de *violência privada* que é diferente de violência doméstica ou familiar. Soares, define o “mundo privado” lembrando a fragilidade dessas classificações:

“ Mesmo se deixarmos de lado as gradações e definirmos o mundo privado como espaço das relações pessoalizadas e afetivamente hierarquizadas, em oposição ao mundo público, das relações impessoais e das regras universais, teremos um outro conjunto de personagens fronteiros que não se encaixam perfeitamente em nenhum dos dois mundos. Como encaixar, por exemplo, o estupro cometido pelo colega de trabalho, pelo amigo do amigo (...) Como se vê, os esforços classificatórios, neste campo, produzem resíduos que demandam, permanentemente, novas classificações. (...) meu objetivo é chamar atenção para a fragilidade desta distinção e, por conseguinte, da própria abrangência conceitual do termo violência doméstica ”

(Soares, 1999 – p.37-38)

Vamos adotar, para fins deste trabalho, o termo violência familiar dentro do critério de afinidade/consangüinidade, ou seja, um conceito mais restrito, envolvendo os membros da família nuclear.

Adotaremos o termo violência familiar e não violência doméstica, embora, eles tenham o mesmo sentido.

A violência familiar se manifesta, através de vários tipos de violência, destacando-se a violência contra a mulher companheira e contra as crianças, adolescentes e jovens.

Os estudos nos mostram que as mulheres, sejam elas as companheiras ou as filhas, são as que mais sofrem nesta relação. As companheiras sofrem desde a prática de sexo forçado, até os espancamentos, ameaças de morte e a própria morte.

No tipo de violência contra crianças, adolescentes e jovens, as filhas são as que sofrem mais.

Por muito tempo, a família foi vista como um “recinto sagrado” que dizia respeito quase que exclusivamente às pessoas que a ela pertenciam. Essa concepção tornou-se uma barreira de proteção para a prática de muitos tipos de violência, destacando-se a violência contra mulheres e crianças.

“(...) o terror e a violência provocados por estranhos , bandidos, assaltantes, assassinos, quase sempre pobres, negros ou mulatos, segundo nosso imaginário amesquinhado por preconceitos e dominado pelo medo, pode não ser diferente daquele experimentado sobretudo por mulheres e crianças, dentro de suas próprias casas. Mais do que isso: é exatamente dentro de suas próprias casas que mulheres e crianças correm o risco de serem agredidas, estupradas, ameaçadas e mortas ”.

(Soares, 1999 – p. 23)

A violência familiar, segundo Pagelow,

“(...) inclui qualquer ação ou omissão por parte dos membros da família e quaisquer condições resultantes de tais ações ou omissões que privem os demais membros de iguais direitos e de liberdade e/ou interfiram em seu desenvolvimento ideal e em sua liberdade de escolha”.

(Apud Soares, 1999 – p. 69-69)

Os vários tipos de violência familiar assumem formas diversas, dentre as quais destacamos aquelas que, a nosso ver, são as mais relevantes:

Violência física: caracterizada por qualquer ação intencional, única ou repetida, perpetrada por um(a) agente agressor(a) adulto (a) ou mais velho (a), que provoque dano físico ao membro da família. Esses danos físicos podem ser, de uma leve lesão ou marca, a danos que deixem a vítima com seqüelas ou levem a mesma à morte.

Violência simbólica: é uma das formas de violência mais difícil de ser detectada. Pode se apresentar de variadas formas:

- Rejeição: Não reconhecer o valor da pessoa, negar o afeto, ser indiferente ou ignorar suas necessidades;
- Isolamento: Afastá-la de experiências de convivência social normal, impedir de ter amigos, de sair de casa;
- Terror: Com agressões verbais, criando um clima de medo e até pavor, atemorizando em relação a outras pessoas, fazendo crer que no mundo só há hostilidades;
- Indiferença: Não dar atenção ao sentimentos da pessoa, fazendo-a sentir-se desamparada emocionalmente, não tomar conhecimento de suas qualidades;
- Palavrões: Uso de palavras de baixo calão e depreciativa, do ponto de vista de gênero, de raça.

Violência sexual: também chamada de abuso sexual, acontece quando existe jogo psicológico, manipulação sexual e vias de fato, como o incesto⁴² e estupro⁴³. A relação pode ser tanto hetero como homossexual. Nos casos considerados aqui, via de regra, os agressores são homens e bem mais velhos que a vítima. Essa prática pode conter cenas pornográficas impostas às vítimas, como exibicionismo ou voyeurismo⁴⁴. A violência sexual pode variar de atos em que não existem contato sexual, àqueles atos com contato sexual, incluindo ou não a penetração, com dedos, pênis ou objetos, via oral, anal ou genital.

Violência do abandono: caracteriza-se pelo abandono da pessoa responsável de uma criança ou adolescente, ficando esses, vítimas expostas a situações de risco diversas, sob cuidados de

⁴² Segundo o dicionário Michaelis incesto significa: “Desonesto, incasto, torpe; incestuoso. sm União sexual entre parentes (consangüíneos ou afins), condenada pela lei, pela moral e pela religião”.

⁴³ Segundo o mesmo Michaelis estupro é: “Atentado ao pudor cometido com violência. 2 Coito sem consentimento da mulher e efetuado com emprego de força, constrangimento, intimidação ou decepção quanto à natureza do ato; violação. (Quase sempre empregado quando a vítima é menor de idade.)”

⁴⁴ Segundo o Michaelis voyeurismo quer dizer: vuá-ierismo) sm (fr voyeur+ismo) Psiq Excitação sexual apenas pela observação de cópula praticada por outros ou pela observação dos órgãos genitais de outrem; mixoscopia.

pessoas estranhas, instituições de atendimentos ou de parentes; não raras vezes, essas crianças passam a viver nas ruas, como diz Soares.

“A violência familiar é a principal razão pela qual os meninos de rua deixam suas casas: 35,7% dos meninos e 34,1% das meninas que se desvinculam de suas famílias para habitar as ruas do Rio de Janeiro, segundo estudo conduzido por Impelizeri (1995), elegeram a violência doméstica como motivo para abandonar a família”.

(Soares, 1999 – p.24)

A Violência da negligência: Negar ou negligenciar providências a dependentes, naquilo que as crianças e adolescentes necessitam como indispensável para terem um crescimento sadio, destacando-se a negligência em relação aos cuidados básicos como: privação de medicamentos, alimentos, ausência de proteção contra o frio e o calor. Os casos em que as crianças ou adolescentes se encontrem em situações de privação por precariedade econômica da família, não são considerados violência familiar, mas somente uma situação de pobreza familiar.

A violência familiar é um tema que está vindo cada vez mais a público, como objeto de estudos, debates e mobilizações. O “recinto sagrado” está sendo “invadido” não no sentido de “intromissão”, mas de “corresponsabilidade”. Muita violência podia acontecer dentro de uma casa e nada podia se fazer. A constituição federal de 1988 e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), inauguram uma nova era na história brasileira.

Nós, agora, temos responsabilidades com a família, mesmo não sendo a nossa. Os casos de violência devem ser denunciados e o poder público pode interferir e mesmo deter o agressor. Pelo “espírito” do ECA, a sociedade e o poder público são também responsáveis pelo desenvolvimento das crianças e adolescentes, assegurando-lhes, com absoluta prioridade, não só direitos básicos, como saúde, alimentação e escolaridade etc., mas também liberdade e convivência familiar.

A vida privada é objeto de políticas públicas, que garantam o desenvolvimento integral de crianças e adolescentes de forma co-responsável. A comunidade, a sociedade e o poder públi-

co tornam-se, não só responsáveis para “assegurar os direitos, na família”, mas também para interferir, caso seja necessário.

h. Violência Contra a Mulher na Família

Designaremos de companheiro e companheira, parceiro e parceira para o casal, e, em caso de violência, agressor e vítima. A família matrifocal poderá ser incluída como objeto deste trabalho, desde que nela haja interação com um ou mais parceiros, dentro do lar, e, nesta interação, aconteçam casos de violência.

A vida do casal numa família, até bem pouco tempo, era considerada assunto exclusivo deles. Dizia-se que “em briga de marido e mulher não se mete a colher”, mas o que geralmente acontecia, era sim, o não envolvimento da sociedade e do poder público, diante do sofrimento de milhares de mulheres, que no “silêncio do lar”, eram vítimas constantes de seus parceiros agressores. O poder dos homens sobre as mulheres em geral e especificamente sobre as mulheres parceiras, é uma característica da família tradicional. O homem chegou a ter direito de vida e de morte sobre a mulher, em caso de adultério:

“No Brasil, o Código Criminal do Império desautorizou, em 1840, o assassinato como “solução” legítima para os casos de adultério, que ainda assim, era considerado “crime contra a segurança do estado civil e doméstico”. Tanto no código imperial, como no primeiro Código Republicano, de 1890, o crime de adultério aplicava-se, basicamente às mulheres, já que a pena era só imputável aos homens que comprovadamente sustentassem a amante O Código Penal de 1940 eliminou o tratamento diferenciado por gênero para o adultério e reduziu a pena que lhe era aplicada, mas favoreceu a tese da “legítima defesa da honra”, utilizada ainda nos anos 90 desse século”

(Herman, J. e Bastered, L., 1995 – Apud Soares, 1999 – p. 26)

Como relata Grossi, só no final dos anos 70 é que se começa a prestar atenção às situações de violência contra a mulher:

“O espancamento e o assassinato conjugal são reconhecidos no Brasil como as principais violências que sofrem as mulheres, em razão da grande mobilização feminista ocorrida desde o final dos anos 70 no país, contra os assassinatos em defesa da honra. Mobilização que será ampliada à denúncia da violência doméstica sofrida por um número significativo de mulheres espancadas por seus maridos. No início dos anos 80, estas mulheres “vítimas de violência” buscarão o apoio das feministas nos grupos SOS e, a partir de 1985, farão queixa nas delegacias da mulher, principal serviço de atendimento público à mulheres em situação de violência no país”.

(Grossi, 1999 – p.7)

Mesmo que a presença do ECA garanta uma interferência da sociedade e do poder público na família, não há ainda, legislação específica para os casos de violência contra a mulher, na família. O agressor pode ser preso por ter cometido um delito, como outros, mas não por ter cometido especificamente um delito contra a mulher.

A nosso ver é necessário que a questão da violência contra a mulher seja vista sempre mais como um problema social e não apenas como uma experiência da vida privada. É nesta perspectiva que os movimentos sociais e outras instituições sociais estão organizando e desenvolvendo ações. Os debates, as reflexões e todas as lutas, principalmente a partir do surgimento do ECA, estão trazendo à tona a questão das várias formas de violência contra a mulher, na família. O casal e a família deixam de funcionar com “recintos sagrados e impenetráveis”, como núcleos exclusivos de decisão, auto-referidos e possuidores de “direitos isolados”, e passam a ser assumidos como unidades sociais significativas, com direitos iguais, articulados com a comunidade, a sociedade e o poder público, sem perder, no entanto, o sentido da “intimidade”, como se refere Giddens. O casal e a família, portanto, podem resguardar sua intimidade, sendo, ao mesmo tempo, tema da esfera pública.

São Muitas as forma de violência contra a mulher, na família:

- *Violência física*: bater, esbofetear, empurrar, chutar, socar, queimar sufocar, impedir de sair de casa, de trabalhar fora, uso de instrumentos contundentes, como armas, facas, assassinatos etc.
- *Violência psicológica*: Ameaças, dizer o que pode e o que não pode fazer, xingar, ofender com palavras, rebaixar, dizendo que ela não serve para nada, que é uma puta, que é uma sem vergonha, culpabilização etc...
- *Violência sexual*: Relação sexual forçada, sexo anal sem o consentimento da parceira, etc.
- *Violência contra a propriedade*: Seqüestrar ou destruir objetos pessoais da parceira, negar a aquisição de bens, como alimentos e remédio, nos casos em que a parceira se encontra em dependência econômica total.
- *Violência contra os filhos*: É o caso de seqüestro dos filhos, como meio para atingir a mãe.

A maioria dos escritos sobre o assunto sustentam que a violência não obedece as fronteiras de classe social ou etnia. É obvio que nas famílias mais pobres podem ter mais visibilidade essas formas de violência, pelo fato de que é muito reduzido seu espaço de privacidade, isto é, moram lado a lado com vizinhos, quando não moram numa mesma casa dividida ao meio apenas por uma parede.

Essas mulheres também buscam mais os recursos no conselho Tutelar e nas Delegacias da Mulher. As mulheres das classes média e alta tendem a esconder o conflito. Gelles⁴⁵ nos chama atenção para o fato de que, mesmo a violência contra a mulher acontecendo em todas as classes sociais, as questões como renda e situação profissional, são relevantes na explicação da violência.

Existe também quase um consenso que a violência contra a mulher não escolhe etnia.

Qual a origem da violência nos homens, contra as mulheres? Para muitos, a violência contra a mulher, expressa a demonstração de poder dos homens e a idéia de que as mulheres são objeto de posse. Pode também significar, na perspectiva de Chauí⁴⁶, fruto de uma condição geral de subordinação da mulher. A violência, nesta perspectiva, é violação da liberdade e do direito de alguém ser sujeito constituinte de sua própria história. A violência contra a mulher não se constitui numa simples transgressão legal; nela estão contidas questões culturais, edu-

⁴⁵ Cientista social americano, que realizou e realiza muitas pesquisas sobre violência familiar.

cacionais, os mitos, a dominação econômica, assim como as questões de poder e de gênero. Para Chauí, em *“Participando do Debate Sobre Mulher e Violência”*, a violência contra a mulher é expressão de uma “normalidade social”, fruto da cultura, da função ideológica da família, local onde se reproduzem as diferenças, que vão determinar as relações hierárquicas, de mando, do poder e fazer, da conduta masculina.

A violência contra a mulher exprime o interesse do agressor em continuar no poder.

“Essa disputa no plano teórico, se dá basicamente em duas frentes, que apresento de forma esquemática: 1) da perspectiva feminista – que define o problema como “violência contra a mulher”, causada pelo desejo masculino de exercer o poder e controle sobre as mulheres e 2) da perspectiva que abrange o conjunto de ações violentas, ocorridas no mundo privado, sob o nome de “violência doméstica” ou “violência familiar” (...) não é necessário um trabalho de campo muito aprofundado para perceber que, todavia, que esses paradigmas se confundem e se articulam na prática”.

(Soares, 1999 – p. 121)

O que, porém, não é aceito nem pela maioria das feministas e de outros estudiosos do assunto, é que a violência contra a mulher, na família, seja apenas um tipo de violência, entre outros. Este modelo se constitui como base na idéia de conflito e descreve a violência contra a mulher como o aspecto de um padrão mais geral de violência familiar. Por outro lado, o modelo feminista tradicional advoga que a mulher, vítima de violência na família, está inteiramente submetida ao poder do agressor, criando, uma dicotomia composta por mulheres “vítimas radicais”, de um lado e homens “agressores absolutos”, de outro.

Grossi se refere a esta corrente como “radical”:

“ (...) uma das tendências do feminismo no primeiro mundo, o feminismo radical, um forte viés essencialista que tende a naturalizar e tomar como universais as relações homem/mulher. Estas autoras, no Brasil, cunharam a expressão “violência

⁴⁶ Marilena de Souza Chauí, conceituada filósofa brasileira, é autora de várias obras, como: repressão sexual, conformismo e resistência, o que é ideologia, entre outras.

de gênero”, utilizando-se contraditoriamente , no meu entender, o conceito de gênero para falar de uma posição na relação homem/mulher. Para estas autoras a violência contra as mulheres é uma violência “de gênero” porque ela é sempre masculina, seja quando exercida por homens, seja nos casos mais raros, quando é exercida por mulheres”

(Grossi, 1999, p. 5)

O ponto de vista feminista mais radical admite que as mulheres podem ser violentas, mas a violência praticada por elas tem características de auto - defesa, como respostas emocionais à vitimização presente ou passada.

“ (...) Antes, pode se dizer que o que estamos chamando de paradigma de violência doméstica abrange um vasto conjunto de idéias e posições que não reconhecem o recorte de gênero como única explicação plausível, e baseiam-se, ao contrário, em análises multifatoriais “

(Soares, 1999 – p. 156)

Mas, concordamos, em parte, com Soares quando diz:

“O fato de que existam mulheres violentas, casais mutuamente agressivos e homens vitimizados pela brutalidade feminina não conduz, ou não deveria conduzir, de forma alguma, à demolição do modelo feminista. Não deveria anular a imagem de uma violência de gênero, aprendida e endossada socialmente; a imagem da mulher prisioneira do ciclo da violência, submetida cronicamente ao abuso físico e psicológico do parceiro; da mulher ameaçada, dependente, isolada, indefesa, coagida e aterrorizada”.

(Soares, 1999 – p. 171)

Pois, o modelo feminista mais radical tem muito a nos ensinar, mesmo que dele discorremos em alguns aspectos, como, por exemplo, do conceito de “violência de gênero”, que vê o homem sempre como agressor e a mulher a vítima. No nosso entender, esta posição, inclu-

sive, discrimina a mulher, novamente colocando-a como inferior; alguém sempre vitimizada, dando a impressão que deve receber sempre a “proteção externa” como vítima, porque é fraca, não sujeito, pessoa não igual; para nós, a mulher é uma pessoa igual que tanto pode, por si, agredir como ser agredida, amar como ser amada, entrar numa relação de agressão e sair dela, com ajuda, se necessário, mas como qualquer pessoa que sofre violência. Enquanto este trabalho estava sendo elaborado, junho/2001, uma mulher mãe mata, à queima roupa, sua enteada em pleno centro da cidade de Lages, de dia e na presença do marido, pai da vítima, e de outras pessoas que passavam ali no momento:

“Depois da retomada de uma discussão antiga na rua Coronel Córdova, bastaram algumas palavras ofensivas da filha de S.B.L. dirigidas à madrasta T.R.D, para que esta retirasse da bolsa o revólver e disparasse contra a enteada A.B.L. , 31 anos, que foi atingida no abdômen. A mesma bala acabou atingindo o antebraço de S.B. sem qualquer gravidade. A.B.L. foi atendida pelos socorristas do Corpo de Bombeiros, que a transportou ao Hospital Nossa Senhora dos Prazeres, onde foi internada em estado grave. A situação de A.B.L. era tão delicada que o pai dela S.B. L. admitia logo depois que dificilmente sobreviveria. Esse temor se confirmou duas horas depois dos disparos. A.B..L. (...) morreu às 11,45min...”

(Correio Lageano, 12/06/2001 – p. 8)

“Vivendo maritalmente há alguns anos, tendo inclusive um filho de cerca de três anos, o casal C.A.R.S. 19 anos e S.C.N. 39 anos, (...) vivendo sempre os dois lados da moeda. Entre tapas e beijos, (...) algumas brigas foram registradas, duas de extrema violência , acabando um no hospital e o outro na delegacia. A primeira delas foi na madrugada de 8 de dezembro passado, lá no bucólico Salto Caveiras . C. desferiu alguns pontacos de faca em Indignado que foi socorrido pelos paramédicos e encaminhado ao H.N.S.P. (...) Mas...o amor logo voltou a cutucar o coração do não vivente mas, sim... “sobrevivente” apai-xonado. Acontece que na madrugada desta Terça, 5, lá veio a pior delas (...) No bairro Dom Daniel, a bronca foi feia, e, caiu o pau do barraco. Mais uma

discussão e, de repente um tiro chamou atenção dos vizinhos que imediatamente acionaram o CUPOM 190, e como a informação dava ciência de um ferido, o ASU também foi providenciado. Chegando logo, perceberam estava lá um corpo estendido no chão da cozinha. Era ele sim, o indignado, que socorrido em estado grave, inconsciente, com um tiro na cabeça. (...) C., ficou no local até a chegada da polícia e se entregou ao receber voz de prisão. Ela entregou também a arma, um revólver Rossi, 5 tiros, calibre 38 n. 27636 (...) Indignado continua na UTI”.

(Jornal O MOMENTO, 08 a 15/06/2001 p. 39)⁴⁷

Num espaço de sete dias, só na cidade de Lages ocorreram duas situações de extrema violência provocada por mulheres, a Segunda, em relação ao marido, mas a primeira, entre duas mulheres. Atos violentos praticados por mulheres aparecem com muita frequência nos jornais da cidade de Lages. É obvio que a violência praticada por homens é incomparavelmente maior, mas fica claro que as mulheres também podem ser violentas, e nem sempre são vítimas.

Apenas nos três primeiros meses do ano de 2001, o Conselho Tutelar (CT) de Lages já registrou 368 casos de violência contra crianças e Constata-se também que 31,67% dos casos de violência são praticados pela mãe biológica, contra 25% pelo pai, seguindo na seqüência a madrasta, o padrasto, tias, avós e irmãos. (Jornal Correio Lageano, 12/06/2001 – p. 9)

Mas a violência feminina pode ter outra característica, às vezes até mais freqüente, como diz Xavier:

“Ao contrário da agressão física caracteristicamente perpetrada pelos homens, (...) através de uma ação física ativa, (típica de uma competição/concorrência entre predadores que se enfrentam) a potência destrutiva da mulher no exercício da maternidade contra os indivíduos que lhe estão sob controle e que, inclusive, lhe são subordinados em força física pode ser dada pela inação e pela passividade. Se deixar de alimentar, deixar de banhar, dei-

⁴⁷ O crime aconteceu dia 05 de junho. As abreviaturas dos nomes nestas duas reportagens acima são nossas.

xar de cuidar das crianças ao atravessar uma rua (nas cidades) ou ao entrar nas proximidades de uma mata (em uma sociedade indígena próxima às matas). A mulher mãe pode estar definindo a morte de seu filho, pela inércia, pela não ação, pela exposição indevida de um indivíduo ainda incapaz a um perigo que ele não tem condições ou maturidade de avaliar, e para o qual não saberia armar uma estratégia de defesa eficaz... (...) Essas agressões do descuido/inação dialogando com as agressões da ação física ativa de bater ou dar uma surra cifrariam potências simbólicas semelhante.

(Xavier, 1998 – p. 64-65)

É a chamada violência passiva que pode se caracterizar como indiferença, abandono, desconhecimento, descuido, desprezo etc.

Podemos considerar objetivamente um ação de extrema violência passiva (sem julgar a pessoa, mas só a ação), quando uma mãe deixa uma filha aos cuidados do companheiro, sabendo que este pode estuprá-la ou então permanece em silêncio quando a filha já foi estuprada, negando, muitas vezes, o fato, no caso de desconfiança de outras pessoas, para defender o companheiro de quem evita se separar por considerá-lo um ótimo amante.

Trabalharemos a questão, portanto, sem nos deixar cair, a nosso ver, no “mito do polo masculino violento”, mas admitindo que homens e mulheres podem praticar atos de violência. Neste sentido, para nós os homens e as mulheres não são nem bons nem maus, mas nossa atitude é de identificar o processo da violência que pode estar inscrito nos corpos dos homens e das mulheres, e, que creditamos estar muito mais presente nos homens, por uma construção histórica de milênios, mas podendo ser mudada e que, pelas evidências, está em processo de mudança. Sendo assim, podemos afirmar que em nosso cenário, pelo menos brasileiro e serrano, é possível encontrar homens vítimas de violência das mulheres, embora o número de mulheres vítimas de violência dos homens, é patente ao olhar, seja “infinitamente” maior.

A dinâmica da violência contra as mulheres, na família pode “aprisionar” uma mulher por vários anos sem que ela encontre meios de rompê-la; muitas mulheres nem consciência têm de que são vítimas de violência por parte do parceiro. As variadas formas de violência

contra a mulher são elementos de uma “pedagogia da violência” que têm como resultado as respostas de medo, depressão, culpa, passividade, baixa estima, entre outras.

Segundo as feministas, ao longo do processo de relação de violência, as mulheres vão perdendo sua auto-estima, bem como a confiança nas pessoas, ou então, passam a confiar demais. Estão sempre na posição defensiva e se tornam agressivas, especialmente com as crianças. Vivem assustadas e sobressaltadas. Vão se tornando dependentes nas decisões e extremamente cautelosas em tomar iniciativas diante do agressor, com medo de despertar sua raiva. Elas passam a se sentir muito culpadas e, ao mesmo tempo, procuram agir como super responsáveis, desempenhando o papel de super mulheres. Vão perdendo a capacidade de comunicação e, com ela, a esperança.

Segundo ainda o modelo feminista, o ciclo da violência se compõe de três fases distintas: Na primeira fase acontece a construção do clima de tensão, com ocorrência de incidentes menores. A segunda fase é marcada por fortes agressões, onde a tensão atinge o ponto máximo. Em seguida, vem a terceira fase, quando o agressor mostra remorso e medo de perder a parceira; é a chamada fase de lua-de-mel. O agressor pode fazer muitas promessas de não bater mais. Muitas mulheres acreditam que tudo pode mudar; mas, é só o começo de uma violência, que pode levar até a morte.

Muitas vezes, a violência começa por motivos aparentemente fúteis:

*“A Agressor acha que a vítima tem que apanhar;
A vítima não tinha pagado a conta da luz;
Agressor e vítima discutem sobre a fumaça do fogão à lenha;
Vítima não deu cigarro a ele;
Vítima não estava em casa na hora do almoço;
Vítima não tinha feito o almoço; Faltavam duas laranjas quando o agressor chegou em casa (...).*

(Pacheco, 1995:87, Apud Xavier, 1998 – p. 61)

Xavier lembra que a elaborada por Pacheco chega a 16 itens.

“ ANA - É como se fossem portas. Ele vai abrindo portas, a mulher vai dando espaço e ele vai abrindo...vai arrobando portas, até que ele arromba a última porta, que é a porta do corpo, talvez a porta da vida(...) Eu procuro achar o caminho de fortalecer essa mulher, qual é a primeira porta que pode ser fechada. (...) Às vezes, a primeira porta é ela dizer “nos filhos não” e fincar pé “nos filhos não”. (...) Quando ele vai arrombando, a mulher vai virando um nada, ela não tem...ela perde a coluna vertebral, entende. Ele vai arrombando, vai arrombando, vai arrombando. (...) Agora, se a mulher não tiver força pra fechar a primeira porta, uma pequena que seja, nem que seja dizer o primeiro “não”, “não, isso não”. (...) a violência começa num olhar feio. Os homens, algumas vezes, começam a dominar com um olhar e (?) e aí vem a proibição de visitar a família, e não pode mais sair com a mãe. Essa é a primeira coisa que acontece, é afastar da família, e depois afastar dos amigos, e depois criar problema no trabalho, e depois Ter hora pro almoço e pra janta, e depois controlar quanto tempo ela ficou no mercado, e depois se a comida tava boa, e aí vai pro empurrão, e aí vai pro bofetão, e aí vai pra relação sexual, e aí tem gravidez, e tem filho, e aí vai pra desconfiança, entende. (...) Talvez a primeira porta que elas tenham que fechar é essa, dizer: “não, eu vou visitar a minha mãe” e buscar a mãe, buscar ajuda do pai e da mãe. Tu entende com é?”

(Xavier, 1998 – p. 61)

Existem muitas causas que fazem com que uma mulher permaneça na relação:

Esperança de que o marido mude de comportamento: principalmente diante, muitas vezes, da atitude do marido que pede perdão, na “fase de lua de mel”;

Isolamento: Muitas mulheres acabam se isolando de amigos e parentes;

Negação social: Quando profissionais da área ou amigos incentivam a mulher a permanecer na relação, minimizando o problema e acreditando que logo tudo estará resolvido;

Artifícios do agressor: Quando as mulheres começam a insinuar que vão deixar a relação, os agressores recorrem a vários tipos de ameaças, como ameaça de morte, de interferir no trabalho da mulher, de reivindicar a custódia dos filhos, etc.;

Crença no tratamento dos agressores: No caso em que o marido se submete a tratamentos, a mulher torna-se muito esperançosa de que tudo será resolvido.

Autonomia econômica: é um dos principais motivos para aquelas mulheres que se encontram em precárias condições de sobrevivência, mesmo porque muitas delas foram impedidas durante todo o período da vida de namoro e casamento, de estudar ou assumir uma profissão;

Não têm coragem de acabar com o Casamento: e muito menos desejam que seus casamentos acabem numa delegacia.

Sentimentos de culpa: Muitas mulheres encontram uma grande barreira na própria consciência, achando que o rompimento com o agressor pode ser um pecado, por vários motivos: porque a Igreja não permite, porque ele (o agressor) precisa muito dela, por que as crianças vão sofrer com a separação...porque Deus não aceita quem foge da luta e, quem sabe, ela tenha mesmo que passar por isso na vida etc.

“A mulher violentada (...) em geral: 1) tem uma baixa auto-estima; 2) Acredita em todos os mitos acerca de relacionamentos violentos; 3) é tradicionalista em relação ao lar, acredita firmemente na unidade familiar e no estereótipo do papel sexual prescrito às mulheres; 4) aceita responsabilidades pela ação do agressor; 5) tem sentimentos de culpa, embora negue o terror e a raiva que sente; 6) revela uma aparência passiva para o mundo, mas possui bastante força para manipular seu ambiente a fim de evitar o abuso subsequente e ser morta; 7) expressa reações graves de estresse, com queixas psicofisiológicas; 8) usa o sexo como modo de estabelecer a intimidade e 9) acredita que ninguém será capaz de ajudá-la solucionar sua dificuldade exceto ela mesma.”

(Walker, 1979:31 – Apud, Soares, 1999 – p.130)

Segundo o modelo feminista, quanto maior for a violência contra a mulher, na família, maiores serão as chances de abuso contra os filhos, por motivos que geram agressividade, como o sentimento de culpa, a baixa estima e o sentimento de ser vítima.

São muitos os motivos, conforme Soares, que levam a mulher vítima de violência na família, a procurar ajuda mais cedo, a demorar mais ou a nunca procurar; depende das circunstâncias sócio, econômicas e culturais, da reação de cada mulher frente a elas e das pessoas e instituições de apoio existentes na comunidade. Muitas mulheres encontraram motivação para romper, por exemplo, depois de uma conversa com o padre ou com uma assistente social; outras depois de conversar com assistente social, padre, psicólogo e outros profissionais de ajuda, permaneceram no casamento violento. Porém, a maioria dos autores reconhece que uma comunidade com instituições de ajuda a mulheres vítimas de violência familiar, o apoio de profissionais, amigos e familiares etc., são fatores que ajudam muito na decisão de rompimento da maioria das mulheres, com seus parceiros agressores.

Os agressores, por sua vez, não pertencem a um grupo específico da comunidade. Podem ser provenientes de qualquer classe social ou etnia.

“Para Lenore Walker (1989), o homem que bate tem baixa auto-estima, compartilha valores tradicionais sobre a supremacia masculina e visões estereotipadas sobre papéis de gênero, culpa terceiros por suas ações, é patologicamente ciumento, apresenta duas diferentes personalidades (...) revela severo estresse em suas reações (durante os quais usa bebidas e/ou bate na mulher), usa o sexo, freqüentemente, como forma de agressão, para elevar sua auto-estima (pode ser bissexual) (sic!) e nega seu próprio comportamento violento e as conseqüências de suas agressões.”

(Soares, 1999 p. 151)

Pagelow mostra outra lista de características que, basicamente, não difere de Walker. Para ela os traços mais comuns de homens que praticam violência contra suas parceiras são:

“ (...) a) baixa estima (sentem-se perdedores); b) tradicionalismo; c) incapacidade de expressar as emoções (exceto raiva e ciúmes); d) falta de assertividade; e) isolamento social; f) problemas no trabalho; g) dependência do álcool; h) Experiência como testemunha de violência familiar na infância; I) personalidade auto-

ritária j) variações de humor; k) Tendência a socar as paredes e outros objetos e a ferir animais, como forma de demonstração de raiva.”

(Pagelow, 1984, p.326-327 – Apud, Soares p. 152)

Grupos de auto ajuda feminista, acrescentam ainda ao perfil do agressor: o rápido envolvimento com a parceira ainda no namoro, comportamento controlador, expectativas irrealistas em relação às parceiras, esperando que elas preencham todas as suas necessidades, hipersensibilidade em se ofender, crueldade, não só com animais, mas com crianças, papéis violentos nas relações sexuais, abuso verbal, outros abusos no passado, utilização da força física, entre outros.

Giddens, nos coloca uma das razões, a nosso ver, fundamentais, pelas quais os homens passaram a se aplicar mais, na modernidade, à prática da violência:

“As sociedades modernas possuem uma história emocional secreta, mas prestes a ser completamente revelada. É uma história das buscas sexuais dos homens, mantidas separadas de suas identidades públicas. O controle sexual dos homens sobre as mulheres é muito mais que uma característica incidental da vida social moderna. À medida que esse controle começa a falhar, observamos mais claramente revelado o caráter compulsivo da sexualidade masculina sobre as mulheres – e este controle em declínio gera também um fluxo crescente de violência masculina sobre as mulheres”.

(Giddens, 1992 – p. 11)

Arendt, caminha nesta mesma direção, embora esteja falando da violência em geral:

“Mais uma vez não sabemos aonde estes desenvolvimentos podem conduzir, mas sabemos, ou deveríamos saber, que cada diminuição no poder é um convite à violência – quando menos já simplesmente porque aqueles que detêm o poder e o sentem escapar de suas mãos, sejam eles ou governantes ou

os governados, têm sempre achado difícil resistir a tentação de substituí-lo pela violência”

(Arendt, 2000 – p. 63)

Observa-se, nas últimas décadas, um aumento significativo da violência contra a mulher, nas famílias, em todo o Brasil.

Mas, parece-nos que Giddens e Arendt, embora citem um elemento básico da origem da violência masculina, pelo viés da perda do poder, outros elementos, por ex., encontrados em Girard e em Janice Tirelli, não são menos importante, embora relacionado com a perda do poder.

“A violência não saciada procura e sempre acaba por encontrar uma vítima alternativa. A criatura que excitava a sua fúria é repentinamente substituída por outra, que não possui característica alguma que atraia sobre si a ira do violento, a não ser o fato de ser vulnerável e estar passando a seu alcance. (...) Convém perguntar se o sacrifício ritual não se baseia em uma mesma substituição de mesmo tipo, embora em sentido inverso”.

(Apud, Xavier, 1998 – p. 56)

Girard nos alerta para a questão da carga e descarga do violento e para a questão da vítima da violência. Podemos também, a partir deste texto, dizer que o violento, que se tornou violento por várias situações sociais vividas, diante das quais se sente impotente para superá-las, passa a descarregar ou transferir sua fraqueza a um “bode expiatório”,⁴⁸ na sua concepção, mais fraco, sobre o qual tem poder, que, no caso da violência familiar, chamamos de mulher, marido, filhos ou outros membros da família.

Janice Tirelli, vem então, acrescentar elementos importantes, na configuração da violência social familiar, além daquele da perda de poder em relação à mulher. No caso do Brasil, Tirelli lembra a perda do poder aquisitivo do homem, a entrada no mundo do trabalho dos

⁴⁸ O significado de “bode expiatório” é conhecido por todos. Conta-se que muitos povos antigos, habitantes em regiões desérticas, uma vez por ano saíam para além dos muros da cidade, em grupos grandes ou pequenos, cada qual levando um bode. A uma certa altura do deserto todos descarregavam tudo o que tinham feito de errado sobre o bode. Faziam uma verdadeira catarse. Eles acreditavam que ficariam, assim, limpos de erros, os quais desapareceriam no deserto no bode.

jovens – e também da mulher mãe – trazem consigo a autonomia, gerando também a perda do poder. Tirelli cita outros elementos de extrema importância como: a perda de referência, a fragmentação da vida, as grandes mudanças nas relações familiares, a cultura autoritária desenvolvida no país, a cultura do medo, do individualismo, da falta de solidariedade, a neutralização da capacidade crítica do indivíduo, a coisificação das pessoas, a desagregação organizativa, a insegurança existencial etc. Todos esses elementos juntos ou parte deles aparecem agregados ao fato da libertação crescente da mulher.

O homem, perdido na sociedade, passa a ficar também perdido na família. Mas, quando não encontra o bode expiatório na sociedade, busca encontrá-lo no território onde ainda se acha dono: a família, a mulher e os filhos. Por sua vez, a mulher busca descarregar sua raiva num outro bode expiatório: os filhos. Forma-se assim, uma corrente de violência, onde todos passam a ser algozes e vítimas, mesmo no caso dos homens violentos, não deixam de ser vítimas.

Quanto mais fracassado se acha, mais possibilidade de se tornar violento, ou, então, acontece o processo de aniquilamento pessoal, com um processo de fuga para as drogas e para o álcool.

Portanto aqui, nos juntamos com Tirelli e Diógenes, e podemos fazer a pergunta que Diógenes já fez com muita obviedade: Alguém pode dizer que está isento do processo de violência social e familiar crescente? Não temos nada a ver com aquele pai de família fracassado e com aquela mãe, menina, menino, tornados bodes expiatórios? Tirelli, nos remete a Chardin, quando ele diz que as coisas não acontecem isoladamente; portanto a violência familiar, contra a mulher, está ligada diretamente à violência social, que por sua vez é produzida pelas inúmeras organizações sociais, que produzem o homem e a mulher fracassados, portanto, impossibilitados de se realizarem nas várias dimensões da vida: governos, poder judiciário, militar, o mundo faminto do mercado que vive para eliminar e fracassar a maioria das pessoas, as igrejas, as escolas, e tantas outras instituições.

Conta-se uma estória ou história, não se sabe bem, que um certo dia, Sexta-feira Santa, estavam na sacristia, prontos para começar a celebração eucarística e todas as demais cerimônias referentes à data, o cardeal luxuosamente vestido, acompanhado por bispos e padres. De

repente, houve um tumulto lá fora. O sacristão vai ver o que aconteceu; volta e diz: Eminência, já podemos começar. O pequeno incidente que aconteceu lá for já foi resolvido. E o que foi ? perguntou o cardeal. Um homem que não encontrou pousada na cidade, foi encontrado morto, recostado na parede lateral da igreja. Então, o cardeal entrou solenemente na catedral, com todo o seu séquito, olhou tristemente para a multidão de fiéis ali presentes e disse: irmão e irmãs, hoje não podemos celebrar a missa. A cerimônia está terminada. Um homem morreu de frio em nossa comunidade. Estamos todos em pecado mortal. Diz o conto que é por isso que nunca mais se celebrou missa, nas Sextas- Feiras Santas. O que o dito cardeal diria para todos nós diante de uma legião de homens e mulheres violentos e violentados?

Muitos movimentos sociais e instituições de apoio a mulheres que sofrem violência na família estão contribuindo imensamente para que esta questão, antes, do domínio exclusivamente privado, se torne matéria pública e para que a violência familiar em geral, e em particular, contra as mulheres, se torne sempre mais algo a ser negado e combatido por toda a sociedade. Sem a intenção de destruir o campo da intimidade familiar, as pessoas, a comunidade, a sociedade e o Estado têm o dever, segundo a constituição federal e o ECA, de interferir na família, onde existe a prática da violência, pois todos somos igualmente responsáveis, segundo a mesma constituição e o ECA, de assegurar... “a liberdade, a convivência familiar e comunitária”

“A partir da participação popular e do compromisso de profissionais da área do atendimento, vai se formando um movimento de construção da cidadania, (...) culminando no Estatuto da Criança e do Adolescente como lei 8.069/9, regulamentando o artigo 227 da Constituição Federal. (...) exige um novo ordenamento jurídico, trazendo inovações na política de promoção e defesa dos direitos: a) Mudanças de conteúdo; b) Mudanças de método; c) Mudanças de gestão”.

(Gubert, 1999 – p. 15)

CAPÍTULO 4

VIDAS MARCADAS

1. Realidade Sócio - Econômica e Cultural da Região Serrana

Desde a primeira metade do Século XVI, viajantes europeus, bandeirantes paulistas, militares brasileiros e padres jesuítas já passavam pelos Região do Planalto Sul de Santa Catarina⁴⁹. No entanto, não consta que nenhum desses “aventureiros” tenha deixado por aqui quaisquer vestígios que mereça destaque.

Foi partir do Século XVIII, que os portugueses ocuparam essa região do planalto. O ciclo do ouro provocou o desbravamento de novas regiões, ocasionando grande demanda de alimentos e outras mercadorias para o consumo da população emergente, no eixo São Paulo – Rio de Janeiro – Minas gerais.

⁴⁹ O Estado de Santa Catarina é dividido politicamente e administrativamente em 19 Regiões, obedecendo a critérios de semelhança geográfica, econômica, social e cultural. A Associação dos Municípios da Região Serrana – AMURES - compreende 18 municípios: Anita Garibaldi, Cerro Negro, Campo Belo do Sul, Capão Alto, São José do Cerrito, Ponte Alta, Otacílio Costa, Palmeira, Correia Pinto, Bocaina do Sul, Bom Retiro, Rio Rufino, Urupema, Urubici, Paineira, São Joaquim, Bom Jardim e Lages. Quando falamos em Planalto Sul, nos referimos aos municípios da AMURES e mais cinco municípios vizinhos: Curitibanos, Frei Rogério, São Cristóvão do Sul, Ponte Alta do Norte e Celso Ramos, que somam juntos uma população de 330.000 Habitantes (IBGE – 2000).

“Desde o Rio Grande do Sul, tilintou o sincêro anunciando o caminhar das tropas de gado bovino, cavalos e muares, para serem comercializados nas Feiras de Sorocaba, São Paulo”

(Locks, 1998: p. 24)

A partir de 1930, começa a afluir para os campos de cima da serra, gente de diversas procedências, como do litoral catarinense, Taubaté e de outras regiões paulistas.

“Com a abertura do “Caminho das Tropas” e dos “Conventos” começaram a afluir para os campos de Lages, desde 1730, conforme descrição de Costa, moradores de Laguna, São Paulo e de Taubaté. Também chegaram numerosos refugiados, “fora da lei”, pois ainda não chegara o “braço da justiça”. Vinham os pioneiros – aqueles em paz com a lei – atraídos pela fama nascente de riqueza dos campos devolutos de Cima da Serra, povoados de rebanhos imensos de gado bovino e manada de equinos. Além destes, vieram do Sul, por informação de Ehlke, “acompanhando as tropas, peões paraguaios, corrientianos e uruguaios (...) vieram até bolivianos e um outro chileno, talvez já radicados na Argentina”.

(Idem, p. 24 –25)

Queirós diz que Morgado Mateus, um preposto do Marquês de Pombal, ao escolher um sítio ao longo da estrada e fundar a vila que seria Lages, escreveu : ... “os poucos moradores que achei, há um ano completo que levantei a capela neste Continente, vieram retirados da invasão do Rio Grande de perdidos acharam aqui seu asilo, vivendo em consternação de grandes misérias.

(Apud, Queirós, 1981, p.25).

“ Além desses antigos estancieiros empobrecidos, de origem paulista, e portuguesa, já havia espalhados pelos campos e as matas, ancestrais dos futuros caboclos: eram os “forros carijós administrados”, que segundo o governo de en-

tão, “andam vadios, e não têm casa, nem domicílio certo, nem são úteis à república” isto é, eram antigos peões e índios escravos, que viviam fugidos. Toda essa gente dispersa, estancieiros arruinados, servos foragidos, “criminosos” e provavelmente antigos camaradas de tropas de burro que se deixaram ficar pelo caminho, é que Correia Pinto pretendia reunir, pela força “mas também pela sua indústria”, para formar a população.

(Idem, p. 25).

Lages era passagem obrigatória para os tropeiros, que afluíam de muitas partes do sul do Brasil. Aqui permaneciam até por alguns meses, recobrando forças. No início, só alguns desses tropeiros passaram a residir definitivamente na região, pois a maior parte deles temia os ataques dos índios, que desde tempos imemoriais, ocupavam esse território, aos milhares. Várias tribos habitavam essas terras. Umas viviam do cultivo do milho e da criação de animais, e outras da simples coleta e caça, tão abundantes nesses tempos.

Os índios tentaram resistir durante 150 anos, até que foram totalmente rechaçados, e a maioria absoluta exterminados. No entanto, eles não se apagaram, no sangue, nos traços físicos, na cultura, e nem na memória do povo serrano, que mesmo assim, tem um sentimento de rejeição por suas origens, em parte indígenas. Quando se quer dizer que uma pessoa é “grosseira”, “de pouca cultura” ou “violenta”, fala-se que tem o sangue “Abugrado”.

“Esse caboclo serrano, do ponto de vista étnico, é o resultado, em primeiro lugar, da miscigenação entre o elemento europeu, português ou descendente de português, o colonizador da região, mais o negro, escravo que acompanha o bandeirante, e o índio, que já habitava a região.”

(Munarim, 1990, p. 29).

Juntou-se ao povo caboclo da região serrana, no início deste século, trabalhadores provenientes do Rio de Janeiro e São Paulo, para a construção da estrada São Paulo – Rio Grande. Muitos acabaram ficando por aqui.

Acrescenta-se a esse contingente, a partir das primeiras décadas desse século, um expressivo movimento migratório de descendentes de alemães e italianos do litoral de Santa Catarina, que para cá vieram para explorar a agricultura. Estabeleceram-se principalmente nos diversos municípios da AMURES, como: Urubici, Bom Retiro, Bocaina do Sul, Anita Garibaldi e Celso Ramos.

A partir da década de 1940, vieram também muitos migrantes do Rio Grande do Sul, descendentes de Italianos, que passaram a enriquecer-se com a extração ostensiva da *araucária angustifolia*, o pinheiro nativo.

A Região Serrana sofreu, portanto, um processo histórico de espoliação, advindo fundamentalmente do uso irracional de suas reservas naturais (especialmente o pinheiro), que eram extraídas e exportadas em bruto para todo o mundo. Muito pouco se reinvestiu, em termos de geração de alternativas aos desenvolvimento. Ao contrário, os madeireiros que aqui fizeram fortunas, investiram em outras regiões do estado e do país. Deixaram aqui, como herança, desemprego, miséria e recursos naturais esgotados.

Em função disso, a região vem assistindo, nas últimas décadas, um violento êxodo rural e urbano, onde a população rural, migra para o pequeno município⁵⁰. No pequeno município, por falta de oportunidades de integrar-se na vida social, migra para Lages - município pólo – e, de Lages, para outros centros mais desenvolvidos do Estado. Nestes centros, encontra enormes dificuldades para sobreviver. No contexto de uma crescente evolução tecnológica, e da crise de emprego, parte dessa população acaba retornando a Lages; o contingente maior, no entanto, passa a sobreviver nestas cidades como subempregados. Apenas uma pequena parte se estabelece com sucesso.

Temos 33% da população serrana formada por Crianças e Adolescentes empobrecidos, sem perspectivas de uma vida digna, num futuro próximo.⁵¹

2. O Município de Lages, no Contexto Sócio - Econômico e Cultural da Região Serrana.

⁵⁰ Por pequenos municípios entendemos aqueles da AMURES que têm uma população de até 22 mil habitantes.

⁵¹ (Cf. Pesquisa Cáritas Diocesana de Lages, 1995).

Seu início se confunde com os primeiros momentos da ocupação da Região Serrana. O povoamento⁵² dos “Campos das Lajens”⁵³ data do início do Século XVIII, com a chegada dos primeiros europeus, que pretendiam abrir caminhos para atingir as campinas do Rio Grande do Sul, ricas em gado.

Os documentos primitivos mencionam uma paragem chamada de “Lajens”, um pouso de tropeiros que viajavam para S. Paulo e Sorocaba (1661), levando mulas, cavalos e bovinos.

Lages foi fundada, antes de tudo, por razões políticas. O Governador de São Paulo, Morgado Mateus, dera a Correia Pinto a missão de cuidar dessas paragens para protegê-las contra a invasão dos índios organizados em missões jesuíticas espanholas.

Quando Correia Pinto veio para os campos de Lages, aqui ele já possuía terras desde os tempos em que era tropeiro. Correia Pinto recebeu vários privilégios do governador. Veio para esses campos, trazendo a família, agregados, escravos, ferramentas, armas, munições e uma boa quantia em dinheiro.

Em 1766, Lages foi elevada à categoria de vila. Já tinha igreja e centenas de habitantes. Correia Pinto e sua gente nunca sofreram os ataques esperados dos índios missioneiros. No entanto, conseguiram levar a cabo a tarefa de exterminar os índios de toda a região. Os índios foram resistindo ao longo de 150 anos, realizando também muitos ataques, até que desaparecessem por completo.

Após a morte de Correia Pinto, a vila entrou em decadência, preocupando até as autoridades a nível nacional, como D. João VI.

Em 25 de Maio de 1860, a vila é elevada à categoria de cidade. A partir de 1960, seu nome passa a ser escrito com “G”.

Desde 1766, Lages se dedicou quase que exclusivamente a atividades ligadas à pecuária e ao comércio. Predominou o latifúndio (fazenda) na Região Serrana, até 1940.

A “atividade da fazenda” produziu uma herança cultural peculiar, criando um “tipo serrano” estratificado numa rígida hierarquia de poder.

O fazendeiro, para desenvolver as lidas da fazenda, tinha os agregados⁵⁴, peões⁵⁵ e capatazes⁵⁶. Forma-se uma verdadeira sociedade patriarcal, comandada pela autoridade do che-

⁵² Digo povoamento, embora aqui já estivesse povoado por índios e alguns “aventureiros”.

⁵³ Lagens era chamada, no início, de Campos das Lajens”.

⁵⁴ Espécie de empregados da fazenda

⁵⁵ Um pouco abaixo do agregado, totalmente submisso ao patrão.

fe e moldada por valores de “interesses do macho”, sendo quase inexistente as iniciativas da mulher, que assume sempre mais ser uma espécie de “extensão” quase incondicional do homem.

“Sobre o aspecto das relações do poder político, até a proclamação da república brasileira, o agregado ou peão de fazenda reconhecia como autoridade, o proprietário da fazenda – senhor das terras e de gentes. É a conhecida forma de organização social com base no patrimônio. O patrimonialismo recebeu um tratamento particularizado de Max Weber, para quem “patrimonialismo é uma forma tradicional de organização da sociedade, inspirada diretamente na economia doméstica e baseada em uma autoridade santificada pelas tradições (...) O poder político patrimonial vincula dominantes e dominados por meio de uma comunidade consensual, que pode existir independentemente de um poder militar patrimonial autônomo, e que repousa na convicção de que o poder senhorial exercido tradicionalmente constitui direito legítimo do seu senhor”

(Apud, Locks, 1998, p. 38-39).

Observava-se mais explicitamente, até 15 anos atrás, que ainda muitas mulheres de fazendeiros vinham nas secretarias paroquiais, por exemplo, trazer os documentos dos noivos, filhos do peão, para fazer o processo do casamento religioso, ou acertar os detalhes para o batizado do filho do peão, do qual era madrinha. Encontramos ainda pessoas em Lages, que foram conhecer dinheiro aos 30 ou 40 anos de idade. A maioria dos caboclos expressavam sua admiração pelo patrão (da fazenda e depois, também da indústria), convidando-os para padrinhos de seus filhos. Muitos patrões e outras pessoas de expressão social, como Dom Daniel Hostin, primeiro Bispo de Lages, chegavam a ter até 500 afilhados.

Foi construído, desta forma, como diz Bourdieu, um verdadeiro “estilo de vida”, pois a fazenda e depois sua extensão nas serrarias, foi o lugar onde esses Agentes elaboraram sua “representação de mundo” (Bourdieu, 1989, p. 133).

⁵⁶ Uma espécie de gerente, fiel executor das ordens do patrão, quaisquer que fossem elas, eram “sagradas”.

Foi somente a partir de 1940 que Lages passou a se dedicar à indústria da madeira, tendo como matéria prima básica o pinheiro araucária.

O número cada vez maior de serrarias e do conseqüente comércio da madeira, foi modificando o rosto e o destino da cidade. Assim, junto a um número cada vez maior de serrarias, surgem as oficinas mecânicas, aumenta a frota de veículos, instalam-se pequenas fundições para a manutenção das serrarias. Outras atividades comerciais são instaladas, bem como novas rodovias e postos de gasolina.

A pecuária passa para um segundo plano.

Lages tornou-se uma cidade politicamente expressiva, inclusive a nível nacional. De 1950 a 1970 sua população quadruplicou.

A partir de 1975, tem início a decadência econômica da cidade de Lages. A Indústria madeireira entra em crise e a região, desde então, até os dias de hoje, está à procura de caminhos para sair da situação de empobrecimento em que se encontra.

Como já nos referimos, estamos assistindo a um violento e contínuo êxodo rural na região serrana. As população rural migra para o pequeno município. No pequeno município, por falta de oportunidades de integrar-se na vida social, migra para Lages - município pólo - e de Lages, para outros centros mais desenvolvidos do Estado. Nestes centros, encontra enormes dificuldades para sobreviver, no contexto de uma crescente evolução tecnológica, e da crise de emprego, acaba, parte dessa população, retornando a Lages.

Obviamente não é só a população rural que vem para Lages, mas também os moradores das pequenas cidades, em grande parte, obedecem o mesmo roteiro da população rural. Citamos, como exemplo, o município de São José do Cerrito, situado a 32 km de Lages: Em 1988 esse município tinha 18.000 habitantes; atualmente está com 8.000 Habitantes. Na periferia de Lages existe um bairro chamado Caroba, com aproximadamente 1.600 moradores. Em torno de 95% dos moradores desse bairro são ex-moradores de São José do Cerrito⁵⁷.

Poderíamos citar o caso semelhante de Anita Garibaldi e muitos outros; ou então poderíamos descrever bairros inteiros da região de Florianópolis, Joinville ou Caxias do Sul, habitados por moradores de Lages e municípios vizinhos.

⁵⁷ Fonte: Pesquisa Paróquia São Cristóvão, (onde está situado o bairro Caroba).

“De modo geral, os caboclos que migraram para a cidade de Lages, se radicaram nas periferias, formando bairros e vilas como o Centenário, Santa Helena, Vila Nova, São Luiz, Curva da Morte, Várzea, Penha, Guarujá, Triângulo, Lomba Seca, e Passo Fundo. Mais recentemente, outras vilas estão surgindo junto ao distrito industrial, como vila Santa Mônica e Pandolfo. Nestes bairros e vilas, em terrenos adquiridos pelo sistema de crediário ou doados pela prefeitura, os caboclos construíram suas casinhas e casebres de madeira de 4ª. (Última categoria de qualidade) ou madeirame velho de casas demolidas. Não há mais cozinha - de - chão, o terreno exíguo de má qualidade não permite horta e as fossas contaminam as águas dos poços.”

(Martendal, 1998, p. 48-49).

3. A Questão da Violência em Lages

O Povo Lageano, portanto, é formado por uma complexa miscigenação de raças e por heranças culturais bem diversificadas. Esse povo, proveniente de quase todos os municípios da Região da AMURES, é que forma basicamente a periferia da cidade de Lages.

“Enfim, o caboclo vive marginalizado na cidade. Os lugares de trabalho são escassos, os salários extremamente deficientes, a saúde é cada vez mais precária, sua moradia é pior que a antiga. Suas esperanças são reduzidas”

(Martendal, 1980, p. 50).

O caboclo, morador das periferias de Lages, continua alimentando interiormente um sentimento de inferioridade e de auto – depreciação muito grande. Costumam dizer em qualquer conversa: “eu não sei nada, o senhor é que sabe”... ou “a gente foi criado no mato, faltou instrução. A gente é burro. A gente é meio xucro.” Existe também uma mentalidade de que muitas pessoas são violentas “porque está no sangue”, é de família.

Locks demonstra como o caboclo se “olha” na questão da violência:

“Caboclo se ofende fácil. Ele trata com cortesia, mas ofendido brigava até clarear o dia. Caboclo é pessoa de veneta. É repentino. Perde o controle racional. No ato, age violento. Depois se arrepende, mas se ofendido dá golpe de faca. Tira a arma. O caboclo é bom, mas também é bárbaro. É ruim” (Manoel Joaquim dos Anjos Machado, 42 anos). Quando solicitei explicações sobre a “violência” do caboclo, este mesmo informante declarou: *“Vem da falta de conhecimento. Falta o uso da razão. Ele perde o controle. Não tem argumento para discutir e aí apela para a violência. Não é coisa do passado. Hoje acontece isso, o caboclo perde o repertório e logo agride. Um pouco é hereditário. Nossos troncos velhos têm sangue de índio. Tinham certos tipos que eram violentos. Daí vem a nossa tradição de valentia, como sinal de respeito. Se ensinava que não se podia levar desaforo para casa. Fazer isso é sinal de covardia”*. No dizer de outro informante, *“caboclo não costuma andar sozinho. Usa arma. Hoje é menos. É uma desconfiança do caboclo. No começo todo mundo andava armado. Se tinha um dinheiro, comprava uma arma prá caçar, fazer picada, fazer roça...você não pegava um homem sem facão, sem pistola. E a maior parte não sabia ler. Era quase tudo analfabeto* (João Maria P. de Oliveira, 83 anos).”

(Locks, 1998, p. 69).

Em nosso município confirma-se esta herança histórica pelo número de casos de violência, principalmente familiar. Como demonstração da obviedade desta realidade, somente enquanto estava sendo elaborada este capítulo, primeira quinzena de junho de 2001, aconteceram vários assassinatos e estupros, por parte de homens e – bem menos, mas também – por parte de mulheres.

Algumas manchetes desta primeira quinzena de junho, de casos acontecidos em Lages:

Jornal. O MOMENTO:

01 a 7/6/2001

“*Bodegueiro morreu com pedrada na cabeça*” (no bairro centenário, depois de um jogo de futebol. A pedra arremessada pela trio inimigo pesava 10kg. Morre na hora o jovem A. L. de 28 anos).

“**Menor furta até os alarmes da residência**”

“**Tal pai, tal filho, ambos xumbrega**” (pai e filho, armados dando tiros no bairro da várzea à noite)

“**Tiroteio e perseguição dos assaltantes depois da inauguração**”

“**Gerente de prostíbulo morto a facadas**”

“**Brigas na avenida continuam violentas**”

“**Furto de tênis acaba em briga de faca no Shopping**”

“**Garotas flagradas cheirando cola de sapateiro**”

“**Mulher ameaçada a tiros teve a casa detonada**”

“**Garota leva tiro na coxa e não sabe de quem**”

“**Bebeu deu porrada e quebrou a mão**”.

“**Está virando rotina atropelar e fugir em seguida**”

“**Jovem empresária afirma ser vítima de vândalos**”

“**Tentou assaltar, mas a arma debulhou-se, era de brinquedo**

“**Marido com mandado de prisão queria bronca**” (tentando agredir a esposa)

08 a 15/2001

“**Delegado afirma: Tio Guela passou doença a sobrinha de 4 anos**”

“**Desentendimento de metanóis acabam em denúncia de 4 homicídios**”

“**Filho escapa de três tiros**”

“**Mulher detona a cabeça do folclórico *Indignado***”

“**Desesperado tenta enforcar-se, mas acaba tomando Detefon**”

“**Avenida continua sendo palco de batalhas**” (Grupos rivais ao saírem das discotecas e boates).

“Gang do OV espancam menores no Caroba”

“Vizinha evita que bebum ateasse fogo na casa”

“Gurizada medonha invadiu e furtou escola”

“Vítima fica sem celular e jaqueta”

“Arrastam vítima pro canto do cemitério”

“Diabo Loiro estava mesmo endiabrado” (apelido de C.R.S. – 37 anos, portador de um revólver de 12 balas provoca muita violência nos bairros).

“Mulher mata a filha de amásio no centro” (a vítima era sua enteada)

“Barbaridade: Agride com pauladas seu pai de 87 anos”

“Tragueada detona arma contra si mesma”

“Tiro fura certinho os testículos do vivente” (Informações diz que: A.P., 21 anos, estava armado, no bairro Ipiranga, à espreita de sua ex-mulher, com a finalidade de matá-la. Como não tinha experiência, acabou atirando contra si mesmo, pois mantinha o revólver engatilhado e estava próximo da casa da ex-mulher)

“Tentativa de homicídio no Pró Morar” (Jovem E.V.S. – 26 atirado por E.P.K., 29 anos)

“Garoto de 14 anos estupra vizinha de 41”(Adolescente A.J.R. 14 anos e ela S.L, 41 anos – Bairro Caroba)

“Dupla contida logo após assalto”

“Nervoso *descarregava* defronte a Receita Federal” (G.M. 35 anos soltava bombas- foguetes contra o prédio da Receita, por apreensão de mercadoria do Paraguai”

“Mãe intervém na contenda dos filhos” (briga de madrugada entre irmãos quase causa morte).

“Elemento fora de si causa acidente de trânsito”(V.B.M., 23 anos, no Pró Morar, quebrava cercas e agredia transeuntes, acabou ocasionando acidente entre dois carros que passavam na rua)

“Bronca de casal no Passo Fundo” (segundo este jornal, o casal, ela I.L.P. 22 anos e ele C.S. 26 anos. “C. S tinha causado hematoma nos quadris da amada e ela cortado o ombro dele com uma facada”).

“*Dentinho* virou no diabo na saída da festa”.

“Marmanjo detona o orelhão defronte o parque”

“Apenas nos três primeiros meses do ano de 2001, o Conselho Tutelar (CT) de Lages já registrou 368 atendimentos a crianças e adolescentes que tiveram seus direitos violados. Segundo estatísticas do Conselho Tutelar, foram registrados 86 casos de violência física, 75 de violência psicológica, 34 de violência sexual e 173 por negligência. Já na Delegacia de Proteção do Menor, apenas 137 casos foram registrados, comprovando o medo de denunciar os abusos praticados contra menores.

Constata-se também que 31,67% dos casos de violência são praticados pela mãe biológica, 25% pelo pai, seguindo na seqüência o padrasto, a madrasta, tios, avós e irmãos. (...) Instalado em Lages desde 1993, o Conselho Tutelar já atendeu cerca de 7 mil famílias, correspondendo a 21mil menores. No ano de 2000, foram cadastrados 1.012 casos e atualmente uma média de 25 casos por dia...”

(Jornal Correio Lageano, 12/06/2001 – p. 9)

Sabemos que as notícias acima citadas destes quinze dias são só uma amostra do que ocorreu. Fomos informados que foram registrados mais de uma centena de outros casos de violência:

- 3 casos de violência, em média, foram registrados diariamente na delegacia da mulher (alguns deles (não a maioria) são os mesmos das notícias de O MOMENTO);
- Segundo depoimentos de conselheiros tutelares de Lages, foi elevado o número de casos de violência contra a mulher adulta, jovem e menina registrado naquele órgão.
- O Programa de Atendimento às Vítimas de Crime – PROCEVIC de Lages também, segundo depoimento de seus coordenadores, teve registrado elevado número de mulheres, vítimas da violência.

Segundo depoimentos de organizações sociais e pastorais, tais como: Pastoral da Criança, Irmandade, Cáritas Diocesana, Cáritas Comunitárias e Grupos de Famílias (CEBs), Centro de Defesa dos Direitos Humanos, Conselho Municipal da Mulher, entre outros, existem possivelmente, para cada denúncia feita, em média, dez que não são feitas, por diversas causas:

- Medos diversos
- Ameaças e repressão;
- Prostração;
- Cumplicidade e complô de silêncio;
- E até mesmo por descrédito nas instituições, que não tem aparato eficaz para coibir a violência do denunciado.

4. Construção Social da Identidade da Mulher Serrana: Uma História a Ser Revelada.

a) A construção Social da Identidade

Para compreender as relações de poder e sua expressão de violência contra a mulher na família, na cidade de Lages, é indispensável resgatar o processo como se forjou a identidade da mulher, engendrada a partir das relações de gênero, dos papéis sociais, da divisão do espaço social, na história das relações econômicas e sociais da sociedade local.

Do ponto de vista da abordagem antropológica, a identidade individual ou social, é o retrato que um grupo social imagina e elabora sobre si mesmo. Nas relações étnicas ou de gênero, é produzida por contraste ou oposição com outro grupo ou indivíduo (nós/eles ou eu/você). Em outras palavras, a identidade é o modo como nos imaginamos ou somos vistos pelos “outros”, aqueles que não pertencem ao nosso grupo social; no caso do gênero, a idéia que o homem faz da mulher e vice-versa.

Consideremos algumas características de maior importância na elaboração da identidade: é gerada pela imaginação através de representações mentais, valores ou símbolos extraídos e abstraídos da realidade sócio-cultural. Enquanto um conceito, a identidade mostra-se complexa, pois reflete a complexidade e subjetividades intrínsecas às inter-relações humanas, dinâmica, como é a natureza da sociedade humana. É produzida nas relações sociais, contrastes, conflitos, enfim, interesses que se encontram em jogo numa determinada sociedade. É contra-

ditória, na medida em que a identidade é gerada por diferentes ou opostas posições ou relações estabelecidas entre os agentes que compõem o grupo social.

Ao mesmo tempo, a identidade cultural encontra-se fixa e provisória na paisagem cultural. Fixa, quando os valores descritos na identidade persistem no tempo e, portanto, constituem o patrimônio cultural ou a tradição de um povo. Os valores fixos vão dando os contornos da identidade mestra. Provisória, quando ocorrem mudanças continuadas no conjunto dos hábitos, atitudes, comportamentos ou valores sociais. Neste sentido, não é possível encontrar uma identidade completa, coerente ou unificada. Isso seria pura fantasia. É próprio de sua essência, estar em permanente movimento de elaboração e reelaboração, invenção ou reinvenção.

Outra característica da identidade cultural, diz respeito à sua formação histórica e cultural. No terreno da identidade de uma sociedade humana, nada é natural ou biológico. A sua formatação é sempre consequência da ação cultural dos agentes sociais e históricos, ao contrário, como vimos acima, da crença de muitos lagueanos, por exemplo, de que “a violência está no sangue”.

Menos desinteressante é perceber que a construção de uma identidade poderá ser real ou inventada. É real, quando suas características poderão ser verificadas na realidade. Inventada, quando os valores descritos são imaginados e se encontram alojados no inconsciente coletivo da população. De um lado, corresponde a dimensão objetiva, de outro, a subjetividade contida na produção da identidade.

Da elaboração cultural da identidade decorre a sua dimensão ideológica. O seu retrato é consequência de uma posição ideológica afirmativa ou negativa. Os valores que conformam uma identidade podem indicar uma valoração positiva, a exemplo do “heroísmo”, do “pioneirismo” atribuído ao colonizador, como também negativa, quando se desclassifica o agente nativo, de “indolente”, “ignorante”, etc. No caso das relações de gênero, homem e mulher podem ser compreender em posições ou relações horizontais de cooperação e solidariedade ou por posições ou relações de dominação/submissão.

b) A construção social da identidade da mulher lageana

Partimos do pressuposto que a história das relações sócios-econômicas constituiu-se num dos principais fatores condicionantes da construção social da identidade da mulher lageana. Delineamos três momentos históricos: a) o predomínio da fazenda de criação de gado e da pequena agricultura de subsistência; b) o ciclo da extração da madeira; c) do declínio da madeira para o êxodo rural, configurando a atual cidade de Lages.

A fazenda de criação de gado foi base da colonização, do povoamento e do desenvolvimento da região do planalto serrano. Por quase dois séculos (1776-1930), predominou o latifúndio. Por isso, a fazenda é tomada aqui como espaço simbólico, campo de relações e representações sociais, constituindo verdadeiro locus por onde se articulou o poder econômico, político e se engendraram as relações sociais, étnicas e de gênero; lugar onde os agentes elaboraram grande parte de sua “representação de mundo”, construíram sua “identidade individual e social” ou forjaram “estilos de vida”, como fala Bourdieu. (Bourdieu, 1989 p.144)

Os primeiros núcleos populacionais dos Campos de Lages se desenvolveram sob a influência da ambiência e cultura de fazenda. Primeiramente, na grande propriedade se estabeleceu a família de tamanho extensa. O fazendeiro, nas condições geo-políticas-econômicas vigentes, além da sua família consanguínea, não podia dispensar a presença de uma clientela estabelecida por agregados, peões e capatazes. Desenvolve-se aí o modelo de sociedade e família patriarcal, sustentada na autoridade do chefe, o fazendeiro, conhecido como “dono de terra, gado e gente”. O poder político tem sua primeira expressão no mandonismo local, na medida em que o fazendeiro tem sob seu comando a combinação do poder privado e o público. Com a proclamação da república e a inauguração do regime democrático representativo expresso no voto, o coronelismo é a segunda forma de poder nos tempos da fazenda de criação de gado. Em Lages, esta forma de poder vai se perpetuar até os anos de 1960, quando no Brasil declinava com a implantação do Estado Novo, em 1930.

No interior da grande família engendram-se as relações de gênero. As relações entre homem e mulher são assimétricas, pois coexistem relações de dominação e submissão. Herdei-

ro da tradição cultural judaico-cristã, o homem é o chefe da família. A segurança e a proteção da família se materializa através do pai-provedor. Todo o produto do trabalho é concentrado na autoridade do pai. Os filhos serão proprietários por ocasião da herança. Ao homem cabe a primeira e a última palavra. Na distribuição dos papéis sociais, ao chefe da família é reservado o espaço público, como a administração da propriedade, os “negócios”, as viagens para a Vila ou mesmo o acompanhamento da tropa, normalmente reservada aos peões e capatazes.

No universo da mulher, devemos distinguir no ambiente da fazenda, pelo menos dois segmentos sociais: o primeiro constituído de mulheres, esposas de fazendeiros, muitas delas futuras proprietárias por efeito de herança; o segundo segmento de mulheres dos agregados, peões de fazenda e mulheres de pequenos proprietários, ocupantes de terra dobradas ou situadas nas proximidades dos rios que circundam a região.

À mulher de fazendeiro, compete a administração do espaço doméstico que costumeiramente mantinha suas “cooperadoras” no serviço da casa. Podia ser a mulher de um dos peões, ou, outras vezes, pela prática da adoção ou “criadagem”, era comum uma ou mais mulheres ex-escravas negras, “gente da família”, que permaneciam nos serviços domésticos sob a tutela do fazendeiro, até morrer. Ainda hoje, é possível encontrar em Lages, mulheres negras, que permaneceram domésticas e solteiras, com 40 ou 50 anos de serviço prestados.

À mulher lageana, no período da fazenda de criação de gado, é reservado o papel social muito importante: a responsabilidade da educação dos filhos. Ela é quem acompanha a educação escolar de seus filhos, e sobretudo, é quem educa para a religião, predominantemente, o catolicismo popular português e depois o romano. Tradicionalmente, a mulher lageana em casa, neste tempo, é de pouca fala e muito trabalho. Era a “primeira que levantava e a última que deitava”, como lembram muitas mulheres. Delas não se exigia escolarização, pois, “para ser esposa e boa dona de casa não precisa estudar”. Escola, somente na cidade de Lages. Alguns fazendeiros contratavam professores particulares, cujo grau de escolarização era o primário. As mulheres de fazendeiros mantinham maior intercâmbio com a vida urbana de Lages. Era comum a ida e vinda da fazenda para a cidade, embora esta prática estivesse reservada mais aos homens. Com o declínio da atividade pecuária (1970), muitos fazendeiros mantive-

ram dois espaços de moradia: uma casa na fazenda para o descanso em fins de semana, alguma atividade agro-pastoril ou vem se transformando em espaço rurais de turismo, o agroturismo ou turismo-rural; outra casa, na cidade, a principal referência da família. Mesmo levando uma vida tradicional, sem grandes empreendimentos econômicos, estas famílias constituem a classe social média de Lages, mantendo seus filhos na escola, até o terceiro grau do ensino superior. Daí se originam os futuros profissionais liberais existentes na cidade.

O outro segmento social é formado pela mulher do caboclo - peão, capataz ou agregado de fazenda -, ou mulher do caboclo-roceiro -, pequeno proprietário trabalhador da terra -, vivia condições sociais de maior subalternidade. Etnicamente, é a mulher cabocla, luso-brasileira. Resulta da miscigenação do descendente de português com o índio. Vivia isolada na fazenda e sem acesso aos ensinamentos escolares. Analfabeta. E, com dupla jornada de trabalho, em casa e no auxílio às lidas da fazenda. Muitas delas se ocupavam com serviços, tradicionalmente reservados ao homem, como fazer cerca ou lavrar a terra, quando se impunha a atividade agrícola. Se não estivesse nas lidas do campo, a “lavourinha”, próxima da casa, como dizem, sempre foi de sua responsabilidade. Sem dúvida, a mulher lageana, deste último segmento social, é quem tem menos acesso ao exercício da cidadania, aos direitos sociais, culturais, econômicos e políticos.

As mulheres de peões, agregados ou pequenos proprietários, pela sua condição geográfica e pelas características de sua economia de subsistência, com base no cultivo de milho e feijão, vive um ambiente rústico e pobre; é uma mulher socialmente isolada e analfabeta e se ocupa das lidas de casa e da lavoura. Algumas vezes no ano junta-se a sua “comunidade” para a reza do terço ou alguma festa de comunidade no meio rural serrano. Esse segmento social, no futuro, será a população predominante dos bairros da cidade de Lages, vítima do êxodo rural dos anos de 1970.

c) O ciclo da extração da madeira:

Se a cidade de Lages, até os anos de 1940, teve sua economia alicerçada na atividade agro-pecuária, os anos seguintes vão mostrar o declínio da grande propriedade de criação de gado e o advento de um novo ciclo econômico, a extração da madeira. As políticas do governo

central implementadas por Getúlio Vargas (1930-1945), vão interferir no planejamento da economia nacional e regional. O projeto do governo nacional vai no rumo de um Brasil urbano-industrial. As cidades brasileiras viverão um processo de ampliação com o desenvolvimento da indústria e do comércio. Mais tarde, com Juscelino Kubitschek, é interiorizada a capital de Brasília. Novas rodovias e a indústria automobilística é implementada com a combinação capital nacional e internacional.

Neste período, a cidade de Lages sai do isolamento social e econômico. A região, povoada do pinheiro brasileiro, fornecerá a madeira para a construção civil no período da expansão industrial brasileira, inclusive para a capital nacional. A região serrana, a partir dos anos de 1945/50, recebe um novo surto migratório oriundo das colônias italianas do Rio Grande do Sul; estes migrantes estabeleceram-se na região e na cidade com a intenção principal de se dedicarem à atividade madeireira. Por toda parte da região surgiram serrarias e Lages, por ser cidade regional mais importante, ao sediar serrarias, e se constituir no entreposto de comercialização da madeira, foi se urbanizando e se tornando uma cidade prestadora de serviços, como comércio, abastecimento de combustível, lojas de peças e acessórios, oficinas, etc. O ano de 1950 marca o surgimento do primeiro bairro importante da cidade: o Coral. Foi lá que se radicaram, basicamente, os migrantes oriundos do Rio Grande do Sul, os principais protagonistas do período da extração da madeira, cujo período conheceria seu declínio nos anos de 1979. Devido ao fato de se extrair madeira sem a preocupação de seu replante, logo esgotou a riqueza natural. Interessa, para efeito deste trabalho, observar a mulher lageana neste período.

A população rural e urbana nativa assistiu o desenvolvimento do ciclo da madeira. Algumas mudanças ocorrem nas relações sócio-econômicas a serem destacadas. Com a implantação da indústria madeireira pelo interior da região, ao redor das serrarias formava-se a vila operária. Famílias caboclas, até então ocupados com as lides da pequena propriedade de subsistência ou com a pecuária, agora eram absorvidas como mão-de-obra. Algumas mudanças ocorrem no interior da família serrana: o trabalho assalariado e a mudança da condição de trabalhador da roça ou de fazenda para operário de serraria, o que significava status social perante o seu grupo social; a constituição da vila operária ampliando a socialização.

Entretanto, à mulher poucas mudanças ocorreram, além da nova casa, a vizinhança, que interferisse no seu papel social e na sua relação de gênero. Ela continuou “dona de casa”, com a função de procriar, cuidar dos filhos, sem perspectiva de ascensão social. As novas relações de trabalho não exigirão mudanças sociais substanciais, exceto quando teve início o declínio da madeira.

O esgotamento da matéria prima (araucária) nas florestas e fazendas da região fez com que, progressivamente, as serrarias fossem encerrando suas atividades. Como afirma Martendal:

“O contingente de trabalhadores liberados que (a) já se desacostumara às lides agro-pastoris e b) se desfizera de suas terras, viu como última alternativa à busca de trabalho na cidade (...) a cidade de Lages, que constituía o centro urbano de maior importância na região, foi, logicamente, o destino deste contingente liberado. Além disto, havia a esperança de que esta cidade se transformasse em importante centro industrial e que, portanto, teria capacidade de absorção do contingente liberado, o que, aliás, não ocorreu”.

(Martendal, 1980 – p. 70)

A mulher serrana/lageana, não tem outra alternativa a não ser encorajar seus filhos junto com seu companheiro para migrar. Suas famílias vão constituir a parte mais significativa da população marginal da cidade de Lages. De 1950 a 1970, no vigor do ciclo da madeira, a cidade quadruplicou sua população. De 20.000 passou para 80.000 habitantes. Esse movimento migratório, associado à chegada dos gaúchos que empreenderam o processo de industrialização, representou 65% da população do município na cidade.

Atualmente, dos 156. 406 habitantes, apenas 4.086 vive no meio rural, ou seja, em torno de 97,5% da população lageana é urbana. Da população total, 76.034 são homens e 80.372 são mulheres.⁵⁸

⁵⁸ Fonte: IBGE – Censo 2000.

Fixaram residência nos bairros e vilas periféricos da cidade, onde convivem com a miséria, em habitações precárias. Não há mais a cozinha-de-chão. O lote exíguo e de má qualidade não permite uma horta, e as fossas contaminam as águas das fontes e poços. É curioso observar muitas famílias trazendo consigo, o cavalo e a carroça, a vaca de leite, o porco, as galinhas, o cachorro, com a pretensão de construir um “novo mundo rural”, agora localizado num lote de 12x25 m², na periferia urbana de Lages.

Os postos de trabalho na cidade não foram suficientes para absorvê-los, ou a exigência de uma mão de obra mais qualificada colocou estes trabalhadores na exclusão social, no subemprego. Os que conseguiram lugar de trabalho têm que se submeter a baixos salários, insuficientes para suprir as necessidades básicas.

Este novo cenário sócio-econômico e cultural, trouxe à mulher e ao homem profundas mudanças. A instabilidade econômica, o subemprego e o desemprego vão desestruturar a família. A pobreza, a fome, a pouca escolarização, traz para dentro da família “as desavenças”, gerando uma cultura de violência doméstica.

Agora o chefe de família desocupado e ocupando espaço de maior sociabilidade, tem à sua frente a “bodega”, “o bar”, “a prostituição”. Muitos homens vão trocando o espaço da casa, pelo espaço da rua. Sem dúvida, a família vive mudanças de costumes e hábitos. O alcoolismo, para lembrar um deles, torna-se um elemento desagregador das relações conjugais. Neste jogo de forças, no interior da família, a mulher é quem sofre com maior intensidade a violência.

No contexto das relações de gênero historicamente assimétricas na região, persiste a desigualdade no reconhecimento e no respeito aos direitos do homem e da mulher. Está em discussão “o que o homem pode” e “o que a mulher não pode”, como se ouve no linguajar coloquial. As relações conjugais se fragmentam, sofrem fraturas. Uniões conjugais são feitas e refeitas. Multiplicam-se as famílias incompletas, pois é fácil encontrar o fenômeno da gravidez precoce, sem planejamento. Entre as mulheres, as reações são diversas. Muitas delas, se explicam pela resignação, tem medo do rompimento conjugal, mesmo que “se ficar o bicho come,

se correr o bicho pega”. São vítimas do despreparo profissional, da falta de escolarização, preferindo a dependência, o “sacrifício”, mesmo na fragilidade sócio-familiar.

Contudo, atualmente inúmeras mulheres reagem de diferentes maneiras. Algumas tomam a iniciativa de romper radicalmente com a primeira união. Outras mulheres, se não rompem pública e formalmente com seus cônjuges, optam por outras alternativas como, permanecer no mesmo espaço doméstico, mas sem compromisso conjugal. Outras, por exemplo as “mães solteiras”, buscam comprovar a paternidade, inclusive pelo exame do DNA e chamam o “pai” judicialmente à responsabilidade pela pensão alimentar.

A condição de empregado assalariado, subemprego ou desemprego do homem, impõe à mulher a busca de complementação da renda familiar. Ela vai à luta em busca do trabalho doméstico, diarista ou mensalista. Outras mulheres se encontram empregadas em empresas dos setores, metal-mecânico, móvel, madeireiro, alimentício ou comercial. É significativo o número de mulheres nos serviços da educação e da saúde na cidade de Lages. É emblemático que uma mulher tenha ocupado a cadeira de primeira reitora, da Universidade recém instalada em Lages.

Nos últimos tempos, com o advento da Universidade, a presença da mulher de classe média e agora é crescente o ingresso de mulheres trabalhadoras residentes nos bairros, no ensino superior. É notável a participação da mulher no mundo religioso. Ela está presente em todas as igrejas. Na igreja católica, a presença do feminino é hegemônica. No mundo da política, em Lages, multiplica-se o número de candidatas a cada pleito eleitoral, e neste período administrativo (2001-2004), quatro cadeiras na Câmara de Vereadores são ocupadas por mulheres, oriundas da administração pública e da educação.

Nesta nova condição, altera-se o papel social da mulher, antes ocupada nas lidas da casa, agora assume também a função de provedora da família. Esta nova situação, é motivo de coragem para que, com mais facilidade, a mulher possa romper com os grilhões da dominação/submissão, imposta secularmente pelo masculino.

No meio rural, no interior do município de Lages, entre as poucas mulheres que todavia teimam em permanecer no campo, um outro caminho de luta pela igualdade de gênero, é possível observar. Trata-se da participação da mulher no “movimento de mulheres agricultoras”, um espaço social de educação da cidadania, onde a mulher sai de casa, conhece, discute e luta por seus direitos junto com outras mulheres que compartilham com sua mesma condição sócio-econômica e cultural. Neste movimento social, a mulher é protagonista da definição e exercício de seus direitos. Evidentemente, que no meio rural de Lages, há um longo caminho a percorrer na luta pela igualdade de gênero e na eliminação de algum tipo de violência doméstica. Mas, as mulheres, gradativamente, estão encontrando o caminho da educação popular para sua libertação, enquanto mulheres e trabalhadoras rurais:

“São muitos os momentos que o movimento propicia para a formação das mulheres agricultoras, como: Cursos, intercâmbios, participação em eventos regionais, estaduais e nacionais, bem como debates, seminários, entre outros. Partilhamos nossa experiência de mulheres agricultoras do município de Painel.

Mesmo que nosso trabalho de agricultoras, mães, esposas e donas de casa, seja árduo e pesado, tiramos tempo para nos organizar e lutar por nossos direitos de mulheres e agricultoras. Há alguns anos, vínhamos conversando com nossas companheiras para organização do Movimento em nosso município. Felizmente, no dia 17 de Abril de 2001, conseguimos, com sucesso e muita alegria, realizar o 1º ENCONTRO DE MULHERES AGRICULTORAS (MMA) DE PAINEL. Iniciamos nossa caminhada, discutindo o tema Gênero. Estavam presentes alguns homens parceiros, dentre eles, dois sacerdotes “.

Alguns depoimentos do 1º Encontro:

“Ela anoitecia e amanhecia fazendo as coisas. Ele dizia: sem ti a casa cai. E ela acreditava e trabalhava cada vez mais. Ela morreu e ele, belo e formoso, começou a namorar de novo e casou. (Z.M)”

“Meu marido não entende e não compreende. Eu enfrento a luta, mas contra a vontade dele. Ele aceita, assim, porque não adianta. Fui em Florianópolis no encontro das mulheres, com a ajuda dos vizinhos. Mas, ele não ficou contente não. (M.M)”

“Quando ele era jovem, ele só ia para a bagunça... Hoje ele está ali parado. Na luta da Igreja, Catequese, Grupos de Famílias... eu participo tudo contra a vontade dele. (M.C)”

Em síntese, ao percorrer os três momentos históricos sócio-econômicos, instaurados na região do planalto serrano meridional, e portanto vivenciados pela população do município de Lages, podemos deduzir:

- A construção social da identidade da mulher lageana se apresentada multifacetada e cambiante. Em cada período sócio-econômico ela tem sua visibilidade própria, revelada nas relações assimétricas de gênero, na diferenciação de seus papéis sociais e na ocupação do espaço social “da casa” ou “da rua”;
- Anterior ao ciclo da madeira, predomina na região e na pequena cidade de Lages, uma ambiência e cultura de fazenda, espaço real e simbólico, onde se engendrou a identidade da mulher de descendência européia, de origem paulista, gaúcha ou do litoral catarinense, esposa do proprietário da grande fazenda de criação de gado; ao seu lado, e por contraste e oposição, é construída a identidade social da mulher cabocla ou luso-brasileira, gerada pela miscigenação do homem branco com a mulher índia, não proprietária, trabalhadora e esposa do caboclo-peão, ou caboclo-roceiro. Desde o primeiro momento da história lageana, era costume que as moças casassem cedo, aos 14,15,16..., obedecendo ao mando e aos interesses do fazendeiro e do coronel.
- Durante o ciclo da madeira, vai persistir, sem significativa expressão social, a identidade da mulher esposa do proprietário da grande fazenda agora em declínio;

há um deslocamento sócio-geográfico da identidade social da mulher do ex-caboclo peão ou roceiro, para o caboclo operário de serraria, constituindo as vilas operárias, sem grandes mudanças na sua identidade social; e, posteriormente, no fim do ciclo da madeira (1970), este contingente migra e vai constituir os bairros periféricos da cidade de Lages. Neste mesmo período, a mulher de descendência italiana, oriunda do Rio Grande do Sul, esposa de proprietários das madeiras e da madeira, vai compor mais uma expressão da identidade social da mulher lageana; essa mulher mais empreendedora economicamente, vai ocupar espaços na vida pública, na educação, no comércio e em outros setores da sociedade lageana;

- Após o movimento migratório de 1970, podemos distinguir no conjunto da população que compõem as mulheres na cidade de Lages, o retrato de uma identidade social diversificada: um segmento de mulheres lageanas vinculadas à fazenda de criação de gado e outro, relacionado com o mundo do comércio e da indústria, que tem como carro chefe, a indústria madeireira. Elas constituem grande parte da classe média de Lages. Outro segmento social de mulheres forma um grande leque em que podemos enumerar: a mulher lageana, cabocla, ex-agricultora, habitante nos bairros da periferia urbana, continua com escolaridade precária e sem profissionalização. Muitas delas perderam inclusive o direito social da aposentadoria, pois, já não comprovam a atividade profissional da qual garantira a reprodução social de seus filhos, a mulher agricultora. Sobrevive, na esperança de que seus filhos possam estudar e melhorar a condição de vida; a mulher operária que se mantém no trabalho assalariado, mas sem perspectiva de ascensão social; e a mulher trabalhadora que vem ocupando espaços no setor de prestação de serviços como saúde, educação, na comunidade eclesial e das Ong's, no mundo da escolarização, e que, por estas condições têm a sua frente um horizonte de ascensão social. No entanto, as evidências tem demonstrado que, de todos os seguimentos sociais, elas têm se mostrado capazes, inclusive de conquistar autonomia, construir novas relações de gênero, marcadas pela solidariedade e o exercício igualitário dos direitos relativos à cidadania plena.

c) O Protagonismo da Mulher Lageana

Confirma-se, em Lages, a afirmação de Giddens:⁵⁹

“ (...) à medida que esse controle começa a falhar, observamos mais claramente revelado o caráter compulsivo da sexualidade masculina – e este controle em declínio gera também um fluxo crescente da violência masculina sobre as mulheres”

(Giddens, 1993 – p. 11)

Bourdieu fala da Sociedade Cabila da Argélia, para ele, como paradigma da cultura mediterrânea, que é a base da tradição cultural européia e até euro-americana. Esta cultura está muito presente na nossa região serrana, observadas obviamente as particularidades locais. Não se trata aqui de fazer uma comparação mas lembrar algumas características como: O “falocnarcisismo” cabila e serrano, ambos demarcando um mundo dual, alicerçado numa construção social biologizada.

(...) a construção biológica, que é a reconstituição simbólica das diferenças anatômicas. Observamos aqui uma inversão sub-reptícia de causas e efeitos, pela qual o corpo construído socialmente serve de fundamentação ideológica para a oposição arbitrária através da qual ele próprio foi construído. Assim, os esquemas que organizam a percepção dos órgãos e das atividades sexuais são também aplicados no próprio corpo, tanto o masculino quanto o feminino”.

(Bourdieu, 1996 – p. 19)

Uma cultura Lageana alicerçada, no espaço simbólico da fazenda e, num primeiro momento – longo momento: 1776-1930 - pela cultura da criação de gado, onde o touro repro-

⁵⁹ As estatísticas têm mostrado que o aumento da violência contra a mulher em Lages, não é apenas um aumento da visibilidade da violência, mas um aumento quantitativo acelerado que começa a preocupar toda a população.

dutor, aquele que “enche” a vaca, não deixou de alimentar e sedimentar um imaginário lageano, onde, como no mundo cabila, o poder do falo, é símbolo eminente do poder masculino. Neste sentido, os ritos de passagem na sociedade cabila lembram os “ritos de passagem” na sociedade lageana que aconteciam comumente - hoje bem menos - no fato de o pai levar o filho numa casa de prostituição, atestando assim a confirmação de sua masculinidade. Atualmente o filho não precisa mais ser levado e nem precisa ir numa casa de prostituição!

Lages, sob esta saga da dominação masculina, tornou-se famosa pelo número de mulheres e de casas de prostituição. Mesmo com a mudança de tempo, onde parte significativa delas são descartadas, ainda há um número significativo delas vendendo seu corpo para sobreviver. É comum, nas boates, adolescentes serem prostituídas, em troca de algum dinheiro.

Uma pesquisa do Jornal Correio Lageano, no dia dos namorados, junho/2001, constatou mudanças no pensamento da mulher lageana:

“(...) Entre as garotas entre 14 e 16 anos, predomina o pensamento de que é melhor “ficar”. Não assumir compromisso sério, com namoro sério. Entre as garotas, muitas preferem não namorar e ficar apenas com a paquera. Existem até as que acham cedo para namorar. A mulher madura, mãe, estranha a mudança de comportamento que ocorre e muda com certa rapidez. (...) Professora há 15 anos R.F., que está casada há 6 entende que o casamento pode ser responsável por uma acomodação (...) a transformação da intimidade tornou-se muito rápida e a sexualidade muito precoce, vindo daí a gravidez na adolescência.(...) Aso 16 anos de idade, M.S.J. (...) quando indagada se a mulher deve mesmo ser igual ao homem, M.S.J. desconversa: “É difícil igualar-se porque o modelo não pode ser seguido à risca. Alguns homens não devem ser sequer imitados”. (...) Entre os homens também nota-se cautela ao manifestar-se sobre o namoro e a convivência a dois”.

(Jornal Correio Lageano, 12/06/2001 – p. 9)

Esta postura em relação ao casamento, por certo, não é somente influência da pós-modernidade, mas uma reação histórica ao nosso passado, onde a maioria das mulheres tinham que casar cedo, para salvaguardar “interesses da família”. Ainda hoje encontramos muitas mu-

lheres – a maioria experimentou o fracasso matrimonial – que lamentam terem casado na adolescência.

No dia Internacional da Mulher, o Jornal Correio Lageano também constatou muitas mudanças no mundo das mulheres, em Lages. Segundo o Jornal, elas estão “invadindo” o mercado de trabalho, inclusive naquelas profissões antes consideradas exclusivamente dos homens, como profissionais em borracharias, mecânicas de automóveis, frentistas e donas de postos de gasolina.

“Dos 976 empresários que adquiriram empréstimos a partir de outubro de 1998, no Banco da Mulher, 461 são mulheres. O número de empresas filiadas à CDL e à ACIL, comandada por mulheres, cresce a cada ano. Hoje a classe já representa 40% do total”.

(Jornal Correio Lageano, 08/03/2001 – p. 5)

Existem pequenas e médias empresárias também no setor metal mecânico, madeireiro, bancário, comercial, da saúde, da educação, da segurança pública, entre outros. Nas três universidades de Lages elas somam um pouco mais de 50%; por exemplo, no curso de veterinária, de cada 40 estudantes, 33 são mulheres⁶⁰. Temos na gestão atual, pela primeira vez, 4 mulheres na câmara de vereadores.

A visão “falo-narcísica” e a cosmologia androcêntrica da “Cabília Serrana” está em processo de transformação, talvez ainda muito lenta, exigindo das mulheres e dos homens de boa vontade, um processo permanente de – como diz Bourdieu – “realização de um trabalho histórico de des-historização”, revelando as coisas não ditas e as não percebidas, inscritas no interior dos corpos de homens e mulheres, e entranhadas nas instituições, como Igrejas, escolas, famílias, estado, meios de comunicação etc., impossibilitando a construção de relações cooperativas, compassivas, tolerantes, ternas, amorosas e generosas entre os homens e as mulheres de Lages, também chamada a “Princesa da Serra”.

É como diz Giddens que:

⁶⁰ Fonte: Correio Lageano, 08/03/2001

“As mulheres ficaram encarregadas, *de facto*, da administração da transformação da intimidade que a modernidade colocou em andamento.

(Giddens, 1993 – p. 196)

5. Frente a Frente com Vidas Marcas

a) O Universo da Violência Contra a Mulher, em Lages

Universo de 888 Casos ou BO's , registrados no Ano 2000 na Delegacia de Proteção à Mulher à Criança e ao Adolescente⁶¹

Como diz Enilma Teixeira:

“No mesmo instante em que estava sendo ouvida , eu estava na sala da delegada adjunta, debruçada sobre os BO's lendo as notificações de depoimentos, histórias de vidas ameaçadas, sofridas, daquelas mulheres que procuram a DEDAM. Notificações estas que não a mesma riqueza de análise, quanto ouvir a própria vítima em seu depoimento, pois sua fala retrata fielmente a essência dos fatos. Esta falta de procedimento se constitui numa dificuldade para mim, pois as informações obtidas em alguns BO's nem sempre eram claras, os encaminhamentos nem sempre estavam evidenciados, em determinados históricos da vítima e do acusado”.

(Grossi e Brazão Teixeira – 2000, p. 19)

O mesmo podemos nós dizer a respeito dos BO's pesquisados na DPMM, não porque os BO's não estivessem claros; ao contrário, além da clareza das ocorrências fomos também muito bem acolhidos nesta organização, com ambiente propício para a pesquisa. Mas, as cortinas foram descerrando no momento em que passamos a conversar com as pessoas envolvidas.

⁶¹ Num universo de 2.460 casos de violência existentes no ano 2000, na DPMM, e por nós pesquisados, 888 casos são de violência contra a mulher na família em Lages, objeto deste trabalho.

Neste momento a gente pode ler não só o papel, mas os corpos, ouvir a fala, o olhar, os suspiros, os sentimentos...as marcas.

Formas de Violência Contra a Mulher na Família e outros Detalhes

UNIVERSO DE 888 CASOS OU B.O's , PESQUISADOS EM 2000

a) Bater, esbofetear, chutar, socar empurrar, sufocar	418
b)Expulsar de casa	61
c) Impedir de sair de casa	6
d)Uso de instrumentos, armas, facas e outros	73
e) Violência fatal	1
f)) Ameaça de agressão física	105
g) Ameaça de morte	307
h)) Ofender, humilhar, xingar	28
i) Injúria, Palavras de B. Calão	92
f) Culpabilizar	1
j) Saiu de casa por medida de segurança	92
l) Rel. Sexual forçada/Estupro	11
m) Relação anal forçada	0
n) Exibição, atentado viol. Pudor	3
o) Destruir objetos do lar	49
p) Atear fogo (no lar/objetos)	47
q) Privação de bens, alimentos, medicamentos	11
r) Ameaça e Viol. Contra os filhos	69
s) Seqüestro, subtração dos filhos.	15
t) Invasão da propriedade	72

SOB EFEITO DE ALCOOL/DROGA	215
NÃO ACEITA SEPARAÇÃO	106
Marido ou ex	648
Filho	3
Pai/mãe	9
Parente/cunhado(a) genro/nora	25
Namorado	19
Não é a 1ª vez	288
Em Separação	84
Já Separados	197
Convive a menos de 5 anos	128
5-10 anos	94
Acima de 10 anos	144

QUALIF. DO AGRESSOR	Número
Desempregado, desocupado	159
Sem qualificação (pedreiro, ajudante, pintor, carpinteiro, chapeador, auxiliar, braçais em geral etc.)	300
Aposentado	46
Trab c/ Qualificação técnica (técnico 2º grau ou técnico prático/treinado)	104
Trab. C/ qualif. Superior (atividades que exigem nível superior)	8
Estudante	4
Comerciário/comerciante	29
Vendedor autônomo formal / Representante comercial	18
Empresário	4
Motorista	51
Trabalhador rural/agricultura/pecuária	12
Autônomos (diversos níveis)	41
Atividade informal	24

Artesão	2
Funcionário Público (não especificado o nível)	25
Não informado	61
TOTAL	888

IDADE DO AGRESSOR	Nº DE CASOS (Total 888)
12 A 17	03
18 a 30	315
31-50	452
Acima de 50	87
Não informado	31

IDADE DAS VÍTIMAS	Nº DE CASOS (Total 888)
0 a 12 anos	06
12 a 17 anos	50
18 a 30 anos	325
31-50 anos	423
Acima de 50 anos	68
Não informado	16

LOCALIZAÇÃO DOS DADOS DA PESQUISA

Pobre ++ : Bairros entre os mais pobres do município. Renda +- até 2 Salários Mínimos (SM) por família de até 5 pessoas.

Pobre + : A maioria das famílias de 5 pessoas recebem até +- até 3 SM.

Pobre - : - A maioria das famílias de 5 pessoas recebem até +- até 5 SM..

Média: - A maioria das famílias de 5 pessoas recebem até +- até 15 SM.

Média alta e alta: Acima de 15 SM.

1. Araucária	13 pobre +
2. Beatriz	02 pobre -
3. Bela Vista	22 pobre -
4. Bom Jesus	01 pobre +
5. Boqueirão	01 pobre +
6. Brusque	05 Média -
7. Caça e Tiro	13 pobre -
8. Caravagio	02 pobre -
9. Caroba	18 pobre ++
10. Centenário	16 pobre +
11. Centro	64 média e alta
12. Chapada	01 pobre +
13. Cidade Alta	01 pobre
14. Conta Dinheiro	14 média -
15. Conte	02 pobre -
16. Copacabana	19 Média +
17. Coral	28 Média e alta
18. Cristal	32 pobre ++
19. Cruz de Malta	02 pobre +
20. Divina Provid.	07 pobre +
21. Dom Daniel	12 pobre ++
22. Ferrovia	02 pobre -
23. Frei Rogério	16 média + e -
24. Gethal	13 pobre + e -
25. Golim	03 pobre +
26. Gralha	08 pobre ++
27. Guadalajara	01 pobre +
28. Guadalupe	01 média - e pobre -

29. Guarujá	39 pobre - média -
30. Habitação	17 pobre +
31. Ipiranga	03 pobre +
32. Itapoã	01 pobre +
33. Jardim Celina	01 pobre -
34. Jd. Panorâmico	04 pobre -
35. M ^a . Angélica	05 pobre +
36. Maria Luiza	04 pobre +
37. Morro Posto	12 pobre -
38. Morro Grande	12 pobre ++
39. Nadir	03 pobre ++
40. Novo Milênio	08 pobre ++
41. Novo Tempo	01 pobre +
42. Passo Fundo	09 pobre +
43. Penha	20 pobre + e -
44. Petrópolis	10 média -
45. Pizani	02 pobre +
46. Popular	28 média e pobre-
47. Pró – Morar	15 pobre +
48. Sagrado	14 média e alta
49. Santa Cândida	02 pobre ++
50. S. Catarina	16 pobre +
51. Santa Clara	10 pobre +
52. Santa Helena	58 média, pobre- e +
53. Santa Maria	12 média -
54. Santa Mônica	14 pobre -
55. Santa Rita	12 média -
56. Santo Antônio	12 pobre +
57. São Carlos	02 pobre -
58. São Cristovão	15 média + e -

59. São Francisco	05 pobre +
60. São Luís	11 pobre +
61. São Miguel	21 pobre -
62. São Paulo	03 pobre +
63. São Pedro	06 pobre +
64. São Sebastião	02 pobre + e -
65. São Vicente	04 pobre -
66. Triângulo	04 pobre +
67. Tributo	05 pobre +
68. Universitário	30 média -
69. Várzea	38 pobre -
70. Vila Comboni	01 pobre -
71. Vila Esperança	09 pobre +
72. Vila Maria	08 pobre +
73. Vila Mariza	08 pobre +
74. Vila Nova	17 pobre -
75. Interior	27 Pobre -
76. Não Identif.	09
Total	888

Obs: Esta Classificação pobres ++, pobres +, pobres- etc. tem como fontes a consulta a membros de diretorias de Associações de Moradores e pesquisa realizada pela Cáritas Diocesana de Lages.

b) É o Relato!

orteamos aleatoriamente os 32 BO's, da seguinte forma: Colocamos os BO's em ordem, por data, e os dividimos em vários blocos, para não correremos o risco de escolhermos as ocorrências mais de uma época do ano e muito menos de outra.⁶²

⁶² Inverno e verão ocasionam grandes mudanças no comportamento das pessoas, pois o inverno é muito rigoroso, podendo atingir até 10° negativos, obrigando, por ex., as pessoas a ficarem mais em casa, a dormir mais cedo etc.

1. BO 1- Compareceu nesta Delegacia de Polícia de Proteção à Mulher e ao Menor (DPMM) a comunicante relatando que convive maritalmente com o autor acima há 10 anos e que o mesmo, em data e hora supra, embriagado, lhe agrediu fisicamente com uma ponta de jarro quebrado. Comunica que não é a primeira vez que o autor lhe agride fisicamente. É o relato.
2. BO 11- Compareceu nesta DPMM a comunicante acima nos relatando que é casada com o autor acima há 11 anos e que o autor há 01 ano está lhe agredindo fisicamente com violência, conta que o fato agravou-se devido o falecimento de um filho do casal. Comunica que o autor faz ameaças de morte para a vítima dizendo que irá lhe enfiar uma faca no coração e enterrá-la no quintal. Conta que o autor sempre lhe ameaça com facas e pressiona psicologicamente a filha do casal de 02 anos de idade, pois agride fisicamente a vítima na presença da criança. Conta que em no dia 31.12.99 o autor agrediu com violência a vítima e na data de hoje agrediu com um chute. Relata que a situação está insustentável e que teme pela sua segurança e de sua filha, talvez saia de sua residência provisoriamente até conseguir o afastamento do autor do lar. É o relato.
3. BO 13 - Compareceu nesta DPMM a comunicante acima nos relatando que convive maritalmente com S. C. R. e que após uma discussão no lar o mesmo lhe agrediu com um sapato no rosto, posteriormente o irmão do autor lhe agrediu com uma pedra acertando-lhe o pé. Comunica que não é a primeira vez que é agredida por seu amásio e cunhado. É o relato.
4. BO 34 - Data e hora supra seu companheiro começou a discutir com a mesma e em dado momento começou a preferir palavras de baixo calão. Segundo a comunicante o mesmo também deu vários socos em sua barriga, onde a mesma está com fortes dores. É o relato.
5. BO 44- compareceu nesta delegacia a comunicante acima relatando-nos que vive maritalmente com o autor há 04 anos. Segundo a comunicante, o autor fez ameaças dizendo

que , se a comunicante não ficar com ele, o mesmo não irá procurar mulher lá fora, vai pegar as filhas da vítima. É o relato.

6. BO 54- Compareceu nesta delegacia a comunicante informando-nos que na data e hora supra seu marido chegou em casa em visível estado de embriagues e começou a discutir com a mesma pois queria transar em público. É o relato.
7. BO 59 - Compareceu nesta delegacia a vítima nos relatando que conviveu maritalmente com o autor por aproximadamente 06 meses sendo que na data acima descrita o mesmo a agrediu fisicamente com tapas, mordidas e jogou o capacete contra ela. que, o motivo de tal violência a vítima desconhece que, à noite ele disse a um conhecido da vítima que iria "pegá-la". É o relato.
8. BO 79 - Compareceu nesta delegacia a comunicante acima relatando-nos que está separada do autor há 03 meses. segundo a mesma seu ex - marido invadiu a residência e a agrediu com um martelo, onde o mesmo feriu as costa e braços da vítima. Segundo a comunicante também o autor quebrou a geladeira e uma televisão preto e branco. segundo a comunicante seu ex - marido encontrava-se em visível estado de embriagues. É o relato.
9. BO 95 - Compareceu nesta delegacia a vítima nos relatando que o autor acima lhe agrediu fisicamente com tapas, socos, pontapés, mordidas e tentou enforcá-la; que não é a primeira vez; que a vítima foi socorrida por familiares e levada para a casa da mãe; que, após isto, o autor trancou a casa e saiu; que a vítima não pode entrar na casa; que a vítima estava com o filho de 01 ano e 06 meses no colo, quando foi agredida. É o relato.
10. BO 43 - Compareceu nesta delegacia a vítima nos relatando que o autor acima é seu esposo e que na data e hora acima o mesmo mandou-a sair de casa, e, caso ela não saísse ele iria "atorar os dedos" dela; que a vítima não tem para onde ir e está na casa de parentes, pois saiu de casa por medida de segurança. É o relato.

11. BO 217 - Compareceu nesta DPMM a comunicante relatando-nos que convive com o autor há 04 anos e tem um filho menor. A comunicante ao retornar da faculdade, foi agredida pelo indiciado. Ele ainda lhe fez ameaças diversas. Nos relata que o indiciado costuma ser violento, humilha a comunicante, e faz coisas absurdas como agredi-la com um cinto. Consta ainda que o indiciado possui arma de fogo. É o relato.
12. BO 226 - Compareceu nesta DPMM a comunicante supra, relatando-nos que na data e hora dos fatos, o indiciado, marido da mesma, ao chegar do trabalho agrediu a mesma, porque a mesma não queria transar com o mesmo, sendo que a obrigou. Ela é menor está grávida de 08 meses e meio, e já foi agredida pelo indiciado cerca de 04 vezes na gestação. É o relato.
13. BO 238 - Compareceu nesta DPMM a comunicante supra, relatando-nos que foi agredida pelo indiciado. Antes dessa ocasião, várias outras vezes, o indiciado costuma deixar a comunicante em posições humilhantes (como de joelhos cerca de uma hora sem poder se mexer, sem alimentação e distante do filho menor de 06 meses), trancada à chave no quarto, sendo que o menor também é agredido quando chora, com tapas no rosto e outros. Tranca a mãe, deixando o menor chorar por cerca de uma hora, diversas vezes. O mesmo é usuário de drogas. Foi ameaçada de morte seguidas vezes. Trata-se de um homem descontrolado e violento, que agride e faz coisas absurdas, causa lesões na comunicante e no menor por motivos banais. É o relato.
14. 463 - Compareceu nesta delegacia a vítima nos relatando que vive maritalmente com o autor, sendo que na data descrita e no dia seguinte (26.02.2000) o mesmo a agrediu fisicamente com pontapés, tapas e socos; que o mesmo levou-a para debaixo do chuveiro ligado e com uma toalha tentou estrangulá-la, pois com a água escorrendo no rosto e a toalha no pescoço ela não conseguia respirar. É o relato.
15. BO 465 - Compareceu nesta delegacia a comunicante/vítima nos relatando que o autor esteve em sua residência e quebrou vidro de uma janela da frente, tampa do fogão, mesa e banquetas, e agrediu fisicamente a comunicante e a filha dela; que é ex - companheira do

autor; que o mesmo esteve na casa da comunicante para visitar o filho dele e a filha da comunicante, sendo que o mesmo estava embriagado e provavelmente havia usado drogas. O autor ameaçou de morte a comunicante, dizendo que ela tem apenas 08 dias de vida. É o relato.

16. BO 889 - Compareceu nesta delegacia a vítima nos relatando que convive maritalmente com o autor sendo que no dia 12.03.2000 o mesmo a agrediu fisicamente e a ameaçou dizendo que se ela viesse à delegacia, ele iria "quebrá-la de pau". Que a vítima possui um filho de 02 meses com o auto e este disse que irá atear fogo na casa quando ela e o bebê estivessem dormindo. É o relato.
17. BO 1006 - Compareceu nesta Delegacia a vítima nos relatando que é esposa do autor acima, sendo que nesta data, após discussão ele chamou de "safada" e "vagabunda" e agrediu-a com um vaso na cabeça; que não é a primeira vez que acontece. O autor dá-se ao vício da embriagues. É o relato.
18. BO 1018 - Compareceu nesta DPMM a comunicante relatando-nos que está separada do autor de fato, há um mês. Segundo a comunicante, o mesmo não aceita a separação e no dia de hoje o mesmo agrediu-a com uma faca cortando o queixo e a mão da comunicante. É o relato.
19. BO 1190 - Compareceu nesta delegacia a comunicante relatando-nos que comprou um caminhão com o autor. Como os negócios não estavam indo bem, a comunicante propôs para ele ficar com sua parte. Além de ele não aceitar, passou a lhe agredir com um facão. Ficou dizendo que iria matá-la. O autor ficou tão violento que quebrou duas máquinas de cortar cabelo, seu celular e ainda levou duas tesouras tentando impedi-la de trabalhar. É o relato.
20. BO 1199 - Compareceu nesta DPMM a comunicante supra, relatando-nos que na data e hora os indiciados acima, J. 43 anos pai de F. 28 anos, ex-marido da comunicante, se dirigiram até a casa da mesma onde entraram em vias de fato, agrediram a comunicante física

e verbalmente; J. apertou com força o pescoço da mesma, e F. deu-lhe tapas, socos e outros, chamando a mesma de puta e outras, e ainda ameaçaram de tirá-la de seu atual emprego. A comunicante tem um filho menor de 04 meses de idade, o qual F. disse que vai buscar o menor amanhã e que se a mesma não entrega, vai apanhar novamente. É o relato.

21. BO 1206 - Compareceu nesta Unidade de Polícia Judiciária a comunicante, relatando que é casada com o suposto autor há 12 anos e que o mesmo passou a frequentar a Igreja Assembléia de Deus; e a partir disto, começou a mudar o comportamento, dizendo a vítima ser incorporada pelo demônio, tentando forçar a vítima e os filhos a frequentar a Assembléia de Deus contra a vontade dos mesmos. Relata que no dia, do fato, acima, a vítima e suposto autor encontravam-se trafegando de carro e que começou uma discussão, momento em que a vítima saiu do carro. O suposto autor então foi atrás da vítima lhe ameaçando caso a mesma não entrasse. Algumas pessoas que passavam no local viram a situação e disseram que iriam chamar a polícia. A vítima entrou no carro à força e o suposto autor lhe agrediu no olho esquerdo, deixando lesionada a comunicante. A mesma relata que o fato ocorreu na presença da filha do casal de 05 anos de idade. É o relato.
22. BO 1220 - Compareceu nesta DPMM a comunicante, nos relatando que o indiciado acima, ex -companheiro da mesma, foi até sua casa e sem motivo, começou a quebrar seus utensílios domésticos como fogão , liquidificador, copos, jarra e outros. Nos conta ainda que agrediu a comunicante, batendo a cabeça da mesma na parede, socos, tapas bem como tentou asfixiá-la. É o relato.
23. BO 1227 - Compareceu nesta Unidade de Polícia Judiciária a comunicante acima, relatando que no passado manteve um relacionamento amoroso com o suposto autor e que terminou o relacionamento, sendo que o mesmo não aceita o fato. Relata que em data acima o suposto autor foi até sua residência, cortou o fio do telefone, tirou dois vidros da porta que estavam com a massa mole já pelo fato do autor quebrar os vidros, e abriu a torneira do registro da água da vítima. Comunica que o autor não lhe deixa em paz e ameaça constantemente a vítima, querendo lhe obrigar a manter o relacionamento já acabado. É o relato.

24. BO 1230 - Compareceu nesta delegacia a comunicante supra, relatando-nos que, na data e hora dos fatos, o indiciado acima jogou um prato de comida quente na comunicante, que atingiu a filha menor de um ano e meio, causando na menor lesões. Nos relata ainda a comunicante que em sua defesa e da menor, sob as ameaças do indiciado com o qual vive maritalmente, desferiu uma facada contra o mesmo causando um ferimento, sendo que o indiciado, no hospital, exaltado, ao jogar-se do 2º andar, quebrou o braço. É o relato.
25. BO 1245 - Compareceu nesta DPMM a comunicante supra relatando-nos que na data e hora dos fatos, foi agredida a socos e mordidas pelo indiciado, alcoólatra que costuma agredi-la, nos conta que vive maritalmente com o mesmo cerca de 10 anos. É o relato.
26. BO 1264 - Compareceu nesta DPMM a comunicante supra, relatando-nos que seu marido vem lhe agredindo já há tempo com palavras, com difamações e nos últimos tempos traz em suas coisas de viagens, objetos como camisinhas, calcinhas, e sempre chega de mau humor dizendo que é a esposa que tem amantes. Neste sábado o indiciado ligou para seu irmão de nome C., dizendo que na sua casa estava um "rebu", ou seja uma "zona" de tantas brigas. Seu irmão veio também a lhe ofender dizendo que ia lhe bater; caso seu marido não "batesse", ele bateria. difamou a vítima dizendo que em sua casa era um entra e sai de homens. Quando o cunhado da vítima foi embora o indiciado lhe bateu, devido às acusações feitas pelo cunhado. É o relato.
27. BO 1373 - Compareceu nesta DPMM a comunicante supra, relatando-nos que na data e hora dos fatos, o indiciado o qual vive maritalmente cerca de 10 anos, agrediu a mesma; nos conta que o mesmo é alcoólatra e costuma agredi-la. Na ocasião, este jogou duas cadeiras na comunicante, porem não acertou e ainda tentou lhe acertar com uma enxada, ameaçando ainda lhe matar, e atear fogo na casa. É o relato.
28. BO 1384 - A vítima relata-nos que, em data e hora acima, foi ameaçada de morte pelo seu companheiro acima denominado, além do mesmo ter lhe agredido com a lancheira de sua filha menor, provocando inchaço na mão esquerda. A. insulta a vítima, chamando-a de "vagabunda", "puta barata". A vítima estava separada de A. há nove meses, sendo que a-

pós a separação, a vítima e A. voltaram a morar juntos, mas o relacionamento continuou tumultuado até a presente data. A. somente está dormindo em casa, não fazendo refeições e nem deixando suas roupas para lavar e passar. A vítima possui duas filhas, de 3 e 4 anos, recebendo R\$ 98,00 (noventa e oito reais) de pensão alimentícia; após a vítima ter entrado com o pedido, pois não tinha condições de sustentar as menores e A., na época, não ajudava nas despesas da casa. É o relato.

29. B.O 1561 - Compareceu nesta unidade de polícia judiciária a comunicante relatando que é casada legalmente com o suposto autor há 22 anos e que o mesmo sempre foi agressivo para com a comunicante. Conta que em data e hora supra, o suposto autor chegou em casa e que acusou a vítima de ter cumprimentado um senhor de idade que vem a ser vizinho da comunicante. Relata que lhe disse que se ele visse a vítima cumprimentar alguém novamente ele a mataria, momento em que pegou uma faca e que atingiu o braço direito, tendo a mesma que receber pontos. A vítima comunica que ficará fora de casa provisoriamente até conseguir a separação de corpos, por medida de segurança pessoal. É o relato.

30. 1846 - Compareceu nesta DPMM a comunicante nos relatando que em data, hora e local supra mencionados, encontrava-se em sua residência quando começou a discutir com o autor. Após algum tempo, o autor apanhou um facão e disse que iria lhe matar, porém, a vítima reagiu e conseguiu pegar o facão. Informa ainda que sua camiseta foi rasgada no momento em que tentou se defender, porém, a vítima não foi atingida. É o relato.

31. 1918 - Compareceu nesta Delegacia de Polícia de Proteção à Mulher e ao Menor a comunicante acima nos relatando que convive maritalmente com o autor acima há aproximadamente 02 anos e que o mesmo é violento para com a vítima, sempre lhe agredindo fisicamente. Relata que o autor ameaça constantemente a vítima de morte dizendo que compraria um revólver e mataria a vítima. conta a mesma que, em data e hora supra, a vítima estava trocando a roupa do filho do casal de 10 meses de idade, quando o autor começou a lhe agredir fisicamente, causando-lhe lesões no rosto. Conta que após isto o autor disparou um tiro contra a vítima errando o alvo e o projétil vindo a sair pela janela do quarto. Relata que saiu correndo para chamar a polícia militar e quando chegaram ao local o autor havia

jogado a arma fora, não sabendo a vítima onde. Os policiais militares somente encontraram vários projéteis intactos de uma arma cal. 22 e uma cápsula deflagrada; encontraram também uma espingarda. É o relato.

c) Um Cenário que Lentamente se Revela: Uma Rápida Apreciação

Encontramos registrados na (DPMM), no ano 2.000, 2.460 casos de violência, dos quais 888 são casos de violência especificamente cometidos contra as mulheres adultas e adolescentes.

Destes 888 casos, destacamos as observações que mais nos chamaram atenção:

- São realizadas, em média, três queixas de violência doméstica contra a mulher por dia;
- A maioria absoluta dos casos são de violência cometida pelo marido ou companheiro, raras vezes por cunhados, irmãos e até mesmo por filhos;
- Ocorrem em todas as classes sociais, sem quaisquer distinções;
- Em 40% dos casos, as vítimas mencionaram que não é a primeira vez que isso acontece, tendo algumas delas declarado que as agressões vem ocorrendo há muito tempo.
- Em 8% dos casos o agressor expulsa a vítima de casa juntamente com os filhos;
- Em 9% dos casos há registro de que a vítima se viu obrigada a deixar o lar, na maioria das vezes, em companhia dos filhos, por questões de segurança da própria vida.
- Os tipos mais comuns de agressão registrados são os seguintes:
 1. Agressão física - 52%
 2. Ameaça de morte - 25%
 3. Difamação - somente agressão verbal - 12%
 4. Ameaça de agressão - 11 %

Obs. Esses tipos de violência geralmente vem acompanhado de um outro ou mais tipos. Ex. Agressão física + agressão verbal + ameaça de morte.

- Observa-se que em 15% das agressões houve uso ou ameaça de uso de arma, sendo as mais comuns faca, seguida de arma de fogo.
- O que chama a atenção é que em cerca de 60% dos casos de agressão, a vítima já estava separada do autor e outros 10% a vítima manifestou o desejo ou está encaminhando a separação. Isso vale dizer que 70% dos casos foram motivados pela separação ou desejo de separação, que não foram aceitos pelo agressor, ou seja, pedidos de separação feitos por iniciativa das mulheres.
- Em 10% dos casos houve invasão do domicílio da vítima, quando já estavam separados.
- Observou-se ainda que em 2% dos casos houve relação sexual forçada, ou seja, o agressor estuprou a vítima.
- Em 4% dos casos o agressor seqüestrou os filhos da vítima.
- Em 23% dos casos o agressor estava sob o efeito de álcool e/ou drogas.

A violência contra a mulher, ao contrário do que se pensa, ocorre em todas as classes sociais. Está longe de ser um fenômeno exclusivo das camadas sociais mais baixas. O que talvez possamos dizer é que nesta camada social as coisas acontecem mais claramente, ou seja, o sigilo familiar é menor, e é mais difícil de ser mantido, até mesmo por fatores sociais, econômicos e culturais, uma vez que a disposição das habitações, o número de pessoas que ali vivem, o seu nível cultural, a proximidade física das moradias etc. favorecem a quebra do sigilo. Nas camadas sociais mais altas, há condições que facilitam o sigilo tais como: residências mais isoladas (pois o espaço físico é maior), preocupação em não dar escândalos, o fato de muitos morarem em apartamentos etc. Assim como muitas das coisas que acontecem entre as quatro paredes do que costumamos chamar de lar, este tipo de violência costuma ser camuflado por um amplo “complô de silêncio” do qual participam os familiares, vizinhos e a sociedade em geral. Até mesmo os profissionais da saúde, comunicação, serviço social, educação etc. acabam participando desse complô do silêncio, por não denunciarem casos de violência que chegam ao seu conhecimento.

Alguns fatores importantes nos levam a acreditar na existência de muitos casos de violência contra a mulher, em Lages:

1. 3 casos de violência, em média, são registrados diariamente na delegacia da mulher;
2. Segundo depoimentos de conselheiros tutelares de Lages, é elevado o número de casos de violência contra a mulher registrado naquele órgão.
3. O Programa de Atendimento às Vítimas de Crime – PROCEVIC de Lages também, segundo depoimento de seus coordenadores, tem registrado elevado número de mulheres, vítimas da violência.
4. Segundo depoimentos de organizações sociais e pastorais, tais como: Pastoral da Criança, Irmandade, Cáritas Diocesana, Cáritas Comunitárias e Grupos de Famílias (CEBs), Centro de Defesa dos Direitos Humanos, Conselho Municipal da Mulher, entre outros, existem possivelmente, para cada denúncia feita, em média dez que não são feitas, por diversas causas:

- Medos diversos;
- Ameaças e repressão;
- Prostração;
- Cumplicidade e complô de silêncio;
- E até mesmo por descrédito nas instituições, que não tem aparato eficaz para coibir violência do denunciado.

Mesmo frente a estas situações de violência, a pesquisa nos revelou que um número cada vez maior de mulheres vítimas, no caso, 60% romperam com seus parceiros agressores e outros 10% querem se separar.

Elas demonstram cada vez menos medo de romper e enfrentar a vida, inclusive sua auto sustentação e a sustentação dos filhos.

Observamos também, que as mulheres da Região Serrana sem escolarização ou profissão especializada também, cada vez em maior número, estão rompendo com o agressor.

As mulheres agricultoras da região, não raro se denominam de “valentes”, sem qualquer dificuldade para fazer “trabalho de homem”, e até “fazer melhor do que eles”.

Observamos que há aqui um paradoxo: enquanto esta afirmação de valentia reproduz uma consciência androcêntrica por parte destas mulheres, esta mesma afirmação tem encorajado muitas dessas mulheres para tomar a iniciativa de levar uma vida autônoma em relação aos maridos. Ou seja, o mesmo pensamento de valentia que reforça o poder dos homens, tem encorajado muitas “mulheres valentes” de nossa região a dar um “Chega prá lá” nos homens agressores, assumindo suas vidas, independente deles.

Existe um grande número de vítimas que mesmo tendo feito a denúncia, com registro de B.O. acabam não levando adiante o caso, às vezes, sequer comparecem para exame de Corpo Delito, voltando ao convívio com o agressor e ficando à mercê de novas agressões, o que geralmente ocorre, tornando-se uma verdadeira rotina, onde as vítimas acabam se acostumando, como se isso fosse uma coisa normal. Sabe-se no entanto que o agressor, mesmo tendo sido perdoado pela vítima e feito as mais nobres promessas, acaba por repetir as agressões, principalmente porque sente que a vítima está à sua mercê e convencido de que a mesma nada tentará contra o mesmo.

Em grande parte dos casos de violência está presente o componente álcool ou outras drogas, ou mesmo a associação de ambos. No entanto, sabemos por especialistas que a violência não é motivada exclusivamente pelo álcool, ou seja, não é o álcool ou outra droga que geram a violência. A função do álcool ou droga é potencializar o agressor e a agressão. Em outras palavras, estes componentes dão coragem ao agressor para que coloquem para fora (externem) aquilo que já possuem dentro de si. Essa constatação vem quebrar o mito de que “ele é bom quando está são. Só é violento quando bebe”.

Em todas as ocorrências pesquisadas, observa-se a presença do poder de dominação dos homens. As agressões são maiores quando o homem vê ameaçada a sua honra. Todos os BO's atestam isso. Por outro lado, a mulher defende sua honra buscando uma corajosa separação, defendendo-se das agressões, mas principalmente publicizando-se como a inocente, diante do culpado. Os homens, mesmo depois de um bom tempo de separação, não admitem que a mulher namore outro. Para ele, ela continua lhe pertencendo, enquanto ele já está com outra, e às vezes, com uma terceira.

O processo de infantilização aparece freqüentemente nos BO's, seja no caso do agressor pedir socorro à sua “sagrada mãe” em contraste com sua mulher “a puta” às vezes até “a puta

barata”, ou então pedir socorro ao irmão, que vem até a casa da vítima, desaforando-a e prometendo uma surra se ela continuar fazendo isso contra “a criancinha do seu irmãozinho de 43 anos de idade”. As vezes, acontece que o filho deixa de ver na mãe, a mulher sagrada e passa a tomar partido do pai infantil, agredindo aquela que, de mãe antes sagrada, que virou puta, porque traiu seu pai. Os BO’s mostram claramente homens fortes/fracos procurando, não uma companheira, mas uma mãe, que continue amparando-o em sua infantilidade psíquica e social.

d) Alguns Aspectos da Visão dos Homens da Própria Visão e da Visão das Mulheres.

Normalmente, os atos de violência cometidos por um homem agressor, não é caracterizado no contexto sócio-psíquico em que se encontra o agressor, mas as muitas categorias de violência masculina são colocadas num “pacote homogêneo”, tornando-se uma generalidade, que não serve para a compreensão dos fatos, nem ajuda na luta de libertação das mulheres. Não podemos usar dois pesos e duas medidas na análise.

Quando uma mulher comete um ato de violência, procuramos saber, ou pelo menos deveríamos nos indagar sobre os fatores que contribuíram para que tal ato fosse praticado; o mesmo deveria acontecer no caso da violência masculina. A expressão comumente usada “os homens são todos iguais” pode estar levando - num contexto cultural onde o homem passa a ser considerado agressor radical – a uma atitude de permanente desculpa às agressões das mulheres e não análise da agressão dos homens. A categorização da violência masculina pode ajudar as mulheres em muito, no sentido de elaborar estratégias eficazes na luta pela libertação feminina ... e também masculina.⁶³

“(...) a voz do agressor, não sendo ouvida, podemos falar dele indistintamente, de acordo com nossas necessidades retóricas e sentimentais (muitas vezes a-

⁶³ Quando temos um inimigo aparentemente mais forte que nós, é comum a tendência de arrumarmos mil adjetivos para desprezá-lo ou difamá-lo, principalmente se formos dominados pelo fanatismo; enquanto isso o inimigo continua forte, por esquecemos do principal: estudá-lo, para conhecê-lo assim como ele é, nas sua força e na sua fraqueza real. Este é o primeiro e imprescindível passo que nos possibilita armar estratégias eficazes, para o êxito na luta. No caso aqui, a luta não é para derrotar os homens, mas para libertar – se como mulheres, e, por consequência, estaremos possibilitando os homens de serem mais humanos e felizes.

cionada pelo forte impacto das mulheres atendidas): como um psicopata, um marido, um criminoso, um homem que perdeu o controle diante da discussão e deu um tapa no rosto da mulher, o cidadão que abusou do filho de três anos, um maniaco-estuprador que atacou dúzias de mulheres... Enfim: quem é este homem agressor? E de que ele é capaz? (...) o homem que deu uma bofetada na sua esposa, encerrando uma discussão verbal, fica diretamente aparentado com o outro (...) que, traficante, habitualmente tortura sua companheira com um cigarro quando ela não quer manter relações sexuais com ele”.

(Xavier, 1998 – p. 74)

Estamos falando aqui de distinção como categorias de agressores e não como dimensão da agressão. Dificilmente poderíamos classificar agressões maiores ou menores do ponto de vista da vítima.

Mas, afinal, quem é este homem, que na maioria dos escritos aparece em silêncio? Porque ele agride? O que ele pensa? O que ele sente depois de uma agressão? do que ele é capaz?

Há muitos, mistérios e paradoxos a serem revelados e explicados na relação dos homens com as mulheres. Se por um lado a mulher aparece no cenário como fraca, por outro, dificilmente encontraremos um homem que não concorde com a “fortaleza” da mulher. O mesmo homem que agride, concorda que não sabe viver sem a mulher. Nos hospitais, nas escolas, no lar... na hora de uma doença os homens geralmente declinam sua força, revelando-se fracos e carentes; mas isso não basta para declinarem uma visão de macho. Acontece uma espécie de anamnese, nestes momentos, para depois, o comando ser novamente retomado.

“A mulher aparece assim como um laço essencial na existência da unidade familiar. Essa situação aparece mais forte ainda no status diferenciado assumido pelos viúvos e pelas viúvas. O homem viúvo não consegue sobreviver só. Ele precisa de uma mulher – filha, nora sobrinha – que tome para si os seus cuidados, sobretudo para realizar determinadas atividades, como cozinhar e

lavar roupas, que não são assumidas pelos homens em quase nenhuma circunstância. Ele torna-se dependente dos serviços e cuidados de uma mulher”

(Maluf, 1993:45, Apud Xavier, 1998 – p. 67)

Essa mulher forte também é reconhecida por muitos homens como aquela que tem destreza, versatilidade, intuição, sensibilidade. Ela tem um grande poder de agredir o homem, não tanto fisicamente.

“Ela tem uma capacidade infinita de dissuadir, de enganar, de engodar e, sobretudo, tem uma capacidade muito rara para vilipendiar o homem através de agressões orais. Quando uma mulher resolve infernizar a vida de um homem, o caipira de minha terra diz que nem matando, porque se matar ainda tem remorso. Então, os métodos mais comuns da mulher agredir são: pedir mais dinheiro do que o marido pode dar. Então, o marido, não podendo dar tanto dinheiro quanto ele queria receber e ter, já é pra ele uma menos valia. Significa que ele tem que reconhecer a impotência dele pra solver os problemas dela. É muito comum a mulher insinuar que tem um outro namorado, quando às vezes até não tem (...) Acontece muito que, na interrelação pessoal e sobretudo na prática do ato sexual, mulher pode, neste momento, desprezar o homem, lhe dando pouco valor. (...) De modo que a mulher tem um elenco de recursos (CARVALHO⁶⁴)

(Xavier, 1998 – p. 71)

A fala de Carvalho pode estar bem estigmatizada, mas revela a percepção de muitos da força que tem a mulher. Essa força que pode ser usada para uma agressão, pode estar a serviço da libertação das relações de dominação.

Uma das violências que mais os homens sentem, da parte das mulheres, dentro do princípio da honra mediterrânea, obviamente depois da traição, é não ser valorizado em seu esforço de provedor ou ser explicitamente desvalorizado ou tido por um fraco. Neste contexto, ele sente muito quando a mulher fica alheia nos momentos mais difíceis, em que ele precisa de apoio.

⁶⁴ Advogado criminalista.

Enquanto o homem faz silêncio de seu fracasso para manter a honra de cair e levantar sozinho, a mulher pode assegurar a sua honra dentro do processo de vitimização, no sentido de “assumir o comando”, não fracassar, nem deixar fracassar a família. É ponto de honra para a mulher tornar-se a provedora (vítima inocente), enquanto ele é o culpado. Ela tem facilidade de publicizar suas dores e o fracasso dele tem por contraponto a sua virtude, que é sua honra.

Enquanto um provedor se vê ameaçado em sua honra, com a chegada de mais um filho, por outro lado é ponto central da honra mediterrânea, para um homem, como diz Bourdieu, poder “encher” a mulher. Um masculino que não “enche”, estéril, é um ser aniquilado. Muitas mulheres passam a fazer tratamento contra a esterilidade, pensando ser elas as estéreis, enquanto o marido se recusa a tal exame, só em imaginar a possibilidade de ser ele o estéril.

Desta forma, os homens, filhos de nossa cultura machista, também sofrem e vivem em estado de tensão, cativos permanentes da guarda da honra masculina, podendo vê-la desabar a qualquer momento. Ainda pior é saber que as mulheres, na sua maioria, também vítimas de um pensamento androcêntrico, preferem um homem forte, macho, vitorioso em seus empreendimentos. Portanto, ele enfrenta sua própria maneira de ver sua honra e sabe que se agir de outro modo, as mulheres, provavelmente, o discriminarão.

Todo homem sabe que a mulher ainda hoje procura seu príncipe encantado. Ele também imagina o que a mulher gosta de encontrar num homem, para se deixar cativar: Elogios, atenção, sensibilidade, receber flores, gentileza, e outras particularidade que ele vai descobrindo. Então o que ele faz geralmente? Passa a representar para cativar. E a jovem, então, passa a acreditar que está encontrando o seu príncipe. Casam e, não raro, vem a decepção logo em seguida.

Num encontro de professores da rede municipal, no município P., no ano de 2000, durante um trabalho de sensibilização, três jovens mulheres choraram muito. Uma delas se referiu assim:

“Pensei ter encontrado meu príncipe encantado. Ele era tão legal antes do casamento. Mas logo depois que casamos, o meu príncipe saiu para festar no sábado e só voltou Segunda de manhã. O encanto virou solidão e desencanto”.

Conquistada a princesa, acabou o teatro. O homem passa novamente a viver dentro de sua própria lógica.

No Site “Bom Dia” da Internet, nº 30, no II, havia uma frase emblemática: “*Vocês já repararam que as mulheres usam sexo para conseguir amor, enquanto os homens “usam amor” para conseguir o sexo?*”

e) “Palavra de Homens” da Cabília Serrana⁶⁵

Saulo Lourival – 30 anos

*Ela já praticou violência contra Você? NÃO. ELA NUNCA PRATICOU. SÓ DISCUS-
SÃO. Você reconhece praticou Violência contra ela? SIM, RECONHEÇO.*

*Que tipo de agressão? NADA GRAVE. GRITOS E, NA HORA, DE CABEÇA QUENTE,
CHAMO DE VACA. MAS NÃO TEM OUTRAS AGRESSÕES. SABE? SÃO AQUE-
LAS BRIGUINHAS NORMAIS ENTRE MARIDO E MULHER. O filho (5 anos) sofre
com isso? NÃO. ELE É MAIS AGARRADO COM ELA.*

*Observação: Como as perguntas da entrevista se esgotaram rapidamente por
não haver agressões maiores em casa, o entrevistador resolveu fazer perguntas
mais espontâneas, como segue:*

*Se ela se separasse de você, você aceitaria que ela arrumasse outro Companheiro? NÃO.
NÃO ACEITARIA QUE ELA ACHASSE OUTRO HOMEM. ELA DEVERIA FICAR
COM OS FILHOS EM CASA.*

⁶⁵ São entrevistas realizadas com homens agressores (alguns agredidos), companheiros daquelas mulheres identificadas nos 888 BO's pesquisados, do ano 2000, na DPMM de Lages. Os nomes são fictícios.

E o que você faria no caso de separação? **EU? AÍ JÁ É O OUTRO LADO NÉ! NÃO CA-SARIA, MAS PEGARIA UMA MULHER AQUI, OUTRA ALI...**

Se ela souber que você deu uma fugidinha? **ELA VAI FICAR LOUCA! Acha que ela deve-ria perdoar você?** **SIM, ELA DEVERIA PERDOAR.**

E no caso contrário? **NÃO. PODE DIZER QUE SOU MACHISTA, MAS NÃO PERDO-AVA.**

Quem deve mandar na casa? **ACHO QUE É OS DOIS. MAS SE A MULHER SAI DE CASA, POR EXEMPLO, ELA DEVE COMENTAR COM O MARIDO. Então basta co-mentar? Avisar?** **NÃO! COMENTAR QUER DIZER: PEDIR. O HOMEM É QUE TEM QUE MANDAR. O HOMEM SÓ AVISA E SAI. NÃO PRECISA PEDIR.**

No caso de traição o que mais você iria sofrer? **SEPARAÇÃO DO FILHO. A GENTE SO-FRE COM A TRAIÇÃO GOSTANDO OU NÃO DA MULHER. NINGUÉM GOSTA DE SER TRAÍDO. O MAIS DIFÍCIL DEPOIS DA SEPARAÇÃO DO FILHO, NO CA-SO, É SER CHAMADO PELOS OUTROS DE CORNO. SE É O HOMEM QUE TRAI, PRÁ MULHER NÃO FICA TÃO ASSIM... SE A MULHER TRAI, ELA FICA DE VA-GABUNDA. SE O HOMEM TRAI, O COMENTÁRIO NÃO É TÃO VERGONHOSO PRÁ MULHER, COMO É PRO CASO DO HOMEM TRAÍDO. NÃO SÃO TODOS OS HOMENS QUE TRAEM.**

Quais as pessoas que você mais ama no mundo? **O FILHO, A MÃE E A ESPOSA. O PA-DRASTO É COLUNA É MÉDIO. NÃO AMO MUITO.**

Imagine o velório de sua mãe. É só imaginação; eu conheço ela. Ela vai viver muito tempo... imagina que ela tivesse feito três pedidos para você, antes de morrer. Você cumpriria os três? **SIM. DE MINHA MÃE! Então vamos imaginar que os três pedidos fossem: colocar aquela roupa nela, que ela gosta, pintar as unhas e colocar batom. você cumpriria?** **COLOCAVA A ROUPA. BATOM E PINTAR UNHAS, NÃO. É FALTA DE CONSIDERAÇÃO E DE RESPEITO! NÃO GOSTO DE PINTURA... A MULHER TEM QUE FICAR MAIS NATURAL.**

Se tivesse que ter um filho só, preferiria piá ou menina? **DE PREFERÊNCIA, SERIA O PIÁ. SOU MUITO AGARRADO COM MEU PIÁ. FICO ATÉ EMOCIONADO QUANDO FALO NO MEU PIÁ.**

Você se sente culpado ou arrependido de alguma coisa? **NÃO.**

No seu ponto de vista, quais as atitudes que as mulheres têm hoje em dia e que estão erradas?

A ROUPA MUITO CURTA JÁ DESPERTA O HOMEM. QUEREM MANDAR DEMAIS. A GENTE FALA UMA COISA E ELAS QUEREM FALAR DUAS. AS MULHERES DÃO EM CIMA. ACHO QUE NÃO SÃO FIÉIS. ANTIGAMENTE ERA MUITO MAIS. O NEGÓCIO HOJE ESTÁ FEIO. ACONTECE DE TUDO. *Em que elas estão certas?* A MULHER TRABALHAR. ACHO QUE ELA PODE TRABALHAR. HOJE ELA ESTÁ MAIS DISPOSTA A TRABALHAR.

Na sua opinião, como um homem deve proceder em relação à sua companheira? **DIÁLOGO, COMPREENSÃO, AMOR, DEDICAÇÃO...**

E os maiores defeitos dos homens hoje em dia? **BUTEQUEIRO. A BRIGA DO CASAL COMEÇA NO BARZINHO. ACHO QUE O HOMEM PODE DAR AS FUGIDINHAS DELE DE VEZ EM QUANDO E NÃO CONTAR PARA A MULHER. HOJE TEM MUITA DROGA.**

Claudionei Laranjeira (29 anos)

Ela já praticou alguma forma de violência contra você. **SIM, COM PALAVRAS.**

Que formas de violência já sofreu da parte dela? **PALAVRAS. UM POUCO DE CIÚME.**

Você reconhece que praticou atos de violência contra ela? **Sim.**

Quais os motivos que o levaram a praticar atos de violência contra ela? **NERVOSISMO, NA ÉPOCA QUE ESTAVA DESEMPREGADO. SAÍ E TOMEI. ELA FALOU COISAS COMIGO PORQUE SAÍ PARA TOMAR. MAS, NÃO ACONTECEU NADA DE GRAVE. SÓ UNS EMPURRÃO.**

Os filhos têm sofrido muito ou pouco com a situação de violência? **MUITO. SÃO TRÊS FILHOS, COM 11,10 E UM ANO. NO OUTRO DIA ELE VEM CONVERSAR. A GENTE PEDE DESCULPA PELO LADO QUE ACONTECEU. *Há de sua parte ou da parte dela alguma violência contra os filhos?* NÃO, NÃO HÁ DE NENHUM DOS DOIS.**

Como começou esta situação de violência? **LOGO QUE CASEI SAÍA MUITO PARA A FESTA. PARAVA POUCO EM CASA. GOSTO DELA E SINTO QUE ELA GOSTA DE MIM.**

Depois dos primeiros atos de violência, foi se repetindo e crescendo? É SÓ DE VEZ EM QUANDO.

Diante da situação, como você se sente em relação à companheira? TEM CERTOS MOMENTOS QUE SE A VIDA FOSSE UM POUCO MELHOR... A GENTE PASSA DIFICULDADE. A GENTE VAI INDO, DANDO A VOLTA POR CIMA.

Em relação a você mesmo? FINAL DE SEMANA EU TOMO. TEMPOS ATRÁS FAZIA BAGUNÇA.

Você se sente culpado ou arrependido de alguma coisa? NÃO.

Como você se sente em relação aos filhos? GOSTO MUITO DELES. ESTOU MAIS APEGADO COM A MENINA.

Como você se sente em relação à companheira? ELA DEVIA PERDOAR A TRAIÇÃO. ACHO QUE ELA NÃO PERDOARIA, MAS ELA NÃO SOFRERIA A DESONRA DA SOCIEDADE. E se ele fizesse? (SORRISO)... PORQUE DEPOIS, SE SAIR NA RUA OS OUTROS IRIAM DIZER... A HONRA DO CLAUDIONEI... NEM UM DOS DOIS TEM DIREITO DE IR COM OUTRA PESSOA. PARA FAZER UMA COISA DESSA TEM QUE PENSAR MUITO.

No seu ponto de vista, quais as principais atitudes que as mulheres têm hoje em dia:

Que estão erradas : TRAIÇÃO, FALSIDADE, ACHO QUE TEM MUITA TRAIÇÃO. AS NOVAS CASAM E LOGO JÁ ESTÃO SEPARADAS. PERGUNTO POR QUE? A RESPOSTA É: PORQUE PEGUEI ELA COM OUTRO. ATRAVÉS DA TELEVISÃO... TEM MUITA COISA PARA ELA QUERER FAZER O QUE PASSA ALI. ÀS VEZES, ELAS, SEPARADAS, DEIXAM AS CRIANÇAS SOZINHAS E VÃO DANÇAR. TEM MUITA MENINA ASSANHADA CORRENDO ATRÁS DELES. ELES TIRAM O CORPO FORA... OS RAPAZES NÃO; ALI NO SERVIÇO NÃO PODE. SÓ SE FOR DEPOIS. HÁ UMA MARCAÇÃO SERRADA EM CIMA DELES LÁ NO SERVIÇO.

Que estão certas: ELA TRABALHAVA FORA. CONCORDO, PELA SITUAÇÃO QUE EU ESTAVA PASSANDO; ATÉ PRÁ ME AJUDAR. SE ELA QUISER CONTINUAR, PODE. SINTO CIÚME. JÁ DESCONFIEI, MAS COM CERTEZA, NÃO TEM NADA A VER. ALGUMAS MULHERES SÃO GENTE BOA. A MAIORIA DAS GURIAS

NOVAS A GENTE VAI CONVERSAR, JÁ ESTOURAM, NÃO DIZEM ADEUS. ANTIGAMENTE AS PESSOAS TINHAM MAIS RESPEITO.

Na sua opinião, como um homem deve proceder em relação a sua companheira? Sincero, honesto... hoje em dia não tem mais. Toda hora sai para um lugar e vai para outro.

*Se vocês se separassem, admitiria ela dançar com outro ou namorar, num baile, na tua presença? **SERIA DIFÍCIL. PRINCIPALMENTE NO CASO DE UMA DANÇA OU NAMORO, O HOMEM VAI FICAR VIRADO COM ELA.***

*Quem deve mandar? **TEM MUITA SITUAÇÃO QUE QUEM DEVE MANDAR É O HOMEM. ELA QUER FAZER COMPRAS, FAZER... ELA DEVE MANDAR UM POUCO NA ECONOMIA DO HOMEM; GASTAR O QUE FOR PRECISO. NA PARTE DA CASA, QUEM ADMINISTRA É A MULHER.***

*Na sua opinião, quais as qualidades mais importantes de um pai e marido? **BOA EDUCAÇÃO PARA AS CRIANÇAS. FAZER ELES RESPEITAR AS PESSOAS. MANTER AS CONTAS CERTAS. NÃO DEIXAR FALTAR NADA PRÁ ELES.***

*O que gostaria que os filhos dissesse de você para os outros? **MEU PAI É UMA PESSOA QUE EDUCOU, ENSINOU A BEM RESPEITAR OS MAIS VELHOS, BÊNÇÃO PAI, BÊNÇÃO MÃE... QUE SOU PESSOA BOA, QUE NÃO LEVA A GENTE EM LUGAR RUIM.***

O entrevistador estranhou o caso de Saulo, pois a entrevista revelou uma mentalidade machista, mas não detectou casos de grande violência. No caso de Claudionei, a entrevista foi bem diferente da entrevista feita com sua mulher Almira. Como os dois eram vizinhos, o entrevistador resolveu entrevistar duas vizinhas mais próximas, muito respeitadas e consideradas na comunidade. Além do mais, essas duas pessoas não têm caso de inimizade com Saulo e Claudionei, pelo contrário, uma das entrevistadas é bem amiga de Saulo e da família toda. A outra é que socorre freqüentemente a família de Claudionei com leite, para as crianças etc. As entrevistadas não são parentes. São amigas. Então, o entrevistador vai anotando alternadamente o que fala Maria Conceição e Jacira.

Então como é mesmo a história de Saulo ? Jacira: ELA (a mulher de Saulo), MESMA DISSE QUE NÃO TEM PACIÊNCIA PRÁ CRIANÇA. NÃO DEVIA TER TIDO FILHO. ELA QUER DEIXAR TUDO ARRUMADINHO E O PIÁ É MUITO AGITADO. ELES BRIGAM MENOS QUANDO ESTOU EM CASA, PORQUE ME RESPEITAM. SOU VIZINHA DE PORTA. MAS EU SAIO BASTANTE. ÀS VEZES, VIAJO, TRABALHO DE DIA E ESTUDO À NOITE. MAS, MESMO ASSIM, DE VEZ EM QUANTO A ENTE VÊ OS GRITOS... ELA É TÃO VIOLENTA QUANTO ELE. UM DIA ELES SE CAGARAM DE PAU E LOGO EM SEGUIDA SAÍRAM BEM FACEIROS, COMO SE NADA TIVESSE ACONTECIDO.

Maria da Conceição: EU TÔ CANSADA DE VER. BATE DE CINTA, ELE E ELA. A GENTE OUVI OS GRITOS DOS DOIS. É FREQUENTE. SEMPRE NA HORA DA NOVELA DAS 8HS. A GENTE ACHA QUE ELE BATE NELA POR CAUSA DO PIÁ. ELA QUER SILÊNCIO PRÁ NOVELA. O PIÁ AGITA. ELA BRIGA. ELE QUEBRA O PAU.

Jacira: EU TAMBÉM JÁ VI ELE BATER NELA COM UM PEDAÇO DE PAU.

E do Claudionei, vocês já viram alguma coisa?

Maria da Conceição: MAIS CREDO!
EU VEJO COM ESSES OLHOS, QUE A TERRA HÁ DE COMER. ALI É DIRETO... SÁBADO E DOMINGO. UMA VEZ CHAMEI A POLÍCIA. ELA ESTAVA DESMAIADA COM UNS OITO MESES DE GESTAÇÃO PROVAVELMENTE. ELE TINHA DADO UM COICE NELA. ELE BATE NELA, POR CAUSA DA BEBIDA E ELE TAMBÉM USA DROGA. O PESSOAL AÍ QUER FAZER UM ABAIXO ASSINADO PARA TIRAR ELES DAQUI.

É COICE, O QUE TIVER NA MÃO, FACA... AS MENINAS FOGEM LÁ PRÁ CASA E DIZEM: “DONA CONCEIÇÃO! NÃO DEIXA O PAI MATAR A MÃE”. EU MORO NO MEIO DE TRÊS.

Jacira: É VERDADE! DONA CONCEIÇÃO MORA NA CASA QUE A CÁRITAS DEU PARA AQUELA MULHER... COMO ERA O NOME DELA... AH! A DONA BRANQUINHA, LEMBRA? COITADA ERA HEMOFÍLICA MAS NÃO MORREU DISSO. ELA MORREU DE TRISTEZA E DE TANTO APANHAR DO MARIDO.

Maria da Conceição: É VERDADE, DEPOIS QUE ELA MORREU ELE ABANDONOU A CASA E A MENINA DELA FOI DADA PARA UMA FAMÍLIA MUITO BOA DAQUI DE LAGES, ESTÁ MUITO BEM. E A CÁRITAS PASSOU A CASA PRÁ MIM.

Jacira: AQUI É ÓTIMO PRÁ MORAR. ESTAMOS QUASE DENTRO DA CIDADE. TODO MUNDO SE CONHECE E SE AJUDA. O PROBLEMA SÃO ESSAS BRIGAS DE FAMÍLIA, A CACHAÇA E A DROGA.

Maria da Conceição: OS TRÊS BATEM DEMAIS. É UM NA ESQUERDA, OUTRO NA DIREITA... O DOS FUNDOS PUXA NOS CABELOS DELA E ARRASTA. TIVE QUE VENDER MEU CACHORRO, PORQUE CLAUDIONEI AGREDIA TAMBÉM O CACHORRO, PELA TELA.

A ALMIRA FALOU PRÁ MIM QUE QUERIA DAR VENENO DE RATO PRÁ ELE. E EU DISSE PRÁ ELA: NÃO FAZ ISSO, MULHER. TU VAIS ACABAR NA CADEIA E QUEM VAI CUIDAR DESSAS CRIANÇAS? AS TRÊS CRIANÇAS PRECISAM DE TUDO. AS CRIANÇAS DIZEM: “ESSE PAI DO DIABO QUER MATAR MINHA MÃE”... SÓ DEUS PRÁ TER MISERICÓRDIA DAQUELAS CRIANÇAS ALI.

DIA 26 DE DEZEMBRO (2000) ELA E EU FOMOS PEGAR UM RANCHO QUE ELAS OFERECEM PRÁ NÓS TODOS OS ANOS. ENTÃO ELAS PERGUNTARAM: COMO PASSARAM O NATAL? TINHA BASTANTE PRESENTE BEBIDA E CHURRASCO? TODO MUNDO QUE ESTAVA ALI FOI FALANDO. A ALMIRA FALOU: “PASSEI O DIA TODO TRANCADA NA PATENTE DA VIZINHA, PORQUE ELE QUERIA ME MATAR. PASSEI O DIA TODO CHEIRANDO MERDA E MUITO CANSADA”

ELE GASTA 50 REAIS POR SEMANA COM BEBIDA. A MENINA PASSA, MUITAS VEZES, SEM TOMAR CAFÉ, PORQUE NÃO CONSEGUE TOMAR SEM

LEITE. EU DOU UM LITRINHO DE LEITE PRÁ ELA, QUANDO POSSO. A JACIRA TAMBÉM. ELE DIZ QUE ESQUECE, DEPOIS QUE BATEU NELA. ESQUECE NADA! ELE NÃO VÊ A CARA ROCHA DA MULHER? ELA NÃO TEM MAIS NENHUM DENTE PORQUE ELE QUEBROU TUDO... TEM QUE EXPLICAR PORQUE ELA NÃO TEM DENTE ...*(risos)*... AS PESSOA SÓ VÃO FICAR SABENDO SE COHECEREM O CASO. CREDO A GENTE ATÉ ACABA RINDO... EU NÃO DURMO SOSSEGADA. TÔ NO MEIO DE TRÊS. NUNCA VI ESTA VIOLÊNCIA NA FAMÍLIA DE MEUS PAIS E NEM NA MINHA, GRAÇAS A DEUS!

MEU MARIDO ESTÁ SEIS MESES DESEMPREGADO, MAS NÃO PASSO FOME, NEM PEÇO PARA OS OUTROS.

O CLAUDIONEI ATÉ DÁ PARA CONVERSAR; MAS, NA BEBIDA, NÃO VALE NADA.

Áureo Bernardino de Souza

Ela já praticou alguma forma de violência contra você? **NÃO. ELA NUNCA PRATICOU.**
Você reconhece que praticou atos de violência contra ela? **SIM RECONHEÇO.** *Quais os motivos que o levaram a praticar atos de violência contra ela?* **PROBLEMAS DE RELACIONAMENTO DA ESPOSA COM OUTRA MULHER.** *Estão separados?* **Sim.** *Quais os fatores que causaram a separação?* **SEPARAMOS PELOS MESMOS MOTIVOS. AGORA, ORA VIVEMOS JUNTOS, ORA SEPARADOS.** *Quem tomou a iniciativa?* **ELA**
Você quer voltar para ela: **SIM.** *Por que?* **PORQUE GOSTO DELA.**

Você admite que ela namore e se case com outra pessoa? **NÃO, PORQUE GOSTO DELA E NÃO ADMITO QUE TENHA OUTRO OU OUTRA.** *Os filhos têm sofrido muito?* **MUITO MESMO. ELA ABANDONOU OS FILHOS POR CAUSA DO SEU NOVO RELACIONAMENTO.**

Há, De sua parte alguma violência contra os filhos homens? **NÃO.** *Da parte dela?* **SIM. ELA GRITA MUITO, DÁ SAFANÕES, TAPAS...Como os filhos reagem diante dessa situação?** **GRITAM MUITO, VÃO PARA A RUA (OS MAIORES) E, ÀS VEZES, NÃO VOLTAM PARA CASA.**

Como começou esta situação de violência? **QUANDO ELA COMEÇOU A SAIR COM SUA NAMORADA E EU COMECEI A DESCONFIAR, ATÉ QUE FLAGREI ELA COM A COMPANHEIRA NA CAMA.**

Depois dos primeiros atos de violência, ela foi se repetindo e crescendo? **AS COISAS FORAM SE INTENSIFICANDO, ATÉ QUE ELA SAIU DE CASA COM SUA NAMORADA.**

Diante dessa situação como você se sente em relação:

À companheira: **DESPREZADO, TROCADO.**

A você mesmo: **CONFUSO E CHATEADO.**

Você se sente culpado ou arrependido de alguma coisa? **NÃO.**

Como você se sente em relação aos filhos? **PREOCUPAÇÃO, POIS PERDEMOS OS FILHOS POR CAUSA DAS LOUCURAS DA MULHER. A LEI NOS RETIROU OS FILHOS.**

Em relação à vida? **NORMAL. A GENTE TEM QUE CONVIVER COM A SITUAÇÃO.**

Como você tem reagido diante da violência?

Em relação à companheira: **PROCURO FAZER O MELHOR E QUE ELA VALORIZE ISSO.**

Em relação aos filhos: **AGORA NÃO ESTÃO MAIS COMIGO.**

No seu ponto de vista, quais as principais atitudes que as mulheres têm hoje em dia? **MULHER TROCANDO MARIDO POR CAUSA DE OUTRA MULHER. POR OUTRO LADO, EXISTEM MULHERES HONESTAS, QUE CUMPREM OS DEVERES NO LAR, QUE SÃO COMPREENSIVAS.**

Na sua opinião, como um homem deve proceder em relação a sua companheira? **DAR CARINHO, DAR ATENÇÃO, CONVIVER BEM E DAR VALOR.**

Santo Silva:

Ela já praticou alguma forma de violência contra você. SIM. Que formas de violência já sofreu da parte dela? **AGRESSÃO FÍSICA, CORTOU MINHA BARRICA COM A FACCA DE CORTAR PÃO... OLHA AQUI... (cicatriz recente, de um talho fora a fora na par-**

te da frente da barrica; uma parte ainda meio sangrando). **ELA JOGAVA O QUE VIA PELA FRENTE: PANELA, PRATO, CHALEIRA...**

Você reconhece que praticou atos de violência contra ela? SIM. ELA ME AGREDIA E EU TAMBÉM BATIA NELA. QUANDO CHEGAVA EM CASA E ELA NÃO ABRIA A PORTA, EU QUEBRAVA, ARREBENTAVA TUDO, ENTRAVA E BATIA NELA.

Estão separados? **EU E ELA FOMOS PARAR NO HOSPITAL E NA DELAGACIA. DAÍ NOS SEPARAMOS, PARA UM NÃO MATAR O OUTRO.**

Quem tomou a iniciativa: **ELA E EU. Você quer voltar para ela? NÃO. NÃO IRIA DAR CERTO E EU JÁ VIVO COM OUTRA MULHER.**

Você admite que ela namore e se case com outra pessoa: **SIM. É PROBLEMA DELA. A VIDA É DELA. NÃO QUERO QUE ELA ME INCOMODE.**

Os filhos têm sofrido? **MUITO. ELES SOFREM. FICAVAM COM MEDO E GRITAVAM QUANDO NÓS BRIGÁVAMOS.**

Houve, de sua parte ou da parte dela violência física contra os filhos? **NÃO.**

Como começou esta situação de violência? **ELA TINHA CIÚME E ANDAVA ATRÁS DE MIM. EU GOSTO DE IR A BAILE E ARRUMEI UMA NAMORADA. ELA DESCOBRIU E COMEÇAMOS A BRIGAR. DAÍ ELA COMEÇOU A SAIR TODOS OS DIAS E IA DANÇAR COM AS AMIGAS. QUANDO EU CHAGAVA EM CASA, NÃO ESTAVA.**

Depois dos primeiros atos de violência, esta foi se repetindo e crescendo? **SIM. ELA ME AGREDIA E EU TAMBÉM AGREDIA ELA.**

Diante dessa situação como você se sente em relação:

À companheira: **QUERO QUE ELA VIVA A VIDA DELA, LONGE DE MIM.**

A você mesmo: **SEI QUE ERREI SOBRE CERTAS COISAS.**

Você se sente culpado ou arrependido de alguma coisa? **NÃO ME SINTO CULPADO NEM ARREPENDIDO. NUNCA DEIXEI FALTAR NADA EM CASA, NEM PARA ELA, NEM PARA OS FILHOS. TEMOS TRÊS FILHOS.**

Como você se sente em relação aos filhos? **GOSTO MUITO DELES. FAÇO O QUE POSSO POR ELES.**

Em relação à vida? **QUERO VIVER COM MINHA NOVA MULHER, SEM A VIOLÊNCIA QUE TINHA COM A OUTRA.**

Como você tem reagido diante da violência:

Em relação à companheira: **NÃO QUERO MAIS VIOLÊNCIA.**

Em relação aos filhos: **NÃO QUERO QUE ELES VEJAM MAIS VIOLÊNCIA.**

No seu ponto de vista, quais as principais atitudes que as mulheres têm hoje em dia?

Que estão erradas: **ELAS QUEREM MANDAR NOS MARIDOS. ISSO É ERRADO. ELAS TÊM QUE OBEDECER E NÃO MANDAR. SAEM DE CASA SOZINHAS; OS OUTROS FICAM FALANDO QUE A GENTE É CHIFRUDO.**

Que estão certas? **AS QUE CUIDAM DOS FILHOS E DO MARIDO E NÃO RECLAMAM, ESTÃO CERTAS.**

Na sua opinião, como um homem deve proceder em relação a sua companheira?

NÃO DEIXAR FALTAR NADA.

Ivondir Denis

Ela já praticou alguma forma de violência contra você? **SIM. PULOU MAS NÃO CONSEGUIU FAZER NADA. FALARAM QUE ELA TEM DEPRESSÃO. TEM MUITO CIÚME, ATÉ DE MIM COM A MULHER DE MEU IRMÃO. NÃO CONVERSO COM A MULHER DE MEU IRMÃO JÁ PRÁ NÃO DAR CONFUSÃO. ELA, EM VEZ DE TRABALHAR, QUANDO EU ERA GARÇOM, ELA IA ME CUIDAR.**

Você reconhece que praticou atos de violência contra ela? **SIM. EU BATI NELA MUITAS VEZES. QUANTAS VEZES, SE EU TIVESSE MAIS REVOLTADO, EU TERIA ATÉ MATADO ELA. DEI TAPA, PONTA-PÉ, DEIXEI MARCA NELA... É DE DEIXAR MARCA!**

Quais os motivos que o levaram a praticar atos de violência contra ela? **SÓ ESTE CIÚME EXAGERADO. TALVEZ EU FIZ A CABEÇA DELA, ASSIM POR MINHA HISTÓRIA... ELA SOFRIA MUITO COM ISSO.**

Quais os fatores que causaram a separação? **ANTES DE SEPARAR A PRIMEIRA VEZ, TIVEMOS UM FILHO. DEPOIS, SEPARAMOS, POR CAUSA DA MINHA HISTÓ-**

RIA E DO CIÚME DELA. SEPARADOS, ELA TEVE FILHO COM OUTRO E EU TIVE FILHO COM OUTRA. DEPOIS, NOS JUNTAMOS DE NOVO. AÍ TIVEMOS MAIS UM FILHO JUNTOS. AGORA ESTAMOS MEIO SEPARADOS E ELA ESTÁ GRÁVIDA DE MIM. DE TANTO ELA ME INFERNIZAR ... VOCÊ FAZ ISSO, NÃO PRESTA... FAZ AQUILO NÃO PRESTA... ESTAMOS SEPARADOS SÓ PROVISORIAMENTE.

Quem tomou a iniciativa: **NA PRIMEIRA VEZ FOI ELA E AGORA FUI EU QUEM NÃO AGÜENTOU O REPUCHO.**

Você quer voltar para ela: **SIM. EU ADORO ELA E ACHO QUE ELA GOSTA DE MIM. GASTARIA DE FAZER UMA OBSERVAÇÃO: TINHA QUE TER MAIS INFORMAÇÃO SOBRE ESTA PARTE NA DELEGACIA: ENCAMINHAR AS PESSOAS PRÁ IR NO PSICÓLOGO, PRÁ VER O QUE ESTÁ ACONTECENDO. ELE PODE AJUDAR A GENTE. SE A GENTE VAI PRESO, VOLTA MAIS REVOLTADO... ESSE TRABALHO QUE VOCÊS ESTÃO FAZENDO É BOM PORQUE VAI AJUDAR E CLAREAR AS PESSOAS.**

EU SOU BEM TRANSPARENTE. TEM PESSOAS QUE SE ESCONDEM. EU TIVE COLEGAS EM GRUPOS DE JOVENS, ONDE DOIS JOVENS TINHAM PROBLEMAS EM CASA, MAS NÃO FALARAM. NA ESCOLA DEVERIA HAVER ORIENTAÇÃO NESSE CAMPO.

QUANDO VOLTAMOS A VIVER JUNTOS, ELA MELHOROU. ELA ENGRAVIDOU AOS 13 ANOS. EU ERA MUITO JAGUARA... AGORA ESTAMOS SEPARADOS. NOS CONHECEMOS DESDE CRIANÇA. EU APRONTEI PRÁ ELA E ELA PRÁ MIM. FUI MÚSICO. CAÍ NA DROGA. SAÍ COM UMA PALESTRA NO CENTRO DE FORMAÇÃO. DEPOIS DE ME APRESENTAR NA IGREJA, MUDEI BASTANTE.

Você admite que ela namore e se case com outra pessoa? **JÁ ADMITI. ELA JÁ CASOU COM OUTRO, DEPOIS DA PRIMEIRA SEPARAÇÃO.**

Os filhos têm sofrido com essa situação? **MUITO. QUANDO ESTAMOS SEPARADOS, A MENINA FICA REVOLTADA. MUDA QUANDO ESTAMOS JUNTOS. AS CRIANÇAS SE ACALMAM. ELAS VENDO PAI E MÃE BRIGANDO, ELAS SOFREM MUI-**

TO ... VENDO O PAI BATER NA MÃE. SEPAREI PARA NÃO VER OS FILHOS SOFREREM.

Há, da parte de vocês violência contra os filhos? **DA PARTE DELA. ELA MALTRATA DEMAIS AS CRIANÇAS. MAS, MAIS PELO JEITO DELA. ELA DEIXA MUITO SOLTA E DEPOIS O RELHO PEGA. ELA NÃO EXPLICA, NÃO CONVERSA. BATI NA MENINA MAIS VELHA UMA VEZ. MARQUEI ELA TUDO... ELA NÃO QUERIA COMER. SURREI COM UMA BORRACHA. DEPOIS ME ARREPENDI. FIZ SEM PENSAR. DEPOIS, A GENTE VÊ COMO ESTÁ ERRADO. ELA ME COBRA. ÀS VEZES, A GENTE FAZ O QUE NÃO QUER FAZER. DEVERIA CONTAR ATÉ DEZ. AGORA JÁ FAÇO ISSO.**

Como os filhos reagem diante dessa situação? **ELA SOFRE. (TEM 6 ANOS). A MENOR TAMBÉM FICA ABORRECIDA. MESMO SE ESTAMOS BRINCANDO, ELA CORRE DIZER PRÁ VÓ QUE ESTAMOS BRIGANDO.**

Como começou esta situação de violência? **FOI PELO NOSSO PASSADO. ELA GOSTAVA DE MIM E FICAVA SÓ COMIGO. MAS QUERIA QUE EU FICASSE SÓ COM ELA. COMO EU ERA MUITO SEMVERGONHA, FICAVA COM OUTRAS.**

Depois dos primeiros atos de violência, foi se repetindo e aumentando? **COMEÇOU DEVAGAR. AGRESSÃO DE BATE-BOCA. PELAS AMIZADES. EU IA TRABALHAR E ELA NÃO PARAVA EM CASA. NO COMEÇO ERA MAIS LEVE E DEPOIS CRESCIU. (UNS DOIS ANOS PARA CÁ).**

Diante dessa situação como você se sente em relação:

À companheira: **EU GOSTO DELA DE PAIXÃO. ESPERO QUE ELA AMADUREÇA. ELA GOSTA DE MIM. EU TRAI ELA UM MONTE. ELA TRAIU POUCO. EU RELEVO. O BASTANTE QUE EU FIZ (PASSADO) ELA COBRA DEMAIS. JÁ PEDI PERDÃO PRÁ ELA MUITAS VEZES. MAS... NÃO É FÁCIL. ELA DIZ QUE PERDOA , MAS NÃO ESQUECE. NA HORA DA BRIGA ...É SEMPRE O PASSADO. *E que passado?* **NO BAIRRO, ANTES DE IR MORAR COM ELA, EU ANDAVA EM TURMA DE RAPAZES E MULHERES. A GENTE IA NAS CASAS DE UM DELES OU DE UMA DELAS, QUANDO OS PAIS VIAJAVAM E DORMÍAMOS TODOS JUNTOS. EU COMI QUASE TODAS AS MENINAS DO BAIRRO. COMI****

DE VARRER. MAS, DEPOIS QUE FUI MORAR COM ELA, FOI SÓ ELA. SE DER UM OI NA FRENTE DELA PARA QUALQUER GURIA, DEUS ME LIVRE.

Você se sente culpado ou arrependido de alguma coisa? **BASTANTE. TALVEZ SE TIVESSE TIDO UM PAI PRÁ CONVERSAR... APRENDI DE TUDO SOBRE SEXO NA RUA. ATÉ HOJE NÃO TIVE A CARA DE DIZER PRÁ MINHA MÃE QUE EU ERA DROGADO. MEU IRMÃO É VIRADO. ELE ESTÁ EM SÃO PAULO. NÓS É QUE SUSTENTAMOS A MULHER DELE. TRABALHEI DESDE 5 ANOS. VENDIA PICO-LÉ. TRAZIA TODO O DINHEIRO PRÁ MÃE. LÁ PELOS MEUS 15 ANOS, MEU IRMÃO DISSE QUE DEVERIA FICAR UM POUCO PRÁ MIM; E EU COMECEI A ME PERDER. JÁ FUI SACANA COM ELA. DORMI ATÉ COM A IRMÃ DELA. (*tempo das drogas*). ANDEI COM MUITAS AMIGAS DELA. DEPOIS NÃO DEU MAIS PRÁ ENDIREITAR NOSSA RELAÇÃO. EU NÃO SAÍ COM NINGUÉM ENQUANTO ESTIVE COM ELA. ...QUEM NÃO CONFIA, NÃO É CONFIÁVEL... ELA DIZ: SE VOCÊ ME TRAIR, EU VOU TRAIR VOCÊ. UMA PESSOA NÃO CONQUISTA A OUTRA MALTRATANDO.**

UM DIA CHEGUEI EM CASA E ELA TINHA IDO A UMA BOATE. NÃO VOLTOU. FIQUEI NERVOSO. NÃO ESTAVA BÊBADO. PEGUEI O DINHEIRO DA PRESTAÇÃO E FUI DE TAXI. EU ESTAVA NERVOSO. ARROMBEI A CASA DA MULHER QUE ME FALARAM QUE ELA ESTAVA LÁ. NESTE DIA EU MATAVA ELA, SE ENCONTRASSE. ELA HAVIA SE ESCONDIDO NA CASA DE MEU IRMÃO PARA EU NÃO PEGAR. TEM UM MONTE DE HISTÓRIAS. ENQUANTO NAMOREI HOUVE TRAIÇÃO, MAS DEPOIS DE CASADO, NÃO.

Como você se sente em relação aos filhos? **PREOCUPADO PARA NÃO REPRODUZIR A VIOLÊNCIA. JÁ ESTOU COM A CABEÇA BEM MUDADA E ACONSELHO AS PESSOAS. MINHA IRMÃ FOI PRÁ ZONA. ELA PROCUROU O PAI. ELE REJEITOU. UM PAI QUE REJEITA UM FILHO...É BRABO! A MÃE TEVE UNS QUANTOS MARIDOS. O PAI ERA CALMO. EU TAMBÉM. POR ISSO, VIVEMOS UM TEMPO JUNTOS. EU ESPERO QUE ELA AMADUREÇA. ELA ESTÁ COM 20 ANOS, MAS NÃO MUDA. LARGUEI MÃO DE TUDO O QUE É RUIM, SEM PRECI-**

SAR VIRAR CRENTE, EMBORA JÁ TENHA IDO EM MUITAS IGREJAS. TEM GENTE BOA EM TODO LUGAR.

NÃO É SÓ SUSTENTAR. É SER MAIS QUE UM AMIGO. EU FUI CRIADO MUITO RIGOROSO E ELA MAIS SOLTA. CRESCI NA BASE DO CACETE; TODA A VIDA APANHANDO; NA BASE DA VIOLÊNCIA... TEM QUEIXA NA DELEGACIA... O DELEGADO DISSE: FAZER FILHO É FÁCIL! ME DEU UMA RAIVA, ATÉ VONTADE DE PULAR NELE, SENDO QUE EU SEMPRE CUIDEI.

A MULHER É COITADINHA! ELE OLHA PRO MEU JEITO ROQUEIRO DE ANDAR E DIZ QUE É BANDIDO. TEM UM MONTE DE POLÍCIA QUE É BANDIDO. DEPOIS QUE DEIXEI TUDO DE DROGAS, FUI COORDENADOR DE GRUPOS DE JOVENS.

ELA TAMBÉM JÁ ME PULOU. NÓS DOIS SOMOS AUTORITÁRIOS. EU SOU MAIS CALMO. ELA MAIS ESQUENTADA. EU BRIGO, SAIO DE CASA E DEIXO ELA. ELA NÃO ME APOIA. LARGUEI DAS DROGAS. COMECEI A ME MEXER COM MÚSICA. É O QUE ME SEGURA. ESTOU COM 26 ANOS. COM 19 JÁ ERA PAI. ELA PROIBIU DE EU VER A MENINA DA OUTRA. MAS ELA PODIA VER O FILHO DO OUTRO. É FILHA! O QUE FAZER! OS NOMES DAS MENINAS SÃO IGUAIS. EU GOSTO DELA. ELA GOSTA DE MIM. PE. JOÃO ME AJUDOU. ESTOU FICANDO VELHO DE TANTO SOFRER.

Em relação a você mesmo? UM DIA CHAGAMOS LÁ. NÃO DOU MUITA IMPORTÂNCIA AO DINHEIRO. PENSO EM SUSTENTAR MINHA FAMÍLIA, EM APRENDER MÚSICA. NÃO QUERO APARECER, TANTO QUE FICO ESCONDIDO, POIS TOCO BAIXO. NEM QUERO ARRUMAR MULHER NENHUMA. JÁ DEI AULA DE MÚSICA. TUDO O QUE A GENTE CONVERSA A GENTE ESTÁ APRENDENDO. PROCURO PESSOAS PARA APRENDER. MEU CUNHADO ESTÁ CONOSCO, MAS ELE SÓ ANDA COM PESSOAS ERRADAS E AÍ SÓ ACHA MULHER ERRADA.

Em relação à companheira: EU TENHO VONTADE DE VOLTAR E ME JUNTAR. CONVERSO NORMAL COM ELA, SÓ NÃO ESTAMOS MORANDO JUNTOS. EU

NÃO TENHO TANTO APEGO À 1ª MENINA. QUANDO VOU CORRIGIR A MENINA, ELA DIZ QUE É MARCAÇÃO. PROCUREI LER COMO TRATAR AS MENINAS. IR. CARMÉLIA ME DEU O LIVRO. UM FILHO PROGRAMADO É BOM. MAS UM FILHO QUE VEM À REVELIA, NÃO. EU ME CUIDO. ELA, DANADA, NÃO. A GENTE ESTAVA DESPREVENIDO. SOU UM ASSALARIADO; TRABALHO EM SERRARIA. NÃO TENHO PROFISSÃO. LIDO COM MÚSICA PRÁ GANHAR UM POUQUINHO MAIS. FAÇO COMIDA EM CASA ETC. MORO SOZINHO NOS FUNDOS DA CASA DE MINHA MÃE. ELA LAVA A ROUPA E FAZ O PÃO PRÁ MIM. FAÇO ALMOÇO E ESQUENTO. COMPREI UMA CASA PRÁ ELA (*sua mulher*). MINHA IRMÃ TAMBÉM TEM UMA VIDA DE CACHORRO. NÃO SEI SE É ELA OU É ELE.

QUANDO A GENTE SEPARA, NÃO SE PODE VER QUE DÁ VONTADE DE VOLTAR A SE JUNTAR. EU QUERIA SABER PORQUE NÃO DÁ CERTO VIVER JUNTO, SE EU AMO ELA DE PAIXÃO E ELA DIZ QUE ME AMA. PORQUE NÃO DÁ CERTO? O CIÚME É DEMAIS. SE VINHA NA MISSA E SE OLHASSE PRO LADO, ELA JÁ DESCONFIAVA.

Em relação aos filhos: **VISITO, PAGO PENSÃO. AGENTE SE VÊ DIRETO. PARA IR AO SERVIÇO PASSO POR DENTRO DO LOTE ONDE ELA MORA.**

No seu ponto de vista, quais as principais atitudes que as mulheres têm hoje em dia:

Que estão erradas: **ANTIGAMENTE OS HOMENS MANDAVAM NAS MULHERES; HOJE INVERTEU. O HOMEM NÃO PODE SE MOSTRAR, MAS ELAS ANDAM QUASE PELADAS, COMO DIZ O OUTRO...MULHER CASADA QUE ANDA ASSIM, ESTÁ PROCURANDO OUTRO.**

ELAS DÃO MUITO EM CIMA DOS HOMENS. ACONTECEU DE EU IR NA CASA DE MEU COMPANHEIRO E A MULHER DELE, SENTADA NO COLO DELE E ME PAQUERANDO. NÃI FUI MAIS LÁ.

TENHO UM AMIGO QUE PAQUERA TUDO O QUE VEM PELA FRENTE. ELE FOI PAQUERAR, E SEM SABER, ELE É LISO... ERAM DUAS COMISSÁRIAS; QUASE FOI EM CANA...

Que estão certas: **AGORA ME PEGOU. NÃO ACHO NADA DE CERTO. NÃO QUE ELA DEVE SER ESCRAVA DO HOMEM. EM CASA DEVE COMBINAR E REPARTIR. A MULHERADA HOJE TÁ VIRADA. ELAS MANDAM E ELAS FAZEM. PELO MENOS FOI O QUE ACONTECEU COMIGO. A SOGRA, A GENTE CATIVA COM FACILIDADE...MAS A MULHER!.. NÃO TEM O QUE AGRADE.**

Na sua opinião, como um homem deve proceder em relação a sua companheira?
DIVIDIR OS SERVIÇOS, AS COISAS PRÁ FAZER. EU LAVO, PASSO ROUPA. DEVE COMBINAR A EDUCAÇÃO DOS FILHOS. RESPEITO ENTRE OS DOIS, EM QUALQUER HORA. PENSAR NA OUTRA PESSOA.

EU NÃO QUERO FAZER PROS MEUS FILHOS, PRÁ ELES NÃO FAZER PROS FILHOS DELES TAMBÉM. MINHA MÃE ME BATIA COM A PÁ GRANDE DE FAZER SABÃO. QUANDO ELA ME BATIA EU FICAVA DANDO SOCO NAS PAREDES, QUE SANGRAVA MINHAS MÃOS, PRÁ CURAR A RAIVA. EU QUEBRAVA FORRO, PORTA...SERÁ QUE ELA NÃO SOFREU VIOLÊNCIA TAMBÉM? EU NÃO QUERO FAZER PARA MEUS FILHOS, PARA ELES NÃO FAZEREM PARA OS FILHOS DELES TAMBÉM. MINHA MÃE ME BATIA DEMAIS.

AS MULHERES SÃO VIOLENTAS DO JEITINHO DELAS. ELAS SABEM COMO SEDUZIR E COMO MALTRATAR. ELE CAI NA DELA. A MULHER PODE SER “A PERDIÇÃO DO MUNDO”. CADA MULHER É DE UM TIPO.

AS MULHERES ESTÃO DANDO MUITO EM CIMA DOS CARAS. ANTES ELAS ERAM MAIS RESERVADAS. TRAIÇÕES À VISTA...TODO DIA... ELA SAI E VOLTA E ELE ACEITA. A SOCIEDADE VAI CHAMAR – QUANDO ELA TRAI E VOLTA – O PROBLEMA É COMO OS OUTROS VÃO OLHAR.

EU NUNCA FUI DE ROUBAR. PAGO A PENSÃO. ELA ESBANJA O DINHEIRO E VOLTA A PEDIR. EU DOU PORQUE NÃO QUERO VER ELAS PASSANDO FOME. ESPERO QUE ELA AMADUREÇA. QUANDO ESTOU SOZINHO,

SOBRA BASTANTE DINHEIRO. QUANDO ESTAMOS JUNTOS, EVAPORA O DINHEIRO. CONSIGO COMPRAR AS COISAS, QUANDO ESTOU SOZINHO. EU SOU SEGURO. ELA ESBANJA.

SOFRO COM MUITO SOFRIMENTO DE VIOLÊNCIA DOS MARIDOS, COMO MINHA IRMÃ QUE PASSA FOME. A OUTRA ENGRAVIDOU DO FILHO DE UM DELEGADO NA ZONA. AGORA ESTÁ EM CASA E VAI GANHAR A CRIANÇA... SOU DE PENSAR AS COISAS, A NÃO SER QUE ESTEJA COM A CABEÇA QUENTE.

“A mãe do entrevistado, após a morte do marido, casou novamente. O padrasto tinha uma filha legítima. Aos 9-10 anos passou a ser abusada sexualmente pelo próprio pai. A madrasta percebeu, quando chegou em casa, porque a menina estava com a roupa rasgada. O pai tinha ficado com ela. Denunciou no Conselho Tutelar. O homem foi preso e a menina foi para o abrigo. No abrigo – segundo muitos comentários – ela foi violentada pelo monitor do abrigo. Engravidou no abrigo. A criança foi encaminhada a uma família do bairro, que a adotou. O pai cumpriu a pena. Quando ele saiu, a companheira não o quis mais”...

Como Roxane da mitologia grega, ela foi violentada em seu corpo, em sua existência. O violentador de Roxane chamava-se Medo. Receoso do castigo, Medo jogou-se no rio, deixando de existir para sempre. O bendito rio que engoliu Medo chama-se, hoje, o Rio Eufrates. No caso de Nossa Roxane o Medo não foi engolido. Está solto... E ela caiu na vida e continua a fugir, mas Medo continua em toda parte. É o relato !...”

- As entrevistas confirmaram uma visão de homens que, embora reconheçam-se agressores, procuram sempre minimizar ou esconder o ocorrido, qualificando de “briguinhas”, “coisas do dia-a-dia”, ou então, justificam-se “pela hora difícil em que estava passando”. Eles condenam pouco suas companheiras. Queixam-se muito delas. Não entendem “certas coi-

sas” pois “trabalham e não deixam faltar nada em casa”. O “pai provedor” inocenta o pai que dá as “saidinhas”, que “vai no buteco”, que “briga em casa”...

- Mostram-se infantis, crianças birrentas, que batem o pé, fazem arte (quebram, dão ponta pé, saem para o buteco) e esperam que elas entendam isso, porque ali ele está se relacionando com a mãe. À noite, esta mesma mulher mãe, machucada, marcada, tem que virar puta, sem nenhum preparo emocional para isso; mesmo porque não haveria “preparo emocional para o sexo”, que desse conta de uma mulher neste estado. Se a mulher enfrenta e bate também, vão para a casa da mãe, quando ela mora perto⁶⁶.
- A mulher aparece como sagrada propriedade particular. Mesmo depois de separada, elas não têm direito de arrumar outro. “Mulher direita” tem que ficar cuidando dos filhos, enquanto ele tem o direito de pegar uma aqui, outra ali. O argumento está baseado na questão da honra: Se um homem pega uma aqui e outra ali, não fica feio para a mulher, nem vão chamá-la de corna. Mas, no caso do homem, todo mundo vai chamá-lo de chifrudo. Por isso, é fácil para ela perdoar; mas, ele jamais poderia perdoar.
- A veneração à mãe aparece em todas as entrevistas, como aparece também nas entrevistas com as mulheres. A dificuldade em agradar a mulher é um dos maiores desafios: “Não tem nada que agrade. É muito mais fácil agradar a sogra”. Aqui fica muito clara a distância (abismo e atrofia emocional de Giddens, atraso emocional de Touraine...) do homem, da realidade da mulher amante, companheira, e a sua maior proximidade da mamãe (Paoli, Bourdieu...). Nas entrevistas fica clara a posição da mãe dele: A favor dele; a posição da mãe dela: quase sempre a favor dele. Paoli tem muita razão quando diz que eles sabem agradar a mãe (e a sogra), mas nada têm a dizer às suas mulheres.
- As entrevistas mostram, em relação aos filhos, mais violência com aqueles que se mostram rivais, ou seja, geralmente aquele filho mais velho que se coloca do lado da mãe, ganha

⁶⁶ As famílias que povoam os bairros de Lages vieram do interior, quase todas ao mesmo tempo, como vimos na descrição da realidade serrana. Passam a morar no mesmo bairro. Por ex., bairro tal é formado de pessoas que vieram do município tal...Assim, as pessoas quase sempre têm a mãe por perto.

seu amor, protege-a e passa a ameaçar o pai, se bater de novo nela. Nessa relação, muitos filhos não o chamam mais de pai.

- O poder de dominação também fica claro em todas as entrevistas: ela tem que pedir para sair, ele avisa. O que mais assusta é a perda desse poder. Eles se encontram “perdidos e deseperançados”... “A mulherada hoje em dia... a gente diz uma, elas dizem duas; elas mandam, elas fazem... “tempos atrás não era assim”. “Está invertido”. Os homens da cabília serrana, pelo visto, estão passando obrigatoriamente a tratar os “assuntos das mulheres”, como diz Bourdieu, como “coisa séria”. Eles estão se sentindo seriamente ameaçados.

f) Alguns Aspectos da Visão das Mulheres da Própria Visão e da Visão dos Homens

Agressão é agressão e só quem sofre, sabe o tamanho do significado de seu sofrimento. Como Ana fala no seu depoimento:

“Então esse saque tu tem que ter, que cada...cada situação de violência é uma, e a dor que aquela mulher sente é própria dela e não é maior nem menor do que aquela que foi...que aquela mulher que tomou um soco no olho , ela não sofre nem mais nem menos do que aquela que teve um filho de cinco ano abusado. É diferente, é outra pessoa, é outra dor e é tão intensa quanto. E é difícil fazer essa medida (...) “tá tomou um tapa”. Só que a intensidade disso no coração dessa pessoa , na vida dela, é tanto quanto da outra. A dor física é diferente, mas a intensidade da agressão pode ser a mesma. Eu acho que a grande questão pra quem trabalha com isso, faz esse tipo de atendimento é conseguir se distanciar pra conseguir enxergar com lucidez o que é que está acontecendo, mas não perder a sensibilidade. Esses lugares tendem a se institucionalizar, virar FEBEM, porque os técnicos passam a banalizar esse tipo de atendimento. (ANA)”

Apud, Xavier, 1998 – p. 76)

Por outro lado, os homens são fracos e dependentes. Muitos deles procuram uma mulher substituta da mãe, para continuar sua dependência no casamento. Essa associação simbólica tem origem na herança mediterrânea.

“Esta referência ao modelo divino do casamento brasileiro está mais presente do que se poderia imaginar, particularmente junto aos homens. A imagem da devoção e do sacrifício da mãe surge com regular frequência. A esse respeito, poderíamos ainda dizer que, da quase totalidade dos sujeitos de classe média e de sexo masculino que entrevistei longamente no Rio e em Belém do Pará, a respeito do processo de escolha do cônjuge, poucos deixaram de estabelecer uma relação simbólica entre sua esposa e a própria mãe.

(Aragão, 1983, p. 125 – Apud Xavier, 1998 – p. 68)

Há também um processo de dissociação da mãe como sendo “sagrada”, portanto, assexuada, toda pura e santa, cuja vida “ela uma generosa entrega aos filhos”, “vida de trabalho, de luta”... Quando viúva, “foi o homem e a mulher em casa”.

Enquanto estava iniciando a elaboração deste trabalho, no mês de maio/2001 fui a um velório de uma senhora mãe de pessoas amigas e atuantes na comunidade. Depois da reza de um terço, as pessoas saíram um pouco da Igreja, local do velório, ficando ao redor do caixão apenas os filhos e mais dois ou três amigos da família. Ali os filhos homens, decantaram “a velhinha” valente, que animava e reunia a família toda, fizera o papel de pai e mãe, firme, de personalidade forte... entre tantas recordações do passado e do presente, os dois filhos homens contaram que a “mãezinha, no hospital manteve sempre a serenidade e, antes de morrer, fez três pedidos: que a enterrassem com a essa saia e essa blusa”, e apontaram para o caixão. “Os outros dois pedidos foram: que colocássemos nela batom e pintássemos suas unhas – mas esses dois pedidos, nós não atendemos”. Por que? Perguntei. Seria tão legal! Ela ficaria mais bonita ainda. “De jeito nenhum! Isso não pudemos atender, de jeito nenhum. Ora colocar batom e pintar as unhas”. Então lembrei de Arturo Paoli e me calei, porque havia entendido o

dito e o não dito: Colocando batom e pintando as unhas ela viraria mulher, e conseqüentemente perderia sua sacralidade.

“Nós entendemos que não é assim. Aqui é preciso ser velhas e caducas para ser amadas pelos homens. Aqui entre nós há homens que nunca deixaram de visitar sua mãe; pensam não poder viver se não recebem todo dia a sua bênção. Pedro desce a colina todos os dias, mesmo se chover a cântaros, para ir visitar a velha, para ver como está passando, se precisa de algo. Este culto à mãe é certamente bonito, muitas vezes nos fizeram reparar nisto. Mas, com a companheira, qual o comportamento do homem?”⁶⁷”

Paoli, 1981 – p. 220)

Observações empíricas inúmeras têm demonstrado haver uma ligação muito relação entre o homem apegado mãe e o homem violento com a companheira. Nem sempre os homens violentos são ligados em demasia à mãe, mas mais freqüentemente se observa que o homem demasiadamente ligado à mãe tem a tendência de ser machista e violento. Essa relação é observada também no culto a Maria. Lembremos da afirmação de Boff, que, o auge da caça às bruxas foi também o auge da devoção a Nossa Senhora.

“Lá onde a relação homem – mulher é verdadeiramente suja, porque sem uma verdadeira intenção de amor e ternura, o homem dirige-se à “toda limpa” com expressões tremendamente íntimas, para lhe pedir essa “limpeza”. É o caso de se perguntar se estas invocações são a projeção de um comportamento com a mulher realmente não “limpo” ou se o culto a Maria – certamente transmitido com a obsessão da castidade – não seja a causa desta relação pouca limpa com a mulher. Realmente, no culto a Maria o homem se põe completamente nu : eu amo somente minha mãe que me dá abrigo e me consola na solidão em que vivo porque não consegui ver minha companheira como pessoa; a vejo somente como corpo, e por isso, sou sujo e levanto meu olhar para esta beleza

⁶⁷ Os textos aqui referidos fazem parte de sua experiência na Venezuela, no caso, um diálogo com Gaudy, uma mulher da comunidade.

que não consegui sujar. (...) Quantas mulheres confessam sentir-se sujas no matrimônio - apesar do “tudo em ordem” jurídico e sacramental, porque usadas, não assumidas, agarradas como uma presa, e não acolhidas como uma verdadeira amizade”.

(Idem, p. 220)

A mulher, como o homem, necessita ser percebida, ser valorizada, mas um dos desencantos das mulheres é que os homens, muitas vezes, nem de longe, lembram de elogiar, recordar datas, detalhes...para as mulheres, esse tipo insensibilidade é uma agressão que fere muito.

para o seu fracasso.

Assumir a culpa lhe confere poder. O culpado, o que tem poder, nem que seja de errar gravemente, é ele. Impregnado da “honra mediterrânea”, ele não se permite nem pedir ajuda, nem reconhecer que faltou ajuda dela. Não admite também chorar com o fracasso. Mas em situação de extremo sofrimento, como dormir sozinho na rua, numa noite fria e véspera de seu aniversário, sem a atenção de ninguém, ele chora; a pena de si mesmo é capaz de lhe causar emoção. Furtivamente está a dizer que sofreu sozinho, mas agüentou firme; que caiu sozinho e está ou vai se recuperar sozinho. Isto lhe confere honra e poder.

A busca obsessiva de manutenção da honra está a atestar a própria fraqueza. O homem: O forte/fraco. Xavier ilustra muito bem esta questão com a história de Leonardo:

“Posteriormente, não deixou de me chamar a atenção o que eu nomearia provisoriamente de “Infantilização” pela qual Leonardo passa nessa narrativa. Ele deixa de ser o poderoso para se tornar um... menino. Vejamos: quem podia “salvá-lo”, na sua narrativa? Apenas mulheres: Dulce, a mãe de Leonardo ou suas irmãs. Ele não fala de irmãos homens, amigos homens, um tio, algum homem que o possa proteger. Tampouco ele se coloca na postura ativa/adulta de quem disporia da alternativa de procurar solução para o próprio problema. (...) O outro lado do que estou chamando grosso modo, de infantilização é que, aquilo que lhe provoca o choro em uma entrevista pontuada de tristezas de muitos tipos, é um dado extremamente egoísta. Fiquei me perguntando como ordenar esse único choro com uma hipotética generosidade de um homem a-

dulto, maduro e solidário, capaz de lamentar profundamente as perdas sofridas por uma esposa, a angústia dos filhos já nascidos na pobreza (...)

(Xavier, 1998 – p. 97)

O tema da infantilização lembra-nos, Janice Tirelli, quando se refere ao processo histórico de “infantilização da consciência social”. Um homem socialmente e psiquicamente infantil, com certeza, é um homem infeliz, imprevisível e perigoso, não porque a infância não seja um perene valor, mas porque o sentido de infância que o habita como adulto, com toda a bagagem de adulto, torna-se deslocado e perverso, deixando de ter aquela característica de uma “infância adulta”, a que se refere Jesus Cristo, que vai no sentido da confiança e simplicidade.

O anúncio de uma nova gravidez, para a mulher pode significar alegria, mesmo que isso possa trazer muitos futuros momentos de privações. Para o homem mais pobre, um filho a mais pode significar uma “boca a mais”, como muitos dizem. Isso significa que um filho a mais pode significar fracasso na honra de um provedor, que não “dará mais conta do recado”; pode significar a honra comprometida.

g) Vidas Marcadas: A Inscrição nos Corpos! O grito por Socorro!

Conta-se que uma adolescente órfã de Delfos, chamada Carila ou Kharila, que, num período de fome na cidade, provocado por uma seca, foi ao rei pedir um pouco de trigo; o rei, ao invés de lhe dar o trigo, repeliu-a a ponta - pés, e a jovem mulher, acabrunhada, triste e amargurada, matou-se.

A seca agravou-se, e o oráculo proclamou que a situação só melhoraria quando se expiasse a morte de Carila. A partir de então, de nove em nove anos realizava-se em Delfos uma cerimônia expiatória, durante a qual havia distribuição

de trigo e se enterrava, num pequeno buraco escavado na montanha, uma boneca com o nome de Carila.

(Kury, 1997, p – 69)

Típicas Histórias de Vida ... “Sem Comentários!”

Almira Silva Laranjeira (30 anos - Companheira de Claudionei Laranjeira, 29 anos)

Sua Origem (Etnia): CABOCLA. *Dele:* PORTUGUÊS. *Natural: Você:* LAGES. *Ele:* LAGES.

Há quanto tempo viveu ou vive a relação conjugal? VIVEMOS 12 ANOS *Número de Filhos:* TEMOS 3 FILHOS. *O Trabalho (profissão) que exerce:* SOU DIARISTA. *Trabalho dele (profissão) que exerce:* ELE É PEDREIRO AUTÔNOMO. FAZ BISCATE. *Sua escolaridade:* 1 ANO. COM 7 ANOS DEIXEI A ESCOLA. A MÃE FALECEU, POR VIOLÊNCIA DO PAI. MORREU COM UM FORTE SOCO NA CABEÇA.

Escolaridade dele: 5ª SÉRIE. *Sua Renda mensal:* GANHO 60,00 REAIS. *Renda mensal dele:* 150,00 REAIS.

Endereço: Lages.

Perfil Sócio – Político:

Participa em alguma organização social, religiosa, política ou comunitária: (Grupo de Famílias, Associação de Pais e Professores, Partido Político, Sindicato, Associação de Moradores, Pastoral ? ...NÃO PARTICIPO. *Ele participa?* NÃO. ELE TAMBÉM NÃO PARTICIPA DE NADA.

Perfil da Violência Contra a Mulher: (do ponto de vista da mulher):

Houve, no passado, casos de violência e ainda há, na família dele? SIM, NO PASSADO NÃO SEI, MAS HÁ MUITA VIOLÊNCIA NA FAMÍLIA DELE. *E na sua família?* HOVE NO PASSADO.

Descrever como foi na sua família? MEU PAI TINHA OUTRA MULHER E JUDIAVA MUITO DA MÃE, COM TAPAS, SOCOS E PONTA-PÉS. O PAI NÃO BEBIA E ASSIM MESMO BATIA. EU TINHA 7 ANOS. O PAI ESPANCOU A MÃE E SAIU DE CASA. FOI PARA A CASA DA OUTRA. A MÃE FICOU CAÍDA. EU E MINHA IRMÃ MENOR CHAMAMOS UM TAXI E A TIA PARA LEVAR A MÃE AO HOSPITAL. FICOU EM COMA, PERMANECENDO UM ANO E MEIO NO HOSPITAL. VOLTOU PARA CASA. DURANTE O TEMPO QUE A MÃE ESTAVA NO HOSPITAL, O PAI TROUXE PARA CASA A OUTRA MULHER. NA VOLTA DA MÃE, TOTALMENTE DEPENDENTE DE TUDO, NÃO FALAVA MAIS, QUEM ATENDIA ERAM OS 4 FILHOS. O PAI MORAVA JUNTO, MAS NÃO ATENDIA. A COMPANHEIRA DO PAI E MADRASTA NÃO AJUDAVA A ATENDER E BATIA NAS CRIANÇAS COM BORRACHA DE CÂMARA DE PNEUS. TRÊS MESES DEPOIS DE VOLTAR AO HOSPITAL, A MÃE FALECEU.

COM ISSO FUI TRABALHAR NAS CASAS. TODOS OS OUTROS IRMÃOS SAÍRAM DE CASA. O PAI AMEAÇOU QUE IRIA MATAR OS FILHOS. ELES, JÁ INDEPENDENTES, TRABALHANDO FORA, LEVARAM O PAI NO MÉDICO. FICOU INTERNADO NA COLÔNIA (*hospício*). HOJE, ELE VIVE COM UMA IRMÃ NO INTERIOR AQUI DE LAGES.

E na família dele? O PAI DELE BRIGOU FAQUEANDO UM FILHO, CORTANDO O INTESTINO; FICOU TEMPO INTERNADO. QUANDO O PAI DELE ESTÁ BÊBADO, NÃO DÁ NEM PARA IR NA CASA DELE.

Você sofreu violência de seu marido, no passado? Vem sofrendo ? SIM VENHO SOFRENDO. *Que formas de violência?* NO INÍCIO DO CASAMENTO ERA BOM. NO INÍCIO DA GRAVIDEZ DO 1º FILHO (11 ANOS) JÁ COMEÇOU A BRIGAR. DIZIA QUE O FILHO NÃO ERA DELE. DISCUTIA E PARTIA PARA A BRIGA. ELE É DAQUELE QUE AVANÇA SEM DIZER NADA. ISSO QUANDO ESTÁ BÊBADO! DURANTE A SEMANA NÃO TEM PROBLEMA. NOS FINS DE SEMANA É UM PROBLEMA. JÁ FICO PREPARADA. A MENINA DE UM ANO E UM MÊS JÁ FICAVA NAS CASAS PARA NÃO APANHAR E PASSAR TRABALHO.

Se já se separou dele, quais os fatores que ajudaram a se separar: **EU ME SEPAREI DELE E FUI PRÁ CASA DA MÃE DELE. ELA É MUITO POR MIM. NÃO GOSTA QUE ELE FAÇA ISSO. A INICIATIVA DA SEPARAÇÃO FOI MINHA. ELE VOLTOU.**

O que está dificultando a separação. O que a mantém no casamento? **JÁ PENSEI EM ME SEPARAR. PEGAR AS CRIANÇAS E IR EMBORA. MAS NÃO QUERO DEIXAR A CASA QUE CONSEGUI COM TANTO SACRIFÍCIO. JÁ FIZ A PROPOSTA PARA ELE SAIR. ELE PEDE PERDÃO E NÃO SE LEMBRA.**

Caso já tenha se separado, o que motivou a voltar? **A SOGRA AJEITOU, CONVERSOU COM ELE E ELE DISSE QUE IA MELHORAR. ENTÃO, VOLTOU.**

Os filhos têm sofrido com isso? **MUITO. SOFREM PORQUE NÃO PODEM FAZER NADA. FICAM REVOLTADOS.**

Há, de sua parte alguma forma de violência contra os filhos? **NÃO. Da parte dele?** **DIZER QUE NÃO SÃO FILHOS DELE. BATIA NAS CRIANÇAS TAMBÉM; AGORA NÃO BATE MAIS.**

Como o filho homem reage diante dessa situação? (13 anos): **QUANDO O PAI ESTÁ SÃO, ELE DIZ: “PAI, O SENHOR TEM QUE PARAR DE BATER NA MÃE. PORQUE O SENHOR BATE, ELA JÁ PENSOU EM IR EMBORA COM A TIA. DIZ QUE NÃO QUER MAIS MORAR NESTA CASA. O que ele faz na hora da violência?** **CHORA, GRITA, VEM EM DEFESA DA MÃE. JÁ CHAMOU A POLÍCIA. JÁ PEGOU PEDRA PARA ATIRAR NO PAI. O que ela (filha) diz? (11 anos e a outra 1 ano e três meses)** **NÃO DIZ NADA. O que ela faz?** **CHORA, CORRE E SE ESCONDE. Como começou esta situação de violência?** **ERA BASTANTE CALMO. NOS PRIMEIROS MESES DE GRAVIDEZ COMEÇOU A DIZER QUE NÃO ERA DÊLE E A BATER. DAÍ PRÁ FRENTE. Depois dos primeiros atos de violência, foi se repetindo e crescendo?** **DEPOIS ACOSTUMOU. BATIA E EU FICAVA QUIETA. APANHAVA DE FICAR DEMAIADA, QUE OS VIZINHOS VINHAM ATENDER. ELE IA NA MÃE DELE E DIZIA QUE TINHA MATADO E PEDIA PARA A MÃE VER. TOMAVA MUITO SEGUIDO. AGORA ESTÁ BEBENDO MENOS.**

situação como você se sente em relação:

Ao marido: **NÃO ME CONFORMO. FICO PENSANDO COMO É QUE PODE TER SE TRANSFORMADO ASSIM.**

A você mesma: **ME SINTO MUITO RUIM. PORQUE, SE CHEGA UM POUCO ATRASADA ELE JÁ RECLAMA. SE NÃO QUER QUE EU TRABALHE, QUE DÊ CONTA DE TUDO, DENTRO DE CASA. SE PUDESSE MUDAR, MUDARIA. QUERIA SER MAIS FELIZ.**

Você se sente culpada ou arrependida de alguma coisa: **ARREPENDIDA. COMO NO COMEÇO, ERA BOM. NÃO TERIA PORQUE SE ARREPENDER. MAS, TUDO MUDOU.**

Como você se sente em relação aos filhos. **COM OS FILHOS ME SINTO FELIZ.**

Em relação à vida: **SINTO-ME MUITO TRISTE, PELA VIDA QUE ESTOU PASSANDO. NÃO SE SENTIR AMADA, VALORIZADA. A GENTE FAZ TUDO DENTRO DE CASA: COMIDINHA NA MÃO, CAFEZINHO NA MÃO, MAS NÃO VALORIZA.**

Como você tem reagido diante da violência:

Em relação ao marido: **ENFRENTO ELE. NÃO DEIXO MAIS ME BATER. SE ME BATE, EU BATO NELE.**

Em relação aos filhos: **NÃO SEI NEM O QUE DIZER PARA OS FILHOS.**

Que sugestões você dá para acabar com a violência contra as mulheres, nas famílias, em Lagos? **REAGIR DIANTE DA VIOLÊNCIA.**

No seu ponto de vista, quais as principais atitudes que os homens têm hoje em dia:

Que estão erradas: **SAÍDAS. QUANDO VOLTAM, MENTEM. BEBIDA. VIOLÊNCIA.**

Que estão certas: **TRABALHO. TRAZ DINHEIRO PRÁ CASA. QUANDO ESTÁ BOM, É BOM COMPANHEIRO.** *Na sua opinião, como uma mulher deve proceder em relação ao seu companheiro?* **CONHECER BEM O COMPANHEIRO.**

Janice Valdrigues (20 anos, ex- companheira de Ivondir Denis, 26 anos)

Sua Origem (Etnia): **PORTUGUESA. Dele: PORTUGUESA. Natural: Você: URUBICI. Ele: ANITA.**

Há quanto tempo viveu ou vive a relação conjugal? **VIVEMOS HÁ 07 ANOS E ESTAMOS SEPARADOS. Número de Filhos: TEMOS 3 FILHOS E ESTOU ESPERANDO O 4º FILHO. 2 MESES DE GRAVIDEZ. O Trabalho (profissão) que exerce: NENHUM. Trabalho dele (profissão) que exerce: TRABALHA EM SERRARIA. Sua escolaridade: 4ª SÉRIE. Escolaridade dele: 7ª SÉRIE. Sua Renda mensal: NENHUMA. Renda mensal dele: 180,00 REAIS.**

Endereço: Lages.

Perfil Sócio – Político:

Participa em alguma organização social, religiosa, política ou comunitária: (Grupo de Famílias, Associação de Pais e Professores, partido político, Sindicato, Associação de Moradores, Pastoral ? **ERA LÍDER DA PASTORAL DA CRIANÇA E DESISTI. Ele participa? PARTICIPA DO GRUPO DE JOVENS.**

Perfil da Violência Contra a Mulher: (do ponto de vista da mulher):

Houve, no passado, casos de violência e ainda há, na família dele? **SIM, HOVE NO PASSADO. E na sua família? HÁ VIOLÊNCIA EM MINHA FAMÍLIA.**

Descrever como foi na sua família? **MEU PAI BEBIA E PULAVA NA MÃE. ELA VOLTAVA PRÁ CASA DE MADRUGADA, QUANDO O PAI JÁ ESTAVA DORMINDO. E na família dele? NÃO HÁ MAIS PROBLEMA.**

Você sofreu violência de seu marido, no passado? Vem sofrendo ? **SOFRI ATÉ BEM POUCO TEMPO. Que formas de violência? AGRESSÃO FÍSICA, COMO TAPA, ÀS VEZES, PONTA-PÉ. NÃO PODIA SAIR DE CASA. DEVIA ESTAR EM CASA FAZENDO AS COISAS PRÁ ELE, LIMPAR A CASA, FAZER COMIDA. SE FOSSE NA CASA DA MÃE, BRIGAVA. NÃO ME DAVA ATENÇÃO. SÓ ABAIXO DE GRITO.**

Se já se separou dele, quais os fatores que ajudaram a se separar: **NÃO ME DAVA ATENÇÃO. ANDAVA SÓ NA RUA. “NÃO TENHO QUE DAR SATISFAÇÃO DE NADA”. VIVIA NA MÃE DELE. EU TOMEI A INICIATIVA DE SEPARAR. Pretende voltar? SINTO QUE NÃO ESTOU PREPARADA PARA VOLTAR. JÁ SOFRI MUITO. ACHO QUE NÃO QUERO VOLTAR. AGORA NÃO SAEI SE AINDA GOSTO DELE. TODO MUNDO DIZ QUE É PORQUE ESTOU BASTANTE MAGOADA.**

Os filhos têm sofrido com isso? **BASTANTE. SEMPRE QUE BRIGÁVAMOS, ACABÁVAMOS BATENDO NAS CRIANÇAS.**

Há, de sua parte, alguma forma de violência contra os filhos? **NÃO Da parte dele? BATIA NA MENINA MAIS VELHA. A MENINA É UM TERROR. É MUITO MENTIROSA E MORA COM A MINHA MÃE.**

O que as filhas fazem? **FICAVAM COM MEDO E CHORAVAM BASTANTE. Ô MÃE! O PAI NÃO VAI MAIS BRIGAR COM VOCÊ?** *Como começou esta situação de violência?* **EU ERA MUITO CIUMENTA. NÃO QUERIA DEIXAR SAIR. QUERIA PRENDER DENTRO DE CASA. SÓ PORQUE SAÍA ARRUMADINHO, EU JÁ DIZIA QUE TINHA OUTRA MULHER. ELE NÃO PODIA CONVERSAR COM OUTRAS GURIAS E EU JÁ FICAVA BEM ATENTADA. COMEÇAMOS AS BRIGAS E AÍ ACOSTUMAMOS A BRIGAR.** *Depois dos primeiros atos de violência, esta foi se repetindo e crescendo?* **QUANDO ELE PEDIA UM FAVOR, EU NÃO FAZIA. ÀS VEZES, NA RUA, JÁ COMEÇAVA A DISCUSSÃO. EM CASA, ACABAVA APANHANDO. IA BUSCAR ONDE ELE ESTAVA. CADA VEZ QUE SEGUIA ELE, ACABAVA APANHANDO.**

Diante dessa situação como você se sente em relação:

Ao marido: **MUITO ARREPENDIDA DO QUE FIZ, NO SENTIDO DE ANDAR ATRÁS DELE. FUI HUMILHADA POR ELE, DIANTE DOS AMIGOS DELE. A você mesma:** **MACHUCADA, HUMILHADA.**

Você se sente culpada ou arrependida de alguma coisa: **CULPADA E ARREPENDIDA DE TER MUITO CIÚME. DE ANDAR CORRENDO ATRÁS DELE. DE TER FICADO COM ELE.**

Como você se sente em relação aos filhos. **NÃO ME ARREPENDO DE TER DADO UMA DAS FILHAS PARA A MÃE DELE. A MINHA FILHA PRECISARIA DE UMA PSICÓLOGA; É MUITO CHORONA.**

Em relação à vida: **SINTO DESÂNIMO. PENSO EM ARRUMAR UM SERVIÇO, COMPRAR AS COISAS E ARRUMAR AS MENINAS, MAS NEM SEMPRE DÁ CERTO.**

Como você tem reagido diante da violência:

Em relação ao marido: **FICAVA QUIETA; ÀS VEZES DIZIA QUE IA BATER E ELE DIZIA QUE ME MATAVA.**

Em relação aos filhos: **PROCUREI DEFENDER AS CRIANÇAS.**

Que sugestões você dá para acabar com a violência contra as mulheres, nas famílias, em Lages? **NÃO SEI MESMO. SEMPRE QUE ELE ME BATIA, EU IA DAR QUEIXA NA DELEGACIA. NÃO SEI SE CHAMARAM; EU ACHO QUE NÃO CHAMARAM ELE.**

No seu ponto de vista, quais as principais atitudes que os homens têm hoje em dia:

Que estão erradas: **NÃO DAR SATISFAÇÃO QUANDO SAÍA. ELE ERA DONO DO DINHEIRO E FAZIA DO DINHEIRO O QUE QUERIA.** *Que estão certas:* **AJUDAR A ATENDER, DAR BANHO, FAZER O MAMÁ DAS MENINAS...PASSEAR COM AS MENINAS. DE VEZ EM QUANDO SAÍA COMIGO.** *Na sua opinião, como uma mulher deve proceder em relação ao seu companheiro?* **RESPEITAR, CONFIAR... QUE EU ACHO MEIO DIFÍCIL. ESSES HOMENS HOJE EM DIA NÃO DÁ PRÁ CONFIAR.**

Zuleide Mann (37 anos – Ex - companheiro 40 anos)

Sua Origem (Etnia): **ALEMÃ.** *Dele:* **AFRICANA.** *Natural:* **Você: LAGES.** *Ele:* **CURITIBANOS.**

Há quanto tempo viveu ou vive a relação conjugal? **VIVEMOS 19 ANOS. ESTAMOS SEPARADOS.** *Número de Filhos:* **TEMOS 4 FILHOS.** *O Trabalho (profissão) que exerce:* **SOU DIARISTA.** *Trabalho dele (profissão) que exerce:* **ELE É PEDREIRO AUTÔNOMO.** *Sua escolaridade:* **6ª SÉRIE.**

Escolaridade dele: 7ª SÉRIE. Sua Renda mensal: GANHO 250,00 REAIS. Renda mensal dele: NÃO SEI. Endereço: Lages.

Perfil Sócio – Político:

Participa em alguma organização social, religiosa, política ou comunitária: (Grupo de Famílias, Associação de Pais e Professores, partido político, Sindicato, Associação de Moradores, Pastoral ?... NÃO PARTICIPO. Ele participa? NÃO. ELE TAMBÉM NÃO PARTICIPA DE NADA.

Perfil da Violência Contra a Mulher: (do ponto de vista da mulher):

Houve, no passado, casos de violência e ainda há, na família dele? SIM, E na sua família? HOUVE NO PASSADO.

Descrever como foi na sua família? MEU PAI SEMPRE BRIGOU PELAS COISAS CERTAS. ERA EXIGENTE, MUITO EXIGENTE, PRINCIPALMENTE COM AS FILHAS MULHERES; HORA PRÁ CHEGAR EM CASA... O PAI BATIA EM GERAL, EM TODOS OS FILHOS. DOIS MESES ANTES DE CASAR, APANHEI DO PAI, COM ESPETO, POR CHEGAR 3 MINUTOS ATRASADA. JUNTO COM O NAMORADO E A MÃE DO NAMORADO FOMOS COMPRAR OS MÓVEIS PARA O CASAMENTO. FIQUEI MARCADA, ATÉ DEPOIS DO CASAMENTO.

E na família dele? HAVIA DISCUSSÃO, BATE-BOCA, BRIGAS COM TAPAS, DO PAI CONTRA A MÃE. O QUE ELA DIZIA ESTAVA DITO. MAS, A VONTADE DELA PREVALECIA. OS FILHOS PUXARAM A MÃE. O PAI APANHOU DA MÃE, A PONTO DE QUEBRAR UMA PERNA.

Você sofreu violência de seu marido, no passado? FUI CRIADA PRÁ SER MANDADA. Que formas de violência? ELE APRONTAVA, NAMORADINHAS, DISCUTIA POR CIÚME. ELE ME AGREDIA COM PONTA-PÉS, SOCOS...ISSO, ANTES DA SEPARAÇÃO. DEPOIS DE SEPARADOS, ME AGREDIU AINDA UMAS TRÊS VEZES. A ÚLTIMA VEZ FOI EM DEZEMBRO, POR CIÚME E ESTAVA BÊBADO. ME AGREDIU CONTRA O ARMÁRIO, MACHUCANDO MEU NARIZ. ELE ERA E É MUITO CIUMENTO. SE INVENTAR DE NAMORAR ALGUÉM, COMPRE ANTES

CAIXÃO E TERRENO NO CEMITÉRIO PARA OS DOIS. JÁ ESTOU SEPARADA DELE HÁ 4 ANOS. TENTO CONTROLAR A VIDA. ELE NÃO AJUDA EM NADA PARA A MANUTENÇÃO DAS CRIANÇAS.

Se já se separou dele, quais os fatores que ajudaram a se separar: **AMANTES, SEMPRE ALEGAVA QUE NÃO ERA BOA DE CAMA...**

Pretende voltar? **NÃO. NÃO VALE A PENA, PORQUE JÁ LUTEI MUITO POR ELE, CONTRA A SUA FAMÍLIA INTEIRA, MAS NÃO VALORIZOU. HUMILHAÇÃO, DESPREZO, SER MALTRATADA PERTO DOS OUTROS... ELE TEM FILHOS FORA E QUER TRAZER PARA MIM CUIDAR.**

Os filhos têm sofrido com isso? **MUITO. TODOS ELES SOFREM. O FILHO MAIS VELHO É O QUE MAIS SOFRE; UMA DAS VEZES QUE ELE BATEU , FOI O QUE CHAMOU A POLÍCIA PARA ME SOCORRER E DEPOIS APANHOU BASTANTE. NA GRAVIDEZ DO 3º FILHO ELE FOI EMBORA POR DOIS ANOS. NOS JUNTAMOS E, DOIS ANOS DEPOIS, NASCEU A MENINA.**

Há, de sua parte alguma forma de violência contra os filhos? **NÃO. Da parte dele? BEM ENÉRGICO COM OS MENINOS. GOSTA DE COLOCAR ELES NO TRABALHO. SEMPRE FAZ TRABALHAR QUANDO APARECE POR LÁ. COM A MENINA NÃO FAZ NADA. DIZ QUE NUNCA VAI BATER NELA. MAS ELE É EXIGENTE. A MENINA CHAMA ATENÇÃO DELE E ELE FICA QUIETO.**

Como os filhos homens reagem diante dessa situação? **O MAIS VELHO ESTÁ ENFRENTANDO. O OUTRO PEDIA PARA PARAR. UMA VEZ CHAMOU A POLÍCIA. CHAMAVAM OS VIZINHOS PARA DEFENDER A MÃE, MAS É DIFÍCIL ALGUÉM AJUDAR. O OUTRO FICA NERVOSO.**

O que ela (filha) fazia? **CHORAVA, GRITAVA, FICAVA BEM DESESPERADA... Como começou esta situação de violência?** **COM BEBIDA. 4 ANOS DEPOIS DE CASADA, COMEÇOU A SAIR À NOITE, VOLTANDO NO OUTRO DIA. SUBMISSA, EU FICAVA QUIETA. JÁ ESTAVA ACOSTUMANDO. Depois dos primeiros atos de violência, foi se repetindo e crescendo?** **SIM. PALAVRÃO, REBAIXAR. 10 ANOS DEPOIS DE CASADOS, NUMA DISCUSSÃO, PARTIU PRO TAPA. DEPOIS DISSO, CADA VEZ**

QUE DISCUTIA, APANHAVA. PROVOCAVA, DISCUTINDO, ATÉ TORRAR O SACO.

Diante dessa situação como você se sente em relação:

Ao marido: **TENHO MUITO MEDO DELE; AINDA ME SINTO DOMINADA POR ELE, MAS JÁ ME SINTO MAIS CONFIANTE. TENHO MUITO MEDO DE CONVERSAR COM OUTRO E ELE POSSA VER. MARCA DEMAIS A GENTE.**

A você mesma: **ME SINTO INDEPENDENTE. NÃO VOLTO PRÁ ELE NÃO. NÃO PENSO EM UM NOVO CASAMENTO, PELO MENOS, POR ENQUANTO.**

Você se sente culpada ou arrependida de alguma coisa: **CULPADA POR NÃO TER DADO CERTO. LUTEI E NÃO DEU CERTO.**

Como você se sente em relação aos filhos: **QUERO QUE ELES TENHAM UMA VIDA MELHOR QUE A MINHA. QUE ELES SEJAM FELIZES. SE UM DIA, ALGUÉM DELES BATER NA ESPOSA, VOU DEFENDER ELA COMO SE FOSSE FILHA. NÃO QUERO VER NEM AS FILHAS E NEM AS NORAS APANHANDO.**

Como você tem reagido diante da violência:

Em relação ao marido: **USEI AGRESSÃO TAMBÉM. PASSEI A REAGIR. ESTOU ISOLANDO ELE.**

Em relação aos filhos: **DEPOIS QUE O PAI SAI, (das visitas), TENTO ACALMAR AS CRIANÇAS E FAZER ELAS ENCHERGAREM O QUE É A ATITUDE DO PAI E O SOFRIMENTO DA MÃE.**

Que sugestões você dá para acabar com a violência contra as mulheres, nas famílias, em Lagos? **TER UMA RELIGIÃO, QUE AJUDE A RESPEITAR. EDUCAÇÃO DOS FILHOS, IGUALDADE ENTRE HOMEM E MULHER. ANTIGAMENTE SÓ O HOMEM PODIA; HOJE NÃO.**

No seu ponto de vista, quais as principais atitudes que os homens têm hoje em dia:

Que estão erradas: **MACHISMO. SÓ ELES É QUE SABEM, SÓ ELES É QUE PODEM, FAZEM O QUE BEM ENTENDEM.**

Que estão certas: **RESPEITO QUE DEVEM DAR.**

Na sua opinião, como uma mulher deve proceder em relação ao seu companheiro? SE EU RESPONDER, VOU COLOCAR QUE FUI SUBMISSA AO MARIDO, FAZENDO TUDO; E ISSO NÃO CONTOU. É DIFÍCIL ENTENDER!

DEPOIS DO RELATO: EM DEZEMBRO ÚLTIMO HAVIA UMA CONFRATERNIZAÇÃO PARA OS TRABALHADORES DA EMPRESA DE MEU EX-MARIDO. COMO NÃO PODIA LEVAR A AMANTE, ELE ME CONVENCEU DE COMPARECER. EU ME ARRUMEI BEM, CALÇA NOVA, SOMBRA NOS OLHOS E ARRUMEI BEM AS CRIANÇAS. NÃO QUERIA FICAR POR BAIXO. ELE, DE CARRO, VEIO BUSCAR-NOS. LOGO QUE ENTREI NO CARRO, ELE COMEÇOU A XINGAR, PORQUE EU ESTAVA DE CALÇA COMPRIDA. EU TIVE QUE ANDAR SEMPRE DE SAIA E DE SAIA ATÉ OS PÉS.

NA FESTA, ELE COMEÇOU A BEBER E A DANÇAR COM UMA DAS MULHERES DA EMPRESA, A FAXINEIRA. NÃO DEU BOLA PARA MIM. ELE FOI AO KARAOQUÊ E DEDICAVA MÚSICA PARA A MULHER. ELE BEBEU UM MONTE. FOMOS PARA CASA. CHEGANDO LÁ, TROQUEI DE ROUPA IMEDIATAMENTE E FUI PARA A PIA LAVAR LOUÇA. PEGUEI UMA CHÍCARA QUE ESTAVA LAVANDO E ATIREI NELE. ELE DESVIOU E A XÍCARA SE ESPATIFOU NA PAREDE. PEGUEI OUTRA, MAS NÃO DEU TEMPO. ELE ME IMOBILIZOU E ME JOGOU CONTRA O ARMÁRIO. ARROXOU MEU OLHO E CORTOU MEU NARIZ. AS CRIANÇAS CHAMARAM OS VIZINHOS. FORAM DUAS MULHERES E TIRARAM ELE DE DENTRO DE CASA. OS VIZINHOS HOMENS FICARAM NA DELES, SÓ OLHANDO!...

Laura Graça (50 anos – companheiro, 46 anos)

Sua Origem (Etnia): UMA MISTURA DE BRASILEIRO COM ITALIANO Dele: SANGUE DE ÍNDIO. Natural: Você: URUBICI Ele: LAGES.

Há quanto tempo vive a relação conjugal? VIVEMOS 22 ANOS Número de Filhos: TEMOS 3 RAPAZES: 20, 18 E 11 ANOS, O MAIS PREJUDICADO. . O Trabalho (profissão) que exerce: EM CASA. SOU DOENTE, TENHO DIABETES. Trabalho dele (profis-

são) que exerce: ELE É MESTRE DE OBRAS. É TRABALHADOR. Sua escolaridade: APRENDI NA VIDA. NÃO FUI NA AULA. NÓS ÉRAMOS DO SÍTIO. O IRMÃO DA MÃE PASSOU A SALIVA NO PAI E VIEMOS ILUDIDOS PARA A CIDADE. PENSAMOS QUE A CIDADE ERA OUTRA COISA. Escolaridade dele: 8ª SÉRIE. Sua Renda mensal: NENHUMA. Renda mensal dele: 500,00 REAIS MAIS OU MENOS. ELE NÃO ME DÁ NEM 10,00 REAIS. QUEM ME DÁ AS COISAS SÃO MEUS IRMÃOS. FAZ 20 ANOS QUE NÃO VEJO MINHA IRMÃ. MINHA MÃE, QUANDO MORREU, FALAVA DELA.

Endereço: Lages.

Perfil Sócio – Político:

Participa em alguma organização social, religiosa, política ou comunitária: (Grupo de Famílias, Associação de Pais e Professores, partido político, Sindicato, Associação de Moradores, Pastoral ...NÃO PARTICIPO. Ele participa? NÃO. ELE TAMBÉM NÃO PARTICIPA DE NADA.

EU VOU MAIS NA IGREJA. EU ADORO. ELE NÃO. EU E MEU FILHO MAIS VELHO VAMOS. O DO MEIO NÃO...MEU DEUS!

Perfil da Violência Contra a Mulher: (do ponto de vista da mulher):

Houve, no passado, casos de violência e ainda há, na família dele? SIM. A FAMÍLIA ERA TODA VIOLENTA. SÃO TODOS VIOLENTOS. O PAI DELE, QUANDO BEBE FICA DOIDO. ATÉ MAROTO FICA. O AVÔ DELE ERA ATÉ DE DAR CHICOTADA NOS OUTROS. NÃO RESPEITAVA NINGUÉM. O PAI DELE BEBE. NÃO RESPEITA O SENTIMENTO DE NINGUÉM. DIZEM QUE QUANDO ELE ERA SOLTEIRO, A TIA DELE FALAVA PRÁ MIM – QUE ELE JOGAVA AS LOUÇAS E PANELAS DA MÃE DELE NA RUA. DEPOIS DE CASADA É QUE ELA FOI ME CONTAR... ELE NÃO BEBIA... ELE OLHAVA PRÁ COMIDA, NÃO GOSTAVA... JOGAVA NA RUA. ELE CHEGAVA A RASGAR A ROUPA DO CORPO. COMIGO ELE JÁ FEZ ISSO. E na sua família? NÃO. NÃO SABIA O QUE ERA VIOLÊNCIA.

Você sofre violência de seu marido? SIM. MUITA. *Que formas de violência?* ELE ME PULA, SOCO ... *(Começou a chorar)* ANTES EU RIA MUITO. É DIFÍCIL COMEÇAR. QUANDO ELE BEBE, TEM QUE SAIR PARA A CASA DOS OUTROS. O QUE TIVER NA MÃO ELE TOCA NA GENTE. NÃO ME PREOCUPO MUITO POR MIM... OS FILHOS SÃO BONS, MAS JÁ SE DESENVOLVEM TUDO REVOLTADOS. ELE RASGOU MUITAS VEZES A ROUPA E JOGOU COMIDA NA RUA. ESSES DIAS EU CHOREI DE RAIVA: FIZ A MASSA DO PÃO, UMA BAITA DUMA MASSA. QUANDO EU VI, A VIZINHA DISSE QUE A MASSA DO PÃO ESTAVA LÁ FORA, EMBAIXO DA CASA... E NÃO ESTAVA TÃO BÊBADO.

ATÉ ANO PASSADO, NÃO PODIA DEIXAR COMIDA NAS LATAS. ELE JOGAVA FORA QUE FAZIA AQUELA MICHORNA, AQUELE MINGAU. POR ISSO, ACHO QUE NÃO É BEM CERTO DA CABEÇA OU É SAFADEZA E SEMVERGONHICE. EU DIGO: VAMOS CONVERSAR... SE NÃO GOSTA MAIS DE MIM... VAMOS LÁ... SÓ QUE VOCÊ DUAS VEZES NÃO COMPARECEU *(no juiz)*. MAS, DA CASA EU NÃO SAIO. MAS ELE DISSE QUE NÃO SAI DE DENTRO DA CASA. ELE DIZ QUE A CASA É DELE E ELE NÃO SAI.

NO ANO PASSADO ELE ME JOGOU LONGE COM UM PONTA-PÉ, COM AQUELE SAPATÃO DE CONSTRUÇÃO. FIQUEI SEM VOZ. FUI PARA O HOSPITAL. PRONTO SOCORRO. ATÉ HOJE, ESTE PONTA-PÉ ME DÓI. FOI AQUI NO LADO DO ESTÔMAGO. TOMO DIPIRONA DIRETO. FUI PARA CASA DE MEU IRMÃO. FIQUEI LÁ DOIS MESES. VIM PORQUE O PIÁ TINHA QUE ESTUDAR E NÃO QUERIA ESTUDAR LÁ. FIQUEI DORMINDO DUAS SEMANAS NA CASA DE MINHA COLEGA. TINHA MEDO DE DORMIR EM CASA. ANTES DO PONTA-PÉ, JÁ HAVIA SOFRIDO SOCOS PELA CABEÇA.

ELE ME CHAMA DE VAGABUNDA, NEGA DO DEMONHO, SENDO QUE ELE É MAIS PRETO QUE EU. E EU DIGO: TEM QUE COMPRAR UM ESPELHO PARA O SENHOR! OLHE BEM! AGORA ATÉ PAROU UM POUCO... E ISSO VOCÊ NÃO VAI MAIS CHAMAR PRO MEU FILHO *(de macaco)*. ELE NÃO É FILHO DE CHOCADORA, NÃO É NADA. QUANDO ESTAVA GRÁVIDA DESTE MENINO, DIZIA QUE NÃO ERA DELE. VÊ COMO SÃO AS COISAS... É A CARA DELE! O MAIS DOENTINHO, ELE OFERECEU DINHEIRO PRÁ TIRAR, PORQUE ELE

QUERIA FAZER UMA CASA NOVA. EU DISSE: EU TIRAR NÃO VOU. NASCEU! O MENINO CHORA POR QUALQUER COISA.

UMA VEZ, ESTAVA AMAMENTANDO O DO MEIO; GANHEI UM SOCO NA CABEÇA QUE NEM VI MAIS ONDE ESTAVA. AS VIZINHAS PEGARAM O PIÁ DO MEU COLO QUE EU NEM VI.

JÁ DORMI NA CHUVA, DENTRO DO GUARDA - ROUPA, NA CASA VELHA DE LÁ... DO LADO... ELE PULAVA NOS FILHOS. ELE, ÀS VEZES ME JOGA PRÁ FORA DO QUARTO E CHAVEIA. EU DURMO PELO CARPÊ.

BATIA MUITO NOS FILHOS. UMA VEZ SAIU DE ENXADA ATRÁS DO FILHO. ELE ESTAVA NA CAMA E TEVE QUE CORRER, SÓ DE ZORBA... QUANDO NÃO QUEBRAVA TUDO EM CASA.

TINHA VIZINHO QUE DAVA RIZADA. ELE É VIOLENTO SÓ QUANDO BEBE. ANDA TODA A VIDA AZEDO. ELE VEM DO SERVIÇO E JÁ VAI PRÁ VENDA. AGORA O PIÁ CRESCEU. ELE TEM MEDO. LARGOU DE MÃO. QUANDO LARGAR O DO MEIO, VAI COMEÇAR COM O PEQUENO DE 11 ANOS. ELE PISA NOS FILHOS E NÃO ME DEIXA DE FORA. ATÉ ACEITARIA SE FOSSE SÓ COMIGO.

A MÃE DELE APOIA TUDO. ELA NÃO ME AJUDA. É A PRIMEIRA A MANDAR BUSCAR O VINHO. QUANDO VÊ TÃO CHEGANDO TUDO TORRADO. QUANDO ELE ME BATIA, ELA OH! ME AMASSAVA MAIS AINDA. ISSO MACHUCA O CORAÇÃO DOS OUTROS!

MINHA MÃE, JÁ FALECIDA, DIZIA: REZE QUE DEUS UM DIA VAI TE AJUDAR. MEU PAI, JÁ FALECIDO, VEIO E FICOU ATRÁS DA PORTA ESPERANDO ELE, PRÁ VER SE ELE ME PULAVA. ELE TEVE SORTE; NAQUELE DIA CHEGOU BOM. NOUTRA VEZ ELE SE ESCONDEU DE NOVO E MEU MARIDO TEVE SORTE DE CHAGAR BOM DE NOVO. PARECE QUE TUDO AJUDA. PARECE QUE O “COISINHA” AJUDA. NÃO SEI COMO É QUE PODE. DEPOIS QUE MEUS PAIS MORRERAM, PIOROU.

O que está dificultando a separação. O que a mantém no casamento? TENTEI ME SEPARAR DUAS VEZES. EU LUTEI COM O ADVOGADO. NÃO CONSEGUI NADA. SA-

BE? ESSES ADVOGADOS DE COISA... NÃO DÁ EM NADA. O QUE FAZER COM TRÊS FILHOS SEM TRABALHAR? O QUE IRIA FAZER? DA CASA ELE NÃO SAI. ELE DISSE QUE NÃO SAI. EU NÃO AGÜENTO MAIS TRABALHAR. MEUS FILHOS ESTÃO DESEMPREGADOS. AINDA BEM QUE ESTÃO ESTUDANDO! EU TENHO QUE AGÜENTAR A BARRA. DE ONDE VOU TIRAR DINHEIRO? COMIDA, ÁGUA, LUZ... ELE NÃO FOI NENHUMA VEZ NA AUDIÊNCIA MARCADA, ORIENTADO PELOS AMIGOS. SE EU FOSSE ESTUDADA, NÃO PRECISARIA ESTAR PASSANDO POR ISSO. EU SÓ SEI LIMPAR O LIXO DOS OUTROS.

OS MEUS IRMÃOS NÃO VÊM NA MINHA CASA. TODOS ESTÃO REVOLTADOS . É ERRO DELES. DEVIAM VIR. TEM UM QUE NÃO PROMETE VIR, PORQUE ACHA QUE VAI FAZER BOBAGEM... É! NÃO PODE ESTRAGAR A VIDA DELE.

Os filhos têm sofrido com isso? MUITO, COMO JÁ FALEI. Há, de sua parte, alguma forma de violência contra os filhos? NÃO. Da parte dele? É MAIS OU MENOS O QUE JÁ DISSE.

Como os filhos homens reagem diante dessa situação? REVOLTA. O MAIS VELHO NÃO QUER NEM QUE TOQUE NO NOME DELE. “JÁ COMEÇOU A SENHORA, DE NOVO A FALAR NESSE HOMEM”! O OUTRO FICA QUIETO. BAIXA A CABEÇA. NÃO FEDE NEM CHEIRA. FICA NA DELE. SÓ UM DIA QUE MEU MARIDO FOI PULAR NELE, ELE TIROU O CORPO FORA E SE ATENTOU. AQUELE PIÁ SE TRANSFORMOU.

O MARMANJÃO DO PAI AGARRADO NO PIÁ... COISA MAIS RIDÍCULA DO MUNDO. ELE CHAMA PRO PIÁ MUITO DE MACACO. ELE JÁ FOI DENUNCIADO NO CONSELHO TUTELAR E DEVIA GANHAR UM PROCESSO POR ISSO. É RACISMO. O PIÁ CHORA.

Diante dessa situação como você se sente em relação:

Ao marido: EU NÃO SINTO NADA. SE ELE SAÍSSE FORA E ME DESSE UMA CONDIÇÃO PARA SOBREVIVER, EU NÃO QUERIA MAIS NADA. NO COMEÇO EU GOSTAVA. A GENTE CASOU PORQUE GOSTAVA UM DO OUTRO. A GENTE PENSA QUE É UMA COISA E É OUTRA. ELE É DE DUAS CARAS.

A Você mesma: QUANDO EU ERA UMA MULHER BONITA ELE QUERIA. AGORA QUE ESTOU VIRANDO UM LIXO, ELE DIZ QUE EU NÃO SIRVO PRÁ MAIS NADA. ELE ME CHAMA DE GORDA, VELHA ETC. ANTES, EU NÃO TINHA NENHUM DEFEITO. AGORA, NÃO PRESTO MAIS.

Você se sente culpada ou arrependida de alguma coisa: SINTO CULPA DE NÃO SER MAIS ESPERTA. DESDE O COMEÇO EU DEVIA PEGAR JUNTO E NÃO TER DEIXADO IR EM CIMA DE MIM. DEIXEI TOMAR CONTA.

Como você se sente em relação aos filhos? SINTO PREOCUPADA O TEMPO TODO. NÃO TEM SERVIÇO. PRECISA DE TUDO. ELE NÃO DÁ. A GENTE NUNCA SABE COMO ELE VAI CHEGAR. EU VIVO SEMPRE SUFOCADA. O TEMPO TODO. A GENTE NÃO TEM NEM LIBERDADE PRÁ CONVERSAR. SE A GENTE ESTIVER CONVERSANDO EM ALGUM LUGAR VÃO JUSTO CONTAR PRÁ ELE. PARECE UM COISA COMBINADA. EM VEZ DE REAGIR ... MAS NÃO CRESCI PARA PRÁ VIOLÊNCIA. O RITMO FOI OUTRO. FUI CRIADA COM CARINHO.

Em relação à vida: PRÁ MIM A VIDA É UMA DROGA. NÃO EXISTE FELICIDADE. SE A GENTE FOSSE FELIZ, PELO MENOS UM POUCO... NÃO VIVER COM MEDO DAS COISAS. EU VIVO COM MEDO (*lágrimas*)... ANTES NEM ABRIA A BOCA PRÁ FALAR COM OS OUTROS. AGORA EU FALO. EU ACHAVA QUE ESTAVA FAZENDO ERRADO, MAS ERA MEDO. NÃO PEGA NADA CONVERSAR COM AS PESSOAS. SE VIVO NO PLANETA, NO MUNDO É PRECISO CONVERSAR COM OS OUTROS PARA SOBREVIVER. VIVO NUMA DESCONFIANÇA. PARECE QUE VIRO AS COSTAS E ESTÃO FALANDO DE MIM. SE ESTOU CONVERSANDO COM DUAS OU TRÊS PESSOAS, TENHO QUE DEIXAR ELAS SAÍREM PRIMEIRO. ISSO É NORMAL? VIVER SUFOCADA O TEMPO TODO? VIVO ASSUSTADA. NO FIM NÃO DÁ CERTO...UI! FIQUEI COM ISSO PRO RESTO DE MINHA VIDA. ELE RECLAMA ATÉ DO TEMPERO DA COMIDA. EU DIGO PARA MEUS FILHOS: O QUE RESTA DA MINHA VIDA? VOCÊS SAEM, SE DIVERTEM E EU FICO AQUI SOFREDO. A GENTE ACABA PENSANDO QUE A VIDA É MONSTRUOSA... HUM! DE SOLTEIRA NÃO SENTIA MEDO. NÃO VOU FESTA, ANIVERSÁRIO...NADA, COM

ELE. SÓ FICO EM CASA LIMPANDO SUJEIRA. UMA MULHER DEVERIA TER FELICIDADE PELO MENOS UM POUQUINHO, ANTES DE IR PARA O OUTRO LADO, SE É QUE EXISTE, PORQUE NINGUÉM VOLTOU PRÁ FALAR. ELE TEM UMA SAÚDE! NÃO SOFRE DE NADA, NEM DE UMA DOR DE CABEÇA. COM TODA A CACHAÇADA DELE. PARECE UM PIÁ. *(ela diz isso com tristeza, mas, parece que não teve coragem de dizer que deseja ou desejou que ele ficasse doente e morresse).*

Como você tem reagido diante da violência:

Em relação ao marido: **COMO DISSE, NÃO CRESCI PARA A VIOLÊNCIA.**

Em relação aos filhos: **NUNCA FIQUEI VIOLENTA COM OS FILHOS POR CAUSA DELE. SÓ FALO PRÁ ELES: NÃO FAÇAM NADA QUE SOBRA PRÁ MIM. OS FILHOS TÊM VERGONHA DO PAI. O PEQUENO TEM VERGONHA DO PAI... ELE GRITAVA PRÁ MIM NO MEIO DA RUA... FIQUEI COM VERGONHA... EU DISSE: É TEU PAI! O QUE EU IA FAZER?**

Que sugestões você dá para acabar com a violência contra as mulheres, nas famílias, em Lagos? **QUE PEGASSE E DESSE UM... QUE LEVASSE PRÁ FAZER UM TRATAMENTO. PORQUE NÃO É SÓ EU. TEM MUITA VIZINHA QUE SOFRE O MESMO QUE EU. ONTEM AINDA TAVA FEIO LÁ... OU PARASSE DE FABRICAR ESSA CACHAÇA** *(risos)* **INVENTARAM ISSO SÓ PRÁ ACABAR COM TUDO.**

No seu ponto de vista, quais as principais atitudes que os homens têm hoje em dia:

Que estão erradas: **NÃO DEVIA EXISTIR CASAMENTO. SE SOUBESSE QUE A VIDA ERA ASSIM, EU FICAVA SOLTEIRONA! TEM UMAS QUE GOSTAM DE SOFRER, NÉ? NÃO NASCI PRÁ SOFRER. ÀS VEZES EU CHORO SÓ DE RAIVA. ESTAVA, UMA VEZ, COM DEPRESSÃO. HOVE UMA ÉPOCA QUE EU TINHA VERGONHA DE SAIR NA RUA. ELE QUEBRAVA TUDO. VOAVA LOUÇA PRÁ TODO LADO.** *(fica de pé, na frente do entrevistador e faz gestos como quem se defende)* **... PORTA, JANELA... TEM HORA QUE A GENTE ATÉ FAZ PECADO. DIZ COISA QUE A GENTE NÃO DEVE. EU DIZIA: POR QUE VIR AO MUNDO PRÁ SOFRER? PORQUE EU NASCI?** *(risos e lágrimas).* **AGORA EU PERGUNTO: PRÁ QUE BOTAR FILHO NO MUNDO? PRÁ SOFRER?** *(risos e lá-*

grimas). ÀS VEZES, NÃO PODIA IR NA CASA DE MINHA MÃE. QUANDO ELA FICOU DOENTE, EU SAÍA ESCONDIDA. FORA DA BEBIDA ELE É OUTRA PESSOA. MAS OS HOMENS ACHAM SEMPRE QUE ESTÃO CERTOS EM TUDO. PISAM NOS OUTROS SEM VER QUE ESTÃO MAGOANDO OS OUTROS.

Que estão certas: ACHO BONITO UM HOMEM CARINHOSO, QUE TRATA BEM, QUE SAI COM A ESPOSA, QUE LEMBRA O ANIVERSÁRIO, O CASAMENTO. ESSES NOSSOS SÓ LEMBRAM DE TACÁ PAULADA... TEM GENTE BOA.

ENTREVISTADOR: EU LHE AGRADEÇO. A SENHORA FALOU TÃO BEM! TEM UM VOCABULÁRIO TÃO BOM, TÃO BONITO! A SENHORA É BEM ESCLARECIDA! É! MAS ELE SÓ ME CHAMA DE BURRA. BURRO A GENTE NÃO DIZ NEM PARA UM BURRO.

Maura Silva Kelling (63 anos, ex- companheiro, falecido há um ano e meio, com 78 anos)

Sua Origem (Etnia): BRASILEIRA PURA E BUGRA. *Dele:* ALEMÃ *Natural:* Você: SÃO JOSÉ DO CERRITO *Ele:* SÃO JOSÉ DO CERRITO.

Há quanto tempo viveu a relação conjugal? VIVEMOS 40 ANOS *Número de Filhos:* UM HOMEM VIVO E TRÊS MULHERES VIVAS. 5 MORTOS: 1 GRANDE E 4 PEQUENOS. *O Trabalho (profissão) que exerce:* TRABALHEI NUM COLÉGIO. SOU APOSENTADA. *Sua escolaridade:* 1º GRAU *Sua Renda mensal:* 270,00 REAIS.

Endereço: Lages.

Perfil Sócio – Político:

participa em alguma organização social, religiosa, política ou comunitária: (Grupo de Famílias, Associação de Pais e Professores, Partido Político, Sindicato, Associação de Moradores, Pastoral ? PARTICIPO DE GRUPO DE FAMÍLIAS E PASTORAL.

Perfil da Violência Contra a Mulher: (do ponto de vista da mulher):

Houve, no passado, casos de violência e ainda há, na família dele? SIM, NO PASSADO. *E na sua família?* HOUVE NO PASSADO.

Descrever como foi na sua família? **ACONTECEU, NÃO ME LEMBRO. QUANDO EU ERA PEQUENA, ACONTECEU HORROR DE MEU PAI CONTRA MINHA MÃE. OS IRMÃOS VIVEM BEM.**

E na família dele? **ELE FEZ SANGUE NUM SOBRINHO. ENFORCOU...QUASE MATOU. A SORTE QUE O SOBRINHO ERA VALENTE. E MAIS UM SOBRINHO DELE QUE ELE QUASE MATOU, POR CAUSA DE UM PEDACINHO DE CAPOEIRA.**

Você sofreu violência de seu marido? **HUM! O SENHOR PERGUNTA? ESTOU ME LIBERTANDO. VOU FALAR PORQUE O SENHOR ESTÁ ME PEDINDO. ESTOU ME LIBERTANDO. SOU UMA SENHORA HOJE... *Que formas de violência?***

APRENDI. ANTES ENGOLIA TUDO. NÃO GOSTO NEM DE ME LEMBRAR DO QUE PASSEI. SÓ TENHO PROBLEMA COM UM FILHO QUE MORA COMIGO. ELE TEM 25 ANOS. ELE NÃO SABE DECIDIR AS COISAS. ELE FAZ BEM, DEPOIS ELE ERRA TUDO. ELE PINTA TAMBÉM... DE REPENTE, ELE ARREBENTA TODA A TELA. ELE NÃO BEBE NADA. ELE É INDECISO. ELE NÃO FALA, NEM QUER COMER, NEM RESPONDE. ISSO, EM VISTA DO QUE PASSEI, NÃO É PROBLEMA. (*É ? e o que a senhora passou ?*) EU TENHO QUE CONTAR MESMO? (*se a senhora não quiser contar, se isso lhe faz mal, deixamos. não há problema algum... silêncio !*)... PASSEI FOME, APANHEI SURRAS COM OS FILHOS NOS BRAÇOS E TER QUE SE VIRAR COM O FILHO, QUANDO FICAVA DOENTE. ANTES, TRABALHAVA DE DIETA NA ROÇA, SENDO QUASE ENFORCADA, VÁRIAS VEZES – TÁ TUDO PERDOADO – JÁ CONFESSEI ATÉ COM O BISPO, DEPOIS QUE ELE FALECEU. O BISPO PERGUNTOU COMO É QUE EU PODIA GUARDAR TUDO AQUILO DENTRO DE MIM.

ELE DIZIA QUE EU JÁ ESTAVA PERDIDA NESTE MUNDO. ELE GOSTAVA DE CONTAR QUE EU JÁ ESTAVA NO HOSPÍCIO... QUANDO QUEIMOU MINHA CASA, ELE DIZIA AO PÚBLICO: “ESSA COISA QUEIMOU MINHA CASA”. EU NÃO REPONDI NADA. “OLHA SUA DESGRAÇADA... TU TÁ OLHANDO PARA AQUELE PIPOQUEIRO. (*eles trabalharam um tempo com carro de pipoca*). EU SÓ TIVE ELE. NUNCA TIVE OUTRO HOMEM, ALÉM DELE. APANHAVA, ERA QUASE ENFORCADA E NEM PODIA DIZER NADA. “CADELA”, “VOCÊ NÃO VALE NADA, NUNCA PRESTOU!”... MAS NUNCA DEVI. (*e mostrou o terço ao entrevistador*).

NO COMEÇO, NA ROÇA, EU VIVIA PODRE DE SUJEIRA, MUITO PIOLHO E TRABALHANDO DIRETO... OH! ... SURRA... SURRA... AGORA EU DIGO E FALO PORQUE O ESPÍRITO SANTO ME ILUMINA... ESTÁ ME LIBERTANDO... EU SOU EU AGORA.

Separou dele alguma vez? Quais os fatores que ajudaram a se separar: **DEPOIS DE 17 ANOS, EU ME SEPAREI DELE. EU VIVIA SEM NADA. ELE NA CAMA DELE E EU NA MINHA. NÃO TINHA NADA COM NADA MAIS 23 ANOS. ELE NÃO VIVIA JUNTO, MAS NUNCA IA ACEITAR A SEPARAÇÃO. SAÍ DE CASA POR TRÊS ANOS, POR INICIATIVA MINHA. MESMO ASSIM EU ATENDIA ELE. IA NO HOSPITAL BEM NA HORA QUE ESTAVA DOPADO. SE TIVESSE BOM, NÃO DAVA DE IR. ANTES DE IR PARA O HOSPITAL, ELE MANDOU AVISAR OS FILHOS, PARA QUE ELES SOUBESSEM QUE EU NÃO EXISTIA. FUI NA UTI E PEQUEI NA MÃO DELE E DISSE: VOCÊ NÃO ME DEVE NADA; NÃO FEZ NADA E EU PEÇO PERDÃO DO QUE FIZ DE ERRADO.**

TUDO AQUILO QUE A GENTE É, A GENTE DENUNCIA QUE OS OUTROS É QUE SÃO. A GENTE NÃO FALA PARA OS OUTROS; FALA PARA A GENTE MESMO.

Os filhos têm sofreram com isso? **BARBARIDADE, SE SOFRERAM. ELE CORRIA COM AS FILHAS TAMBÉM. UMA DELAS JÁ NASCEU MEIO DOENTE. AGORA ESTÁ MAIS AINDA. O FILHO DIZ: “NINGUÉM ME GOSTA, NINGUÉM ME DÁ SERVIÇO...” ELE FICA MUITO REVOLTADO COM TUDO ISSO AÍ. ESSE RAPAZ TEM UMA AMARGURA MUITO GRANDE. NÃO TEM QUEM FAÇA ELE ESTUDAR. NO MAIS VELHO ELE BATEU. NAS FILHAS, JOGAVA CANA DE MILHO NAS COSTAS. CHEGAVAM COM MARCAS NO COLÉGIO. PARA ELE, OS FILHOS ERAM MACONHEIROS E BANDIDOS. TRABALHEI 33 ANOS NO COLÉGIO. ATÉ OS MÉDICOS, QUE ERAM CRIANCINHAS NA ÉPOCA, ME TRATAM HOJE. SÓ PEÇO PRÁ DEUS NÃO ME LEVAR, SEM ENCAMINHAR AQUELE FILHO; E A FILHA, MÃE SOLTEIRA, É DOENTE. EU TRABALHAVA NO COLÉGIO SÓ PARA OS FILHOS. EU IA NA IGREJA. ELE DIZIA QUE EU IA PARA ME MOSTRAR E MOSTRAR OS FILHOS. ELE IA MUITO NA IGREJA. ELE IA BEM**

CEDINHO PRÁ SENTAR NA IGREJA BEM LONGE DE MIM. NO CIRCULAR... EU PROCUREI ESQUECER TUDO. QUEM PERDOA ESQUECE. MAS COMO O SENHOR QUER SABER, ENTÃO...

Como o filho homem reage diante dessa situação? **OS FILHOS E AS FILHAS SÓ DIZEM: “COITADO DO PAI. TAVA VELHINHO MESMO... ESTAVA DOENTE. NÃO GOSTAVA QUE NINGUÉM CUIDASSE DELE”. UM FILHO COSTUMA DIZER QUE EU LEVAVA AJUDA PRÁ ELE, MAS NUNCA ESTAVA BOM... ELE REZAVA SEMPRE! O FILHO DIZ: “SE A SENHORA FALTAR EU ME MATO. NÃO VOU FICAR SOZINHO NO MUNDO”. (o entrevistador teve uma boa prosa com o jovem. É um rapaz de uma ótima aparência, um bom vocabulário e bem desenvolvido. O problema, do nosso ponto de vista, está nele).** **CHEGOU A DIZER QUE NÃO IA REZAR MAIS. ELE CHEGOU A ACHAR QUE NÃO ADIANTA MAIS REZAR. ELE VEM NA MISSA E CONTINUA REZANDO.**

Como começou esta situação de violência? **TODA A VIDA SOFRIMENTO DIRETO. EU NÃO TINHA SOSSEGO PRÁ NADA... CIÚME...CIÚME... AQUILO ERA DOENÇA MESMO.**

Diante dessa situação como você se sente em relação:

Ao marido: **DÓ DO QUE ELE FOI NESTE MUNDO. PEÇO A DEUS QUE COLOQUE ELE NO MELHOR LUGAR. PEÇO, DO FUNDO DE MINHA ALMA.**

A você mesma: **DEPOIS QUE PERDOEI ELE, SAREI... COMO BEM, DURMO BEM... SÓ UM POUQUINHO DE REUMATISMO. SAREI ATÉ DA DIABETES. FUI MEDIR, ESSES DIAS, A GLICOSE E ESTAVA EM 88. VOCÊ VÊ O QUE NÃO FAZ O NERVOSISMO!... PERDOEI ELE DO FUNDO DO MEU CORAÇÃO. NÃO FALO A RESPEITO DELE PARA NINGUÉM.**

Você se sente culpada ou arrependida de alguma coisa: **NÃO ME SINTO CULPADA, NEM ARREPENDIDA DE NADA. =**

Como você se sente em relação aos filhos. **PREOCUPAÇÃO COM A MENINA E O FILHO.**

Em relação à vida: **SINTO-ME MUITO ALEGRE, FELIZ DA VIDA. CONVERSO COM HOMENS E MULHERES ABERTAMENTE. TODO MUNDO ME ABRAÇA, ME CHAMA DE NOVA...NOVA POR DENTRO!... VOU ONDE QUERO... NAS REUNIÕES... EU VIVIA DE CABEÇA BAIXA... SE POSSÍVEL, EU TINHA QUE ANDAR ATÉ COM TAPA-OLHO NAS RUAS. HOJE NÃO. AJUDO MUITA GENTE. VISITO DOENTES, ME DIVIRTO... CADA DIA QUE PASSA, APRENDO MAIS COISAS. TENHO MUITA AMIZADE.**

Que sugestões você dá para acabar com a violência contra as mulheres, nas famílias, em Lagos? **REZAR, FÉ E ESPERANÇA. CONVERSAR, ACONSELHAR, FAZER VER, LEVAR PRÁ IGREJA... A NÃO SER QUE NÃO ACEITE.**

No seu ponto de vista, quais as principais atitudes que os homens têm hoje em dia:

Que estão erradas: **FALTA DE OBRIGAÇÃO EM CASA, VÍCIOS, MÁS COMPANHIAS. ELES NÃO TEM RELIGIÃO... AGORA TÁ VINDO MUITO JOVEM PARA A IGREJA. A GENTE VÊ ESSA MULHERADA COM A CRIANÇADA E O MARIDO NÃO APARECE. NÃO APARECE O PAI.**

Que estão certas: **UNS SÃO PAIS BONS. OS QUE QUEREM TRABALHAR, MUITAS VEZES, NÃO TÊM SERVIÇO. ISSO ACONTECE COM O POBRE. OS RICOS TEM OUTRO JEITO E PODEM SE VIRAR. MAS O POBRE NÃO TEM JEITO MESMO! E AÍ FAZ A FILHARADA! AINDA BEM QUE TEM ESSAS ABENÇOADAS DESSAS CRECHES...**

Na sua opinião, como uma mulher deve proceder em relação ao seu companheiro? **TEM QUE AGIR CONFORME O MARIDO AGE TAMBÉM. TEM QUE TER ACORDO. SE TEM VIOLÊNCIA UM DEIXA DE GOSTAR DO OUTRO. HOJE SÓ SE OLHAM E SE JUNTAM. TEM UNS QUE LEVAM SORTE DE DAR CERTO.**

A senhora que dar uma mensagem final? **NÃO VOU DIZER QUE TODO OS HOMENS SÃO RUINS. TEM HOMENS QUE SÃO SENSÍVEIS, ACOMPANHAM AS MULHERES, VÃO NAS REUNIÕES... ESTES ESTÃO DE PARABÉNS! DÃO EXEMPLO PARA OS OUTROS.**

EU QUERO EVITAR O SOFRIMENTO DAS PESSOAS. AS PESSOAS SOFREM. AS MÃES SEM RECURSOS E AS CRIANÇAS NA RUA. DEVERIA SE CONTROLAR ESSE NÚMERO GRANDE DE CRIANÇAS. TEM MULHER QUE TEM

UM NO COLO, OUTRO NA BARRIGA E OUTRO CORRENDO ATRÁS. COMO VAI FICAR? SE NESSE MUNDO NÃO TEM FÁBRICA, SERVIÇO... COMO VAI FICAR? SE NÃO TEM TRABALHO. COMO BOTAR A FILHARADA NO MUNDO SEM TRABALHO? ROUBO... ESTUPRAÇÃO... AQUELA OUTRA COISA LÁ QUE DIZEM... OS PRÓPRIOS POLICIAIS AJUDAM A ROUBAR, AJUDAM NAS VIOLÊNCIAS. O POLICIAL BOM ELES MATAM. ESTÁ SE FORMANDO UM EXÉRCITO DE BANDIDOS!

Maristela de Jesus (39 anos – companheiro, 46 anos)

Sua Origem (Etnia): **ITALIANA E BUGRA** *Dele:* **BRASILEIRA** *Natural:* **Você:** **SERRA GAÚCHA** *Ele:* **URUBICI**

Há quanto tempo vive a relação conjugal? **VIVEMOS 22 ANOS** *Número de Filhos:* **TEMOS 5 FILHOS, ENTRE 4 E 22 ANOS.** *O Trabalho (profissão) que exerce:* **LAR.** *Trabalho dele (profissão) que exerce:* **ELE É CAMINHONEIRO.** *Sua escolaridade:* **5ª SÉRIE.** *Escolaridade dele:* **2ª SÉRIE DO 2º GRAU.** *Sua Renda mensal:* **NÃO TENHO RENDA.** *Renda mensal dele:* **6 SALÁRIOS MÍNIMOS**

Endereço: Lages.

Perfil Sócio – Político:

Participa em alguma organização social, religiosa, política ou comunitária: (Grupo de Famílias, Associação de Pais e Professores, Partido Político, Sindicato, Associação de Moradores, Pastoral ? **SOU AGENTE PASTORAL.**

ELE NÃO PARTICIPA DE NADA

Perfil da Violência Contra a Mulher: (do ponto de vista da mulher):

Houve, no passado, casos de violência e ainda há, na família dele? **SIM, NO PASSADO E AINDA HÁ.** *E na sua família?* **TAMBÉM HOUVE NO PASSADO E AINDA HÁ.**

Descrever como foi na sua família? **HOUVE. TINHA PAI TENTANDO MATAR FILHO A VIDA INTEIRA. MEU PAI DEU VÁRIOS SOCOS, PONTA-PÉS E AS PIORES PALAVRAS PARA MINHA MÃE: “PUTA”, “GALINHA” “JACU BARATO” ETC. QUANDO CHORAVA UMA CRIANÇA ELE DIZIA: “JOGA ESSE DIABO NA PAREDE! LEVE DAQUI PRÁ NÃO CHORAR! É O QUE MAIS OUVI, QUANDO ERA CRIANÇA. COITADO DO VELHO. QUE ESTEJA , ONDE MERECE. QUE DEUS O TENHA. QUE FOI UM SOSSEGO FOI. E na família dele? **DENTRO DE CASA NÃO. ERA COMPLICADO NA RUA. VIVIA ARMANDO ATÉ 12 ANOS ATRÁS, DEPOIS DE CASADO. UMA VEZ ELE DEU UMA RIPADA NA CABEÇA DE UM IRMÃO, QUE QUASE MATOU.****

Você sofreu violência de seu marido? **SIM SOFRI. Que formas de violência ?** **ELE BATEU VÁRIAS VEZES, ELE BATIA NO ROSTO. ELE ME OBRIGAVA A FAZER SEXO NA HORA E DA MANEIRA QUE ELE QUERIA. MULHER PRÁ ELE ERA SÓ PRÁ DAR PRÁ ELE. ISSO DUROU UNS DEZ ANOS. QUANDO LEMBRO DESSAS COISAS, É COMO SE NÃO ME ENCONTRASSE AQUI. PARECE QUE ESTOU LONGE. GOSTARIA DE ESTAR LONGE. ELE DIZIA: “PASSAVA FOME E EU MATEI TUA FOME. EU MATO TUA FOME!”... COMO SE ELE ESTIVESSE FAZENDO UM GRANDE FAVOR PARA MIM. ATÉ QUE UM DIA RESULTOU UM BIDÊ NA CABEÇA DELE... E AÍ ELE PAROU. ELE DIZIA: “RUIM DE CAMA”, “FRIA”, “LARGA”, “PUTA” ... ATÉ PORQUE EU TIVE UM NAMORADO QUE EU ERA MUITO APAIXONADA. ELE CASOU COM OUTRA. ENTÃO MEU MARIDO DIZIA:”VAI DAR PRÁ ELE!” ELE VINHA ME ATACANDO DIANTE DOS FILHOS. QUERO E QUERO AGORA! A BEBIDA DEIXAVA ELE TRANSTORNADO. ELE QUEBRAVA TUDO. EU ESTAVA GRÁVIDA DE 9 MESES. ESTAVA PASSANDO ROUPA E QUEIMEI ELE COM FERRO. QUANDO A PRIMEIRA MENINA NASCEU, NÃO DEIXEI MAIS ELE ME BATER. DISSE: CHEGA!**

O que está dificultando a separação. O que a mantém no casamento? **NUNCA ME SEPAREI DELE POR COVARDIA. POR MEDO DE ENCARAR UMA VIDA SOZINHA OU ESPERANÇA DE MUDAR ELE. ACHEI QUE ESTA HORA IRIA CHEGAR.**

Os filhos têm sofrido com isso? **ELES PRESENCIAVAM TUDO ISSO. ELES SE SENTIAM DESPREPARADOS, DESPROTEGIDOS, INSEGUROS. EU TRANSMITIA MINHA INSEGURANÇA PARA ELES.**

Há, de sua parte alguma forma de violência contra os filhos? **MUITAS VEZES Da parte dele? POUCAS VEZES. TAMBÉM CONTRA A FILHA MULHER. UMA FORMA DE ME AGREDIR, ERA BRIGAR COM OS FILHOS. A ÚLTIMA VEZ QUE ELE TENTOU ME AGREDIR, UM FILHO FOI NO MEIO E AGREDIU ELE E DISSE: “COMO HOMEM TE RESPEITO. COMO PAI NÃO”. ISSO POR CAUSA DE UM QUEIJO QUE NÃO CONSEGUI CORTAR DIREITO. ELE E ESTE FILHO SE SOQUEARAM MESMO. AÍ HOUVE CONTROLE DA PARTE DELE.**

Como os filhos homem reagem diante dessa situação? **OS TRÊS FILHOS JÁ BATERAM NO PAI. ESSA AGRESSÃO ESTAVA LÁ GUARDADA DESDE CRIANÇA. OS FILHOS SÃO MACHISTAS. UM DELES DISSE QUE NÃO TEM PAI. “SÓ TENHO VOCÊ E MEU IRMÃO. PAI SERIA AQUELE QUE SENTARIA PARA CONVERSAR. É ASSIM QUE O PAI SEMPRE FOI: “EU MANDO E PRONTO!”. O OUTRO FILHO SE DECEPCIONOU COM O PAI, COMO HOMEM, QUANDO VIAJOU COM ELE. AS CRIANÇAS ELE CONSEGUE ILUDIR. UM IRMÃO QUASE MATOU O OUTRO COM UMA FACA. CASO DE HOSPITAL. ELE DISSE: “EU QUERIA MATAR MEU IRMÃO, PORQUE ELE QUER DAR UMA DE MANDÃO EM CASA”. ELE TEM UMA RAIVA MUITO GRANDE PORQUE DIZ QUE COBRAM DELE E NÃO DO OUTRO. (Ele não assumiu um filho. A jovem está na casa dos pais, com a criança. Os pais dele também queriam criar a criança)**

O que ela (filha) diz? **ELA ATÉ JÁ DISSE: “MÃE, QUEM SABE A T. (menina menor), VOCÊ E EU VAMOS EMBORA DAQUI”. ELA FICA NERVOSA, APAVORADA. ELA FICA ATÉ PÁLIDA. COITADA. ELA SABE O QUE VAI ACONTECER E DIZ QUE DEPENDE DE MIM. DIANTE DA AGRESSÃO DO IRMÃO, FOI ELA QUE CHAMOU A POLÍCIA E O BOMBEIRO, SEM NINGUÉM PEDIR. ELA TEM MEDO DE FICAR DESAMPARADA; É ADOLESCENTE.**

Como começou esta situação de violência? **CASEI COM 16 ANOS. EU JÁ ESTAVA GRÁVIDA HÁ 4 MESES. UMA FIVELADA NA BUNDA, NUMA BRINCADEIRA. FICOU A MARCA POR UM MÊS. UM MÊS DE CASADOS, NEM ISSO.**

Depois dos primeiros atos de violência, foi se repetindo e crescendo? **MORAMOS 10 MESES COM O PAI E A MÃE. QUANDO ELE NÃO QUERIA FALAR COMIGO, ELE SUMIA. FICAVA 10...até 30 DIAS SEM APARECER. COLOCAVA UMA OUTRA NO CAMINHÃO E IA EMBORA. QUANDO VOLTAVA, NÃO GOSTAVA DE FALAR NO QUE TINHA ACONTECIDO. ELE FICAVA PERGUNTANDO SE EU TINHA VISTO ALGUÉM, FALADO COM ALGUÉM... AÍ DAVA DISCUSSÃO.**

Diante dessa situação como você se sente em relação:

Ao marido: **QUER SABER MESMO? PENA! É SÓ O QUE EU SINTO POR ELE. HOJE EU VEJO ELE DOENTE, QUE CONSTRUIU UMA FAMÍLIA EM CIMA DO MEDO. E HOJE EU SINTO PENA. AS MULHERES LÁ FORA, ELE TAMBÉM NÃO CONSEGUIU SEGURAR.**

A você mesma: **UMA COITADA! NÃO EU NÃO ME SINTO UMA COITADA. EU ME SINTO SINCERAMENTE ATÉ FORTALECIDA PELO QUE VIVI, ATÉ DE OLHAR PARA TRAZ E ACEITAR A VIDA. ATÉ PORQUE COM ELE NÃO FRACASSEI. QUANDO ELE ME BATEU, EU NÃO FRACASSEI. SUPEREI E ELE NÃO ME BATEU MAIS.**

Você se sente culpada ou arrependida de alguma coisa: **EU ME SINTO ARREPENDIDA POR NÃO TER APROVEITADO TODAS AS OPORTUNIDADES, QUE PINTARAM EM MINHA VIDA. PELO MENOS A ALEGRIA DE UM MOMENTO: SEXO, IR NA CASA DE UM AMIGO ETC. POR CAUSA DELE NEGUEI QUASE SEMPRE, PORQUE, NO MEIO DO DESESPERO, AINDA ME SENTIA FIEL.**

Como você se sente em relação aos filhos? **SOU APAIXONADA PELOS MEUS FILHOS. É TUDO O QUE EU TENHO DE MAIS PRECIOSO. SÓ QUE NESTA ALTURA DA VIDA ME SINTO DECEPCIONADA PORQUE, SE TIVESSE PENSADO MAIS EM MIM, TERIA DADO UMA CONDIÇÃO DE VIDA MELHOR PARA MEUS FILHOS... ELE ACHA QUE O FILHO MAIS VELHO ESTÁ MUITO CERTO: TEM QUE FESTAR...**

Em relação à vida: **SABE O QUE É VIVER AO LADO DE MEU MAIOR INIMIGO? QUANDO PENSAVA, ESSES DIAS, QUE ESTAVA TUDO BEM, UM IRMÃO TENTA MATAR O OUTRO. FOI O PAI QUE COLOCOU IDÉIAS MACHISTAS NA CABEÇA DO FILHO, NESSAS VIAGENS QUE REALIZARAM JUNTOS.**

Como você tem reagido diante da violência:

Em relação ao marido: **SABE O QUE É SEGURAR UMA PESSOA PELO CORPO? (como assim?) SINTO QUE ELE SENTE FORTE ATRAÇÃO POR MIM. COMO ELE NÃO CONSEGUE MAIS SER GALO COMO ANTES, DIANTE DE MIM ELE SE SENTE DOMINÚIDO. POR ISSO TENHO ELE POR 22 ANOS. EU ERA FOGOSA E ELE NÃO DAVA CONTA...EU USEI ISSO. HOJE ELE DÁ CONTA MUITO MENOS. POR ISSO, HOJE ELE JÁ SABE QUE EU JÁ SEI E ACEITO ELE NÃO DANDO CONTA. ELE HOJE É QUE TEM MEDO DE EU IR BUSCAR FORA. HOJE ELE ACEITA MAIS AS COISAS, POR CAUSA DISSO. ELE FRACASSOU COMO PAI, COMO MARIDO E COMO HOMEM. ESSA É UMA VANTAGEM QUE NÃO VOU PERDER. É SÓ ABRIR AS PERNAS E PRONTO! USEI ISSO PRÁ TER MAIS SOSSEGO. SE ELE SABE QUE À NOITE ELE TEM ISSO, DE DIA FICA MAIS PASSIVO.**

Em relação aos filhos: **NÃO SEI NEM O QUE DIZER PARA OS FILHOS.**

Que sugestões você dá para acabar com a violência contra as mulheres, nas famílias, em Lages? **QUE AS MULHERES NÃO SEJAM BURRAS! QUE ELAS NÃO FIQUEM DE BOCA CALADA, PORQUE VAI ACONTECER MAIS... TEM DELEGACIA DA MULHER, VIZINHANÇA... A PARTIR DO MOMENTO QUE ELAS NÃO FICAREM MAIS DENTRO DE CASA CALADAS, ELE VÃO MUDAR. SÓ QUE SEMPRE VÃO ENCONTRAR UM VIOLENTO LÁ NA FRENTE...**

No seu ponto de vista, quais as principais atitudes que os homens têm hoje em dia:

Que estão erradas: **NÃO DEVERIA EXISTIR MAIS HOMEM. (risos) ELES DOMINAM DEMAIS. A DOMINAÇÃO PELA FORÇA. AQUELE HOMEM MEIGO,**

CARINHOSO...AO LADO DA MULHER... É MUITO DIFÍCIL DE ENCONTRAR. TEM HOMENS QUE PENSAM QUE AMOR É DAR SOBREVIVÊNCIA, E NÃO É ISSO. SERÁ QUE UM DIA VOU ENCONTRAR UM HOMEM DESSE?

Que estão certas: **NO MOMENTO NÃO ACHO NADA. O QUE UM HOMEM TEM DE BOM? SENTIMENTO BOM? HOMEM INTELIGENTE, MEIGO E CARINHOSO, QUE SE PODE OLHAR O QUE ELE ESTÁ ENXERGANDO. MAS EU NÃO TENHO ESSE HOMEM!**

Na sua opinião, como uma mulher deve proceder em relação ao seu companheiro? **COMPANHEIRISMO. SER MULHER, MÃE, PUTA, AMANTE...TUDO O QUE ELE PRECISA DE UMA MULHER... QUE ELE ENCONTRE UMA MULHER DE SEUS SONHOS... AMANTE, MÃE, DAR COLO ETC. MULHER INTELIGENTE, QUE PERCEBA ISSO, SEM TER QUE ELE PEDIR. EU SOU UM POUCO ISSO. É ISSO QUE ASSUSTA ELE, PORQUE ELE TEM OUTRA VISÃO DE MULHER E AÍ ACHA QUE SOU PUTA... MULHER POLÍTICA, COZINHEIRA. TEM MULHER QUE É SÓ PRÁ CAMA. QUE NÃO FALA. É ISSO QUE EUI FUI DURANTE TANTOS ANOS. FUI QUASE COMPLETA E AÍ PASSEI A SER DISPUTADA A FACA PELO MARIDO E FILHOS... É UM PENSAMENTO MEU!**

A SOGRA IDEALIZOU O FILHO. MEU SOGRO TEVE AMANTE. ELA NUNCA SOUBE OU SE FEZ DE DESENTENDIDA. DIZ QUE ELE ERA MARAVILHOSO. ELA PASSAVA A NOITE ACORDADA CUIDANDO DO FILHO COM DOR, PARA NÃO ACORDAR O MARIDO, QUE TINHA QUE TRABALHAR NO OUTRO DIA. ELE FOI PADRINHO DE UM FILHO DELE MESMO. ELE ERA CHEFE DO MARIDO DELA. ELE DEIXAVA O MARIDO DELA NO MATO E FURUNFAVA COM A MULHER DELE. MINHA SOGRA DIZIA QUE ELE ERA MARAVILHOSO... SÓ QUE DEPOIS QUE ELE MORREU, ELA REMOÇOU UNS 20 ANOS!

PÓS RELATO: **NÃO ERA COM ELE QUE EU QUERIA CASAR. ERA COM OUTRO. EU TINHA 14 ANOS E ELE TINHA 36. ELE ROUBOU OUTRA. QUANDO ME VI GRÁVIDA QUERIA TIRAR A CRIANÇA OU MELHOR, MORRER JUNTO COM ELA. TOMEI MUITO COMPRIMIDO. ERAM VITAMINAS. DEPOIS, FUI AO BANHEIRO E PEDI A DEUS QUE NADA ACONTECESSE... E NÃO CONTECEU NA-**

DA. O FILHO SABE DE TUDO E PERDOOU. ELE, POR MUITO TEMPO, QUIS SER PERFEITO PARA CONQUISTAR A MÃE. ELE SABIA PORQUE FICAVA DESCONTENTE COM NOTA 9 NA ESCOLA... EU PEDI PERDÃO.

EU TINHA MEDO. MORRIA DE MEDO, QUANDO ELE CHEGAVA DE VIAGEM. COMEÇAVA A REZAR E ACENDIA VELA PARA TUDO QUANTO É SANTO. SÓ POR UM BOM DIA PARA UM VIZINHO, A COISA PODIA ACONTECER.

NESSE MEIO TEMPO, ENTROU UMA PESSOA EM MINHA VIDA. UM COMPADRE. AÍ EU TINHA UMA RELAÇÃO AGRADÁVEL, COMO HOMEM E MULHER (10 ANOS). QUANDO ELE QUERIA QUE EU FOSSE EMBORA COM ELE (ELE ME ACHAVA BATIDA, DE OLHO ROXO), NÃO ACEITEI E AINDA DAVA DESCULPA. DEIXEI DE ME SENTIR FRACASSADA, NOS BRAÇOS DE OUTRA PESSOA. MUITAS VEZES, EU SENTIA NECESSIDADE DE ME AFIRMAR COMO GENTE, SER HUMANA. BUSQUEI DE UMA MANEIRA ERRADA, MAS BUSQUEI. E ISSO ME ENSINOU MUITO.

EU DENUNCIEI MEU MARIDO PARA A MÃE DELE. QUANDO EU COMECEI A COLOCAR EM PÚBLICO O QUE ACONTECIA, ELE COMEÇA A SE CONTROLAR MAIS. HOJE VIVO NA ESPERANÇA DE ELE CAIR DURINHO E PRONTO. ASSIM VOU ME LIBERTAR MAIS. SERÁ QUE ISSO É PECADO? ACHO QUE NÃO. ERA BOM TER UMA ENTREVISTA COM ELE, MAS...

ERA ISSO! É UM POUCO DE MINHA VIDA!

Flúvia Maria Adriano (21 anos, ex- companheiro 41 anos)

Sua Origem (Etnia): BRASILEIRA COM ITALIANA Dele: BRASILEIRO Natural: Você: LAGES. Ele: CAMPOS NOVOS. Há quanto tempo viveu a relação conjugal? VIVEMOS 6 ANOS Número de Filhos: 01. O Trabalho (profissão) que exerce: AGORA EM CASA – ERA SERVENTE DE PEDREIRO. Trabalho dele (profissão) que exerce: ELE É PEDREIRO AUTÔNOMO. Sua escolaridade: CURSANDO O SUPLETIVO Escolaridade

dele: 1º GRAU. Sua Renda mensal: **NÃO TENHO. VIVO COM AJUDA DE MEUS PAIS.**
Renda mensal dele: **NÃO SEI.** Endereço: Lages.

Perfil Sócio – Político:

Participa em alguma organização social, religiosa, política ou comunitária: (Grupo de Famílias, Associação de Pais e Professores, Partido Político, Sindicato, Associação de Moradores, Pastoral ? **PARTICIPO DO GRUPO DE FAMÍLIAS. Ele participa? NÃO PARTICIPA DE NADA.**

Perfil da Violência Contra a Mulher: (do ponto de vista da mulher):

Houve, no passado, casos de violência e ainda há, na família dele? **SIM, NO PASSADO E AINDA HÁ. E na sua família? NÃO TENHO CONHECIMENTO DE VIOLÊNCIA EM MINHA FAMÍLIA.**

E na família dele? **CONTA-SE QUE O PAI DELE BEBIA E ERA MUITO RUIM. MAIS TARDE, MUDOU.**

Você sofreu violência de seu marido? **SIM. Que formas de violência?** **ESTUPIDEZ, HUMILHAÇÃO. TRABALHEI DE AJUDANTE DE PEDREIRO, PARA GANHAR UM POUCO MAIS. ELE VIVIA ME CHAMANDO DE BURRA, BOCA ABERTA, NA FRENTE DOS OUTROS. ISSO ERA CONSTANTE. ISSO FOI ACABANDO O AMOR QUE A GENTE SENTIA. LÁ EM CASA TINHA QUE FAZER DE CONTA QUE NADA TINHA ACONTECIDO. FORA DO TRABALHO, TAMBÉM: SEMPRE HUMILHANDO. SÓ ERA LEGAL NA HORA DE IR PARA A CAMA. NEM PROSTITUTA AGÜENTA O QUE AGÜENTEI. EU SOU MÃE DO FILHO QUE TAMBÉM É DELE. PARA QUE TRATAR COM AQUELA GROSSERIA? ELE ME BATEU MUITAS VEZES: AQUELE TAPA NA CARA – AQUELE TAPA NOJENTO....**

NAQUELA NOITE ELE ME BATEU, ME SUFOCOU, ME DEU TAPA NA CARA E ME OBRIGOU A TER RELAÇÕES DE TODOS OS JEITOS QUE EXISTE. TUDO COM MUITO TAPA. E EU ESTAVA MENSTRUADA E ERA OBRIGADO A FAZER, PORQUE, SE NÃO FIZESSE, AMEAÇAVA ME MATAR. ELE DISSE QUE ACHAVA QUE EU GOSTAVA DE APANHAR... “EU ACHAVA QUE TU TINHAS

ESSA FANTASIA...” ISSO FOI ATÉ POR VOLTA DA 4,30 DA MADRUGADA. ELE ESTAVA BÊBADO E AÍ DORMIU. EU NÃO PODIA CHAMAR POR SOCORRO, ERA MUITO ESCURO E LONGE, LÁ NA CHÁCARA. ELE FEZ TUDO ISSO, COM O FILHO DE 5 ANOS NO QUARTO. EU PENSEI EM PEGAR UM LITRO E QUEBRAR NA CABEÇA DELE, MAS, SE EU MATO... *(risos)* ENTÃO, DE MANHÃ, ELE ESTAVA DORMINDO. EU AINDA ACORDEI ELE E DISSE QUE ESTAVA INDO EMBORA. ELE ABAIXOU A ACABEÇA E DISSE QUE PODIA IR. NEM ESPEREI O ÔNIBUS, VIM DE CARONA, POIS ELE PODIA SE ARREPENDER E IR ATRÁS.

Se já se separou dele, quais os fatores que ajudaram a se separar: GROSSERIA, ESTUPIDEZ... CHEGUEI A DESEJAR QUE ELE MORRESSE. NAQUELA NOITE, ENTÃO FOI TUDO. NÃO SUPORTEI MAIS.

Caso já tenha se separado, o que motivou a voltar? ATÉ PENSEI NO COMEÇO. ELE PEDIU DESCULPA. EU PERGUNTEI PARA MEU FILHO E ELE DISSE: “SE A SENHORA VOLTAR PARA O PAI, NÓS VAMOS TER QUE VIR DE CARONA DE NOVO”. EU ACHO QUE AINDA GOSTO DELE. MAS ESTOU ESTUDANDO, VOU DESCOBRIR COISAS NOVAS... UMA CRIANÇA SE CRIAR NESSE MEIO, NÃO DÁ. EU VIA NA TV E ACHAVA MUITA BARRA UMA MULHER SUPORTAR TUDO... E ACONTECEU COMIGO. A GENTE PENSA QUE NÃO VAI ACONTECER COM A GENTE, MAS PODE ACONTECER. ELE DIZ QUE SOU EGOÍSTA, QUE NÃO ESTOU PENSANDO NO MENINO. EU ESQUECI DE MIM 6 ANOS E NÃO TENHO CORAGEM DE DIZER PARA ELE O QUE O MENINO DIZ DELE.

O filho tem sofrido com isso? MUITO. ELE NÃO QUER VOLTAR. ELE NÃO GOSTA DE FICAR COM O PAI. ELE COMPRA O MENINO COM DOCE. O MENINO DIZ: “EU GOSTO DA PAI, MAS DO PAI LÁ”. EU NÃO COLOCO O MENINO CONTRA ELE.

Há, de sua parte alguma forma de violência contra o filho? POUCO, MAS HOUE. NÃO DEIXOU DE SER UM DESCONTO DO NERVOSISMO NO MENINO. ÀS VEZES A GENTE NÃO ESTÁ COM PACIÊNCIA. ESTÁ DE CABEÇA CHEIA.

O que ele fazia na hora da violência? **O MENINO NÃO QUER O PAI COM A MÃE, PORQUE O PAI VAI BEBER DE NOVO. ELE SE COLOCAVA ENTRE O PAI E A MÃE, NA HORA DA AGRESSÃO.**

Como começou esta situação de violência? **A PRIMEIRA VEZ QUE ELE ME DEU UM TAPA NA CARA, FAZIA 40 DIAS QUE ESTÁVAMOS CASADOS. ELE DISSE QUE EU ESTAVA OLHANDO PARA OUTRA PESSOA. A SEGUNDA VEZ, UM ANO E MEIO DEPOIS, ELE ME DEU UM TAPA NA FRENTE DE TODO MUNDO, NO CENTRO DA CIDADE. ACHO QUE ELE ENTENDEU MAL UMA PALAVRA QUE EU DISSE. ESTAVA BÊBADO. EU ESTAVA COM O MENINO NO COLO; ELE TINHA 6 MESES. ERA UMA MANHÃ MUITO FRIA. EU PEGUEI O CANTO DO COBERTOR E ESCONDI O ROSTO DE VERGONHA E TAMBÉM PARA CHORAR. O MOTORISTA DE TAXI REAGIU COM ELE. VEIO OUTRO MOTORISTA, ACABOU O CONFLITO E NOS TROUXE PARA CASA. AÍ ME SEPAREI DELE. UMA SEMANA SEPOIS VOLTEI. A GENTE FEZ A BURRICE DE VOLTAR. ELE PAROU DE BEBER. AGENTE PENSAVA QUE ELE ESTAVA MUDANDO... E A GENTE ACREDITAVA. EU NÃO SAÍ ANTES DE CASA POR ORGULHO MEU. MEU PAI HAVIA DITO QUE ELE NUNCA IRIA MUDAR. EU APOSTEI TODAS AS MINHAS FICHAS NELE. EU QUERIA PROVAR AOS MEUS PAIS QUE ELES ESTAVAM ERRADOS. AGORA, MORO COM MEUS PAIS. ELES ME ACOLHERAM MUITO BEM. ELES SEMPRE DIZIAM: “NA HORA QUE QUISESERES VOLTAR, A CASA É TUA. SÓ NÃO QUEREMOS QUE FIQUES NO SEPARA – JUNTA – SEPARA.”**

NO 5º ANO EU TINHA NOJO DE FAZER SEXO COM ELE. CONTEI PARA A MÃE. MEU PAI DISSE PARA ELE: “SE ESSA MULHER NÃO TE SERVE MAIS, MANDA ELA DE VOLTA, MAS NÃO BATE”.

Depois dos primeiros atos de violência, foi se repetindo e crescendo?

DEPOIS DE UM ANO E MEIO FOI AUMENTANDO, PRINCIPALMENTE DEPOIS QUE COMECEI A TRABALHAR DE SERVENTE DE PEDREIRO, COM ELE. AÍ ELE BRIGAVA NO SERVIÇO E EM CASA. QUERIA SEMPRE ESTAR DO MEU LADO, MAS SÓ BRIGAVA. QUANDO CHEGÁVAMOS EM CASA, ELE TOMAVA BANHO E DEITAVA, PARA ASSISTIR TV. EU LEVAVA COMIDA NA CAMA, CO-

**ÇA VA AS FRIEIRAS DELE, FAZIA COMIDA PARA O OUTRO DIA. EU ACOSTU-
MEI ELE ASSIM...**

Diante dessa situação como você se sente em relação:

Ao marido: **AINDA GOSTO DELE. NÃO SEI SE GOSTO OU SE ESTAVA ACOS-
TUMADA . SEI QUE ESTOU FELIZ. BEM MELHOR DO QUE QUANDO ESTA-
VA COM ELE. NO PRIMEIRO MÊS FOI DIFÍCIL. AGORA NÃO. POSSO, HOJE,
ATÉ PERDER O SONO POR UM PROBLEMA DE MATEMÁTICA, MAS POR
ELE NÃO.**

A você mesma: **MAIS FELIZ. EM COMPENSAÇÃO FIQUEI ESGOTADA. ELE
DIZIA: QUANDO EU SAÍA DE CASA DEVIA ABAIXAR A CABEÇA E FICAR
QUIETINHA. SE OLHA PARA O LADO, VÃO DIZER QUE ÉS GALINHA; SE
CONVERSAR COM OS OUTROS, VÃO DIZER QUE ÉS BURRA.**

**HOJE AINDA ME VEJO MEIO IDIOTA. NA ESCOLA TENHO QUE FAZER
TUDO CERTINHO. ELE ME CHAMOU TANTO DE BURRA, QUE EU NÃO
CONFIO EM MIM. A PROFESSORA DIZ QUE A MÉDIA É 8, MAS PARECE
QUE EU TENHO QUE TIRAR 10. VOU PARAR COM ESSE NEGÓCIO DE PER-
FEIÇÃO. ISSO NÃO ESTÁ FAZENDO BEM PARA MIM.**

Você se sente culpada ou arrependida de alguma coisa: **ÀS VEZES ME ARREPENDO,
POIS VEJO QUE DEVERIA TER ME SEPARADO ANTES; 2 ANOS ATRÁS.
MAS NÃO FOI TÃO TARDE.**

Como você se sente em relação aos filhos. **ELE NÃO AJUDA COM PENSÃO. EU
QUERO VIVER POR MIM. PELO MEU FILHO É QUE EU ESTUDO. POR MIM
TAMBÉM. VOU FAZER TUDO PELO MENINO. ESTUDANDO É QUE VOU
CONSEGUIR.**

Em relação à vida: **ANTES, EU ESTAVA GORDA, DELEIXADA, PORQUE ELE
NEM PRESTAVA ATENÇÃO EM MIM. ELE SÓ PRESTAVA ATENÇÃO EM
MIM NA CAMA E DE LUZ APAGADA... NEM PRECISAVA TER CORPO BONI-
TO, POIS ELE NEM PODIA OLHAR NO ESCURO! (risos, risos) ELE CONTI-
NUA QUERENDO ME CONTROLAR: SE CORTEI O CABELO ETC. PERDI 10
QUILOS E VOU PERDER MAIS. ELE QUER SABER PARA QUEM ESTOU ME
ARRUMANDO. ESTOU ME ARRUMANDO PARA MIM MESMA. ESTOU MAIS**

FELIZ AGORA, MAS NÃO VOU DIZER A ELE, PORQUE AÍ ELE VAI BEBER DE NOVO. RUIM ELE É SEMPRE, FICA MAIS, QUANDO BEBE.

Que sugestões você dá para acabar com a violência contra as mulheres, nas famílias, em La-ges ? **MUITAS VEZES, AS MULHERES SÃO CULPADAS. EU CEDI DEMAIS. QUANDO ELE VIU QUE PODIA PISAR, AÍ ELE PASSOU A BATER. NÃO FICAR AÍ EM CASA. SAIR, REZAR, CONSTRUIR UMA VIDA JUNTOS. EU ERA SÓ DE CASA E DE CASA PARA O TRABALHO. EU SEMPRE REZAVA. ELE NÃO GOS-TAVA DE REZAR. NÃO PODIA REZAR PERTO DELE. A MÃE DELE DIZ QUE ELE TEM O DIABO COM ELE.**

No seu ponto de vista, quais as principais atitudes que os homens têm hoje em dia:

Que estão erradas: **MINHA MÃE DIZ QUE VOU ENCONTRAR OUTRO HOMEM. EU NÃO ACREDITO. SE ELE NÃO ME BATER, ELE TRAI. SE ELE NÃO TRA-IR E NÃO BATER, VAI HUMILHAR. SE ELE NÃO FAZER NADA DISSO, IRIA TER VÍCIO. SE ELE NÃO TIVESSE NEM MESMO VÍCIO, ENTÃO É PORQUE TERIA O DEFEITO DE IDIOTA. HOMEM SEM UM DESSES DEFEITOS É PORQUE É RUIM DA CABEÇA... NÃO EXISTE. EU ACREDITEI NO HOMEM. MINHA MÃE DIZ QUE TEM HOMEM BOM, COMPANHEIRO. MAS EU NÃO CONHECI. TENHO MEDO.**

QUANDO ELE ME VIU INDO PARA A AULA ELE DISSE: “TU ÉS RIDÍCULA. VELHA DESSE JEITO (21 anos), INDO PARA A AULA. TU NÃO VAIS CONSEGUIR. TEU DESTINO É DOMÉSTICA”. E EU DISSE QUE NÃO. QUE IA CONSEGUIR E ESTOU CONSEGUINDO. TENHO CONVULSÃO MAS VOU CONSEGUIR NORMAL. ELE DISSE QUE ESTOU INDO ESTUDAR PARA AR-RUMAR NAMORADO. ELE CUIDA. ELE SEMPRE QUIS PROVAR QUE SEM ELE EU NÃO SOU NADA, NÃO SEI NADA E NÃO SOBREVIVEREI.

O HOMEM QUER SEMPRE ESTAR POR CIMA. FALOU, TÁ FALADO. GRAÇAS A DEUS, MEU PAI CONVERSA COM MINHA MÃE TUDO O QUE FAZ. OS HOMENS, EM GERAL, ACHAM QUE SÓ VALEM OS DESEJOS DE-LES. NÃO IMPORTA QUE A MULHER NÃO ESTEJA AFIM, DOENTE, CAN-

SADA. A MULHER NÃO PODE TER VONTADE. SÃO MUITO EGOÍSTAS. SÓ PENSAM NELES.

Que estão certas? É POSSÍVEL QUE TENHA HOMENS BONS E COM MUITAS QUALIDADES.

Na sua opinião, como uma mulher deve proceder em relação ao seu companheiro? NÃO SE DEIXAR PISAR. SER IGUAL. ESTRANHO EU FALAR... PORQUE NUNCA VIVI ESTE COMPANHEIRISMO QUE TEM NA CASA DE MEUS PAIS. ELE NÃO COMBINAVA. SÓ FAZIA O QUE QUERIA. NEM SEI O QUE DIZER. FIQUEI COM TANTA RAIVA DE TUDO! TANTO MEDO! EU TINHA MUITO CIÚME DELE E MEDO. ELE DIZIA QUE TINHA TODAS AS MULHERES QUE QUERIA. EU, DE 15 ANOS, PENSAVA: COITADINHA DE MIM! ELE DIZIA QUE NÃO IA GÜENTAR NA DIETA. COM SETE DIAS ELE TEVE RELAÇÕES COMIGO. EU ESTAVA OPERADA DE CESARIANA; NÃO ESTAVA AFIM, SANGRANDO. MAS ELE DISSE: “ACHA QUE VOU GÜENTAR QUARENTA DIAS? EU VOU CAÇAR; SE ACHAR MORTO EU COMO”... AQUELE DITADINHO FÚTIL! E EU, COM MEDO E CIÚME, CEDI. EU NUNCA CONTAVA NADA. FAZIA MUITA COISA QUE NÃO GOSTAVA, COM MEDO DE SER TRAÍDA. É POR ISSO QUE ELE FEZ ISSO NAQUELA NOITE. NOS ÚLTIMOS DOIS ANOS, QUANDO FICAVA MENSTRUADA, ERA UMA GRAÇA, PORQUE DAVA UM TEMPO. NÃO SUPORTAVA MAIS FAZER SEXO. ELE DIZ QUE DEVO PROCURAR UM MÉDICO. “VOCÊ É DELEIXADA, OU VOCÊ TEM VERGONHA, OU MUITO FRIA”, OU NÃO GOSTAVA DELE... “ALGUMA COISA TINHA”... DESCONFIAVA QUE EU TRAÍA.

PARA ELE, 95% DO CASAMENTO É SEXO. PÔ! NO COICE NINGUÉM SE SENTE BEM. ELE NÃO SABIA FAZER UM CARINHO. ELE DIZIA: “VEM CÁ” , FAZIA, VIRAVA PARA O CANTO E DORMIA.

ELE DISSE, DEPOIS DE SEPARADOS: “SE FORES COM OUTRO HOMEM, TU VAIS MORRER DE VERGONHA. TU ÉS QUE NEM UM DEFUNTO”.

PÓS RELATO: ELE VIVE COM A MÃE DELE E, ATUALMENTE, É SUSTENTADO PELA MÃE. A MÃE DELE DIZ QUE EU NÃO ENTENDI ELE. NÃO ENTENDI O PROBLEMA DELE... E DIZ QUE ELE TEM O DIABO!...

ELE PERGUNTOU SE EU IA NO COLO DE MEU PAI. EU DISSE QUE SIM. ELE ACHOU ESTRANHO. TEU PAI TE PEGAVA NO COLO NUMA BOA? MAS, MEU DEUS! MEU PAI É QUE IA ME LAVAR PARA EU DORMIR, QUANDO MINHA MÃE TRABALHAVA À NOITE E EU ERA PEQUENINHA. ELE DIZIA: SE TIVER UMA FILHA, SERÁ QUE VOU CONSEGUIR COLOCAR ELA NO COLO SEM PENSAR BESTEIRA?

UMA VEZ ME DEU UM CONVULSÃO E EU CAÍ NO CALÇAMENTO. UM RAPAZ VEIO AJUDAR. PAROU O CARRO E COLOCOU SUA BLUSA NA MINHA CABEÇA. ELE (*ex-marido*) CHEGOU E DISSE: “POR ACASO TU ÉS MÉDICO? ENTÃO TIRE A MÃO DELA”. O RAPAZ FALOU: “EU SÓ QUERIA AJUDAR”. COMO É QUE PODE VER MALDADE EM TUDO? ELE ACHAVA QUE UMA MULHER QUE CONVERSAVA COM OUTRAS PESSOAS, QUERIA ERA BAGABUNDEAR.

Elza Caulin Silva (37 anos, ex – companheiro, 39 anos)

Sua Origem (Etnia): BRASILEIRA/ALEMÃ *Dele:* BRASILEIRO *Natural:* Você: LAGES.
Ele: LAGES.

Há quanto tempo viveu a relação conjugal? VIVEMOS 17 ANOS *Número de Filhos:* TEMOS 2 FILHOS. *O Trabalho (profissão) que exerce:* MANICURE E ARTESÃ AUTÔNOMA *Trabalho dele (profissão) que exerce:* REPRESENTANTE COMERCIAL. *Sua escolaridade:* 8ª SÉRIE. *Escolaridade dele:* CURSO SUPERIOR. *Sua Renda mensal:* +- 700,00 REAIS *Renda mensal dele:* 1.700,00 REAIS.

Endereço: Lages.

Os filhos moram? COMIGO.

Perfil Sócio – Político:

Participa em alguma organização social, religiosa, política ou comunitária: (Grupo de Famílias, Associação de Pais e Professores, Partido Político, Sindicato, Associação de Moradores, Pastoral ? ...NÃO PARTICIPO. *Ele participa?* NÃO. ELE TAMBÉM NÃO PARTICIPA DE NADA.

Perfil da Violência Contra a Mulher: (do ponto de vista da mulher):

Houve, no passado, casos de violência e ainda há, na família dele? **SIM, NO PASSADO. E na sua família? NÃO HOUE.**

E na família dele? **O PAI DELE SE DESENTENDIA MUITO COM A MÃE E BATIA NELA.**

Você sofreu violência de seu marido, no passado? **SIM SOFRI. Que formas de violência? AGRESSÃO COM FACA, REVÓLVER NA CABEÇA, TENTATIVA DE ENFORCAMENTO ... DUROU CERCA DE UM ANO. A VIOLÊNCIA SE REPETIU POR TRÊS VÊZES, DEPOIS QUE ELE FICOU DESEMPREGADO.**

Se já se separou dele, quais os fatores que ajudaram a se separar? **EU ME SEPAREI DELE. A INICIATIVA DA SEPARAÇÃO FOI MINHA.**

Deseja voltar? **NÃO. PORQUE ELE É VIOLENTO E MUITO RUIM PARA A FAMÍLIA.**

Os filhos têm sofrido com isso? **POUCO. PRINCIPALMENTE DEPOIS QUE ELE SAIU E VEM INCOMODAR: QUEBRAR VIDROS E PERTURBAR, ASSUSTANDO OS FILHOS.**

Há, de sua parte alguma forma de violência contra os filhos? **NÃO. Da parte dele? ACERTOU UM SOCO NA FILHA (EM SUA CABEÇA); JOGOU OBJETOS DA FILHA NO LIXO.**

O que elas (filhas) dizem? **PEDIRAM PARA MIM ME SEPARAR DELE; DO CONTRÁRIO, ELAS IRIAM EMBORA. O que elas fazem? TENTARAM ME DEFENDER, CHORAVAM, TELEFONAVAM PARA OS VIZINHOS PARA PEDIR SOCORRO.**

Como começou esta situação de violência? **LOGO QUE FICOU DESEMPREGADO, COMEÇOU A FICAR DESESTRUTURADO E VIOLENTO.**

Depois dos primeiros atos de violência, foi se repetindo e crescendo? **FORAM SÓ TRÊS VEZES. NA SEGUNDA VEZ EU DISSE QUE, SE OCORRESSE DE NOVO, EU NÃO IA MAIS QUERER ELE.**

Diante dessa situação como você se sente em relação:

Ao marido. **HOJE, SINTO-ME LIVRE. ANTES, COM MEDO. TRANCADA.**

A você mesma: : **NÃO SEI. ESTOU PERDIDA. PREOCUPADA FINANCEIRAMENTE.**

Você se sente culpada ou arrependida de alguma coisa: **NÃO**

Como você se sente em relação aos filhos. **QUERIA SOMENTE PROTEGER AS MINHAS FILHAS. TENTAVA CONTORNAR A SITUAÇÃO, ACONSELHANDO-AS.**

Em relação à vida: **MUITA VONTADE DE VIVER**

Como você tem reagido diante da violência:

Em relação ao marido: **NO INÍCIO, EU ME DEFENDIA E REAGIA. DEPOIS, NÃO REAGI MAIS, PORQUE ELE FICOU MAIS VIOLENTO.**

Em relação às filhas: **SEMPRE BUSCANDO PROTEGÊ-LAS.**

Que sugestões você dá para acabar com a violência contra as mulheres, nas famílias, em Lages? **MUDANÇA NA CULTURA DE QUE OS HOMENS SÃO DONOS DAS MULHERES.**

No seu ponto de vista, quais as principais atitudes que os homens têm hoje em dia:

Que estão erradas: **TENTAR DOMINAR AS MULHERES.**

Que estão certas: **COMPANHEIRISMO.**

Na sua opinião, como uma mulher deve proceder em relação ao seu companheiro? **SER COMPANHEIRA. BATALHAR JUNTOS.**

UM RELATO COMENTADO DE OUTRAS VIDAS MARCADAS, DA CABÍLIA SERRANA.

Uma parte significativa das mulheres lageanas tem uma história para contar de si mesmas, de suas marcas. Prosseguindo na saga das mulheres marcadas, encontramos **Zenilda**, manicure, com 34 anos, seu companheiro, um pintor letrista. Isolados da participação social, vivem num mundo de violência, herdada da família dele, que, segundo ela, “brigam e quase se matam”. Numa relação conjugal de 5 anos e dois filhos, Zenilda tem muita história para contar.

Com muita dor, ela relata as palavras obscenas que tanto ouvia, os humilhantes tapas no rosto e, se não bastasse, as constantes ameaças de morte. Ela tomou a iniciativa da separação.

Como Laura Graça, Janice e Flúvia, voltou porque ele prometeu mudar e precisavam também do sustento. Mas ele não mudou. A criança chora assustada, ele fica irritado, violento e bate na mãe por isso. Passam necessidades, mas ela não pode trabalhar, por causa do ciúme dele. Ela vive muito triste. Desencantou-se. O amor que tinha por ele ficou para trás. Zenilda está decepcionada com ela mesma, com ele, com tudo. Conta que perdeu as esperanças de viver com ele. Sonha em conquistar a liberdade de viver, estudar, trabalhar... seus filhos lhe dão forças para viver. Ela acha que uma mulher não pode aceitar as agressões e não pode ser submissa, mas companheira.

Já **Elza**, viúva, com 43 anos, recentemente perdeu seu companheiro de 64. Viveram 19 anos, dos quais, sofreu violências constantes do marido. Ela diz: *“quando bêbado, ele atacava, surrava com o que tivesse na mão”*. Ela acha que não podia *“fazer feio”* porque tinha casado na Igreja. Sente-se nela uma mulher triste e machucada. Ela relata que após a morte do marido perdeu tudo, porque começou a beber, para desafogar a vida de sofrimento. A realidade não permitiu que Elza reagisse, por exemplo, como a sua vizinha de bairro, a viúva Maura Silva Kelling que, com 63 anos, se sente jovem, livre e feliz e que, até das doenças sarou.

Adriane Antunes, de um bairro mais distante, jovem e idealista, com 35 anos e seu companheiro com 36, começa a sentir o peso dos 15 anos de casamento. Há muito conflito, diz ela, e não é por falta de esclarecimento ou participação comunitária. Ele participa da associação da empresa e ela é Agente de Saúde. Temos o segundo grau. O passado da família dele, como de quase todas as mulheres entrevistadas, registra uma saga de violência. Acontecia na família de seu pai, por exemplo, estar na casa de prostituição bem na hora que sua mulher estava na maternidade, dando à luz a um novo filho. Isso sem contar as constantes surras. Adriane conta: *“Minha sogra foi muito espancada. Um dia ele bateu tanto que ela foi para o porão da casa chorar e ficou lá muito tempo. Ele pensou que ela havia saído e estava no andar de cima com outra”*

Adriane tem uma grande alegria de participar e ajudar a comunidade. É expansiva, comunicativa; mas, nada disso ele aceita. *“Vivo em solidão ao lado do homem que ainda amo. Não*

posso contar nada para ele das coisas boas que acontecem em meu trabalho. Ele detesta. Diz que a participação é a desgraça de nossa vida. Ele agride muito minha família porque ela é mais bem de vida que a dele. A mulher sempre tem que estar por baixo. Um dia, quando ele chamou minha mãe de velha, eu peguei um sofá com tanta força que deslocou o fogão a lenha do lugar. Ah! ele é muito infantil. Não posso ser eu. Tenho que renunciar o tênis de mesa, o trabalho comunitário? Não tenho medo dele. Meço forças. Ele não vai bater em mim, nem nas crianças. Ai dele! As crianças estão sentindo muito. São agressivas, inseguras...Nunca mais falei que gosto dele. Eu gosto de mim. Queria ser mais feliz, mesmo sabendo que o mundo passa por dificuldades. Tenho muita sede. Ai!... eu sonho muito”.

Adriane acha que os homens querem que as mulheres sejam propriedades deles. “*ele é um corpo e eu sou outro. Ele quer até definir qual é o tipo de roupa próprio apara mulheres casadas*”. É o relato.

Maria Arlete das Neves, com 36 anos, vive a muitas custas, com seu companheiro, de 42 anos. Ela é participante de duas organizações sociais e cursou o segundo grau. Ela começou a sofrer no momento em que percebeu que ele estava muito apegado à primeira família. Quando ela entrou na vida dele, ele já estava separado há 5 anos. Então, não teria porquê.

“Um dia, dentro da caminhonete, depois de uma pequena discussão, por causa de dinheiro mais destinado aos filhos do primeiro do casamento, ele deu me um soco e acertou no filho. Em casa, depois de duas horas, ele disse que ia me matar. Eu dei a ele a faca. Ele disse: “com faca não. Tem que ser na porrada”. E me deu dois socos na frente . Arroxou. Eu caí. Ele veio para me sufocar. Eu levantei a perna e dei bem nas batatas dele. Ele ia cair na escada. Com certeza ia se matar, porque é alto. Eu segurei. Depois disso, ficamos um mês sem conversar. Um dia, uma pessoa foi me dizer que ele tinha andado com a filha dela. Disse a cor da cueca, da meia, camisa, calça tudo. Quando ele chegou, eu só perguntei. Ele deu um soco na mesa que esparramou tudo prá todo lado. Ele tirou a bota e ela passou direto por mim. Outra vez ele me chamou de vagabunda e me deu uma surra. Aí começou nosso muro. Não me separo dele, porque a sociedade é preconceituosa com mulher separada. Uma mulher vive muito bem sozinha sem homem, mas o homem não vive sem mulher. Hoje dormimos separados. Ele só vê defeitos em mim. Ele disse pro meu guri: “esta tua mãe é um demônio. Eu não me separo dela por causa de vocês”. O filho me contou e disse: “Mãe, fique calma. Deixa ele tomar. Ele mor-

re e a gente enterra. Eu gosto dele, mas gosto mais da senhora”. Vivo com ele sem gostar. O amor ficou para traz. Agora só existe um muro bem alto. Estou também insegura financeiramente; e isso prende. Ai, Ai, Ai, ainda me gosto, mas não posso fazer o que gosto. Sinto-me arrependida de ter entrado na vida dele”. É o relato.

Maria Arlete não aceita mais a situação e vai partir, durante esse ano, para uma decisão.

Luzia Pereira, 33 anos, seu companheiro 40. Vivem junto 18 anos, têm três rapazes e uma menina. Luzia teve que usar uma boa estratégia para conceder esta entrevista sem que ele desconfiasse. Ela é do grupo de famílias de sua comunidade e da associação de Pais e Professores; ele Conselheiro da associação de moradores. Mesmo com essa participação social, parece muito difícil o diálogo da parte dele. Ele bate e ela sofre porque nunca viu isso antes. Na família dela havia muito carinho e nunca levou ao menos uma surra.

“Ele manda calar a boca. Do contrário, parte para a agressão. Fez retiro de casais, mas não adiantou. Ele me chama de sem vergonha, puta, cadela, vagabunda... bêbado ou são. Tudo perto das crianças. O menino de 15 anos já está chamando a mesma coisa para a menina de 13. Já ganhei muitos tapas na cara. Levei empurrões de arrochar tudo. Acusa-me de ter amante. Depois que casei abandonei tudo. Estou cheia. Aborreci de tudo. Não quero separar para não dar mau exemplo às minhas filhas. Ele ficou assim de 8 anos para cá. Quando eu disse que estava cheia, ele falou: “é porque você tem outro macho”. A sogra é venenosa. Um dia que levei três tapas no rosto, eu disse que não ia ficar apanhando de macho; que ele é macho, mas não vale nada. A sogra deu razão prá ele. Que não devia ter falado aquilo, que ele é homem e tem direito. Ela inventa coisas de mim e já inventou de outras noras. É a favor do filho. Só vou na igreja. Quando ele trabalhava fora, ficava dias trancada em casa com as crianças, que até ficava doente. Dizem até que a gente é amante do padre. Ainda não terminou aquele amor por ele. Ele diz: “acabou o amor; vivo com você por causa das crianças”. Sempre dou tudo nas mãos: aparelho de barba, cueca, meia, tudo. Ele diz: “você está ficando muito espertinha de uns tempos prá cá”. Dei muita chance. Deveria ter reagido desde o início. Sinto-me arrependida por isso. Ele diz que ninguém tem nada a ver com o assunto familiar. Agora estou vendo que tem sim. Que a coisa não é assim. É o relato.

A **Joceli dos Santos**, 38 anos, é confeiteira e seu companheiro, 39 anos é tratorista. Vivem juntos 19 anos e têm três filhos. Separou-se dele porque ganhava *“tapas, chutes pelo corpo, rasga a roupa, ameaça matar, chama de vagabunda. Não agüentei mais a situação. Estava doente e vivia tomando calmante”*. Voltaram a viver juntos, segundo ela, porque os filhos queriam as coisas, ele não dava e ela não tinha prá dar, ficavam revoltados. Sofrem muito, mas querem o pai dentro de casa. Ele bate nos filhos. *“Um dia, ele pegou a menina pelos cabelos e jogou no chão. Agora o mais velho enfrenta ele. Diz que, se o pai bater na mãe de novo, ele bate no pai. A filha não quer mais estudar. Só quer sair para dançar. Descobri que ele noivou com uma guria do Cerrito. Fui até lá e bati nela. Quando ele descobriu, me bateu e saiu de casa. Ela não quis mais ele e ele voltou para casa. Tenho raiva e nojo dele. Tem dias que me odeio, mas tenho que viver. Já tentei me matar. Quando os filhos casarem eu saio de casa. Estou muito arrependida de ter casado com ele. Ele não presta. A maioria dos homens usam as mulheres como se fossem uma coisa, um lixo. Eles só exploram. Usam. É o Relato.*

Maribel Antunes, 30 anos, seu companheiro também tem 30 anos. Ela e os filhos já apanharam muito; ele quebrava tudo em casa. De um certo tempo para cá, ela começou a bater nele também. Ele é alcoólatra e a família dele toda é. Ele comprometeu-se judicialmente de mudar. Está mudando. Está em tratamento. Se recair, eu e os filhos mandamos ele embora. Maribel acha que a polícia não se dá o respeito, não dá segurança às mulheres. A lei é muito lenta. Ela diz que isso precisa mudar. Postula que entre homem e mulher deve haver igualdade, carinho e diálogo.

Ivonete Cruz, 37 anos, seu ex-companheiro, 40 anos, sofreu o que reza seu sobrenome: a cruz da violência por 15 anos, apanhando até com fio de luz. Ainda sofre as investidas do ex-marido. Depois da separação, ele tentou voltar três vezes e três vezes ela o expulsou de casa. *“Eu nunca aceitei a volta dele. Ele é que toma a iniciativa, invadindo o lar. Não o quero mais, porque ele é violento e só quer aproveitar e bater em todos. Além disso, os filhos são muito revoltados, não gostam dele e quando ele ameaça, chamam a polícia. Sinto-me em falar nele. Não quero nem vê-lo. Agora, separada, sinto-me aliviada e tranqüila. Não me arrependo de nada. Só de ter casado com ele”*. Ivonete também reclama da morosidade da lei e da insegurança que passa a “Segurança Pública”. É o relato.

Nilva Rejane, 39 anos, seu companheiro, 47 anos. Nilva teve mais sorte que outras companheira como Ivonete, Maribel, Joceli ... Apanhou e sofreu violência de todas as formas, durante 14 anos. Separou. Por causa dos filhos, recebeu-o de volta. Após o retorno, ele mudou. Deixou a bebida e não agrediu mais. Ela, hoje está feliz, mas vigilante, com o marido. Nilva acha que é muito difícil ter homens que não procurem outras mulheres.

Vanilda dos Santos, 33 anos e seu companheiro 34 anos. Que os santos a ajudem mesmo. Sofre como se fosse animal nas mãos de um dono cruel. Apanhou até os 11 anos, na casa dos pais. Depois, ganhou muito carinho na casa da vó, onde passou a viver. Casou e começou a apanhar de novo. Apanhar prá valer: Tapas, chutes de todos tipos, pancadas com objetos em sua cabeça, a ponto de ir para o hospital. Separou. A vida melhorou. Mas, por causa de uma das meninas, muito apegada nele, ele voltou. As outras duas filhas dizem que não gostam do pai. Querem ficar sozinhas com a mãe. São muito revoltadas. *“Quando ele usa droga, não fica violento; só quando usa cachaça. Não sinto nada por ele. Só quero me ver livre dele. Se tem uma coisa que me arrependo na vida, é de ter casado com ele. Sinto-me uma prisioneira. Acho que as mulheres têm o direito de se impor e não se deixar dominar. Vou mandar ele embora, em breve. Os direitos e os deveres devem ser iguais”*. É o Relato.

Juliane Silveira, 30 anos, seu companheiro, 48 anos, está vivendo o separa-junta-separa; isso por causa, segundo ela, dos 3 filhos, que são muito apegados ao pai. Juliane já apanhava muito do pai em casa. Ele intervia em defesa de sua “mamãe ou como, diz Paoli, mamá. O pai era muito ruim para ele. Hoje, ele repete o que rejeitou no pai, com xingamento, palavrões e chutes. Chutou as costas dela enquanto ela estava grávida. Dá muitos tapas nela. O chute nas costas deslocou a placenta. A “mamá” dele intervia a favor do filhinho, e agredia também. Depois do registro na DPMM, ele parou um pouco. Juliane tem reagido, defendendo-se. Já tentou matá-lo duas vezes, quando foi agredida. Para inibir a violência, ela sugere que os serviços de proteção da mulher funcionem bem e que a escola seja melhor. Falando sobre os homens, ela diz: *“Muitos deles têm amantes, bebem, desconfiam, morrem de ciúme e não sabem dar carinho. A coisa mais bonita é ver um casal sair juntos, dar carinho um para o outro”*... Era o relato.

Inesita florêncio, 26 anos, hoje garota de programa, tem três filhos. *“Meu pai era alcoólatra, diz ela. Brigava muito com minha mãe, comigo e com meus irmãos. Aconteceu muita violência comigo na infância e na adolescência. Separei dele por causa das brigas, ciúme e traição. Não vale a pena voltar para ele. Ele me maltratou muito. Era muito machista. A melhor coisa foi ter me separado dele. Sinto por não poder ter os filhos comigo. Sofro muito por não poder ter eles ao meu lado. Um homem deve ser bem tratado, enquanto ele sabe respeitar a mulher”*. Era o relato.

Juliana Fabiano, 29 anos, também garota de programa, 3 filhos. Moram com ela. Gasta o que ganha, em torno de 200,00 reais, com ele. Já sofreu muita violência moral e ciúme. Não volta para a relação porque acha que ele não mudou; que vão acontecer as mesmas coisas. *“Meu filho de 12 anos diz que quer distância de drogas e álcool. Minha filha de 6 anos diz que não quer casar quando crescer, porque homem só incomoda”*. Juliana sente-se bem sozinha e diz que dá muito amor aos filhos. *“Os homens exigem demais das mulheres. Não respeitam suas dores, cansaço físico e moral. Suas opiniões não têm valor”*. Era o relato.

Mariana Salete Gouveia, 52 anos, ex-companheiro, 51 anos. Separados há 3 anos, os 4 filhos estudam e moram com a mãe. São pobres mas trabalham muito para sobreviver e estudar. O ex-companheiro, como diz Mariana, *“está largado no mundo. Mora numa casa com uma mulher de programa e é porteiro lá. É claro que não ajuda nada em casa. Virou um coitado”*.

Mariana tornou-se Diaconisa⁶⁸ na sua Igreja: *Rede das Missões do Sagrado Espírito Santo*, um ramos das Igrejas pentecostais. *“Fui prá Igreja, no início, papa ver se levava ele. Mas, que nada! Ele já chegava no portão me chamando de vagabunda, puta, demonha...Só não me chamava de santa. Tinha um ciúme doentio. Não podia conversar, nem olhar para ninguém. Era só olhar para o lado, ele dizia que estava de caso. Coisa que nunca devi. Ele me chamava de tudo. Eu trabalhava, porque ele não trabalhava. Mesmo assim, ele dizia que eu ia bagabundear”*. Com acontece na maioria dos casos, a “mamá” dele, como diz Mariana, *“botava na cabeça dele que eu era marchear, que ia ventanear. Mas, para arrumar o leite para as crianças,*

⁶⁸ Diaconisa é um cargo de prestígio na igreja. É uma pessoa que colabora em tudo. Segundo Mariana, a Diaconisa informa as pessoas, encaminha, visita os doentes, dá assistência às necessidades das pessoas...

eu era obrigado a trabalhar. A sogra sempre dava o empurrãozinho dela. Ele caluniou o pastor. Dizia que eu ia na igreja por causa dele. Que o pastor estava saindo comigo. O pastor chamou ele para provar. Meu marido via maldade em tudo”. Mariana relata que a família dele toda é muito desunida, egoísta e violenta. “Uma vez acertou-me um soco que ficou tudo roxo. Se um vizinho olhasse lá para casa, ele já queria parti para a briga. Ele quebrou quase todas as louças de casa. Muitas vezes, tive que dormir sentada no sofá., deitada com um cobertorzinho, com muito frio. Na cama, muitas vezes ele dava ponta-pé e me enxotava. Na época, até cheguei a tomar coisa para acabar com a vida, quando via a menina com fome. Agradeço os vizinhos que sempre ajudaram. Eu fiz um esforço tão grande, mas tão grande para viver com este homem! Ele que foi embora. Eu jamais toquei ele de casa, embora tivesse vontade. Eu só tive ele. Minha cara é limpa. Eu não botava pressão em nada. Eu sustentava a casa e as crianças, sem reclamar. Mesmo assim, ele não relevava. Não aceitava conselho nenhum. Só ele é que estava certo”. Mariana conta que um dia ele levou um tiro, da turma da droga. Não podia levar no hospital porque a polícia ia pegar. Teve que curar ele em casa. Outra vez ele levou uma facada da mesma gangue, e ela teve novamente que segurar a barra. “meu pai me aconselhava a deixar dele. Mas como a gente ia ficar na boca do povo?” Mariana está contente com os filhos, mas eles têm traumas e a menina criou-se muito nervosa. “Tenho por ele só amor pela alma dele. Jamais como homem. Eu era doente. Agora não tenho mais doença, nem dor de cabeça. Saio, participo de tudo. Não sinto nada. Sinto-me uma mulher cheia de paz. O único arrependimento que tive foi de ter casado. Não temos muito dinheiro, mas podemos viver bem. Meus filhos não passam fome que nem antes. Nem pensar na vida de antes. Só eu sei o que passei! Os homens hoje em dia são muito machistas, não sabem dialogar, são violentos, agressivos. Acham que a mulher não sabe nada. Só que a mulher sabe onde mete o nariz. Sabe o que faz”. Era o Relato.

h) Buscando Entender o Mundo das Mulheres, Vasto Mundo!⁶⁹

As vidas marcadas e as marcadas destas vidas remetem qualquer ser humano, que tenha um pouco de sensibilidade para o mundo do silêncio; um silêncio que exige contemplação, um humilde declinar de pretensões de uma compreensão um pouco mais acurada do que realmente se

passou e se passa. Será necessário que ao pesquisador esteja munido, não apenas das ferramentas teóricas, fruto de trabalhos brilhantes que homens e mulheres nos tem oferecido como legado precioso. Para a compreensão destas vidas marcadas, é necessário ter também a capacidade de ler ruas, casas, olhares, gestos, relações, sentimentos, corpos... Uma leitura visceral. Aí declino as pretensões, sem medo de defrontar-me com minha pequenez. Pelo menos, tomei consciência de minha cegueira existencial de homem padre! Mas, além desta conquista, pude sentir a imensa distância em que me encontro do humano feminino... do homem, por fazer, que sou; e posso, como diz Bourdieu,

“(...) realmente descobrir, (...) uma evocação incomparavelmente lúcida do olhar feminino, ele mesmo particularmente lúcido com relação a essa espécie de esforço desesperado, e bastante patético, mesmo em sua triunfal inconsciência, que todo homem tem que fazer para estar à altura de sua idéia infantil de homem”. (Grifo nosso).

(Bourdieu, 1999 – p. 86)

Infantilidade afetiva, da intimidade, de que falam Bourdieu e Giddens; infantilidade social de Tirelli... as mulheres entrevistadas, quase todas, num determinado momento, como que tomando consciência pela primeira vez, enfatizam: *“é impressionante como ele é infantil!”*; Adriane dizia: *“Ah! ele é muito infantil. Não posso ser eu!”*.

“(...) o homem é, também, uma criança que brinca de ser homem. A alienação genérica está na base de seu privilégio específico: os homens são educados no sentido de reconhecer os jogos sociais que apostam em uma forma qualquer de dominação”

(Bourdieu, 1999 – p. 93)

No início deste trabalho eu acreditava que: *“as mulheres, frente à situação de violência resistem, acumulando interiormente sentimentos de mágoa e até raiva, chegando , muitas ve-*

⁶⁹ A análise que segue fundamenta-se principalmente, é óbvio, nas entrevistas aqui relatadas, mas também em algumas entrevistas que não foram autorizadas, pelas mulheres entrevistadas, a publicar ou comentar com alguém. Delas se pode fazer apenas comentários. São mulheres das classes mais altas..

zes, a um ódio silencioso. Estes sentimentos acumulados acabam interferindo substancialmente na educação dos filhos”. Foi outra a realidade que constatei, após as pesquisas:

As mulheres lageanas se encontram num estágio mais avançado de maturidade emocional e social, que os homens; isso resulta numa constante preocupação das mesmas com a educação dos filhos, frente à situação de violência. Elas procuram proteger os filhos e conversar com eles sobre o assunto, para que não repitam, depois, o que vêem hoje. Poucas descarregam suas mágoas nos filhos, e quando assim o fazem, mesmo de maneira branda, logo tomam consciência. O que eu não havia pensado é que, para a maioria das mulheres, depois do desencanto com o companheiro, ainda continuam encantadas com os filhos. É o que resta para muitas delas. O encanto dos filhos dá forças para continuarem na luta.

Os filhos, desde tenra idade,(5 anos, por ex.) como vimos nos relatos, já são atores importantes no conflito. Colocam-se no meio dos dois, chamam a polícia, pedem para parar a briga, conversam com os pais... eles e elas tem demonstrado rejeição e maturidade, frente à violência. Constatamos que o clima de violência em que vivem, não a violência da mãe, tem interferido muito na educação deles e delas, nas atividades escolares etc. As mães não têm sido autoras desse prejuízo, mas, via de regra, protetoras e salvadoras.

Outra hipótese era de que: *“O processo violência contra a mulher é confrontado por ela com outros processos, às vezes, ainda mais adversos, fora da esfera doméstica, como os salários inferiores e outras formas de exploração e discriminação. Esse confronto gera também resistências ao rompimento com o agressor, pois percebe que, fora da família poderá encontrar outras formas de violências igual ou até maiores”*. No aspecto da resistência, tanto os BO's, como as pesquisas, mostram uma outra realidade. É bem verdade que uma ou duas mulheres manifestaram preocupação com o problema financeiro e uma tem como fator de resistência “o que os outros pensam da mulher casada.” (discriminação). Mas, a maioria absoluta das mulheres tem revelado que não têm medo de enfrentar o sustento dos filhos sozinha e acham que a separação não vai trazer uma vida com outros tipos de violência; aliás, muitas delas já separadas, dizem que “estão livres agora”, “estão felizes”, “a vida está bem melhor assim”, “graças a Deus”... Várias disseram que sararam das doenças, e outras, que agora dá gosto em se arrumar. Flúvia chegou a dizer que já perdeu 10 quilos, porque começou a se gostar. Algumas outras “Remoçaram”.

As mulheres que tem manifestado preocupações financeiras são aquelas classificadas por nós, neste trabalho como pobres – : famílias de 5 pessoas recebem até +- até 5 SM, Média : A maioria das famílias de 5 pessoas recebem até +- até 15 SM e média alta e alta: acima de 15 SM. Estas, com a separação irão baixar drasticamente seu nível de vida, pois o nível de vida atual é proporcionado pelo salário do companheiro. São mulheres sem muita escolaridade e sem qualificação profissional. Já aquelas destes mesmos níveis, que podem manter-se, na separação, com seu próprio salário, porque são profissionais qualificadas como professoras, dentistas, advogadas, enfermeiras alto padrão, médicas etc. são tranquilas na hora da separação. O ponto crítico para as mulheres está no rebaixamento drástico do nível de vida. Por isso, aquelas mulheres mais pobres, como as classes mais altas profissionais não se intimidam com a separação, porque economicamente nada ou pouco têm a perder. O fato é que são poucas as mulheres que declaram ser o econômico empecilho relevante para a separação.

Um ponto que conta para os homens, e que é muito bom para as mulheres: Com exceção de um ou dois, todos eles não se opõem que a mulher trabalhe fora. Alguns até incentivam.

São vários os fatores que tem impedido as mulheres, vítimas de violência, a se separarem: Os filhos (principalmente quando são apegados aos pais), a freqüente disputa pela casa (nenhum dos dois quer perder a casa), o descaso da justiça, a recusa do marido em “comparecer no juiz”, conselhos de pessoas, principalmente das mães, para “continuar tentando”, entre outros. Percebo que, quando acreditava nesta hipótese acima, ainda tinha em meu imaginário uma mulher lageana calada, alienada ao movimento de libertação da mulher, com medo de enfrentar os homens, o mundo do trabalho, cheias de culpas, agressivas contra os filhos, com um pensamento androcêntrico acentuado, enfim, “vítimas radicais”, mesmo que teoricamente, já no início deste trabalho, minha crença sempre foi contrária a essa posição. Mas o que encontrei me surpreendeu em todos os sentidos: Uma avançada consciência de si mesmas, de sua dignidade, muita coragem, serenidade, segurança pessoal, sem medo de enfrentar os homens até fisicamente. A essas alturas, passo a compreender melhor e a confirmar Giddens, pois a violência contra as mulheres em Lages, mesmo alicerçada numa raiz cultural histórica, não tem, talvez, aumentado tanto por outros fatores, que não seja aquele a que ele se refere, quando diz:

“(...) à medida que o controle começa a falhar, observamos mais claramente revelado o caráter compulsivo da sexualidade masculina – e esse controle em declínio gera também um fluxo crescente da violência masculina sobre as mulheres”

(Giddens, 1993 – p. 11)

Uma hipótese inicial parcialmente correta é esta: *“As resistências de mulheres com seus parceiros agressores podem ser quebradas mais facilmente, quando elas encontram apoio de parentes e, principalmente de grupos comunitários ou instituições de apoio a mulheres vítimas da violência. Outros fatores que ajudam o rompimento podem ser a escolarização e a profissão, que conferem maior possibilidade de autonomia”*.

Digo parcialmente corretas, porque, pelas entrevistas não são o apoio de parentes, de grupos comunitários ou instituições de apoio a mulheres, fatores decisivos na quebra das resistências para a separação, mas o grau de consciência e coragem que estas mulheres foram adquirindo pela participação e pelo aprendizado das lutas da vida, com os meios de comunicação social, com o sofrimento... Os grupos comunitários e religiosos, principalmente da Igreja Católica, tem recebido muito esclarecimento nesta área, e trocam muitas informações. A última parte da hipótese está correta, conforme já comentamos, que a escolaridade e a profissionalização têm sido também fatores decisivos.

As mulheres lageanas, pela pesquisa, têm se mostrado, como elas mesmo se auto referem, “valentes”. O mais importante é que esta valentia não tem uma conotação da valentia do macho, mas de uma valentia qualificada como a valentia da mulher que quer ser companheira e estar no nível de igualdade do homem. Todas elas se referem a isso... e todos os homens entrevistados reclamam disso. Em outras palavras, quando elas se auto – denominam de “valentes”, estão querendo dizer que, como mulheres, elas têm o mesmo “valor” e “capacidade” dos homens, observadas as características peculiares deles e delas. A “valentia” das mulheres não transpira dominação, nem desprezo ao homem, mas autonomia e companheirismo, palavra esta que se faz presentes em todas as entrevistas. Como diz Maria Soave, com muita propriedade:

“(...) mulheres que fazem, com carinho e ternura, novas relações, recriam o poder (...)”

(Soave, 2000 – p. 27)

A poesia de Soave dedicada especialmente à mulher Lageana e serrana, traduz parte significativa daquilo que senti:

*Amigo, sou da terra,
Nasci do útero da nação dos pinheiros araucárias.
Colo quente, terra de Povo Livre.
Terra da humanidade terna e fraterna*

*Sou mulher-araucária,
Mulher com raízes, profundas, galhos verdes.
Mulher- canto, mulher- encanto , vôo, sonho e utopia.
Mulher-nó-de-pinho, teimosa, dura, resistente.*

*Amigo, sou de peão,
Do fogo aprendi a lição da dureza,
Do trigo a ternura e a doçura
E do pão a ser alimento do teu caminhar.*

*Deste eterno mundo mudar
Nasce a vida, jorra o sangue.
Sou Lua, de sonho e de desejo.
A minha noite é mais clara do que o dia.
A minha escuridão é grávida de todas as alvoradas.*

Amigo, nasci mulher. É suficiente.

(Soave, 2000 – p. 64)

Pude perceber nas entrevistas muito mais desabafos de mulheres valentes, do que queixas de mulheres vítimas. Eles sempre se manifestavam de cabeça erguida, sem pedir clemência e sem ódio. Lá admirava as mulheres lageanas, mas jamais esperava encontrá-las com tal estatura.

O sentimento da honra feminina aparece em muitas entrevistas, mas é muito uma honra de quem “agüenta o tranco”, frente às atitudes covardes de homens que, quase sempre negam a pensão dos filhos. Muitas delas chegam a afirmar que, se for para vir incomodar e tirar a paz, que ele fique com a pensão! Essa afirmação não significa que as mulheres não lutem pela pensão dos filhos. Elas estão muito conscientes disso.

Em minhas leituras e cursos sobre questões de gênero ouvi falar muito das tão faladas “estratégias dos fracos”, referindo-se às mulheres, na questão da violência. Confesso que não consegui usar este conceito, neste trabalho, sem duvidar dele. A realidade da violência familiar em Lages tem mostrado que as estratégias das mulheres, mesmo chamadas “passivas”, são na verdade, as “estratégias das fortes” e os homens é que estão ficando no grupo dos fracos. A maioria deles, como revelam os BO’s e as entrevistas, tem lutado para voltarem para casa, seja por sentimento de honra ou de desamparo, mas não estão conseguindo. Estamos constatando um número crescente de homens que vão se tornando infelizes e de mulheres que se libertam das prisões domésticas e se sentem, quando não tão felizes, mas em paz, com alegria, aliviadas.

As pesquisas dos BO’s foram mais que confirmadas nas entrevistas. Nos BO’s, 70% das mulheres tomaram ou estão tomando a iniciativa da separação. Nas entrevistas, houve apenas um caso em que os dois tomaram a iniciativa da separação em conjunto. Em outros dois casos, eles tomaram a iniciativa de ir embora, com o apoio da mulher, ou seja, para elas foi alívio. Mas, já que eles foram embora, elas ficaram muito felizes. Em todos os demais casos elas tomaram a iniciativa.

Quanto ao sentimento de culpa ou de arrependimento, o que todas elas manifestaram foi de “Ter se casado com tal homem”, “de ter desafiado os pais, quando esses alertaram sobre a pessoa do pretendente”, “de não ter separado antes”... nenhuma, porém, está se sentindo, por

exemplo, em pecado, por estar separada, e muitas delas são conhecidas nas comunidades como participantes em suas religiões. “sentem-se de bem com Deus e consigo mesmas”. “*Estão dispensando os homens*”, como diz Giddens.

Todas as entrevistas menos duas ou três, se referiram com muita ênfase à presença da sogra como aquela que continua dando força para o menino que ainda não cresceu. Confirma-se a realidade de que os homens violentos quase sempre veneram suas mães, procuram-na frequentemente, seguindo suas instruções.

“Entendemos que este culto à mãe – que sempre nos pareceu tão bonito e santo, porque ninguém o merece mais que ela – é no fundo prova de um complexo de culpa. O homem daqui nunca saiu do amor de dependência para com a mãe, permaneceu neste estágio e aí permanecerá até a morte. Não conseguindo amar a companheira, com ela dialogar, demonstrar ternura e colaborar verdadeiramente com ela, refugia-se na mãe que nada lhe pede. A mãe somente o quer aí perto dela, como a galinha choca quer os pintinhos perto dela e aquecê-los. Ela descansa amparada pela atenção delicada que demonstra:

“Benedición, mamá – Como esta mamá?” – E a mamá conta as suas dorzinhas da cabeça aos pés. Esta é a única relação homem – mulher. Com a companheira silêncio total; ordens, instruções, solidão, esta é a relação para com ela. (...) Este refugiar-se junto à mãe está resumido no rito da visita e no monólogo da mãe, que afinal pode confiar ao homem a pena de sua solidão materializada em hemi-crânias, reumatismo, resfriados.⁷⁰”

Paoli, 1981 – p. 220)

Muitas palavras de Paoli, são praticamente as mesmas que se ouvia da mulheres agredidas: *Em casa, silêncio total. Ordens, solidão, nenhum carinho*, e como a mulheres lamentam seus homens, que não sabem fazer um gesto de carinho. O dizer das mulheres é bem semelhante ao que diz Bourdieu:

⁷⁰ Os textos aqui referidos fazem parte de sua experiência na Venezuela, no caso, um diálogo com Gaudy, uma mulher da comunidade.

“Ato sexual em si é concebido pelos homens como uma forma de dominação, de apropriação, de “posse”. Daí a distância entre as expectativas dos homens e das mulheres, em matéria de sexualidade – e os mal – entendidos que deles resultam, ligados às más interpretações de “sinais”, às vezes deliberadamente ambíguos ou enganadores. A diferença das mulheres que estão preparadas sexualmente como uma experiência íntima e fortemente carregada de afetividade, que não possui necessariamente a penetração, mas que pode incluir amplo leque de atividades (falar, tocar, acariciar, abraçar etc., os rapazes tendem a “compartimentar” a sexualidade concebida como um ato agressivo, e sobretudo físico, de conquista orientada para a penetração e o orgasmo”

(Bourdieu, 1999 – p. 30)

É a distância, a solidão, a impossibilidade do carinho da parte dos homens, que mais elas lamentam. Muitas deles chegam a não sentir mais nada no ato sexual e até a ter “nojo” do sexo. Uma e outra dizia que o tempo da menstruação torna-se um alívio! “Eles só sabem mandar e acham que sabem tudo. Não percebem, não valorizam, não conversam, não abraçam, são incapazes de dar um carinho. Só querem aquilo, de uma maneira, como se a mulher fosse uma máquina, não sentisse nada. Os sentimentos da mulher não contam para eles”.

“O gozo masculino é, por um lado, gozo do gozo feminino, do poder de fazer gozar (...) esperam do orgasmo feminino uma prova de sua virilidade e do gozo garantido por essa forma suprema da submissão:”

(Idem, p. 30)

Essa é outra tragédia contada por quase todas as mulheres. Sem gozo, sem orgasmo, até com nojo do sexo, as mulheres passam a ser agredidas porque não demonstram atração e gozo pelo ato sexual de seus companheiros. Mas eles não desconfiam que algo esteja errado com eles próprios, mas com elas. Frequentes são as expressões: “O que está havendo? Tem outro macho na tua vida? Está doente? Procure um médico. Sabe com que você é parecida? Com um defunto!

É o “abismo” de Giddens, que, no momento não foi criado, mas revelado, pela posição das mulheres. Estava escondido por séculos, acobertado pelo silêncio submisso das mulheres. Os homens de nossa Cabília estão manifestando desespero pelo despertar das mulheres. Estão apavorados, aturdidos, perdidos.

As mulheres, por sua vez, estão muito na frente, em matéria de intimidade aqui em Lages, como já constatou pelo mundo afora Bourdieu, Touraine, Paoli, Grossi, Diógenes, Rilke, Mead, Boff, e tantos outros e outras.. As pesquisas revelaram, no entanto, que elas ainda compreendem pouco de si mesmas, pois pensaram, por muito tempo, sobre si próprias e ainda pensam em parte, sob uma ótica androcêntrica, mas, nos parece, que elas não perderam o elo entre o masculino e o feminino que mora nelas. Elas sentem muita dificuldade para compreender os homens, radicalizados que estão, numa posição masculina. É freqüente a exclamação dela: *“Como é que pode? Não dá para entender? Impossível imaginar o que se passa dentro dele...”*

Fica muito claro, no entanto, que é imensamente maior a compreensão que as mulheres têm de si mesmas e dos homens, do que os homens de si mesmos e das mulheres.

Os homens, como arameus errantes, longe de si mesmos, vagueiam perdidos entre a amante, a companheira e a “Mamá”. Se encontram a amante, chamam-na de puta, cade-la...mas se essa mulher é mãe, ela é fria, um túmulo, como dizia o companheiro de Flúvia. Ela não entendia porque ele a queria sempre ao seu lado, mas se ela ali estava, ele só brigava... Queria estar do lado da mãe, mas quem estava ali era a Flúvia...Será possível encontrar um “modelo ideal” que responda ao imaginário desses homens? Uma super-mulher que, numa simbiose genial, seja a companheira, a mãe e a amante? É possível que essa mulher não exista. Uma mulher ideal respondendo plenamente o imaginário de homens transtornados e infantis. O que certamente possam existir, são mulheres reais e homens reais que se confrontam, aprendem e crescem. Por outro lado, o príncipe encantado que elas procuram, mora somente no castelo da imaginação. Mas, se elas encontram homens reais normais, não se desencantam, com tanta facilidade. O problema é que a maioria delas encontram crianças grandes, homens inseguros e perdidos em sua intimidade, ancorados na Mamá. Almira Silva dizia que quando ele batia nela, corria na casa da mãe e dizia: *“Mãe, vá lá em casa ver: eu matei a Almira”...*

Maristela de Jesus, experimentou na própria carne essa experiência e sentiu o impasse, procurou ser, como diz ela: *“mulher, mãe, amante, puta...tudo o que ele precisa de uma mulher...uma mulher de seus sonhos...mãe, dar colo etc. Mulher inteligente, que perceba sem ter que ele pedir. Eu sou um pouco disso. É isso que assusta ele, porque ele tem outra visão de mulher e aí acha que sou puta. Por ser uma mulher meio completa, passei a ser disputada a faca pelo marido e pelos filhos.”* Maristela percebe que qualquer que seja a atitude da mulher, causa espanto, porque esses homens não conseguem compreender a mulher de nenhum jeito. Se é amante, foga e criativa para ele próprio, e só para ele, é porque é puta. É assim que age uma puta. Se é recatada, é fria. É a realidade do

“Homem infeliz que, fazendo-se criança, consegue despertar as tendências de compaixão maternal que são, por definição, exigidas da mulheres”

(Idem, p. 95)

A raiva dos homens contra as mulheres de que fala Giddens, não passa de uma raiva contra si mesmos. Manifestam o fascínio e o desprezo. Elas são no imaginário, o céu e inferno, Maria e Eva. Assim, manifestam o desprezo, o ódio, mas um inadmissível e secreto fascínio pela mulher e também, pelo homossexual. É o ódio de si mesmos por terem perdido o elo do feminino dentro de si e se encontrarem numa incompletude humana.

Paoli, refere-se à iconografia da Igreja Católica, quanto à relação Maria-José:

“A história da relação Maria-José teria sido uma fonte inexaurível de meditação, se a virgindade física de Maria não tivesse polarizado toda a atenção dos homens e se o homem não tivesse explorado com evidente interesse psicológico, este culto. Em muitas das nossas igrejas vê-se de um lado uma imagem de Maria absorta em sua meditação; em outra parte a imagem do homem abandonado,, com a criança para por no colégio porque sem mãe; numa outra parte ainda a imagem de Maria como uma mãe abandonada por um homem que não soube fazer-se responsável por ela”.

Idem, p. 221)

A Igreja seqüestrou magistralmente o sexo de Maria, tornando-a o “um ideal de homens incompletos” que não sabem acolher uma mulher sexuada. Nas pesquisas aparecem com frequência, homens como o ex-companheiro de Flúvia , o companheiro de Maristela, que têm ciúme delas com os próprios filhos. Um deles chega a questionar a companheira, se realmente o pai colocava-a no colo, quando pequena, realmente numa boa... e acrescenta: Se eu tiver uma filha, não sei se conseguirei colocá-la no colo, sem pensar naquilo!... Os nossos entrevistados, tal qual a história do velório, não admitem, de forma alguma, em “colocar batom e esmalte na defunta”, porque eles não conseguiriam ver nela a mamá, toda pura, toda santa, Maria, mas a Eva, a Puta. Seria demais para esses homens perderem a mãe nesse momento extremo. O que seria deles, ficar sem ela? Ficar só com a mulher suja, a cadela, a puta? “*Batom e esmalte jamais, mesmo sendo o último desejo de minha santa mãezinha, a mamá !* O que aconteceria na cabeça de milhares de católicos, principalmente homens, se a Igreja devolvesse o sexo a Nossa Senhora? É difícil imaginar!...

Uma enquete no jornal Correio Lageano, (8 e 9/07/2001 pergunta a jovens homens (5) e mulheres (5): *O que mais anima o teu dia?*

Homens:

Alcides, engraxate: dinheiro e mulher bonita. Roberto, industrial: uma boa grana e garota Jackson, engraxate: dinheiro. Anderson, borracheiro: saúde, família e dinheiro. Régis, digitador: uma gata saradona e dinheiro.

Mulheres:

Katiuscia, divulgadora: Boa música e reencontro com amigos. Rosilene, dona de Casa: Acordar com saúde, ver o sorriso de meu filho e família saudável. Maria Cecília, estudante: opções novas. Arceli, doméstica: saúde, família contente e também feliz. Dolores, dona de casa: a natureza, a vida, a família feliz e com saúde.

Essa simples amostra, nos faz ver, mais uma vez, como as mulheres, em matéria de vida estão muito na frente dos homens. Todos os homens colocaram como valor o dinheiro e três deles dinheiro e mulher unicamente.

Assim, vamos compreendendo que se faz urgente um processo de amadurecimento dos homens e disposição para a aprendizagem, no encontro com as mulheres.

Essa mudança não será, com certeza simples e fácil. Para Bourdieu,

“(...) ela não pode reduzir-se a uma simples conversão das consciências e das vontades. (...) Só se pode chegar a uma ruptura da relação de cumplicidade que as vítimas da dominação simbólica têm com os dominantes com uma transformação radical das condições sociais de produção das tendências que levam os dominados a adotar, sobre os dominante e sobre si mesmos, o próprio ponto de vista dos dominantes”.

(Bourdieu, 1999 – p. 54)

É preciso que desabroche, no linguajar de Rilke, o homem maternal. Do contrário, será impossível um mundo de paz. Paoli não duvida em afirmar que um homem reconciliado consigo mesmo, no encontro com a mulher, não fará mais guerra. E Rilke, o grande poeta, povoa nossa esperança de caminhantes afirmando que: “Os sexos estão, talvez, mais próximos do que se pensa e talvez seja esta a chave da grande renovação do universo” (Rilke, p. 34).

Mas, o otimismo real que Rilke passa, não pode nos fazer esquecer do “abismo emocional entre os sexos” de que fala Giddens. Mesmo compreendendo tantas coisas que as mulheres estão a me ensinar, declino diante da dor que elas continuam sofrendo da parte dos homens. Esta dor está muito distante do meu sentir; quem sabe, quando crescer em mim o homem padre maternal!... Os homens estão muito distantes da estatura e do sofrimento das mulheres.

Os homens até poderiam explicar “o ponta – pé do rei de Delfos, que vem atravessando os séculos e os milênios. As entrevistas e os BO’s mostraram homens da cabília serrana especialistas em ponta - pés. Mas, que homem conseguiu descrever os sentimentos de Carila?

Por acaso, algum cientista ou poeta homem já conseguiu descrever ou mesmo sentir a tristeza, o acabrunhamento e a amargura de Carila?

Quem se importou com Dona Branquinha que morreu de tristeza de tanto apanhar, como relata Jacira?

Felizmente estamos descobrindo que, se não expiarmos a morte de Carila, acabaremos todos sem vida. O problema é que os homens ainda hoje continuam tentando enterrar a memória de Carila, enterrando a boneca Carila. Renitentes, não queremos mudar. E a memória dela não vai embora de nosso corpo, da nossa intimidade; continua a nos incomodar.

Em Lages, observa-se muito esta prática: Uma sociedade que se interessa muito em ajudar as crianças pobres, principalmente as meninas, com roupas, rifas, serviço voluntário, festas, campanhas e uma série de outras promoções. Mas, estas mesmas pessoas não querem saber em se juntar para promover o “desenvolvimento regional” ou mudar as “relações de gênero”. A frase mais comum é: “Padre, não me convide para estas coisas. Não gosto disso. Eu quero é ajudar as criancinhas”...

Os ritos de expiação continuam. Milhares de bonecas Carilas são enterradas, mas ela continua presente e muito viva nas consciências obstinadas. Carila encantou-se e fez morada no imaginário dos homens e vai morar ali, até que dela eles não tenham mais medo, até que aprendam com ela a abolir para sempre o ponta-pé, e, em seu lugar, passem a praticar o abraço maternal.

Para haver “abundância de trigo”, isto é, vida feliz, sociedade democrática e igualitária, fartura para todos e para todas, é preciso que as relações pessoais, grupais e estruturais mudem, com base no encontro radical entre homens e mulheres, unindo essas duas humanidades. Então Carila será verdadeiramente expiada...e haverá “abundância de trigo” no mundo. Como o grande líder negro, cremos em nossa luta e, confiantes, caminhamos porque:

“Não somos o que deveríamos ser. Não somos o que queríamos ser.
Não somos o que queremos ser. Mas, graças a Deus, não somos o que
éramos”.

Marthin Luther King

É O RELATO!...

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na apresentação do livro *Reinvenções da Utopia*, de Janice Tirelli Ponte de Souza, I-ray Carone lembra que:

“Diziam os antigos gregos que Elpis, a esperança, foi a única deusa que não desistiu dos homens quando o jovem e tirânico Zeus ameaçou precipitá-los, aos pedaços no Hades”

(Sousa, 1999 – p. 9)

Percebe-se que, na gênese e na plenitude de todas as realidades, está subjacente o princípio feminino que gera e que acolhe, no âmago do qual tudo se aconchega e repousa. A deusa esperança não desiste dos homens, não desiste da Vida. Ela é a força que faz avançar toda a existência; por ela, nos certificamos que até o caos é generativo.

Mas, desde o neolítico, como vimos, foi se hegemonizando uma cultura a partir da visão dos homens. Foi um imenso processo civilizatório, que se desenvolveu sob o primado da dominação masculina.

A conhecida história de Prometeu, “aquele que pensa antes”, diz que ele criou um homem de barro, o que foi um grande benefício para a raça humana. Quando Zeus oprimiu os homens e os privou do fogo, Prometeu roubou para eles o fogo do céu e *lhes ensinou muitas*

coisas. Através dos homens, Prometeu realizou outras ações ardilosas contra Zeus. Indignado, Zeus mandou Hefesto *fazer uma mulher* também de barro, à qual Atena deu vida. Os outros deuses dotaram a mulher, Pandora, de todos os encantos, mas Hermes *ensinou-lhe a mentira e a astúcia*. Então, Pandora, a primeira mulher, trouxe consigo um vaso que *continha todos os males*. Não podendo conter a curiosidade, Pandora abriu o vaso e imediatamente os males saíram e se espalharam pelo mundo inteiro. Muito assustada, Pandora fechou o vaso, *ficando no seu fundo apenas a esperança*. Prometeu torna-se senhor da história, que foi, assim assentada sobre uma visão androcêntrica, sobre o poder-dominância do homem, aquele que havia “aprendido muitas coisas”. Esconde-se nesta narrativa mitológica também a figura bíblica de Adão e Eva. Neste berço, as civilizações foram se estruturando. Ele apropriou-se de todas as realidades, expandiu-se, entranhou-se nos corpos e a todos submeteu.

Mas, Elpis, a deusa esperança não foi submetida, porque nela estava, em dormência, a semente, como as sementes e os insetos permanecem no deserto de Atacama, nas entranhas da Pachamama, antes da chuva. Quando ela vem, depois de 7, 8 anos, como que do nada, milagrosamente tudo começa florescer; a Grande Mãe vai dando à luz a um “mar de flores, povoados de uma miríade de insetos.

Toda a natureza emana do seio dela a Pachamama, Grande Mãe, ou Gaia, como é chamada pelos cosmólogos, este materno supeorganismo vivo.

O poder da dominação masculina começa a ser questionado e, das entranhas de uma cultura androcêntrica milenar, passa a florescer uma nova realidade. Giddens diz que o controle dos homens começa a falhar. Começa a ruir este paradigma masculino, que trouxe consigo a dominação, a destruição de culturas e da natureza; espalhou a violência, marginalizou a mulher e, com ela, o princípio feminino.

A progressiva integração do feminino, traz consigo uma nova “política da Vida”, onde é possível o resgate de uma sociedade pautada, como diz Janice Tirelli, falando da utopia de jovens:

“(...) pela cidadania, pelo respeito, pela ética, pela luta contra a intolerância, pelo antidogmatismo, pela participação não – excludente, mais ampliada, que inclui aqueles que não são necessariamente revolucionários”

(Idem, 1999 – p. 196)

Essa será uma sociedade de homens e mulheres que integraram em si o princípio masculino e feminino da vida. Mas ainda estamos muito distantes, principalmente por parte dos homens que, no romper do novo milênio, ainda estão encontrando enormes dificuldades e resistências no trato da própria intimidade. Não querem abrir mão de uma situação de dominação, antes cômoda, até certo ponto. Rilke, já no início do século XX, com sua alma de poeta, em elevado estágio de integração, em si, do princípio masculino e feminino, já via um realidade, que só mais tarde, foi se evidenciando para toda a sociedade:

“A mulher, que uma vida espontânea, mais produtiva, mais confiante habita, está sem dúvida mais próxima do humano que o homem. – o macho arrogante e impaciente que ignora o valor do que julga amar por estar preso às profundidades da existência, como a mulher, pelo fruto de suas entranhas. Esta humanidade, que no sofrimento e na humilhação amadurece a mulher, virá à superfície quando esta romper as algemas da sua condição social. E os homens, que não sentem aproximar-se este dia, ficarão espantados e vencidos. Um dia, (sinais certos o atestam já, nos países nórdicos) a moça existirá, a mulher existirá. E estas palavras: “moça”, “mulher”, não significarão apenas o contrário do homem, mas qualquer coisa de individual, valendo por si mesmo, não apenas um complemento, mas um modo completo da vida: a mulher na sua autêntica humanidade”.

(Rilke, – p. 53)

Alain Touraine chama os homens de retardatários e atrapalhados em matéria de intimidade pois ele constata que é na relação entre homens e mulheres, que a existência do sujeito será empenhada e desafiada. Giddens, diz mais:

“Desnecessário se faz necessário dizer que os homens são tão mal equipados para preencher esta existência, quanto para responder ao erotismo feminino. Daí a queixa perene das mulheres, de que seus parceiros homens são desajeitados, e assim por diante. (...) Faz mais sentido hoje em dia, mais do que no passado, a suposição de que a violência sexual masculina tornou-se a base do controle sexual. Em outras palavras, atualmente, grande parte da violência sexual masculina provém mais da insegurança e dos desajustamentos, do que de uma continuação ininterrupta do domínio patriarcal. A violência é uma reação destrutiva ao declínio da cumplicidade feminina. Exceto em situações de guerra, hoje em dia os homens talvez sejam mais violentos com relação às mulheres do que o são entre si”.

(Giddens, 1993 – p. 138 e 144).

A conquista de emancipação das mulheres que vem se sucedendo, decreta o fim de uma categoria particular de seres humanos com o universal. Não é mais “o homem”, mas o homem e a mulher. Touraine afirma que não há nada mais importante que esta dualidade. Mas, ele vê que os homens ainda continuam prisioneiros de sua antiga posição dominante. Mas, Rilke descortina um horizonte de esperança:

“Um tal progresso transformará a vida amorosa, hoje tão plena de erros (e isto mau grado o homem que, de início, será ultrapassado) – E já foi – (observação nossa). O amor deixará de ser comércio de um homem e de uma mulher para ser o de duas humanidades. Mais próximo do humano, será infinitamente amável e cheio de atenções, bom e claro em tudo o que realizar ou desfizer. Este será o amor que, combatendo duramente, agora preparamos: duas solidões⁷¹ que se protegem, se completam, se imitam e se inclinam uma para a outra”.

(Rilke, – p. 54)

⁷¹ Rilke fala da solidão fecunda, que se dá no encontro da pessoa consigo mesma, condição essencial para o êxito do encontro com o outro e com a outra. Sabemos, no entanto, que este encontro radical vai acontecendo através de tateios, encontros parciais e desencontros num processo de maturação permanente e inesgotável, como é cada homem e cada mulher.

E assim, os homens estão diante de um imperativo impossível de ser desviado, amenizado, camuflado ou evitado. O mistério⁷² do feminino e do masculino, hoje radicalizados, respectivamente, na mulher e no homem, passa a ter uma função heurística para homens e mulheres. Não é mais possível evitar o desafio do encontro ou do confronto. O que se sabe é que o caráter quase insuportável da civilização atual está a clamar por um novo paradigma civilizacional, que passa, necessariamente pelo reencontro do masculino e do feminino. Como vimos, célebres autores estão a dizer que, é a partir deste encontro fundamental, que passaremos todos a nos encontrar com uma nova economia, uma nova ecologia, uma nova política da vida, um jeito novo ver, sentir e tratar todas as coisas.

Como assinala Boff, é tempo de unirmos o “Cogito, ergo sum” ou “Penso logo existo” cartesiano, para o “Sentio ergo sum” ou “Sinto logo existo”:

“A modernidade, e de modo geral a cultura ocidental, se caracterizam por seu logocentrismo. A razão organiza tudo, e só se justificam as realidades que perante a razão são consideradas legítimas e socialmente aceitáveis. A razão tem muitas vertentes, a razão hermenêutica, dialética, simbólica, sapiencial e instrumental analítica. Esta última foi a que predominou soberanamente sobre todas as demais, como exigência de uma nova ordem do mundo surgida na Europa, a partir dos novos processos da produção, do mercado e do poder político. Ela recalcou as demais, particularmente a subjetividade, os sentimentos, a ternura e a sensibilidade”

(Boff, 2001 – p.10)

Janice Tirelli, acende esperanças e possibilidades, quando se refere à crise da razão como medida de todas as coisas:

“Tomamos como pressuposto que o autoritarismo tem seu fundamento material em relações de dominação e desigualdade sociais que se revelam de diversos

⁷² A palavra mistério foi ganhando uma conotação de intangibilidade, ou seja, aquilo que não se entende. Mas, em seu sentido original, como diz Roque Schneider, “O mistério não é um muro onde a inteligência esbarra, mas um oceano onde a gente mergulha”

modos, transformando a vida das pessoas e de sua cultura. A crítica da modernidade, na qual tal situação se agudiza, está centrada na crítica da razão instrumental, que se impôs à forma de funcionamento da sociedade. Orientada pela tecnologia, tal sociedade produz homens cuja autonomia de decisão está comprometida em virtude da manutenção da ordem vigente, em detrimento de sua capacidade de realização. Esta razão está em crise e se expressa na própria crise do indivíduo (...)

(Sousa, 1999 – p. 58)

Mas, nesta mudança de tempo em que estamos vivendo, penso que uma postura ética de extrema importância está na compaixão, do latim *patio* (pronuncia-se pácio), que quer dizer sentir o que o outro está sentindo, colocar-se no lugar da outra pessoa, seja na derrota e na dor, seja no sucesso e na alegria. A base da compaixão é o “*sentio* (pronuncia-se sêncio) *ergo sum*”. Este sentir é mais que uma empatia, no sentido moderno do termo, é um “sentir solidário, terno e acolhedor”. Por isso, acho que Boff concordaria que o “*Sentio ergo sum*” teria seu complemento no “*amo, ergo sum*”; é nós diríamos que, para amar, começa-se no aprendizado de novas relações entre homens e mulheres. Portanto, não seria nada exagerado dizer que os clamores de compaixão e de amor deste novo milênio forçosamente nos levam a concluir, respectivamente como homem e como mulher: “*Mulier, alter ego; Homo, alter ego... ergo sum*” ou seja a mulher, o outro eu para o homem e o homem, o outro eu para a mulher... assim podemos dizer como homem e como mulher: *logo existiremos*.

Rilke, face a um desafio como este, de construção deste ser humano novo, dizia:

“Devemos aceitar a nossa vida tão completamente quanto possível. Tudo, mesmo o inconcebível, deve tornar-se possível. No fundo, a única valentia que nos é pedida é a de fazermos face ao singular, ao maravilhoso, ao extraordinário que se nos deparar. Custou bem caro à vida que os homens, neste ponto, tivessem sido débeis”

(Rilke, – p. 59)

A “compaixão ativa e solidária” era entendida na cultura hebraica como “rahamim” que quer dizer misericórdia sentida a partir das “entranhas”, que também pode significar, a partir do mais profundo de nossa carne, de nosso corpo ou de corpo inteiro, incondicional.

Não podemos esquecer que a cultura androcêntrica encontra-se “entranhada”; portanto, desde as entranhas é que vai emergindo o homem e a mulher novos do séc. XXI, ternos, amorosos, amantes, cúmplices, compassivos, buscando consolidar em si os princípios básicos da uma verdadeira democracia, que serão vivenciados por mulheres e homens *solidários, igualitários, participantes, livres, acolhedores de todos os diferentes e de toda a diversidade*.

Mas, esta construção, para ser efetivada, deverá necessariamente buscar um entendimento amplo na relação da moral e da ética. Obviamente que são dois conceitos não contraditórios que regem as relações humanas e dos seres humanos com a realidade que o envolve.

Não vamos aqui aprofundar a questão, mas apenas assinalar que a ética, como se referia Hegel, é a verdade da moral. Lembrar também que os “códigos morais” encarnados nas instituições, podem facilmente tornar-se moralismo e cair na anti-ética. A ética contém princípios, podemos dizer, aceitos universalmente, favorecendo, assim, o diálogo, numa linguagem comum, entre religiões, partidos, filosofias etc. Pela ética, podemos concretizar o princípio da aceitação do diverso, do diferente, do democrático.

A moral, que não é contrária à ética, mas pode barrar, “entravar diálogos” com os diferentes, principalmente quando ela passa a assumir um caráter de justificação das instituições. Trago um exemplo, que não é tão incomum acontecer. Recentemente tive conhecimento de um sacerdote, que resolveu deixar a vida sacerdotal para casar-se, pois havia engravidado uma jovem. Qual foi o primeiro conselho do bispo? “*Nós arrumamos uma família para a criança, tu deixas a mulher e continua como padre*”⁷³. Este tipo de proposta, em nome da moral e da norma eclesiástica, coloca duas proposições ao padre: *Ser anti-ético e imoral e continuar padre, salvando, assim, a instituição, ou ser ético e moral e abandonar o sacerdócio*. O cotidiano da vida das instituições nos colocam freqüentemente no dilema de ser imoral e anti-ético, para continuar ser aceito por ela. Esta postura é tomada em nome da moral. Portanto muitas coisas que nos parecem moral podem ser anti-éticas. É a ética que vai nos ajudar a perceber se algo é ético e moral ou não.

⁷³ Para evitar qualquer possibilidade de insinuações não convenientes, deixo claro que este exemplo citado não aconteceu em Diocese de Santa Catarina, mas de um outro Estado do Brasil.

Iniciando as conclusões desta conclusão, gostaria de lembrar o que vou chamar um “transfundo arquetípico” presente no imaginário das pessoas, malgrado uma visão androcêntrica dominante. Padre Vallés no ajuda, com brilhantismo a expressar essa realidade patente e, ao mesmo tempo velada, sobre as mulheres:

“Vocês mulheres são o melhor do mundo, a alegria da criação, o sorriso da natureza, o calor do ar, o intuição do saber, a companhia da ternura, a beleza do ser. Vocês carregam em si a história da raça humana. A tradição das tribos, o moldar dos corpos e das almas, (...) o estar presente em tudo (...) a ser vistas por todos com silenciosa inveja e oculta adoração de todo homem, que admira toda mulher, mas que não admite sequer a si mesmo por temor, timidez e orgulho. Oh! sim, Deus os fez tão bem, que pôde por fim ficar satisfeito e descansar depois de trazer vocês. Depois do homem, Deus ainda pode criar a mulher, mas depois da mulher já não pode criar mais nada, porque se colocara por inteiro em sua última obra de arte. A mulher é a coroa da criação e toda a criação o sabe.

Mas uma coisa é sabê-lo e outra é reconhecê-lo na prática. Nisso, a sociedade caminha ainda muito atrás da realidade, e a Igreja ainda mais atrás da sociedade. E os últimos tempos dos quais mais se podia esperar, dado o rápido despertar da sociedade para a igualdade entre os sexos em dignidade paralela, foram justamente os mais desanimadores e destruidores na Igreja”.

(González Vallés, 1998 – p. 112)

Os que os homens quanto mais machistas e violentos com as mulheres, mais solitários e infelizes são e mais saudades sentem (inconscientemente) de serem aquilo que percebem jamais poderem ser, amantes e amados, aconhegados no encanto do feminino. Por isso, os homens violentos, no clamor de sua solidão, vão dos socos, pontapés e, no extremo ao homicídio, até o choro, à auto-complacência mais infantil e diversas outras formas de manifestação de debilidades e infantilidades interiores, como se estivessem ainda recém saídos do útero materno. É uma desordenado clamor de uma carência extrema, que facilmente atinge as duas pontas do arco. Os homens tornaram-se a grande vítima daquilo que eles mesmos construíram.

É bem verdade o que diz Giddens, a respeito do perfil atual da intimidade masculina, citando também Goldberg:

“(...) os homens são emocionalmente atrofiados, sem contato com seus sentimentos e assim por diante – são (...) como cargas infelizes que os homens têm que suportar. “perderam o contato ou estão se afastando de seus sentimentos e de sua própria consciência como pessoas”. As mulheres protestaram e libertaram-se de seu confinamento em um ambiente doméstico e das limitações de do autodesenvolvimento que a acompanhavam.

(Giddens, 1993 – p. 165)

Por fim, encarar a mulher como “vítima radical” ou como “sexo fraco”, é no mínimo uma crença ingênua, superficial e aprisionada por um visão machista. Na atualidade, pelo que tudo indica é nela que residem as possibilidades de um acordar para o encontro das “duas humanidades”, no dizer de Rilke. As mulheres estão a abrir caminhos para si próprias e apontando caminhos para os homens, perdidos em sua intimidade. Bem mais que os homens, elas estão a apontar caminhos para o reencontro do homens, no masculino e feminino que habitam cada pessoa humana. Bem mais que uma relação de provedores, os homens aprenderão com suas companheiras, que o caminho, como diz Gubert, é feito, não só de pão, mas de beleza, que significa o desabrochar o que está em dormência nos corpos, divididos:

“ Não só a conquista do pão, mas a conquista da beleza. Nesse espírito de conquista e beleza ...construindo no cotidiano, com dificuldades, com avanços, com esperanças, porque o sonho é feito de pão e beleza, a vida é feita de pão e beleza, (...) é o fruto da vida e do sonho da humanidade.

(Gubert, 1999 - p.31)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, Nicola – *Dicionário de Filosofia* – Editora Mestre Jou, São Paulo, 1970
- ARENDT, Hannah – *Sobre a Violência* – Editora Relume Dumará, 2ª Edição - Rio de Janeiro, 2000
- ASSIS, Simone Gonçalves de – *CRESCER SEM VIOLÊNCIA – Um desafio para educadores*, Editora Gráfica Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 1994
- ASSMANN, Hugo – *REENCANTAR A EDUCAÇÃO – Rumo à Sociedade Aprendiz* – Editora Vozes, Petrópolis, 1998
- AZZEVEDO, Thales de – *NAMORO À ANTIGA, Tradição e Mudança* – Editora Campus, Rio de Janeiro, 1981.
- AZZI, Riolando – *A Igreja e o Menor na História Social Brasileira* – Cehila – Edições Paulinas, São Paulo, 1992.
- BOFF, Leonardo – *A Voz do Arco-Íris* – Letraviva Editora, Brasília, 2000.
- BOFF, Leonardo – *TEMPO DE TRANSCENDÊNCIA - O Ser Humano como um Projeto Infinito* - Editora Sextante, Rio de Janeiro, 2000
- BOFF, Leonardo – *O ROSTO MATERNO DE DEUS, Ensaio Interdisciplinar Sobre o Feminino e Suas Formas Religiosas* – Editora Vozes, 2ª Edição, Petrópolis, 1979.
- BOFF, Leonardo – *Princípio da Compaixão e do Cuidado*, Editora Vozes, Petrópolis, 2001.
- BOURDIEU, Pierre – *A Dominação Masculina* – Editora Bertrand Brasil, Rio de Janeiro,

ro, RJ, 1999.

- *A Dominação Masculina Revisitada*, Texto Proferido na Universidade de Califórnia – 1ª Conferência do Prêmio Goffman, abril. 1996.

BRITO, Fausto Reynaldo Alves de e FREIRE, Roberto Correia – *UTOPIA E PAIXÃO - A Política do Cotidiano*, Editora Rocco, 8ª Edição, Rio de Janeiro, 1988.

CARLOS, González Vallés – *Querida Igreja* – Editora Paulus, São Paulo, 1998.

CEHILA – *A Mulher Pobre na História da Igreja Latino-Americana*, Edições Paulinas, São Paulo, 1984.

COSTA, Licurgo – *O CONTINENTE DAS LAGENS - Sua história e influência no Sertão Da Terra Firme* - Fundação Catarinense da Cultura – Florianópolis – 1982 -

CORBISIER, Roland – *Raízes da Violência* – Editora Civilização Brasileira, RJ, 1991

DE BITTENCOURT, Henrique Vicente – *Caminhos Pedagógicos*, Mimeo, Lages, 1998.

DE BITTENCOURT, Henrique Vicente – *História da Igreja* – ITEPAL, Mimeo, Lages, 1998

DE CHARDIN, Pierre Teilhard – *O Fenômeno Humano* - Editora Cultrix, 14ª Edição, São Paulo, 1995.

DE SOUZA, Edemir João – *História do Negro no Brasil e Seu Momento Atual* – Mimeo-1981.

DIÓGENES, Glória – *CARTOGRAFIAS da VIOLÊNCIA e da CULTURA – Gangues, Galeras e o Movimento Hip Hop* - São Paulo, Anna Blume, 1998

FONSECA, Cláudia – *Caminhos da Adoção* – Cortez Editora, São Paulo, 1995.

FREIRE, Roberto – *Sem Tesão não Há Solução* – Editora Guanabara, 10ª Edição, Rio de Janeiro, 1987

FRÖHLIC, Roland – *Curso Básico de História da Igreja* – Edições Paulinas, 2ª Edição, São Paulo, 1987.

GAARDER, Jostein – *O MUNDO DE SOFIA, Romance da História da Filosofia* – Cia. Das Letras, 5ª reimpressão, São Paulo, 1995.

- GAUER, Gabriel J. Chittó – *A Fenomenologia da Violência* – Jaruá Editora, Curitiba, 2000.
- GIDDENS, Anthony – *A TRANSFORMAÇÃO DA INTIMIDADE, Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas*. Editora Unesp, 2ª edição, São Paulo, 1992.
- GOLDANE, (pesquisa) 1994 MIOTO: 1997
- GOMES MACHADO, Alzira – *RELAÇÕES DE GÊNERO: Mulher e Homem Construindo a Reciprocidade* – Monografia – ITEPA – Passo Fundo, 1999
- GONZÁLEZ, Rodrigo Stumpf – *SAIBA DIZER NÃO À VIOLÊNCIA – Orientações para defesa dos direitos da criança e do adolescente* - Editora Gráfica Palotti, Porto Alegre, 1995
- GREGORI, Maria Felomena – *CENAS E QUEIXAS – Um Estudo Sobre Mulheres, Relações Violentas e a Prática Feminista* - Editora Paz e Terra, São Paulo, 1992
- GROSSI, Miriam Pillar – *GÊNERO, VIOLÊNCIA E SOFRIMENTO (COLETÂNEA)* – Coleção Antropologia em Primeira Mão nº 6 – 1999 - 2ª Edição - publicação do Programa de Pós-graduação em Antropologia, da Universidade Federal de Santa Catarina.
- GROSSI, Miriam Pillar e BRAZÃO TEIXEIRA, Analba (Orgs) - *HISTÓRIAS PARA CONTAR – Retrato da Violência Física e Sexual Contra o Sexo Feminino na Cidade de Natal* – Editora Casa Renascer, Florianópolis, 2000.
- GUBERT, Leonila – *Reordenamento Institucional* – Monografia – UDESC - 1999
- HAMMAN, A. – *Os Padres da Igreja* – Edições Paulinas, São Paulo, 1980.
- KURY, Mário da Gama – *Dicionário de Mitologia Grega e Romana* – Jorge Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1997.
- LOCKS, Geraldo Augusto - *Identidade dos Agricultores Familiares Brasileiros de São José do Cerrito* - Dissertação de Mestrado - Florianópolis – 1998
- MARTENDAL, Ari J. C. – *PROCESSOS PRODUTIVOS E TRABALHO: A Incorporação do Caboclo na Indústria Madeireira* – Dissertação de Mestrado – Fundação Getúlio Vargas – Instituto de Estudos Avançados em Educação – Rio de Janeiro 1980.
- MATOS, Henrique Cristiano José – *Introdução à História Da Igreja* – Editora O Luta dor, Belo Horizonte, 1987
- MESSEDER, Carlos Alberto – *Linguagens da Violência* – Editora Rocco, RJ – 2000
- MILITO, Cláudia e SILVA, Hélio R. S. - *VOZES DO MEIO FIO, Etnografia* – Editora Relume Dumará, Rio de Janeiro, 1995.

- MOREIRA ALVES, Branca e PITANGUY, Jacqueline – *O que é Feminismo* – Editora Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, nº 44, São Paulo, 1981.
- MUNARIM, Antônio - *A Práxis dos Movimentos Sociais na Região de Lages* – Dissertação de Mestrado em Educação - Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina - Florianópolis – 1990
- MUSUMECI SOARES, Bárbara –MULHERES INVISÍVEIS, *Violência Conjugal e Novas Políticas de Segurança* – Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1999
- NAVARRO SWAIN, Tânia – *Identidades Nômades: Desafio para o Feminismo* – Mimeo
- ODÁLIA, Nilo – *O que é Violência* – Editora Brasiliense, 4ª edição, São Paulo, 1983
- PAOLI, Arturo – *Caminhando Se Abre Caminho* – Edições Loyola, São Paulo, 1981
- PEDRO, Joana Maria e GROSSI, Miriam Pillar (Orgs.) – *Masculino, Feminino, Plural* – Editora Mulheres, Florianópolis, 1998
- PEREIRA, Isidro – *Dicionário Grego – Português e Português - Grego* , Editora Tilgráfica, 8ª Edição, Braga, Portugal, 1998.
- PINHEIRO, Paulo Sérgio – *Construir e Celebrar a Justiça e a Paz em Tempos de Exclusão e Violência* – CESEP – Ano XIV – Editora Paulus, 2000
- POSTER, Mark – *Teoria Crítica da Família*– Zahar Editores, Rio de Janeiro, RJ, 1979
- PORTELLI, Hugues – *Gramsci e a Questão Religiosa* – Edições Paulinas, S.P, 1984
- MARCÍLIO, Maria Luiza– *A Mulher Pobre na História da Igreja Latino-Americana*, CEHILA – Edições Paulinas, São Paulo, 1984
- McNALL BURNS, Edward – *HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO OCIDENTAL, Do Homem da Caverna Até a Bomba Atômica* – Editora Globo, 3ª Edição, Porto Alegre, 1974.
- RAMOS, Artur – *As Culturas Negras no Novo Mundo* – Companhia Editora Nacional, Brasília, 1979 – 3ª edição
- RIFIOTIS, Theóphilos – *Dilemas Éticos no Campo da Violência* – Mimeo – UFSC, 1996.
- RILKE, Rainer Maria – *Cartas a um Jovem Poeta* – Hemus Editora (*Sem local e data*).
- SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani - *A MULHER NA SOCIEDADE DE CLASSES*, Mito

- e Realidade*, Editora Vozes, Petrópolis, 1979.
- SEADE (Pesquisa) – São Paulo: 1998
- SGARBOSSA, Mário e GIOVANNINI, Luigi – *Um Santo Para Cada Dia*, Editora Paulus, 7ª Edição, São Paulo, 1983
- SOAVE, Maria – *LUAS...Contos e En – Cantos dos Evangelhos* – Editora Paulus, São Paulo, 2000.
- SOREL, Georges – *Reflexões Sobre a Violência* – Editora Martins Fontes, São Paulo, 1992
- SOUZA BRANDÃO, Junito de – *MITOLOGIA GREGA*, Vol. I – 12ª Edição, 1998. Vol. II 8ª Edição, 1997. Vol. III, 8ª Edição, 1998. Editora Vozes, Petrópolis.
- SOUZA, Janice Tirelli Ponte de – *REINVENÇÕES DA UTOPIA – A Militância Política de Jovens nos Anos 60* – Hacker Editores – São Paulo, 1999
- SOUZA, Osvaldo Rodrigues de – *História Geral* – Editora Ática, 12ª Edição, S. Paulo, 1976.
- SZYMANSKI R. GOMES, Heloísa – *Trabalhando Famílias* – Cortez Editora, São Paulo, 1992
- TEXTO & CONTEXTO – *Família e Violência* – Enfermagem/Universidade Federal de Santa Catarina – Volume 8, Nº 2 – Maio/Agosto 1999
- TORRINHA, Francisco – *Dicionário Latino Português* – Editora Gráficos Reunidos, 7ª Edição, Porto, Portugal, 1998.
- TOSI, Renzo – *Dicionário de Sentenças Latinas e Gregas* – Editora Martins Fontes, São Paulo, 1996.
- TOURRAINE, Alain – *PODEREMOS VIVER JUNTOS? Iguais e Diferentes* – Editora Vozes, Petrópolis, 1999.
- WELTER, Tânia – *DESVENDANDO A SEXUALIDADE – Aspectos Sócio-Antropológicos* - Mimeo, Lages, 2000
- XAVIER, Euthalia – *FRAGMENTOS DE UM DISCURSO INTERDITO, Sobre a Voz do Homem no Conflito Conjugal*, Dissertação de Mestrado, UFSC, 1998.